

Universidade de São Paulo  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana

**A Geografia Cultural no Brasil e sua difusão: de 1990 a 2020**

BRUNO PICCHI

São Paulo  
2023



**ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**

**Termo de Anuência do (a) orientador (a)**

Nome do (a) aluno (a): BRUNO PICCHI

Data da defesa: 10 / 02 / 2023

Nome do Prof. (a) orientador (a): RODRIGO RAMOS HOSPODAR FELIPPE VALVERDE

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 27 / 03 / 2023

*Rodrigo Valverde*

*(Assinatura do (a) orientador (a))*

BRUNO PICCHI

**A Geografia Cultural no Brasil e sua difusão: de 1990 a 2020**

**Versão corrigida**

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Ciências. Área de concentração: Geografia Humana Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ramos Hospodar Felipe Valverde

São Paulo

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Pg            Picchi, Bruno  
              A Geografia Cultural no Brasil e sua difusão: de  
              1990 a 2020 / Bruno Picchi; orientador Rodrigo  
              Valverde - São Paulo, 2023.  
              317 f.

              Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e  
              Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.  
              Departamento de Geografia. Área de concentração:  
              Geografia Humana.

              1. Geografia cultural. 2. Perspectivas  
              geográficas. 3. Espaço e cultura. 4. Teoria e método.  
              5. Brasil. I. Valverde, Rodrigo, orient. II. Título.

Nome: PICCHI, Bruno

Título: A Geografia Cultural no Brasil e sua difusão: de 1990 a 2020

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Aprovado em: 10 de fevereiro de 2023

#### Banca Examinadora

Prof. Dra. Zeny Rosendahl

Instituição: Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Julgamento: Aprovado

Profa. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel

Instituição: Universidade Federal do Pernambuco

Julgamento: Aprovado

Prof. Dr. Flamarion Dutra Alves

Instituição: Universidade Federal de Alfenas

Julgamento: Aprovado

Prof. Dr. Everaldo Batista da Costa (suplente)

Instituição: Universidade de Brasília

Prof. Dr. Júlio César Suzuki (suplente)

Instituição: Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Marcos Paulo Ferreira de Góis (suplente)

Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro

## AGRADECIMENTOS

- Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo, suas funcionárias e funcionários, e seu corpo docente.
- Ao Grupo de Pesquisa em Geografia Cultural e Social (GPGEOCS - USP) e ao professor Rodrigo Ramos Hospodar Felipe Valverde.
- Aos pesquisadores do Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental (LABOPLAN - USP), em especial a professora Maria Mónica Arroyo e a colega Ana Elisa Pereira.
- As professoras e professores Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro (UNESP Rio Claro), Zeny Rosendahl (UERJ), Caio Augusto Amorim Maciel (UFRJ), Flamarion Dutra Alves (Unifal) e Everaldo Batista da Costa (UnB).
- Aos colegas Livia Botin, Tarso Loureiro, Pedro Henrique Ferreira Costa, Vinicius Sodré Maluly, Eliseu Teixeira Neto, Bruno Pucci e Lourenço da Silva Queiroz as parcerias de trabalho que tive a oportunidade de conhecer, trocar e aprender nesses treze anos de sala de aula e oito anos de pesquisa.
- A minha família o agradecimento muito especial para minha mãe, a Dede. Lívia, Wanessa, Ana, Renato, aos Escobar e aos Madi.
- Aos amores que afagam a vida, a minha grande e amada companheira Virgínia, a minha carinhosa filha Alice e meu querido filho Milton. Estamos vivos e bulindo.

## RESUMO

PICCHI, B. *A Geografia Cultural no Brasil e sua difusão: de 1990 a 2020*. 2023. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

A Geografia Cultural enquanto sub-campo da ciência geográfica conjuga pesquisadores que vêm apresentando contribuições importantes ao estudo da espacialidade da cultura na Geografia Humana. Neste contexto, a tese objetiva compreender o impacto e conseqüente difusão de seu percurso ao longo de trinta anos no intuito de apontar contribuições para o pensamento geográfico brasileiro. O aporte metodológico da abordagem contextual de Berdoulay (2013) ancorou a pesquisa pelo exercício de revisão e discussão de sua historiografia ao compararmos diferentes perspectivas geográficas sobre cultura, tendo sido entrevistas e respostas de questionário utilizadas para respaldar narrativas relacionadas aos fatores que influenciaram o desdobramento desta perspectiva de estudo geográfico. A investigação se deu por meio de análise da produção científica sobre abordagens culturais na Geografia brasileira, principalmente as relacionadas com a Geografia Cultural, como dissertações de mestrado, teses de doutorado, artigos em periódicos, tendo também sido verificados grupos e linhas de pesquisa e ementas de disciplinas nos âmbitos da graduação e pós-graduação, além do mapeamento de sua ocorrência em universidades e centros de pesquisas no Brasil. Destacamos enquanto resultado o panorama teórico-metodológico da Geografia Cultural de 1990 a 2020, que à guisa de conclusão indica um trajeto percorrido na forma de tríade, marcado pela influência de uma tradição teórica, uma tendência no tratamento da cultura e o ecletismo metodológico.

Palavras-chave: Geografia Cultural. Perspectivas geográficas. Espaço e cultura. Teoria e método. Brasil.

## ABSTRACT

PICCHI, B. *A Geografia Cultural no Brasil e sua difusão: de 1990 a 2020*. 2023. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Cultural Geography, as a sub-field of geographic science, brings together researchers who have been presenting important contributions to the study of the spatiality of culture in Human Geography. In this context, the thesis aims to understand the impact and consequent diffusion of its path over thirty years in order to point out contributions to Brazilian geographic thought. The methodological contribution of the contextual approach of Berdoulay (2013) anchored the research through the exercise of review and discussion of his historiography when comparing different geographical perspectives on culture, with interviews and questionnaire responses used to support narratives related to the factors that influenced the unfolding of this geographic study perspective. The investigation was carried out through the analysis of scientific production on cultural approaches in Brazilian Geography, mainly those related to Cultural Geography, such as master's dissertations, doctoral theses, articles in periodicals, groups and lines of research and menus disciplines offered in the graduate and undergraduate fields, in addition to mapping their occurrence in universities and research centers in Brazil. As a result, we highlight the theoretical-methodological panorama of Cultural Geography from 1990 to 2020, which, by way of conclusion, indicates a path traveled in the form of a triad, marked by the influence of a theoretical tradition, a trend in the treatment of culture and methodological eclecticism.

Keywords: Cultural Geography. Geographic perspectives. Space and culture. Theory and method. Brazil.



## LISTA DE FIGURAS

	Página
FIGURA 1 - Estrutura da abordagem contextual.....	21
FIGURA 2 - Mapa da distribuição de raças da Ásia e Europa em <i>The History of Mankind</i> .....	33
FIGURA 3 - Exemplo de material etnográfico do povo Waganda (Ruanda) em <i>The History of Mankind</i> .....	33
FIGURA 4- Exemplo de cromolitografia de tecidos e ornamentos turco e mongol em <i>The History of Mankind</i> .....	34
FIGURA 5 - Representação diagramática da morfologia da paisagem natural.....	51
FIGURA 6 - Representação diagramática da morfologia da paisagem cultural.....	52
FIGURA 7 - Mapa dos dois principais tipos de tetos na França, elaborado por Jean Brunhes e Pierre Deffontaines.....	67
FIGURA 8 - QUADRO 1 - Conceituações entre espaço e lugar a partir da abordagem humanística em Geografia. Fonte: VALVERDE, 2019.....	85
FIGURA 9 - Documento para a captação de contatos para o questionário “Espaço e Cultura: difusão da Geografia Cultural no Brasil. Elaboração: Bruno Picchi.....	134
FIGURA 10 - Convite pelo Facebook para o questionário “Espaço e Cultura: difusão da Geografia Cultural no Brasil”.....	135
FIGURA 11 - Visualização inicial do questionário “Espaço e Cultura: difusão da Geografia Cultural no Brasil” no Google Formulário. Elaboração: Bruno Picchi.....	136
FIGURA 12 - GRÁFICO 1 - Titulação acadêmica dos entrevistados. Elaboração: Bruno Picchi.....	137
FIGURA 13 - GRÁFICO 2 - Atuação profissional dos entrevistados. Elaboração: Bruno Picchi.....	138
FIGURA 14 - Nuvem de palavras gerada a partir da pergunta “O que você entende por Geografia Cultural?”. Elaboração: Bruno Picchi.....	139
FIGURA 15 - Nuvem de palavras gerada a partir da pergunta “A sua experiência de docência/pesquisa se relaciona com o tema “espaço e Cultura” ou propriamente com a Geografia Cultural? Como isso ocorre?”. Elaboração: Bruno Picchi.....	144
FIGURA 16 - Nuvem de palavras gerada a partir da pergunta “Como você avalia a seguinte afirmação: a abordagem cultural contribuiu e contribui para a renovação do pensamento geográfico brasileiro.” Elaboração: Bruno Picchi.....	149

FIGURA 17 - QUADRO 2 - Dados gerais dos Cursos de Graduação em Geografia. Organização: Bruno Picchi.....	153
FIGURA 18 - QUADRO 3 - Dados específicos dos Cursos de Graduação em Geografia. Organização: Bruno Picchi.....	154
FIGURA 19 - GRÁFICO 3 - Graduação em Geografia das universidades públicas por região político-administrativa no Brasil em números absolutos. Elaboração: Bruno Picchi.....	155
FIGURA 20 - MAPA 1 - Graduação em Geografia das universidades públicas por estado no Brasil. Elaboração: Eliseu Teixeira Neto. Organização: Bruno Picchi....	155
FIGURA 21 - GRÁFICO 4 - Graduação em Geografia das universidades públicas por estado no Brasil em números absolutos. Elaboração: Bruno Picchi.....	156
FIGURA 22 - GRÁFICO 5 - Tipo de Graduação em Geografia das universidades públicas por estado no Brasil em números absolutos. Elaboração: Bruno Picchi.....	156
FIGURA 23 - GRÁFICO 6 - Tipo de Graduação em Geografia das universidades públicas por região político-administrativa no Brasil em números absolutos. Elaboração: Bruno Picchi.....	157
FIGURA 24 - GRÁFICO 7 - Modalidade de Graduação em Geografia nas universidades públicas por estado no Brasil em números absolutos. Elaboração: Bruno Picchi.....	158
FIGURA 25 - GRÁFICO 8 - Cursos de Graduação em Geografia nas universidades públicas que oferecem disciplina em Geografia Cultural e/ou espaço e cultura por região político-administrativa no Brasil em porcentagem. Elaboração: Bruno Picchi.....	159
FIGURA 26 - QUADRO 4 - Dados gerais dos Programas de Pós-Graduação em Geografia. Organização: Bruno Picchi.....	164
FIGURA 27 - QUADRO 5 - Dados específicos dos Programas de Pós-Graduação em Geografia. Organização: Bruno Picchi.....	164
FIGURA 28 - GRÁFICO 9 - Programas de Pós-Graduação <i>stricto sensu</i> em Geografia por estado no Brasil em números absolutos. Elaboração: Bruno Picchi.....	165
FIGURA 29 - MAPA 2 - Pós-Graduação em Geografia por estado no Brasil. Elaboração: Eliseu Teixeira Neto. Organização: Bruno Picchi.....	166

FIGURA 30 - GRÁFICO 10 - Programas de Pós-Graduação <i>stricto sensu</i> em Geografia por região político-administrativa no Brasil em números absolutos. Elaboração: Bruno Picchi.....	166
FIGURA 31 - MAPA 3 - Pós-Graduação em Geografia por região político-administrativa no Brasil. Elaboração: Eliseu Teixeira Neto. Organização: Bruno Picchi.....	167
FIGURA 32 - MAPA 4 - Número de linhas de pesquisa nos programas de Pós-Graduação em Geografia por Estado no Brasil. Elaboração: Eliseu Teixeira Neto. Organização: Bruno Picchi.....	168
FIGURA 33 - Análise em rede das palavras-chave de dissertações em Geografia Cultural (1990-2020). Elaboração: Vinicius Sodré Maluly. Organização: Bruno Picchi.....	175
FIGURA 34 - Análise em rede das palavras-chave de teses em Geografia Cultural (1990-2020). Elaboração: Vinicius Sodré Maluly. Organização: Bruno Picchi.....	193
FIGURA 35 - Mapa mental 1. Fonte: TEIXEIRA, 2016.....	200
FIGURA 36 - Mapa mental 2. Fonte: TEIXEIRA, 2016.....	200
FIGURA 37 - Parte instrumental da narrativa do Conto da Berceuse do Sertão. Fonte: MALAQUIAS, 2019.....	205
FIGURA 38 - QUADRO 6 - Análise dos periódicos brasileiros especializados em Geografia. Organização: Bruno Picchi.....	211
FIGURA 39 – Análise em rede das palavras-chave de artigos publicados em periódicos sobre os temas de espaço e cultura, abordagens culturais em Geografia e Geografia Cultural. Elaboração: Vinicius Maluly. Organização: Bruno Picchi.....	213
FIGURA 40 - Análise em rede do nome das linhas de pesquisa dos Grupos CNPq em Geografia Cultural. Elaboração: Vinicius Sodré Maluly. Organização: Bruno Picchi.....	234
FIGURA 41 - Esquema do panorama teórico-metodológico de 1990 a 2020 da Geografia Cultural no Brasil. Organização: Bruno Picchi.....	247

## SUMÁRIO

	Página
1. INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO I - A DIVERSIDADE DO PENSAMENTO CULTURAL NA GEOGRAFIA.....	26
2. AS ORIGENS DA CULTURA NA GEOGRAFIA ALEMÃ.....	26
2.1. A Cultura nas correntes alemãs de Geografia e o pensamento ratzeliano.....	26
2.2. Da cultura e espaço em Ratzel ao conceito de <i>Landschaft</i> .....	29
2.3. As relações entre Friedrich Ratzel e Franz Boas e suas consequências para os estudos culturais.....	36
3. A ESCOLA DE BERKELEY.....	41
3.1. Do supraorgânico aos temas da Geografia Cultural.....	41
3.2. Sauer e a morfologia da paisagem cultural.....	48
3.3. A consolidação do pensamento da Escola de Berkeley e a Antologia <i>Readings in cultural geography</i> .....	54
4. A ESCOLA FRANCESA.....	57
4.1. O pensamento vidaliano, o gênero de vida e a cultura.....	57
4.2. A produção francesa nos estudos da Cultura entre os séculos XIX e XX.....	63
4.3. Os novos rumos de uma perspectiva contemporânea nos estudos em Cultura.....	70
5. A PERSPECTIVA HUMANÍSTICA.....	73
5.1. A renovação nos quadros de referência por meio da Cultura Ontológica, da Hermenêutica e da Fenomenologia.....	73
5.2. O palimpsesto enquanto metáfora e sua relação com predileções espaciais.....	79

5.3. Respostas à inércia do engajamento político-social e seus rumos na contemporaneidade.....	85
6. A NOVA GEOGRAFIA CULTURAL.....	89
6.1. As aproximações com o pensamento marxista e a virada cultural.....	89
6.2. “Não existe aquilo que chamamos de cultura”.....	98
6.3. “Após a Guerra Civil: reconstruindo a geografia cultural como heterotopia”.....	103
7. O DEBATE NA PÓS-MODERNIDADE.....	107
7.1. Rupturas na Ciência, Cultura e Vida Social pela Pós-Modernidade.....	107
7.2. O Construtivismo Social e as teorias não-representacionais.....	113
7.3. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.....	118
7.4. A Heterotopia como perspectiva da Geografia Cultural na era da Globalização.....	121
CAPÍTULO II - A INSTITUCIONALIZAÇÃO SELETIVA E INVOLUNTÁRIA: ESTADO DA ARTE DA GEOGRAFIA CULTURAL NO BRASIL, 1990-2020.....	127
8. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA GEOGRAFIA CULTURAL: A PEDRA FUNDAMENTAL POR ZENY ROSENDAHL.....	127
9. QUESTIONÁRIO “ESPAÇO E CULTURA”: A DIFUSÃO DA GEOGRAFIA CULTURAL NO BRASIL”.....	133
9.1 Considerações e aplicação do questionário.....	133
9.2 Sistematização e análise dos dados.....	136
9.2.1. Perfil dos entrevistados.....	137
9.2.2. Entendimento por Geografia Cultural.....	138
9.2.3. Docência e pesquisa com a área.....	143
9.2.4. Avaliação da hipótese da tese.....	148

10. ESPACIALIZAÇÃO DA GEOGRAFIA CULTURAL NO BRASIL.....	152
10.1. Cultura na graduação em Geografia.....	153
10.2. Ementas de Geografia Cultural na graduação.....	162
10.3. Cultura na pós-graduação em Geografia.....	164
10.4. Ementas de Geografia Cultural na pós-graduação.....	169
11. CARACTERIZAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA GEOGRAFIA CULTURAL BRASILEIRA.....	173
11.1. Dissertações de mestrado.....	174
11.2. Teses de doutorado.....	191
11.3. Artigos científicos.....	210
11.4. Grupos e linhas de pesquisa.....	229
12. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	242
13. REFERÊNCIAS.....	251
14. ANEXOS.....	271
14.1. Mestrados em Geografia Cultural e estudos culturais em Geografia.....	272
14.2. Doutorados em Geografia Cultural e estudos culturais em Geografia.....	273
14.3. Lista dos periódicos com quadros de análise.....	274
14.4. Grupos de pesquisa de Geografia Cultural e estudos sobre espaço e cultura.....	299

## 1. INTRODUÇÃO

As formas da abordagem cultural na Geografia compõem um campo em que a dualidade transparece como uma de suas principais características. De um lado, tais formas apresentam potencialidade para a análise da problemática do espaço geográfico que abordagens mais consolidadas na Geografia ainda começam a compreender. Por outro lado, não desfrutam do prestígio que outros ramos da área geográfica têm em razão de diversos fatores que vão desde sua afirmação e obtenção de autonomia como forma de investigação geográfica até o seu desenvolvimento tardio na Geografia acadêmica do Brasil. Jacques Lévy (2015, p. 19), acerca das questões que envolvem a Geografia Cultural, reflete

Inovador na aparência, em seu enunciado a geografia cultural apresenta um duplo problema epistemológico. Trata-se de um novo ramo da geografia ou de uma escola de pensamento que pretende reorganizar o conjunto dos saberes da disciplina? O projeto de uma geografia cultural retoma e subscreve as ambiguidades do termo “cultura” nas ciências sociais contemporâneas.

O debate acerca da Cultura e a sua relação com os estudos sobre o espaço faz parte de toda a trajetória do pensamento geográfico, desde sua origem grega, tendo em vista o interesse pela diversidade regional das áreas conhecidas do planeta, até abordagens atuais, como as perspectivas subjetiva e individualista não representativas do espaço. Para Paul Claval (2007, p. 60) “quando a geografia humana se desenvolveu, no final do século XIX, a descrição da diferenciação cultural da terra tornou-se um capítulo importante da nova disciplina”.

A ideia de analisar o conceito e relacioná-lo com a Geografia Cultural não se dá a partir do aprofundamento do que propriamente seriam os conceitos de *Cultura* e de *espaço*, mas o intuito é o de cartografar os diversos momentos de aproximação entre eles e entender como suas diferentes abordagens foram produzindo conhecimento dentro da perspectiva geográfica. É importante salientar que esses momentos não formam uma linha única, estável e evolutiva, pois continuam como formas válidas de investigação.

Etimologicamente a origem da palavra Cultura vem do latim *colere*, que traduzido para o português significa *preparar a terra para o cultivo*. Em sua evolução histórica, esse sentido inicial de revolver a terra ramificou para especificações do trabalho humano e desenvolvimento de instrumentos, sendo parte da cultura humana algo derivado da natureza, como a ação de habitar a terra, culto à terra e culto como

a terra. Deste contato com a terra, as divindades do cultivo aparecem como resultantes e podem ser vistas como o início da dimensão religiosa nesta perspectiva primordial de Cultura. Uma série de outros sentidos derivam destes elencados, reforçando continuamente a polissemia da cultura. Mais importante do que os inventariar, é entender as diferentes possibilidades de estudos que surgem.

Ao longo desta tese, avaliar a dimensão ontológica dos estudos culturais, ou seja, se a cultura é entendida tendo realidade em si mesma, é um elemento importante de análise. Em certas formas dos estudos da cultura, nota-se esta ênfase que diz respeito a existência de processos que sejam entendidos como o de uma esfera da sociedade independente e dotada de regras e funcionamento próprios (VALVERDE, 2019). Um exemplo desta dificuldade de se trabalhar com o conceito de cultura é que sua polissemia pode ser entendida tanto como algo exterior aos indivíduos de um grupo social, algo superorgânico (ou ainda supraorgânico), quanto, dialeticamente, resultado das relações políticas e econômicas da sociedade, de característica consequente.

Desta forma, diante de uma expressiva gama de aplicações e concepções do conceito de cultura, e levando em consideração os primórdios de sua valorização nos estudos espaciais, o panorama adotado na análise temporal desta pesquisa sobre as aproximações, abordagens e relações entre os temas cultura e espaço foi apresentado na disciplina 'Perspectivas teóricas para estudos culturais na Geografia', ministrada pelo Prof. Dr. Rodrigo R.H.F. Valverde, no Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo. Tratam-se de 6 formas de investigação reconhecidas vinculadas ao subcampo da Geografia Cultural, sendo elas: 1º, As Origens da Cultura na Geografia Alemã; 2º, A Escola de Berkeley; 3º, A Escola Francesa; 4º, A Perspectiva Humanística; 5º, A Nova Geografia Cultural; 6º, O Debate na Pós-Modernidade.

A ideia de analisar a trajetória do pensamento geográfico a partir de uma perspectiva panorâmica tem o intuito de apontar o início da aproximação com a temática cultural, apresentar a diversidade dos estudos da cultura e do próprio conceito adotado, apontar críticas ao estudo da Cultura na Geografia e entender a valorização da perspectiva cultural que foi sendo traçada ao longo do tempo. Esse tipo de análise, que vai na direção da abordagem contextual, metodologia esta adotada na presente pesquisa, serve como exercício epistemológico para as



posteriores aferições sobre as características teórico-metodológicas da Geografia Cultural que vêm sendo desenvolvidas no Brasil.

A Geografia Cultural tem uma longa história na Europa e nos Estados Unidos da América, tendo se desenvolvido a partir de 1890 (CLAVAL, 2007). Segundo Corrêa e Rosendahl (2008), a sua abordagem no Brasil é recente, sendo acrescidos, a este desenvolvimento tardio, motivos como a combinação de uma excessiva influência da corrente vidaliana de Geografia com a precária apropriação dessa corrente por parte dos seguidores de Vidal de La Blache; o desenvolvimento relativo da Geografia teórica e quantitativa, cujos seguidores consideravam a Cultura como secundária, marginal ou residual; e, nos anos 1970, a influência do Materialismo Histórico Dialético que enfatiza a base econômica, as contradições e as desigualdades advindas do modo de produção como forma de explicação.

Levando em consideração sua trajetória recente no Brasil, e somada à afirmação de Corrêa (2009, p. 6) de que a “geografia cultural não se constitui em um sub-campo caracterizado por uma uniformidade epistemológica, presa a uma ortodoxia”, a presente pesquisa se comprometeu em debruçar-se sobre esse complexo cenário da Geografia Cultural que foi produzida no Brasil. É de relevante importância entender nosso panorama teórico-metodológico, tendo em vista a crescente produção científica e oferta de disciplinas relacionadas a esse tema.

Verificar como a Geografia Cultural se difundiu no Brasil e onde é mais praticada, torna-se uma etapa que apresenta potencialidade de análise quando analisado o panorama histórico desta vertente geográfica; da mesma maneira, descrever como essa área vem sendo desenvolvida na esfera acadêmica da Geografia é quesito fundamental para a contribuição teórico-metodológica desta pesquisa, que tem como hipótese o seguinte enunciado: entender se a inserção da Geografia Cultural transformou conceitos e métodos da Geografia brasileira para além dos limites de seu sub-campo. Essa tarefa se mostra particularmente desafiadora na medida em que os enunciados da Cultura dentro da Geografia não seguiram apenas uma única tradição e nem mesmo uma única cadeia evolutiva, além de terem todos eles adentrado nossas instituições no mesmo período, a saber, o final da década de 1980 e início da década de 1990. De modo adicional, nos leva a reconhecer a produção de núcleos de conteúdos culturais que não partiam unicamente das Universidades Federal e Estadual do Rio de Janeiro, históricos centros para o desenvolvimento da Geografia no Brasil.

Essa hipótese comporta então um problema novo, com respostas insuficientes por hora, que abre um campo novo de discussões acerca da Geografia Cultural no Brasil, pois não é de modo algum algo consensual ou lugar comum entre os geógrafos brasileiros. É fato também que a Geografia Cultural carece de pesquisas mais aprofundadas, especialmente as de natureza teórico-epistemológica, evidência esta que se reafirma em razão dos trabalhos deste subcampo serem recentes no Brasil, pois não é possível verificar produções que assumam trabalhar com tal vertente antes da década de 1990. Sendo assim, a justificativa desta pesquisa vem no movimento de contribuir para um maior repertório e organização de referências dentro desta área da ciência geográfica.

Para os professores Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl (2008), soma-se ao desenvolvimento tardio da Geografia Cultural no Brasil uma produção pouco diversificada e muito concentrada no que diz respeito às escolhas temáticas, conforme é possível verificar no levantamento sobre a produção da coleção *Geografia Cultural* e do periódico *Espaço e Cultura*, ligados ao Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC), pertencente ao Departamento de Geografia da UERJ. Porém, é sabido que uma “ascensão vertiginosa” (ALMEIDA, 2013. p. 41) de iniciativas têm ocorrido nos estudos sobre Cultura nos últimos anos, principalmente no caso específico dos programas de Pós-Graduação em Geografia.

Além da necessidade de um maior mapeamento para constatação do “estado da arte”, tendo em vista que trabalhos acerca da produção brasileira se restringem em grande parte aos do NEPEC, a pesquisa buscou a compreensão do impacto (em razão de ser uma contemporânea abordagem) e a difusão (para verificar sua trajetória) no pensamento geográfico brasileiro a partir do que foi produzido em Geografia Cultural. Segundo Ferreira (2002, p. 258)

os últimos quinze anos tem se produzido um conjunto significativo de pesquisas conhecidas pela denominação “estado da arte” ou “estado do conhecimento”. Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. Também são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada

trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado.

O objetivo geral da pesquisa vai na direção dessa compreensão do impacto e consequente difusão, sendo este o de analisar como a abordagem cultural contribui para a renovação do pensamento geográfico brasileiro. Quanto aos objetivos específicos, são: mapear os grupos de pesquisa, periódicos, currículos e disciplinas oferecidos no curso de Graduação e Pós-Graduação sobre Geografia Cultural no Brasil; sistematizar a produção acadêmica, no caso dissertações de mestrado e teses de doutorado, para a visualização de que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados nessa trajetória específica; relacionar a diversidade do pensamento cultural na Geografia com o processo de institucionalização dessa sub-área e sua produção científica; e entender os procedimentos metodológicos que fazem avançar tal abordagem em Geografia.

Para o desenvolvimento e avanço desta pesquisa, o estabelecimento do cronograma ainda no formato de projeto serviu como fio condutor das atividades, pois os dois primeiros objetivos específicos requerem um extenso levantamento de dados. Sendo assim, a metodologia estabelecida para a formação do banco de dados, primeiramente, mirou a quantificação da oferta de cursos de Geografia no Brasil e a apuração dos que oferecem Geografia Cultural e/ou demais disciplinas que dialoguem com os temas de espaço e cultura. O mesmo procedimento também foi realizado na esfera das pós-graduações, sendo os dados obtidos nesta etapa da pesquisa sistematizados e tratados, gerando mapas e gráficos úteis para a espacialização da produção em Geografia Cultural, assim como forneceram informações relevantes para um panorama do Ensino Superior no Brasil, no que diz respeito à formação de geógrafos e de licenciados em Geografia.

O passo seguinte foi o levantamento dos mestrados e teses defendidas e depositadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e repositórios digitais das próprias instituições de ensino superior e pesquisa. Para isso, o mapeamento primeiro relativo à oferta de cursos nas esferas da graduação e pós-graduação no Brasil foi fundamental, pois forneceu o horizonte para a busca pela produção científica no território nacional. A seleção dos trabalhos se deu pela análise dos títulos e palavras-chave das pesquisas, que muitas vezes transpassaram para outras áreas do conhecimento além da Geografia. Para não abrir demasiada a possibilidade de investigação da produção em programas de pós-graduação

adjacentes aos de Geografia, o limite traçado foi pertencer à área das Ciências Humanas, pois os temas de cultura e espaço são interdisciplinares.

Na mesma linha de investigação, por meio de palavras-chave, se deu a busca pelos grupos de pesquisa em Geografia Cultural. Utilizando o Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, ferramenta do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), esse material foi de grande valia para a verificação da evolução do número de grupos de pesquisa ao longo dos anos, assim como suas linhas de pesquisa. A busca pela produção acadêmica sobre cultura na Geografia também se deu pela prospecção de publicações. O levantamento foi realizado pelo portal Periódicos, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e buscou artigos em revistas brasileiras comuns às publicações da Geografia acadêmica.

Para contemplar os dois últimos objetivos específicos, que são o de relacionar a diversidade do pensamento cultural na Geografia com o processo de institucionalização dessa sub-área, e, também, de entender os procedimentos que fazem avançar tal abordagem em Geografia, três elementos são de grande relevância para dimensão teórico-metodológica desta pesquisa, a saber: a abordagem contextual, a análise de redes sociais (*social network analysis*) e as respostas de um questionário semiestruturado aplicado a pesquisadores.

Para examinar a trajetória da Geografia Cultural desenvolvida no Brasil, esta pesquisa se baseia na metodologia denominada de abordagem contextual, desenvolvida por Vincent Berdoulay, professor emérito de Geografia da *Université de Pau et des Pays de l'Adour* e membro do *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), além de presidente honorário da Comissão de História da Geografia da União Geográfica Internacional e da União Internacional de História e Filosofia da Ciência. Sua contribuição acerca da história da ciência e epistemologia em Geografia é relevante em razão da intenção de uma “leitura interseccional sobre os fatores internos e externos que esteiam o devir do pensamento científico. Neste sentido, a obra de Berdoulay pode subsidiar o desenvolvimento de outros estudos sobre a história e a das ciências” (LIMA, 2018, p. 357). A frase de Berdoulay (2013, p. 47) “A história da geografia é um repositório de ideia sobre a relação entre homem e natureza” vai na direção da consideração das discontinuidades das tendências científicas, a interdependência das ciências e as condições para a realização das pesquisas, sendo este repositório das ideias passível de mapeamento para apurar as

relações político-econômicas da sociedade sem, contudo, concebê-las como determinantes para a totalidade do fazer científico.

O olhar a partir da abordagem contextual foi aplicado por Berdoulay na obra “A escola francesa de Geografia: uma abordagem contextual”, em que o autor aplica tal perspectiva para a análise do movimento de gênese e consolidação da Escola Francesa de Geografia no período compreendido entre os anos de 1870 a 1914. Com essa proposta metodológica foi possível não só articular melhor elementos históricos, conceituais, econômicos e sociopolíticos, como também fundamentou o repúdio à linearidade da interpretação finalista que acaba por atribuir superioridade intelectual a determinadas perspectivas científicas, principalmente aquelas que conseguiram posteridade no âmbito acadêmico-social (LIMA, 2018).

Embora se tenha sugerido fazer intervir o contexto da evolução do pensamento geográfico para melhor compreender suas bases, poucos estudos aprofundados foram tentados até o presente - a maior parte se contentando com algumas alusões. A razão está no fato de que é muito difícil traçar a complexa rede de canais de influência da sociedade sobre a mudança científica e vice-versa (BERDOULAY, 2017).

Segundo Berdoulay (2013), a abordagem contextual é proveniente do exercício de revisão e discussão de alguns pontos relevantes da historiografia, acompanhada dos seguintes pressupostos fundamentais e orientações metodológicas:

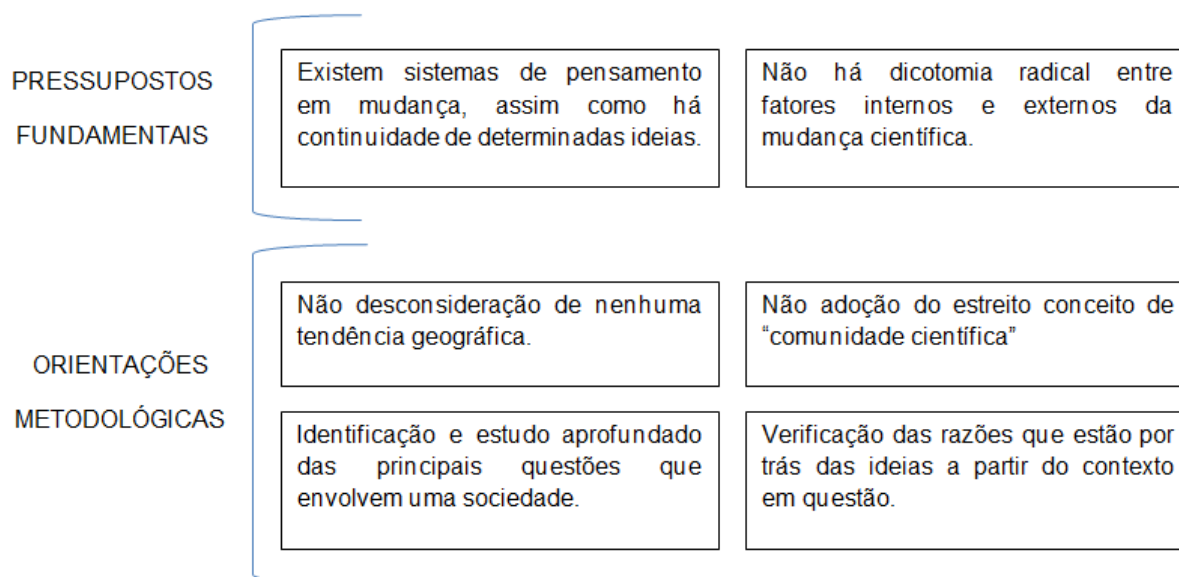


FIGURA 1 - Estrutura da abordagem contextual. Fonte: BERDOULAY, 2013.

Organização e adaptação: Bruno Picchi.

Sobre os pressupostos fundamentais, segundo Berdoulay (2013) esta visão não implica que um sistema de pensamento deva ser atribuído *a priori* a cada período histórico ou a cada grupo social, assim como os fatores internos e externos devem ser vistos apenas como dois pontos de um *continuum*, sem nenhuma distinção bem definida. Quanto às questões metodológicas, ao não desconsiderar nenhuma tendência geográfica, mesmo que algumas delas não tenham sobrevivido, a ideia seria pesquisar sem atribuir qualquer superioridade intelectual a uma tendência ou a outra. Como as tendências geográficas têm alguma base sociológica, seria importante não adotar um conceito de “comunidade científica” tão estreito como o encontrado frequentemente na Sociologia da Ciência, pois apenas a identificação de elos entre os cientistas não é suficiente para explicar o contexto da pesquisa geográfica ou a existência de diversas tendências, sendo imperativo dar maior ênfase a ideologias do que a instituições. A também necessária identificação e estudo das principais questões que envolvem uma sociedade, mesmo que algumas delas, à primeira vista, não sejam evidentes, servem para ter um panorama das influências sobre a evolução das ideias geográficas por meio da contextualização temporal. Por fim, a verificação das razões que estão por trás das ideias a partir do contexto em questão diz respeito a uma abordagem que consiste menos em examinar a possível “influência” de uma ideia do que em verificar as razões que estão por trás da “demanda” ou “uso” desta. O contexto, então, explica melhor a originalidade da síntese de uma série particular de ideias sustentadas por um indivíduo ou um grupo, embora qualquer uma dessas ideias, tomadas em separado, possa não ser nova ou inovadora (BERDOULAY, 2013).

Devemos destacar que o “contexto” supracitado não limita e nem descarta, mas sim levanta questões interessantes que anteriormente não foram integralmente abordadas pelos historiadores da geografia e que são importantes a serem dimensionadas, tais como o status desigual da geografia entre os países, a difusão de conceitos geográficos através das fronteiras, o deslocamento de um país para outros de centros inovadores ocorrido ao longo do tempo e o papel de várias instituições influenciando a orientação da pesquisa geográfica (BERDOULAY, 2013).

A abordagem contextual, quase sem formalização como se encontra, serve como uma moldura abrangente para analisar a conjunção da lógica interna e do conteúdo da ciência com um contexto no qual o cientista está situado. Desatando os elos que unem a mudança no pensamento geográfico ao seu contexto, estaremos na melhor posição

para avaliar, e aprender com, as contribuições criativas de indivíduos notáveis (BERDOULAY, 2013, p. 52-53).

Ainda em relação à argumentação do contexto na produção do conhecimento, é exatamente este elemento que a presente pesquisa considerou para a elaboração dos instrumentos forjados na obtenção e classificação dos dados. Com o suporte metodológico da abordagem contextual, a ideia de traçar a caracterização teórico-metodológica da Geografia Cultural no Brasil parte da intenção de identificar as diversas nuances relacionadas ao contexto acadêmico nacional em que essa área percorreu e como esse passado não tão longínquo influencia a produção contemporânea.

A interpretação dos dados mais extensos da pesquisa, que foram as palavras-chave dos mestrados, doutorados e artigos científicos, se deu por meio da aplicação analítica de redes sociais (*social network analysis*). Tendo também sido submetida as palavras que compõem as linhas de investigação fornecida pelos grupos de pesquisa em Geografia Cultural e/ou espaço e cultura a essa ferramenta metodológica de análise, o intuito foi o de averiguar as relações existentes entre os agentes (palavras-chave e linhas de investigação/pesquisa), de forma a demonstrar com maior clareza as teias que se formam nas interações entre esses.

Segundo Tiago Luís Gil (2011,p.),

Tal metodologia de análise dá especial atenção às conexões sociais (...) ou quaisquer outros tipos indicados pelo pesquisador que, além de definir a qualidade das relações, aponta sua intensidade, baseado em critérios pré-estabelecidos.

As análises em redes sociais datam ainda do século XVII, segundo Graham Shawn, Ian Milligan e Scott Veingart. Indicam estes autores, que também denominam essa ferramenta metodológica de “análise de teoria gráfica, análise de redes sociais, ciência das redes e campos relacionados” (SHAWN, MILLIGAN e VEINGART, 2016, p. 195, tradução nossa), que uma forma de pensar as relações entre as pessoas, as ideias e os objetos de maneira interconectada sempre intrigou cientistas de diversas áreas, como economistas, sociólogos, antropólogos e outros cientistas sociais (SHAWN, MILLIGAN e VEINGART, 2016).

Do emprego desta técnica das redes sociais no Brasil, Tiago Luís Gil (Universidade de Brasília) e Leonardo Barleta (*Stanford University*, Estados Unidos da América), explicitam o uso dessa forma de visualização e de compreensão das interações sociais no campo da História (GIL e BARLETA, 2015), trazendo também

vários outros exemplos de tradução e de adaptação dos fenômenos históricos às ferramentas disponíveis hoje. Finalmente, Everaldo Costa (Universidade de Brasília), Adriano Bittencourt Andrade (Colégio Militar de Brasília) e Vinicius Maluly (*Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales*, França), no campo da Geografia Histórica, aplicam o uso dessa mesma ferramenta de visualização e de interpretação ao estudo dos registros fiscais do século XVIII, localizados entre as Capitanias de Minas Gerais e da Bahia (COSTA, ANDRADE e MALULY, 2021). Nos trabalhos citados acima, o denominador comum é a tentativa de não apenas ilustrar a conectividade entre os fenômenos, mas de apreender novas interpretações que não seriam possíveis sem essa técnica. Assim, o uso das análises em rede nas ciências sociais pode ter um papel de grande relevância.

O último dos três relevantes elementos teórico-metodológicos desta pesquisa, que nesse caso se encaixa apenas como metodológico e de menor importância nessa hierarquia em tríade, foram as respostas de um questionário semiestruturado aplicado a pesquisadores. Seu emprego se deu ao longo da pesquisa, permeado com análises, apontamentos, reflexões e demais inferências, no intuito de ilustrar linhas de raciocínio e fortalecer conclusões. Acreditamos que parte dos problemas da identificação e aprofundamento teórico dos estudos da Cultura em nossa Geografia deriva justamente de um contexto de difusão e mesclagem de diferentes concepções, oriundas de diferentes origens, em um mesmo momento, revelando o aqui e o agora na produção do discurso. Nesse sentido, a abordagem contextual e a análise de redes sociais se aliam a essas diversas narrativas dos entrevistados, sendo as plurais perspectivas um potencial recurso metodológico para o estudo da história da Geografia.

Assim, é compreensível que a história da geografia possa estar ideologicamente carregada e que tenha recebido interpretações variadas e conflitantes. Tudo isso indica um desejo crescente, entre os geógrafos, de entender melhor o contexto atual do desenvolvimento das ideias e instituições geográficas. Contudo, ainda não foi esclarecida a metodologia através da qual tal preocupação deva ser abordada” (BERDOULAY, 2013, p. 47).

As diferentes afirmações empregadas em momentos específicos na forma de passagens são importantes para entender as condições de produção para o desenvolvimento simultâneo de diversas abordagens e conteúdos que se auto qualificam como culturais dentro do contexto da Geografia brasileira, ainda que a ordem do discurso seja diferenciada. O detalhamento na operacionalização torna-se



preciso para compensar a ausência de um marco mais claro de interpretação e classificação de dados empíricos, por isso a necessidade de apresentação do percurso, estratégia e alinhamento teórico-metodológico da pesquisa. Desta forma, foi tecido um panorama de fundo teórico segundo a metodologia proposta, que pode servir, inclusive, como subsídio para as seguintes indagações fundamentais de Lévy (2015, p. 4): “Um ramo nos dá frutos ou oculta a luz? A geografia cultural é um ramo que se toma por uma árvore ou uma árvore que se disfarça de ramo?”.

Finalmente, a difusão da Geografia Cultural no Brasil no período de 1990 a 2020 apresentada nesta pesquisa, primeiramente, discorre sobre a diversidade do pensamento cultural na Geografia em seu aspecto mais amplo, buscando entender as históricas correntes do pensamento geográfico que tangentes à Geografia Cultural. Em seguida, a partir da ideia que chamamos de processo de institucionalização seletiva e involuntária, mostra a espacialização desse fenômeno para, depois, aprofundar em sua trajetória teórico-metodológica. Este material serve como lastro teórico-epistemológico para caracterizar a geografia cultural brasileira.

## CAPÍTULO I - A DIVERSIDADE DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO CULTURAL NA GEOGRAFIA

### 2. AS ORIGENS DA CULTURA NA GEOGRAFIA ALEMÃ

#### 2.1. A Cultura nas correntes alemãs de Geografia e o pensamento ratzeliano

O que usualmente é denominado de “Escola Alemã de Geografia”, além do peso de ter sido uma das precursoras e de maiores contribuições para o desenvolvimento teórico da ciência geográfica, abarca autores de enorme influência considerados os *pais* da geografia moderna, sendo eles Alexander von Humboldt (1769-1859) e Carl Ritter (1779-1859). Poderíamos ainda citar o papel cumprido por autores anteriores (Philipp Clüver, 1580-1622; Bernhardus Varenius, 1622-1650, Immanuel Kant, 1724-1804). Porém, a pequena formalização metodológica, a falta de continuidade nas investigações ou a pequena coerência entre os elementos enfocados na pesquisa dificultam a sua classificação (RIBAS; VITTE, 2009).

A entrada efetiva da Alemanha no sistema capitalista se deu de maneira tardia em razão do aglomerado de ducados, principados e reinos, sendo essa fragmentação um dos elementos que motivam o reordenamento do Estado ao longo do século XIX. Para Moraes (2007), a necessidade de se criar um Estado Nacional, a grande variedade entre os membros da confederação germânica, a falta de relação duráveis entre os membros e a ausência de um centro organizador davam uma especial relevância à discussão do espaço. Tendo sido consolidado os novos limites do país, o pensamento geográfico universitário da Alemanha no contexto do século XIX para o XX refletiu o contexto político, pois, estabelecida a identidade nacional, forjava-se um vínculo intenso acerca da cultura de seu próprio território em contraposição a teorias que justificassem a dominação de outrem. Também foi consolidada a sua aproximação da Antropologia. Por último, notava-se a expansão concomitante à francesa, sendo que nesse movimento de justificativa de dominação territorial ocorrido a partir da segunda metade do século XIX, ambas se institucionalizam como ciências a serviço dos interesses imperialistas. É nesse contexto da história da Geografia que se insere o prussiano Friedrich Ratzel (1844-1904), um de seus pensadores basilares. Professor na Universidade de Leipzig, é considerado por muitos o fundador da moderna geografia humana, é também responsabilizado pelo

estabelecimento da geografia política enquanto disciplina. Em relação à sua abrangente produção

deixa transparecer a integração de fatos da modernidade e do rápido desenvolvimento da sociedade no contexto da Alemanha que se unificava. Reflexões sobre o Estado, a história, as raças humanas, o ensino da geografia e a descrição de paisagens perpassam a obra do geógrafo, que se preocupava em auferir uma identidade comum à nação em formação (MARTINS, 2001, p. 92).

Ratzel, que atuou primeiro como farmacêutico, estudou inicialmente zoologia (assunto de seu doutoramento) e geologia, iniciou seus estudos em geografia posteriormente às viagens para a Europa Meridional, Estados Unidos da América, Cuba e México. Esse é o marco de início de seus estudos sobre cultura, nem sempre reconhecido em nossas aulas de história do pensamento geográfico. Tendo como referência o clássico dualismo geográfico, é considerado fundador da vertente humana em razão de sua obra a “Antropogeografia - fundamentos da aplicação da Geografia à História” (*Anthropogeographie oder die Grundzüge der Anwendung der Erdkunde auf die Geschichte*), de 1882. Sua importância diz respeito aos estudos das relações entre as sociedades e o meio natural e em sua análise geográfica aplicou os conceitos mais importantes da biologia darwinista (CAMPOS, 2001).

Em suas impressões sobre natureza e paisagem, ocupação humana e nacionalidade, pode-se perceber a mudança do cientista natural para o geógrafo. De 1873 a 1875, Ratzel trabalha como correspondente na América do Norte, percebendo o surgimento de uma nova sociedade através do ambiente antrópico e de seu uso, e prevê um futuro essencialmente urbano para a sociedade moderna, no bem e no mal (MARTINS, 2001, p. 92).

Conforme salienta Campos (2001, p. 35), “seus estudos sobre as influências do meio natural sobre as sociedades o transformaram, incorretamente, no pai do Determinismo Geográfico”. Foi Lucien Febvre, em sua obra intitulada “A Terra e a evolução humana” (*La Terre et L'Évolution Humaine*), de 1922, que o rotulou como determinista geográfico e ambiental, sendo que suas críticas foram as responsáveis pela sua desqualificação. A ideia de Febvre era a contraposição ao “possibilismo” de Vidal de la Blache. Além de ter cunhado o termo possibilismo a Vidal, Febvre também foi o responsável pela estigmatização de Ratzel.

São comuns os reducionismos e simplificações do pensamento ratzeliano, que em alguns casos é resumido apenas à lembrança dos possíveis equívocos cometidos, pelo pensador alemão, ao teorizar sobre as relações homem-natureza, ou ao defender suas crenças sobre a evolução dos processos civilizatórios. No primeiro caso, Ratzel teria sido um determinista ambiental incorrigível e, no segundo, um

anti-evolucionista adepto de teses combatidas e desgastadas, como as do difusionismo, ou acertadamente condenadas, como as da superioridade civilizatória dos brancos caucasianos (CARVALHO, 1997, p. 42).

Pelo contexto histórico da Alemanha, que anteriormente foi traçado, pelo momento histórico em que viveu e produziu conhecimento, é possível destacar que o pensamento ratzeliano foi imperialista, positivista, mas não essencialmente determinista, pois não acreditava que haveria diferentes espécies humanas, estariam elas em diferentes estágios de evolução a partir de uma visão sistêmica - como se houvesse uma evolução social humana. Em elogio ao imperialismo, Ratzel (*apud* MORAES, 2007, p. 69) profere: “Semelhante à luta pela vida, cuja finalidade básica é obter espaço, as lutas dos povos são quase sempre pelo mesmo objetivo. Na história moderna a recompensa da vitória foi sempre um proveito territorial.”

Ainda sobre a perspectiva que aparta o pensamento ratzeliano do determinista, para Rui Ribeiro de Campos (2001), Ratzel em sua “Antropogeografia” definiu como objeto da geografia o estudo das *influências* que as condições naturais exerciam sobre a humanidade, sendo que as “características naturais atuavam ainda na possibilidade de maior ou maior expansão de um povo - atuando como obstáculo ou como acelerador - e de contato com outros povos, isolando ou mestiçando” (CAMPOS, 2001 p. 36). Desta forma, é possível entender o espaço não como algo determinante, mas sim como um meio de desenvolvimento das técnicas.

É também importante assinalar que Ratzel não usou uma escala civilizatória (superior-inferior) para justificar diretamente as conquistas, assim como não fala em processo de iluminação e não idealiza a intervenção pela força. As diferenças entre graus da escala civilizatória pode ajudar a explicar o processo de dominação entre de diferentes povos em diferentes lugares no planeta, mas não serve como ferramenta legitimadora ou com o intuito de justificar tais processos. É por essa alegação do momento da vida relacionado com a produção do autor, e a validação da necessidade de revisitação de sua obra, que o geógrafo Andre-Louis Sanguin salienta: “nós geógrafos permitimos que Ratzel falasse por si através de seu trabalho ou simplesmente aceitamos o que os outros disseram em seu nome.”<sup>1</sup> (1990, p. 580 *apud* CARVALHO, 1997, p. 43).

---

<sup>1</sup> No original: *nous géographes, avons-nous permis à Ratzel de parler en son nom propre a travers son oeuvre ou nous sommes-nous tout simplement contentés d'accepter ce que les autres disaient en son nom.*

Dentre o leque de ideias atribuído ao pensamento ratzeliano, é fato a sua busca por uma justificativa acerca do exercício do poder. A partir desta constatação, o que suas ideias apresentam fortemente seria uma posição sobre o evolucionismo cultural, de inspiração positivista, apontada enquanto dicotomia entre o que seria uma raça *natural* e outra raça *culturada*, estando esta última passível a intervalos, etapas, escalas e estágios de desenvolvimento. Sinteticamente, Ratzel pode ser entendido como um pensador de cunho imperialista, afeito a uma metáfora orgânica e positivista, mas a adjetivação de determinista talvez não seja um consenso.

A obra de Ratzel é uma tentativa de superar uma geografia puramente descritiva, avançando na formulação de construções explicativas maiores a partir do “sentido do espaço” (*Raumsinn*). Para os estudos culturais, sua principal contribuição é sobre o papel desempenhado pela cultura e pela difusão cultural apresentada na obra *Völkerkunde*, publicada de 1885 a 1888 (MARTINS, 2001, p. 93).

Para validar esse resgate histórico realizado, assim como os próximos subtemas, é de grande importância destacar que a geografia alemã do final do século XIX e início do XX não pode ser confundida com uma forma única de trabalho, de sentido determinista ambiental, sendo que entre os elementos que eram frequentes se observa um apelo à cultura como elemento investigativo da prática geográfica. Isso se vê na etnologia de Ratzel, no estudo da *landschaft* e no difusionismo de Franz Boas, constituindo assim um momento importante para o entendimento da contribuição da Geografia Cultural. Para os fins desta tese, cabe ainda lembrar que o estudo da cultura é tão antigo quanto à Geografia universitária.

## 2.2. Da Cultura e espaço em Ratzel ao conceito de *Landschaft*

Dentro da profícua escola, o surgimento da cultura no pensamento geográfico ocorre nos estudos desenvolvidos a partir da segunda metade do século XIX e teve como marca uma visão ampla dos fenômenos para entender as nuances acerca deste tema. Wimmer investigava aspectos religiosos, Humboldt destacava a pintura (entre muitos outros temas geográficos), Oppel falava em imaterialidade e psicologia como elementos de Geografia, entre várias outras produções. Estas produções heterogêneas, falavam em *kulturgeographie* como um conjunto caótico de formas de investigação. Talvez um elemento que permitisse entender tais formas como culturais seria a partir da avaliação do conceito de *landschaft* e de sua relação com diferentes raças (em plano social, e não em plano biológico).

Ratzel, como outros dos seus contemporâneos, acreditava que a capacidade de invenção humana era muito limitada, e por isto a evolução dos grupos sociais advinha realmente das difusões pelas zonas ou regiões culturais das invenções que teriam se realizado a partir de uns poucos centros culturais difusores (MORÁN, 1990). O meio biofísico exercia influência (rios, oceanos, montanhas, florestas, etc.), mas na medida funcional em que favorecia ou dificultava as possibilidades dos contatos difusores dos traços culturais entre as populações distribuídas no espaço: “A crítica da antropogeografia às invenções paralelas em sítios diferentes corroia também a idéia simples da evolução por sucessão dos estágios de cultura” (SAUER, 1952 *apud* BARROS, 2007, p. 217).

No livro, “Antropogeografia”, considerada a obra que funda a geografia humana, Ratzel define o objeto geográfico como o estudo da influência que as condições naturais exercem sobre a humanidade. A proposta de estudo da “Antropogeografia” para Moraes (2007, p. 71) “privilegiou o elemento humano e abriu várias frentes de estudo, valorizando questões referentes à história e ao espaço”, sendo justamente esta obra o marco inicial dos estudos geográficos sobre cultura e espaço.

No capítulo “O homem e o ambiente”, Ratzel (1990) enumera 4 (quatro) formas de influência da natureza sobre o homem, que pode ser entendida não como limites impostos pelo anecúmeno, mas sim relativos a uma maior ou menor determinação de um povo de se expandir (“uma influência que direciona, acelera ou obstaculariza a expansão de massas étnicas”), de realizar trocas (“uma influência mediata sobre a essência íntima de cada povo que se exerce impondo a ele condições geográficas que favorecem o seu isolamento...”), de se constituir socialmente (“facilitar-lhe ou tornar-lhe difícil primeiramente a obtenção dos meios necessários à vida”) e de natureza metafísica (“ela age sobre o corpo e o espírito do indivíduo e é por sua natureza fisiológica e psicológica”) (RATZEL, 1990, p. 59-60). Todos esses são elementos de estreita conexão entre cultura e espaço, pois Ratzel utiliza termos como “etnia”, “raça”, “posição geográfica”, “limites”, “povo”, “miscigenação”, “troca” e ainda propõem perfis e personalidades ao empregar a psicologia em sua análise.

Em vez de lidar com espécies de animais e vegetais, Ratzel voltava a sua atenção aos seres humanos e sua mobilidade geográfica, utilizando a teoria de Wagner sobre o desenvolvimento de novas formas orgânicas através da migração e do isolamento como tese fundamental para a história humana (SAUER, 1934, p.120-121). Concebendo a migração como um princípio biológico e como

característica fundamental da história humana, Ratzel interpretava a mobilidade da sociedade como característica essencial de toda vida natural. O estado como unidade coletiva agiria como um organismo vivo e dinâmico, e o seu crescimento físico (isto é, a expansão territorial) seria um processo normal, saudável e necessário (SEEMANN, 2012, p. 7).

Em “Tarefas e métodos da geografia do homem”, o autor amplia sua escala de análise cultural e traça esse perfil enquanto arquétipos em sua classificação antropogeográfica de povos tradicionais que ocupam o litoral em contraposição aos que estão no interior, assim como povos insulares e das montanhas. Escreve Ratzel (1990, p. 95) que

Os povos internos e os povos costeiros, os povos montanhenses e os povos insulares representam tipos que se encontram em todas as zonas, variadíssimos em termos de extensão e de qualidade. As pequenas e pobres tribos de esquimós da América ártica são comunidades costeiras e insulares, assim como os índios que moram adiante deles são povos internos. O tipo rude, grosseiro, belicoso do filho da montanha e do navegante e mercador hábil, refinado, pacífico, se nos apresentam por toda a parte ao longo da história da Grécia. Esquimós e índios, atenienses e trácios, fenícios e hebreus são pequenas manifestações do grande contraste que se manifesta entre comunidades e potências continentais e marítimas, e cuja influência podemos verificar em toda a história universal.

Outra obra de relevante destaque nos estudos sobre cultura e espaço de Friedrich Ratzel foi o seu trabalho publicado em volumes intitulado “A História da Humanidade” (*The History of Mankind*), publicado originalmente em 1895 e um ano depois em inglês, e que continha excelentes gravuras e notável cromolitografia. Para Edward Burnett Tylor (2009), este trabalho antropológico ofereceu os esboços para o que se entendia enquanto raças da humanidade a partir da descrição de fenótipos, língua, desenvolvimento técnico e questões de natureza moral e religiosa, além da menção especial feita sobre as ilustrações.

É verdade que as diferenças corporais entre as raças só podem ser representadas por descrições e retratos bem escolhidos, uma classificação física minúscula pertencente a uma região acessível apenas aos anatomistas. A classificação dos povos por suas línguas só pode ser ilustrada por exemplos escolhidos da gramática e do dicionário, de modo a tornar claras as conclusões da filologia comparada sem os detalhes elaborados de um tratado linguístico. Mas um tratamento mais completo, embora menos técnico, do lado cultural da vida humana está mais prontamente aberto. As artes materiais da guerra, subsistência, prazer, as etapas do conhecimento, moral, religião, podem ser vistas de tal maneira enquanto um compêndio delas, como encontrado entre os povos mais rudes, pode servir não

apenas como um livro de lição para o aprendiz , mas como um livro de referência para os aprendidos<sup>2</sup> (TYLOR, 2004, p. 208, tradução nossa)

Nesta obra, Ratzel, que utiliza o termo “raças” (*races*) e “raças culturadas” (*cultured races*) para se referir à etnias ou povos, vale destacar a valoração que atribui ao termo cultura de forma original, sendo algo relacionado à terra, ao solo. Para o autor, existia uma espécie humana em plano biológico e as raças eram entendidas como construções sociais, todas sempre dependentes da natureza:

No que diz respeito ao crescimento e existência da cultura, é positivo que esta seja promovida por quaisquer que sejam as benéficas da dinamicidade do ser humano; e o que mais obviamente tem esse efeito é a fertilidade do solo combinada com um clima tolerável<sup>3</sup> (RATZEL, 1989, p. 152, tradução nossa).

Ratzel não realiza um debate ontológico acerca da cultura que assume um caráter tanto material como imaterial, sendo projetada territorialmente. É possível entender a sua qualidade dinâmica e seu potencial para a transmissão de valores de forma intergeracional, sendo a cultura a expressão da técnica de um povo, reveladora do elemento civilizatório. Desta forma, Ratzel trata de questões próprias da Antropologia na Geografia de maneira precursora, sendo essa a grande contribuição para os estudos sobre espaço e cultura. O próprio interesse de Tylor e de Boas por sua obra é indicativo da reciprocidade desta relação.

---

<sup>2</sup> No original: *The bodily differences between races can only, it is true, be represented by descriptions and well-chosen portraits, minute physical classification belonging to a region only accessible to anatomists. The classification of peoples by their languages can only be illustrated by examples chosen from the grammar and dictionary, so as to make plain the conclusions of comparative philology without the elaborate detail of a linguistic treatise. But a fuller though less technical treatment of the culture-side of human life lies more readily open. The material arts of war, subsistence, pleasure, the stages of knowledge, morals, religion, may be so brought to view that a compendium of them, as found among the ruder peoples, may serve not only as a lesson-book for the learner, but as a reference-book for the learned.*

<sup>3</sup> No original: *In regard to the growth and existence of the culture, the condition holds good that culture is promoted by whatever fizes the movable human being; and the thing that most obviously has this effect is fertility of soil combined with a torable climate.*



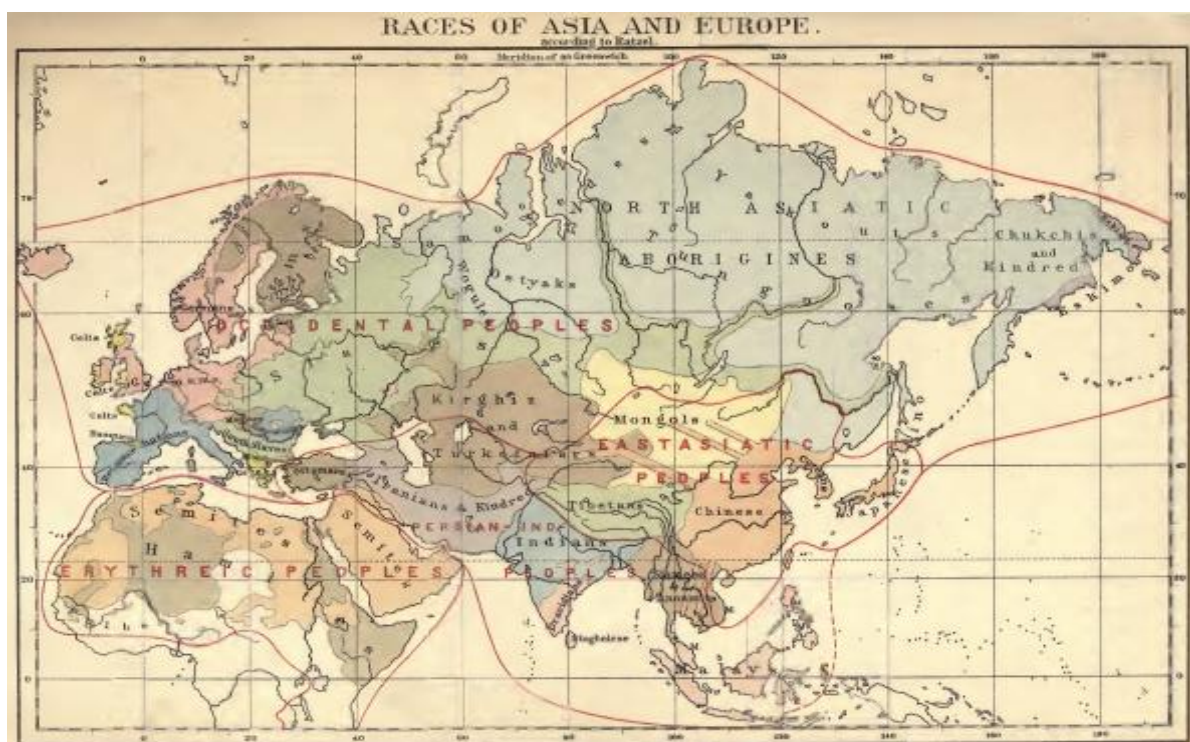


FIGURA 2 - Mapa da distribuição de raças da Ásia e Europa em *The History of Mankind*. Fonte: RATZEL, 1898, p. 11

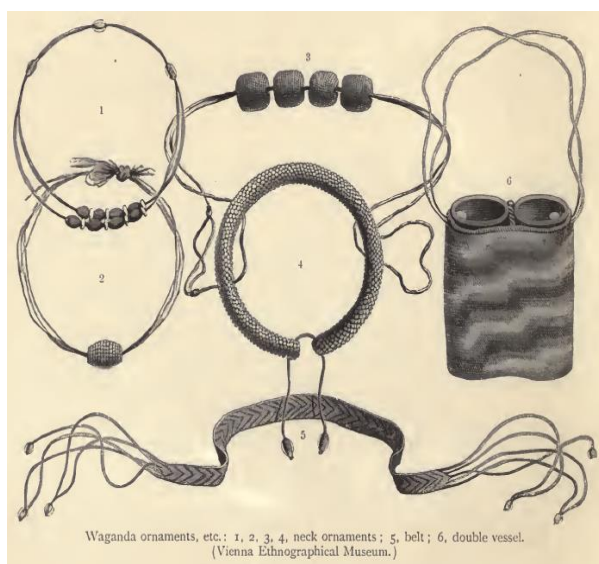


FIGURA 3 - Exemplo de material etnográfico do povo Waganda (Ruanda) em *The History of Mankind*. Fonte: RATZEL, 1898, p. 26.



FIGURA 4 - Exemplo de cromolitografia de tecidos e ornamentos turco e mongol em *The History of Mankind*. Fonte: RATZEL, 1898, p. 329.

Outra grande contribuição para o entendimento da relação entre os termos cultura e espaço se dá acerca da palavra *landschaft*. Apesar do longo debate acerca da tradução e adaptação deste termo germânico para os estudos geográficos, podemos destacá-lo enquanto palavra-chave para o entendimento do pioneirismo da geografia alemã na abordagem dos fenômenos culturais espaciais: “o espaço mostrava as suas diversas personalidades, e a estas decidiu-se primeiramente denominar de ‘landschaft’ (...)” (HOLZER, 1999, p. 152). Porém, não é consenso que paisagem é a tradução do alemão *landschaft*.

A principal, embora de modo algum seja a única dificuldade, resulta do fato da palavra alemã *Landschaft* ter sido usada há muito tempo no discurso comum para indicar a aparência de uma terra como a percebemos ou simplesmente um pedaço de terra restrito<sup>4</sup> (HARTSHORNE, 1939, p. 326, tradução nossa).

Na discussão sobre as terminologias acerca da *landschaft*, Leo Waibel (1888-1951) realiza uma definição trivial, sendo “a seção da superfície da terra e do céu que se encontra em nosso campo de visão, como vista na perspectiva de um ponto específico”<sup>5</sup> (HARTSHORNE, 1939 p. 328, tradução nossa). Porém, é Johannes Gabriel Granö (1882-1956) quem contribui para a sua definição enquanto algo mais amplo, sendo

<sup>4</sup> No original: *The major, though by no means the only difficulty, results from the fact that the German word *Landschaft* has long been used in common speech to indicate either the appearance of a land as we perceive it, or simply a restricted piece of land.*

<sup>5</sup> No original: *the section of the earth surface and the sky that lies in our field of vision as seen in perspective from a particular point.*

talvez a que mais se aproxime de seu sentido literal: “a impressão total despertada em nós por um pedaço da superfície da terra e a seção correspondente do céu”<sup>6</sup> (HARTSHORNE, 1939, p. 328, tradução nossa). Finalmente, é o próprio Richard Hartshorne (1889-1992) que amplia a possibilidade da interpretação do termo, abarcando também os grupos sociais: “de fato, outro dos muitos significados listados para a palavra se refere não à própria terra física, mas ao grupo social que a habita”<sup>7</sup> (HARTSHORNE, 1939, p. 154, tradução nossa). A ideia da análise deste termo traduz uma das características da tradição alemã, que foi a de desenvolvimento de uma geografia dotada de abordagens plurais, sendo a responsável por ampliar a discussão e propiciando a inserção dos estudos culturais aos fenômenos estudados pelos geógrafos. No livro “A Natureza da Geografia” (*The nature of geography - a critical survey of current thought in the light of the past*), de 1939, há no capítulo intitulado “*Landschaft’ and Landscape*” a tentativa de adaptação desse termo alemão a partir da comparação com o que seria o seu equivalente na língua inglesa, em que Hartshorne fala de usos simbólicos e psicológicos da paisagem na geografia alemã do fim do XIX.

Assim, diante do conceito alemão que diz respeito a “toda uma região com suas complexidades morfológicas, não se limitando, portanto, ao sentido estrito daquilo que se abarca com o olhar, a cena” (HOLZER, 1998, p. 53), o conceito de *landschaft* corrobora no entendimento das abordagens diversas que são necessárias para o temas de espaço e de cultura. Werther Holzer (1999), ao abordar as visões da geografia francesa e anglo-saxônica, entende que no âmbito linguístico *landschaft* e *paysage* não são equivalentes, sendo a primeira uma palavra mais antiga, medieval, de conteúdo mais abrangente e mais complexo que o das línguas latinas, e em relação à *landscape*:

“*Landschaft*” se refere a uma associação entre o sítio e os seus habitantes, ou se preferirmos, de uma associação morfológica e cultural. Talvez tenha surgido de “*Land Schaffen*” ou seja, criar a terra, produzir a terra. Esta palavra, transmutada em “*landscape*” chegou à geografia norte-americana pelas mãos de Sauer que, cuidadosamente, enfatizava que seu sentido continua sendo o mesmo: o de formatar (*land shape*) a terra, implicando numa associação das formas físicas e culturais” (HOLZER, 1999, p. 152).

---

<sup>6</sup> No original: *the total impression aroused in us by a piece of the earth’s surface and the corresponding section of sky.*

<sup>7</sup> No original: *Indeed still another of the many meanings listed for the word refers, not to the physical land itself, but to the social group inhabiting it.*

### 2.3. As relações entre Friedrich Ratzel e Franz Boas e sua consequências para os estudos culturais

Desenvolvida a partir do pensamento positivista, a influência do darwinismo sob a ótica social é marcante no pensamento ratzeliano, sendo a criação do famoso termo *Lebensraum* (“espaço vital”) exemplo desta perspectiva aplicada a questões relacionadas à geografia política.

Através de problemas e críticas na biologia e na teoria da evolução, Ratzel posicionou a Geografia no campo das discussões sobre a dinâmica dos padrões culturais e das sociedades no contexto da expansão demográfica, econômica, política e cultural europeia pelo mundo. (...) A geografia trabalharia suas interpretações a partir dos fatores externos desta dinâmica (meio geográfico e difusões) para entender as variações culturais e demográficas (regiões culturais como tipos de especiações), e esta proposta significava uma via alternativa às explicações raciais/genéticas (BARROS, 2007, p. 218).

Em seus esboços sobre o que considera raças humanas, é evidente sua dicotomia, especialmente pelo emprego das palavras povos “selvagens” e “bárbaros”, que mostraria a cultura em seus “estágios anteriores”, algo que serviria como alicerce para que as grandes nações modernas entendessem a si mesmas. Ainda pela perspectiva do darwinismo social, a extinção de raças inteiras se daria não apenas pelo contato com raças superiores na escala civilizatória (técnica), mas também pelos rigores do ambiente. Tais fatores de competição gerariam as diferenças culturais e a possibilidade de contatos interculturais. Tal papel importante, desempenhado pela cultura e pela difusão cultural, é verificado em sua obra “*Völkerkunde*” (1885-8) (MARTINS, 2001).

De que maneira estes artefatos também expressavam, por outro lado, as chances dos contatos interculturais? Ou, dizendo-o de outro modo, expressavam as difusões nos limites do alcance (range) de determinada zona cultural? O interesse antropológico se espalhou pelos estudos geográficos na Alemanha, e Ratzel foi um exemplo de destaque ao propor uma via geográfica ou terrestre ou territorial para as interpretações das diferenciações na evolução e nos padrões culturais (antropogeografia) dos povos. A sua contribuição se deu com a idéia das difusões geográficas como mecanismo das diferenciações ou variabilidades dos padrões culturais. As diferenciações de área do ponto de vista dos padrões culturais não seriam propriamente produzidas pelo determinismo rude das condições geográficas in situ sobre a cultura. Para Ratzel, o princípio da difusão possuía ascendência sobre o das invenções paralelas na inovação e mudança culturais (SAUER, 1952). Isto é, meios geográficos iguais não produziram necessariamente os mesmos padrões culturais (BARROS, 2007, p. 216).

As consequências dessa conhecida perspectiva que marca diferentes ritmos de desenvolvimento pode ser verificado no pensamento de Edward Burnett Tylor (1832-1917), considerado pioneiro no evolucionismo social. Tal autor se preocupa em oferecer uma definição formal de cultura, entendendo-a como algo único e defendendo que os diferentes povos sofreriam convergência de suas práticas culturais ao longo de seu desenvolvimento (MORGAN, 2005). Algo importante também a ser destacado é que a concepção de cultura em Ratzel ampliou a etnografia para todo o mundo e não apenas os civilizados, como pode ser verificada por meio da já referida obra "*The History of Mankind*", tendo exatamente o mesmo Tylor tecido elogios ao seu trabalho iconográfico antropológico. Breve, Ratzel vai tratar de questões próprias da Antropologia na Geografia de modo original, chamando a atenção para o fato de que esse debate sobre cultura e o solo jamais desapareceu do pensamento geográfico.

Partindo desta tradição, mas transferindo a perspectiva evolucionista para a historicista comparativa, Franz Uri Boas (1858-1942), também alemão, traz algumas destas perspectivas, ancoradas no pensamento do velho continente, para a América. Tendo chegado aos Estados Unidos da América, Boas é um dos responsáveis pela fundação do pensamento antropológico norte-americano. Sua obra veio a ser citada e absorvida pelos autores da denominada Escola de Berkeley, sendo possível estabelecer aproximações e afastamentos entre o que este pensador se entende por cultura contemporâneo e aquilo que Ratzel defendeu. Bronisław Kasper Malinowski (1884-1942), considerado também um dos fundadores da antropologia social, via Ratzel como um dos pioneiros da teoria das difusões e influenciador do difusionismo de Franz Boas (1858-1942) (MORAES, 1990),

Primeiramente, é importante destacar que Boas, geógrafo de formação, desenvolve experiência profissional com o povo inuítes na América do Norte, o que configura uma transição profissional com a migração feita da Alemanha para os Estados Unidos da América. Considerado um dos fundadores da antropologia cultural estadunidense, rejeita o evolucionismo e defende uma visão histórica da cultura por meio da abordagem historicista (comparativismo e historicismo) e prega a necessidade de definição de uma área de estudo, a que chama de *core*. Conforme citado, era alemão e ao levar a Antropologia aos Estados Unidos da América, consolidando a crítica à antropologia evolucionista, limita o sentido do determinismo ambiental na geografia. Esses são os pontos de distanciamento entre o pensamento

relativista da cultura proferido por Boas das já citadas que foram pensadas por Ratzel. Ainda acerca desses distanciamentos, no que diz respeito aos limites do determinismo ambiental, profere o seguinte: “O estudo da história da cultura de qualquer área em particular mostra claramente que as condições geográficas por si só não têm força criativa e certamente não são determinantes absolutos da cultura”<sup>8</sup> (BOAS, 1962, p. 240, tradução nossa).

O ambiente só pode atuar sobre uma cultura e o resultado de influências ambientais depende da cultura em que atua. (...) As condições geográficas exercem um poder limitador ou modificador na medida em que materiais disponíveis, formas topográficas e clima obrigam certos ajustes, mas muitos tipos diferentes de cultura são encontrados ajustados a tipos semelhantes de ambiente <sup>9</sup> (BOAS, 1962, p. 241, tradução nossa).

Outra ruptura inovadora foi que Boas deu maior peso à base imaterial e propôs um novo método comparativo, o dedutivo. Outra fundamental informação é que assume uma posição ontológica na cultura, ou seja, a de que ela seria dotada de leis e mecanismos próprios que seriam dissociados da economia e da política, fato este que influenciou de maneira determinante os estudos produzidos em Berkeley. Ao fazer referência ao método comparativo, Boas vê na geografia uma solução para os estudos das formas culturais a partir da contiguidade dos fenômenos, sendo a análise espacial importante para dar contorno às experimentações comparativas, como no processo de diferenciação de línguas entre povos.

A comparação de formas relacionadas lança luz sobre a história de sua diferenciação. A experiência mostrou que estudos desse tipo, particularmente em idiomas para os quais não existem registros históricos, devem ser realizados com muita cautela, porque semelhanças acidentais que ocorrem nas formas de fala de partes remotas do mundo podem facilmente dar uma impressão enganosa de relacionamento. Por esse motivo, a contiguidade geográfica não é sem importância na interpretação de similaridades isoladas no vocabulário ou na gramática. (...) O estudo das formas culturais pode valer-se de métodos semelhantes. A distribuição geográfica dos mesmos traços culturais decididamente semelhantes pode ser utilizada para a

---

<sup>8</sup> No original: *The study of the cultural history of any particular area shows clearly that geographical conditions by themselves have no creative force and are certainly no absolute determinants of culture.*

<sup>9</sup> No original: *The environment can only act upon a culture and the result of environmental influences is dependent upon the culture upon which it acts. (...) Geographical conditions exert a limiting or modifying power, in so far as available materials, topographical forms, and climate compel certain adjustments, but many different types of culture are found adjusted to similar types of environment.*

reconstrução da disseminação e desenvolvimento cultural<sup>10</sup> (BOAS, 1938, p. 8-9, tradução nossa).

Um tópico importante do pensamento boasiano são as áreas culturais, cujas ideias iniciais derivam menos de pesquisas aplicadas que da administração de museus, sendo originalmente um sistema de catalogar e classificar artefatos em um museu de maneira não cronológica. Isso representa a quebra da organização baseada no evolucionismo, onde a sucessão ocorreria a partir do primitivo em direção ao mais desenvolvido, mas sim ocorreria a partir de “provincias geográficas” organizadas por quesitos etnográficos. Aplicado aos estudos de Boas

O conceito de área cultural foi desenvolvido como meio para descrever as características típicas de tribos culturalmente relacionadas que geralmente são encontradas em áreas contíguas. Como ferramenta analítica, as áreas culturais são pequenos territórios geográficos bem definidos, nos quais fenômenos étnicos similares são provavelmente produto de um desenvolvimento histórico em comum. As comparações não excederiam os limites da área cultural que formava a base de estudo (SEEMANN, 2005, p. 15).

As conexões possíveis de serem estabelecidas entre os pensamentos ratzeliano e boasiano e as suas contribuições para os estudos culturais seriam no que diz respeito ao desenvolvimento das ciências sociais nos Estados Unidos da América, como a ênfase nos processos histórico-cultural das discussões antropológicas, as transformação das práticas museais, a institucionalização das ciências sociais na virada do século XIX para o XX, a valorização dos discursos de difusão cultural, o destaque às fontes materiais como base primária de investigação e a defesa pela diversidade e origens simultâneas de fatos culturais (VALVERDE, 2019).

Com base da obra do geógrafo alemão Friedrich Ratzel, um dos pioneiros a conceber a Geografia como investigação histórica, ao analisar a difusão de mitos para demonstrar a correlação entre os lugares geográficos dos povos e seus contos, Boas se utilizou dessa temática para atacar os antropólogos evolucionistas que consideraram a semelhança de costumes ou invenções entre diferentes povos prova da universalidade dos traços culturais que queriam definir através de “leis culturais” (SEEMANN, 2005, p. 16).

---

<sup>10</sup> No original: *Comparison of related forms throws light upon the history of their differentiation. Experience has shown that studies of this kind, particularly in languages for which no historic records exist, must be carried on with great caution, because accidental similarities occurring in the speech forms of remote parts of the world may easily give a deceptive impression of relationship. For this reason geographical contiguity is not unimportant in the interpretation of isolated similarities in vocabulary or grammar. (...) The study of cultural forms may avail itself of similar methods. The geographical distribution of the same or decidedly similar cultural traits may be utilized for a reconstruction of cultural dissemination and development.*

No estabelecimento de um paralelo entre os conterrâneos Friedrich Ratzel e Franz Boas, observa-se uma transição do pensamento biológico para o ambiental, do ambiental para o historiográfico, dos traços culturais intergeracionais para as leis da mente humana, da cultura, da história da linguagem para a psicologia e da cultura material para a de aspectos imateriais. Em ambos, verificam-se a defesa da classificação de áreas a partir de uma perspectiva nos tipos de objetos e do caráter educativo dos modos de vida, as diferenças entre características biológicas e histórico-culturais e o reconhecimento progressivo das culturas ditas primitivas e o da materialização via natureza.

O próprio fato de as culturas serem interdependentes nos permite reconstruir acontecimentos históricos com um razoável grau de certeza. O grande mérito de Ratzel é o de ter enfatizado essa possibilidade<sup>11</sup> (BOAS, 1938, p. 669, tradução nossa).

Mesmo sendo Ratzel um teórico positivista, imperialista e evolucionista a partir de uma visão sistêmica, e Boas um antropólogo claramente cultural e anti-determinista, no caso do segundo pensador, este desloca o seu lado mais determinista da antropogeografia para o lado mais cultural e difusionista apenas depois dos seus estudos sobre o povo inuíte no célebre artigo intitulado “*The Study of Geography*”, de 1887, quando passa a doutrinar que o ambiente não é determinante, mas sim um fator que o homem se utiliza segundo sua herança cultural (MORÁN, 1990).

### 3. A ESCOLA DE BERKELEY

#### 3.1. Do supraorgânico aos temas da Geografia Cultural

Nos Estados Unidos da América, especificamente na cidade de Berkeley, localizada na costa leste da baía de São Francisco, a partir da década de 1920, em razão das produções acadêmicas dos departamentos de Antropologia e Geografia da Universidade da Califórnia (*University of California*), destacaram-se pesquisadores que foram precursores da interdisciplinaridade praticada em suas pesquisas em Ciências Humanas.

---

<sup>11</sup> No original: *The very fact that cultures are interdependent permit us to reconstruct historical happenings with a fair degree of certainty. It is Ratzels' s great merit to have emphasized this possibility.*



Foi nos Estados Unidos, contudo, que a geografia cultural ganhou plena identidade, graças à obra de Carl Sauer e de seus discípulos, primeiramente em Berkeley e, em breve, dispersos por várias universidades. A Escola de Berkeley (1925-1975) desempenhou papel fundamental na geografia cultural (CORRÊA e ROSENDAHL, 2003, p.10).

A denominada Escola de Berkeley tem início nos anos 1920 e sua produção ocorre com vigor até idos da década de 1970. Além de estabelecer maior aproximação entre disciplinas, uma de suas características foi a influência de autores alemães, já que contava com muitos germânicos como professores. Carl Sauer, considerado o maior nome desta perspectiva em geografia cultural, faz referência ao pensamento ratzeliano nesta articulação entre estudos da Antropologia e da Geografia em razão de sua obra *Antropogeografia* (1882).

Friedrich Ratzel em sua *Anthropogeographie* edificou a base conceitual na qual se tem estruturado desde então a geografia humana em seu sentido restrito: um conjunto de categorias do meio físico - ordenadas a partir de conceitos abstratos de posição e espaço até os de clima e litoral - e sua influência sobre o homem. Apenas com este trabalho ele se converteu no grande apóstolo do ambientalismo e seus seguidores desconsideraram em muito os seus estudos culturais posteriores, nos quais se referia à mobilidade populacional, às condições de assentamento humano e à difusão da cultura através das vias principais de comunicação. (...). Aparentemente, Ratzel não considerava sua *Anthropogeographie* mais que um estímulo e uma introdução a uma geografia humana que devia fundamentar-se em um estudo da cultura. Enquanto os antropólogos utilizaram amplamente sua análises de difusão da cultura, os geógrafos ocidentais consideraram Ratzel somente como um ambientalista (SAUER, 2000b, p. 20).

A produção do conhecimento em Berkeley não seguiu o costume da tradição geográfica praticada até então, que era o do empirismo teórico, mas objetivou o caráter materialista das discussões e o sentido espacial da argumentação em razão da influência dos pensadores alemães, como Franz Boas, referido no capítulo anterior. Pela ligação com a antropologia da “Escola das Áreas Culturais”, como também é conhecida essa corrente antropológica, o difusionismo vai influenciar um dos principais conceitos desenvolvidos nos estudos de geografia cultural em Berkeley, “paisagem cultural”, que será abordado no próximo item. Sobre a entrada do pensamento boasiano na Califórnia, esse processo se deu no Departamento de Antropologia via um de seus discípulos, Alfred Kroeber.

O Departamento de Antropologia da Universidade da Califórnia, Berkeley, foi fundado em 10 de setembro de 1901. Franz Boas, então professor da Universidade de Columbia, instou o estabelecimento do

Departamento para garantir a documentação das línguas e culturas indígenas da Califórnia. O primeiro professor do departamento, Alfred L. Kroeber, foi o primeiro aluno de doutorado de Boas em Columbia<sup>12</sup> (UC BERKELEY, 2020, tradução nossa).

O nome de Alfred Louis Kroeber (1876-1960) é determinante nas aproximações entre a sua ideia defendida, a concepção supraorgânica (ou superorgânica<sup>13</sup>), com os textos seminais de Carl Sauer sobre a morfologia da paisagem. Ao desenvolverem trabalhos nos limites dos estudos culturais derivados do esforço em separar o domínio da Biologia Evolucionista daquele referente à essência dos fatos sociais, salientaram a sua concepção fenomenológica de Geografia (VALVERDE, 2020). Segundo James Duncan (2003), Kroeber desenvolveu a sua tese da autonomia da cultura em um artigo seminal intitulado “O Superorgânico” (*The Superorganic*), em 1917, marcando o início do determinismo cultural na antropologia americana.

Kroeber concebeu a realidade como sendo composta por alguns níveis, começando com o inorgânico na base, seguido pelo orgânico que, por sua vez, é coberto por um nível psicológico ou biofísico e, finalmente, coroado pelo nível social ou cultura (DUNCAN, 2003, p. 67).

O termo supraorgânico remete ao filósofo do liberalismo clássico Herbert Spencer que procurou aplicar as leis da evolução a todos os níveis da atividade humana em razão de sua admiração por Charles Darwin, algo quase trivial no que tange ao pensamento científico da época. “A sociologia de Durkheim é um exemplo clássico de holismo transcendental. Ele via a sociedade *sui generis* como irreduzível aos indivíduos” (DUNCAN, 2003, p. 64).

Uma das mais importantes afirmações modernas da posição holística foi feita por Hegel. Seu conceito de *Geist* (espírito) é talvez o objeto transcendental essencial do qual são derivadas subseqüentes ‘soluções’ holísticas tal como a ‘consciência coletiva’ de Durkheim (...) ou o ‘supraorgânico’ de Kroeber (DUNCAN, 2003, p. 66).

O termo holismo é referente a uma perspectiva filosófica relativamente forte do holismo transcendental, no qual o todo, e não as partes individuais, é a força ativa

---

<sup>12</sup> No original: *The Department of Anthropology at the University of California, Berkeley was established on September 10, 1901. Franz Boas, then teaching at Columbia University, urged the establishment of the Department to ensure the documentation of California Indian languages and cultures. The first professor in the department, Alfred L. Kroeber, was Boas' first doctoral student at Columbia* (disponível em: <<https://anthropology.berkeley.edu/about/history>>. Acesso em: 21 março 2020).

<sup>13</sup> Como a maioria dos artigos e materiais que tratam do tema terem sido feitos no século XX, observa-se que utilizam também as formas super-orgânico ou supra-orgânico. A hífen foi omitido pelos Estados-Membros da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) para padronizar as regras ortográficas, sendo ratificado pelo Brasil em 2008 e implementado sem obrigatoriedade em 2009.

dominante. Também, a partir desta perspectiva, está a suposição de que esses indivíduos são meros agentes que cumprem tarefas regidas por algo maior, como, por exemplo, pela cultura ou por Deus. A concepção de superorgânico se dá a partir do entendimento de que a cultura é uma esfera maior que a carga genética e o trabalho humano, sendo dotada de um progresso diferente, e está relacionada a uma perspectiva metafísica, superior aos indivíduos enquanto agentes passivos dessa força, pois “sua aparente atividade é atribuída aos seus papéis como a causa ‘eficiente’ em oposição à causa ‘formal’” (DUNCAN, 2003, p. 67). Duncan (2003) afirma que, além de Kroeber, outros nomes como Leslie Alvin White (1900-1975), o já citado David Émile Durkheim (1858-1917) e Robert Harry Lowie (1883-1957), assim como outros holistas transcendentais, entendiam que a cultura não pode ser reduzida aos indivíduo, sendo esse ponto de vista de grande influência na antropologia cultural norte-americana e, por extensão, também em na Geografia Cultural Tradicional.

A teoria da cultura enquanto entidade supraorgânica foi esboçada pelos antropólogos Alfred Kroeber e Robert Lowie durante os primeiros 25 anos do século XX, sendo, posteriormente, elaborada por Leslie White. A cultura era vista como uma entidade acima do homem, não redutível às ações dos indivíduos e misteriosamente respondendo a leis próprias. Além disso, foi essa a visão de cultura que passou a dominar a geografia cultural. Esta perspectiva foi adotada especificamente por Carl Sauer ao se associar a Kroeber e Lowie em Berkeley nas décadas de 1920 e 1930, sendo posteriormente transmitida para seus alunos” (DUNCAN, 2003, p. 64).

Kroeber e White, geralmente, concordavam sobre o conceito de supraorgânico, embora eles discordassem sobre outras questões como a concepção materialista do mundo de White, na qual a tecnologia era uma força determinante. (...). White acreditava que o homem deve ser levado em consideração quando examinamos a origem da cultura. Isto feito, a cultura deve ser explicada sem referência ao homem, individual ou coletivamente (DUNCAN, 2003, p. 68).

White pode ser considerado mais assertivo que Kroeber ao afirmar a natureza supraorgânica da cultura: “Se o comportamento das pessoas é determinado pela cultura, o que determina a cultura? A resposta é que ela própria se determina. A cultura pode ser considerada como um processo *sui generis*” (WHITE, 1975, p. 548 apud DUNCAN, 2003, p. 69).

Kroeber e Lowie preocuparam-se muito com a relação do indivíduo no meio social supraorgânico. Isto foi, em parte, uma tentativa para distinguir a antropologia da psicologia e, mais tarde, da sociologia, focalizando a cultura como sendo um nível independente da realidade. Ao elevar a cultura a um nível supraorgânico, o antropólogo não tinha mais necessidade dos indivíduos e, portanto, não precisava dos processos psicológicos (DUNCAN, 2003, p. 67).

A visão de cultura de Kroeber como uma coisa *sui generis* foi compartilhada por Lowie, para quem: *a cultura é algo sui generis que só pode ser explicada em seus próprios termos (...) o etnólogo (...) irá explicar um dado fato cultural, unindo-o a um outro grupo de fatos culturais ou demonstrando algum outro fato cultural a partir do qual aquele fato foi desenvolvido* (LOWIE, 1917/2003, p. 17).

Sauer sugeria que a cultura seria o agente independente que produz a paisagem cultural, inspirado na concepção superorgânica da Antropologia de Kroeber. Nesse processo, conferia uma força anímica à cultura como forma de conter a explicação científica fundada em um determinismo biológico.

A partir do momento em que a cultura se desenvolveu, ela tornou-se extrassomática, obedecendo às leis de seu novo desenvolvimento, completamente independente de leis que regem seus mensageiros humanos. A cultura gera as suas próprias formas, independentemente dos homens, e aqueles que não forem úteis para seus propósitos são descartados. Esta evolução gradual da cultura é baseada nos fluxos de energia que são capturados e postos em ação pela sociedade através da tecnologia (DUNCAN, 2003, p. 69).

Sendo a cultura uma dimensão externa ao sujeito, Kroeber argumenta que “não precisamos nos preocupar com o indivíduo, porque ele é um mero agente das forças culturais, um mensageiro levando informação através das gerações e de lugar para lugar” (DUNCAN, 2003, p. 68). Os códigos de valores também foram centrais para a noção de supraorgânico para Kroeber, sendo esses códigos “considerados como o equivalente supraorgânico do código genético. Enquanto os organismos inferiores são controlados internamente, o homem é controlado externamente por valores” (DUNCAN, 2003, p. 68).

Mesmo com a ideia de que a Geografia Cultural e a Antropologia de Berkeley entendiam de forma holística a teorização sobre o homem e a sociedade, que contrapõem a explicação individualista, em seu clássico texto intitulado “Geografia Cultural” (*Cultural Geography*), publicado em 1931, Carl Sauer entende que nunca houve a intenção de subestimar ou eliminar as atividades humanas no estudo da geografia no que diz respeito às atividades antrópicas que resultam nas paisagens culturais. Novamente remetendo às tradições germânicas na Geografia, aponta que

Os alemães têm repetido, durante muito tempo, uma frase: ‘a transformação da paisagem natural em paisagem cultural’; expressão que proporciona um programa de trabalho satisfatório no qual o conjunto das formas culturais em uma área merece a mesma atenção que o das formas físicas (SAUER, 2000b, p. 22).

Se para Sauer a Geografia Cultural se interessa, portanto, pelas obras humanas que se inscrevem na superfície terrestre e imprimem uma expressão característica, e a “área cultural constitui um conjunto de formas interdependentes e se diferencia funcionalmente de outras áreas” (SAUER, 2000b, p. 23), outro adjetivo possível de atribuir à perspectiva da Escola de Berkeley é a culturalista, pois tal diferenciação funcional é uma forma de expressão que defende que a cultura exerce uma força explicativa do mundo, algo como uma terceira esfera, pois não deriva nem da economia e nem da política, ou seja, a cultura possuiria expressão singular.

Na compreensão das particularidades da ação humana sobre a superfície terrestre, como todas as subdivisões da Geografia que procuravam entender os fenômenos “ligados à Terra”, conforme expressão utilizada por Philip Wagner e Marvin Mikessel no livro “*Readings in Cultural Geography*” (1962), é nele que podemos visualizar as intenções da Escola de Berkeley. Esta obra, que reúne textos que marcam essa segunda tradição do pensamento em Geografia Cultural, na introdução intitulada “Os temas da geografia cultural” (*The themes of cultural geography*) a dupla sistematiza seus cinco principais temas: cultura, paisagem cultural, áreas culturais, história da cultura e ecologia cultural (WAGNER e MIKESELL, 1962).

O primeiro, cultura, seria a chave para a compreensão sistemática de diferenças e semelhanças entre os homens, e resultaria na capacidade de os seres humanos se comunicarem entre si por meio de símbolos (WAGNER e MIKESELL, 2000). Os autores entendem que a cultura está assentada numa base geográfica, algo que reforçaria o culturalismo por não estar integrado e nem fazer parte totalmente das relações econômicas e políticas espaciais, e também fazem referência a níveis culturais diferentes.

Os geógrafos e historiadores da cultura frequentemente mencionam ‘níveis’ ou ‘estágios’ de cultura. O valor e a vantagem de tais formulações é que ela são retrospectivas e comparativas. Está provado ser viável e conveniente analisar as manifestações geográficas de culturas passadas do ponto de vista de seu potencial técnico e organizacional máximo, em vez de seus padrões específicos de ação. Qualquer cultura é limitada em sua capacidade de transformar o habitat por meio de conhecimento técnico, administração e organização institucionais, preferências, proibições, etc. (WAGNER e MIKESELL, 2000, p. 30).

Partindo do conceito de difusionismo mitigado, por negarem ser a única ou principal forma de mudança cultural ou a existência de um único centro difusor da

cultura, fica clara a aproximação entre a Antropologia e a Geografia na explicação feita pela dupla na citação a seguir, sendo esse mais um exemplo da influência das ideias de Franz Boas. Na direção da documentação de traços culturais em uma área circunscrita, suas ideias podem ser observadas pela atenção dada no tratamento da transformação regular da natureza e de contatos entre povos.

No estudo geográfico de cultura, portanto, questões como tabu, abstenção de certos alimentos, restrições sobre o uso de certas áreas, ausência de certas técnicas, proibições sobre determinados trabalhos, falta de certos tipos de instrumentos e limitações organizacionais ao desenvolvimento são importantes. A comparação e classificação das culturas segundo seu potencial para afetar o habitat é uma tarefa essencial na geografia cultural, seja motivada por um desejo de compreender os efeitos do passado do homem ou por um interesse de diferenças atuais no tocante à produtividade e ao bem-estar. (...). Os geógrafos culturais também dedicam muitos esforços ao estudo da origem e dispersão de determinadas características culturais. (...). Ao estabelecer a história real ou provável das migrações e difusões, é possível mapear a distribuição de tais características em determinado período e assim, por eliminação, inferir que meios de transformação e desenvolvimento existiam numa época e lugar determinados (WAGNER e MIKESSELL, 2000, p. 31).

É interessante a restrição feita nesta seção, sendo que caberia ao geógrafo cultural avaliar o potencial técnico de comunidades humanas para usar e modificar a paisagem.

O segundo tema, área cultural, discorre sobre a investigação da distribuição ao longo do tempo de elementos dos povos que constituem a base para o reconhecimento de áreas culturais que não seriam uniformemente absolutas, mas sim relativas.

Devido à flexibilidade e relatividade do próprio conceito de cultura e dos vários usos que podem ser atribuídos - incluindo a ênfase das influências culturais sobre as características materiais -, o mundo e suas populações nunca se prestarão a um esquema único, exato, completo e cuidadosamente consistente de classificação ou regionalização (WAGNER e MIKESSELL, 2000, p. 32).

A paisagem seria a categoria de análise do espaço responsável pela diferenciação das áreas culturais. “Para um geógrafo, a área cultural também é uma ‘paisagem cultural’” (WAGNER e MIKESSELL, 2000, p. 35), sendo este o terceiro tema, que:

Forma uma unidade definível no espaço, caracterizada pela relativa homogeneidade interna com referência a certos critérios, por algum sistema de movimento interno coextensivo com ela, ou por interações entre elementos dentro de seus limites. A associação típica de

características geográficas concretas numa região ou em qualquer outra subdivisão espacial da superfície pode ser descrita como uma 'paisagem' (...) então, a paisagem cultural refere-se ao conteúdo geográfico de uma determinada área ou a um complexo geográfico de um certo tipo, no qual são manifestas as escolhas feitas e as mudanças realizadas pelos homens enquanto membros de uma comunidade cultural (WAGNER e MIKESELL, 2000, p. 35-36).

O quarto tema, história da Cultura, trata dos termos difusão e invenção, novamente algo que remete à tradição boasiana, sendo que este tema procuraria descobrir quatro tipos de fatos: a origem, no tempo e lugar, de determinadas características culturais; as rotas, épocas e modos de disseminação; a distribuição de áreas culturais anteriores; e as características das paisagens culturais anteriores (WAGNER e MIKESELL, 2000).

As evidências que a história da cultura busca são os tipos de animais domesticados, arqueologia, linguística, topônimos, documentos, tradições orais outras fontes que buscam os quatro tipos de fatos acima. (...). Dispersão seria a palavra-chave, assim como o seu entendimento. Ex: a distinção entre "fronteiras de inclusão ou assimilação, exemplificadas pela colonização árabe e espanhola, e fronteiras de exclusão, exemplificadas pela colonização de europeus em áreas ocupadas por povos menos numerosos e tecnicamente inferiores (WAGNER e MIKESELL, 2000, p. 42).

O quinto tema, ecologia cultural, constituiria na aplicação conjunta do conhecimento físico-biológico e cultural ao estudo de processos em curso nas paisagens e suas implicações para as comunidades humanas (WAGNER e MIKESELL, 2000), sendo que os autores tecem uma diferenciação entre o penúltimo e o último tema, pois

Enquanto a história da cultura, senão toda a história, trata de uma sequência de eventos, a ecologia cultural, como uma aplicação do modo científico de pensar, diz respeito ao processo envolvido numa sequência de eventos (WAGNER e MIKESELL, 2000, p. 46).

Finalmente, Wagner e Mikesell desenvolvem a última parte desta introdução do grande compêndio atribuindo funções e características a quem seria um geógrafo cultural da tradição representada pela narrativa de Berkeley, sendo fundamental que o pesquisador pensasse "automaticamente em todos os outros" (WAGNER e MIKESELL, 2000, p. 50) cinco temas, como que de forma sistêmica.

Para estes geógrafos culturais, qualquer sinal da ação humana numa paisagem implica uma cultura, demanda uma história e exige uma interpretação ecológica; a história de qualquer povo evoca a sua fixação numa paisagem, seus problemas ecológicos e concomitantes culturais; e o reconhecimento de uma cultura exige a descoberta de traços que a mesma deixou na superfície terrestre (WAGNER e MIKESELL, 2000, p. 50).

### 3.2. Sauer e a morfologia da paisagem cultural

Carl Ortwin Sauer (1889-1975) foi o grande nome da escola de Berkeley, sendo seu criador e expoente máximo, e “formou algumas gerações de geógrafos que fizeram a geografia avançar, deixando um grande legado para gerações futuras (CORRÊA, 2001, p. 9). Foi na Universidade de Chicago que obteve a sua formação acadêmica, sendo esta responsável pelo pensamento que defendia o determinismo ambiental, entendida como uma versão geográfica para o pensamento positivista. Porém, Sauer rompe com tal perspectiva e adota o historicismo, isso em razão do ambiente de pesquisa que à época constituía o corpo docente de Berkeley.

A geografia de Sauer e de seus discípulos esteve calcada no historicismo. Assim, havia uma ênfase, apoiada na crença de sua importância, na diversidade cultural; valorizava-se o passado em detrimento do presente, assim como a contingência e a compreensão. Os estudos focalizavam especialmente sociedades tradicionais, pouco reportando-se às sociedades urbano-industriais. É inegável, neste contexto, a forte influência da antropologia cultural (CORRÊA e ROSENDAHL, 2003, p. 10).

Sua obra pode ser dividida em dois conjuntos, sendo o primeiro sobre formulações teóricas e metodológicas, fase esta de matriz disciplinar e metodológica onde a crítica ao determinismo ambiental e a afirmação da geografia como história espacial da cultura são as tônicas, e o segundo refere-se aos estudos sobre áreas culturais, fase esta marcada pela influência da antropologia de Kroeber (CORRÊA, 2001). Em razão da defesa da ideia de transformação da paisagem natural em paisagem cultural, Sauer entendeu que esta expressão proporciona uma perspectiva de pesquisa em que as formas culturais mereceriam a mesma atenção que as formas físicas.

Toda geografia é, com propriedade e segundo este ponto de vista, geografia física, não porque o trabalho humano esteja condicionado pelo meio, mesmo porque o homem, por si mesmo, é objeto indireto da investigação geográfica, confere expressão física à área com sua moradias, seu lugar de trabalho, mercados, campos e vias de comunicação. A geografia cultural se interessa, portanto, pelas obras humanas que se inscrevem na superfície terrestre e imprimem uma expressão característica. A área cultural constitui assim um conjunto de formas interdependentes e se diferencia funcionalmente de outras áreas (...). Este método de aproximação é totalmente apropriado para o geógrafo, que está acostumado a considerar a gênese das áreas físicas, razão pela qual pode estender o mesmo tipo de observações à área cultural, que tem uma configuração mais simples e mais exata que a área de cultura do antropólogo. A área cultural do geógrafo consiste unicamente nas expressões do aproveitamento humano da superfície



terrestre, o conjunto cultural que registra a medida integral do uso humano da superfície ou, seguindo Shülter, as marcas visíveis, realmente extensivas e expressivas da presença do homem. O geógrafo mapeia as distribuições dessas marcas, descreve-as desde a origem e sintetiza-as em sistemas comparativos de áreas culturais (SAUER, 2000b, p. 105-107).

Sauer classifica geógrafos com dois objetivos distintos, sendo que um grupo limita-se ao estudo de uma relação causal particular entre o homem e a natureza, e o outro ao esforço que se dirige à definição do material de observação.

O primeiro grupo mantém o seu interesse preferencial pelo homem: quer dizer, pela relação do homem com seu meio, habitualmente no sentido de adaptação do homem ao meio físico. O segundo grupo, se é que se aceita dividir os geógrafos mediante meras classificações, dirige sua atenção para aqueles elementos da cultura material que conferem caráter específico à área. Para simplificar, chamaremos a primeira postura de geografia humana e a segunda de geografia cultural. A denominação é usual, mas não exclusiva (SAUER, 2000b, p. 100).

Para James Duncan, Carl Sauer foi a figura hegemônica na Geografia Cultural Americana e entende que estiveram presentes em seu trabalho temas como ecologia cultural, a difusão de artefatos e ideias e a percepção cultural da paisagem (DUNCAN, 2003). Sobre a conhecida influência germânica em sua obra, afirmou que “Sauer considerava Ratzel, acima de todos os outros, o pai da geografia cultural” (DUNCAN, 2003, p. 70). Ainda sobre a relação com estes pensadores, agora com o seu contemporâneo Kroeber, entende que

Outras evidências da influência da antropologia kroeberiana em Sauer residem no fato de que os temas da reconstrução histórica, área cultural e difusão que Sauer introduziu na geografia americana dos anos 1920, foram os mesmo que Franz Boas e seus discípulos, como Kroeber e Lowie, vinham trabalhando desde o primeiro momento em que Boas se interessou por esses três temas citados acima, isso no final da década de 1890 (DUNCAN, 2003, p. 68).

A noção de cultura que Sauer comunicou aos seus alunos ao longo de sua carreira não foi sempre a mesma. Nos anos 1930, estimulou a familiarização com o conceito a partir da perspectiva de Kroeber, porém nos anos 1940 e início dos 1950 já não mais obrigava a essa leitura. Para DUNCAN (2003), talvez isso tenha ocorrido pois pensava que os alunos que iam chegando já tinham uma noção aceitável de cultura a partir da perspectiva desenvolvida por seus colegas antropólogos. Um dos textos mais conhecidos de Carl Sauer é “A morfologia da paisagem” (*The morphology of landscape*), publicado originalmente em 1925, que se inicia com o autor tecendo considerações acerca do próprio campo de atuação da Geografia. Para ele, a ciência

geográfica tem em sua natureza a capacidade de entender as conexões dos fenômenos. “Descobrir esta conexão e ordem dos fenômenos em áreas é uma tarefa científica e de acordo com a nossa posição única a qual a geografia deveria devotar suas energias” (SAUER, 1998, p. 17).

Segundo Roberto Lobato Corrêa, a influência germânica na formação de Carl Sauer, que aliás era filho de imigrante alemão, foi determinante em sua obra, com destaque a este clássico, pois ocorre a adoção do conceito goetheano de morfologia ao implicar a compreensão das formas enquanto expressão cultural e individual através de processos humanos, espirituais e naturais (CORRÊA, 2001). Sobre essa tríade de processos, a tarefa da Geografia seria conceber “como o estabelecimento de um sistema crítico que envolva a fenomenologia da paisagem, de modo a captar em todo o seu significado e cor a variada cena terrestre”. (SAUER, 1998, p. 22).

Para Sauer (1998, p. 24), “a paisagem geográfica é uma generalização derivada da observação de cenas individuais” e pode ser apresentada enquanto definidor do conceito de unidade da geografia. Sobre a referida influência da Fenomenologia na análise da paisagem, Sauer entende que o conteúdo da paisagem é algo menor do que todos seus componentes visíveis, sendo sua identidade marcada pela perspectiva pessoal relacionadas às experiências de quem a analisa. Assim, “a posição corológica necessariamente reconhece a importância da extensão em área dos fenômenos (...). Daí existir um importante contraste entre a geografia e a fisiografia” (SAUER, 1998, p. 28). Ainda sobre a defesa da fenomenologia para a análise das paisagens a partir das interpretações singulares, entende que “o julgamento pessoal do conteúdo da paisagem é determinado mais por interesse. A geografia é distintamente antropocêntrica no sentido do valor ou do uso da terra para o homem” (SAUER, 1998, p. 28-29).

A paisagem inclui (1) as características da área natural e (2) as formas sobrepostas na paisagem física pelas atividades do homem, a paisagem cultural. O homem é o último agente na formação da paisagem. Portanto, o estudo da geografia começa com a geografia física, (...). Uma frase que tem sido muito usada na literatura alemã, cuja origem desconheço, caracteriza perfeitamente a intenção: “o desenvolvimento da paisagem cultural a partir da paisagem natural”. Esta é a orientação mais recente que dá continuidade à perspectiva tradicional (SAUER, 2000a, p. 62).

Inspirado novamente pelo pensamento alemão, Sauer apresenta uma perspectiva cartesiana para diferenciar a paisagem em duas metades inspirada pelo geógrafo Norbert Krebs (1876-1947), em que a sua primeira metade seria dotada de

conteúdos ecológicos e vegetais, ou seja, de natureza física, e em sua outra metade estaria a expressão cultural.

A geografia baseia-se, na realidade, na união dos elementos físicos e culturais da paisagem. O conteúdo da paisagem é encontrado, portanto, nas qualidades físicas da área que são importantes para o homem e nas formas do seu uso da área, em fatos de base física e fatos da cultura humana (SAUER, 1998, p. 29).

A aplicação do método morfológico para a análise da paisagem proposta por Sauer se apoia em 3 (três) postulados: (1) que existe uma unidade qualidade orgânica ou quase orgânica estrutural necessária, chamada de “forma”; (2) estas formas seriam “homólogas” em razão das semelhanças destas formas em estruturas diferentes; (3) e que estes elementos estruturais apresentariam um estágio inicial e um estágio final ou incompleto (SAUER, 1998). No que diz respeito às formas de paisagem e sua estrutura, ao dividi-la entre naturais e culturais, a primeira, de base geognóstica, leva em consideração materiais da crosta terrestre e formas do relevo, intemperismo, dinâmica atmosférica, cobertura vegetal e leva em consideração o tempo que levou os fatores às formas da paisagem.

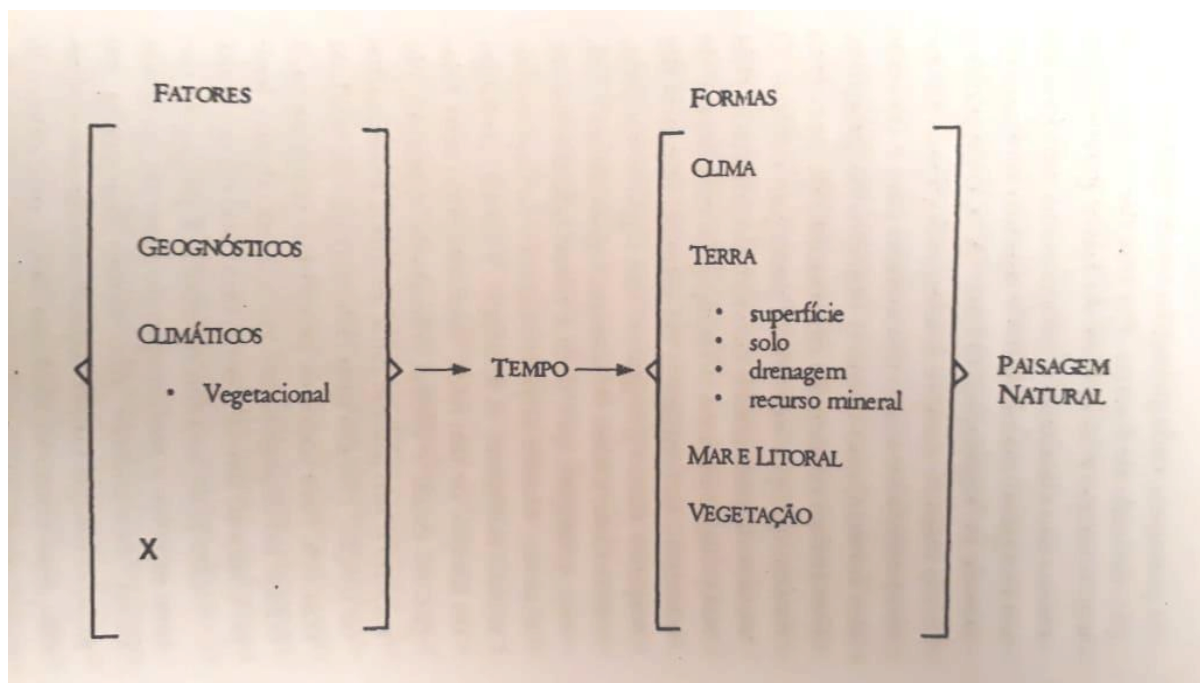


FIGURA 5 - Representação diagramática da morfologia da paisagem natural.

Fonte: SAUER, 1998, p. 49.

A partir das bases de estudos da geografia física e da paisagem natural, Sauer entende que estes podem contribuir para o entendimento das paisagens culturais por meio da sua lógica para entendimento dos fenômenos.

Descobertas recentes no campo da ecologia vegetal provavelmente irão propiciar muitas pistas úteis para o geógrafo humano, pois a morfologia cultural pode ser chamada de ecologia humana. (...). Desde que insistimos na exigência de mensurar as influências ambientais, podemos usar, em vez de ecologia, o termo morfologia aplicado ao estudo cultural (SAUER, 1998, p. 56).

Da mesma maneira que o diagrama elaborado para entender a evolução da paisagem natural, Sauer organiza a versão da paisagem cultural, tendo novamente o tempo papel fundamental na transformação dos fatores em forma, só que agora com outros elementos.

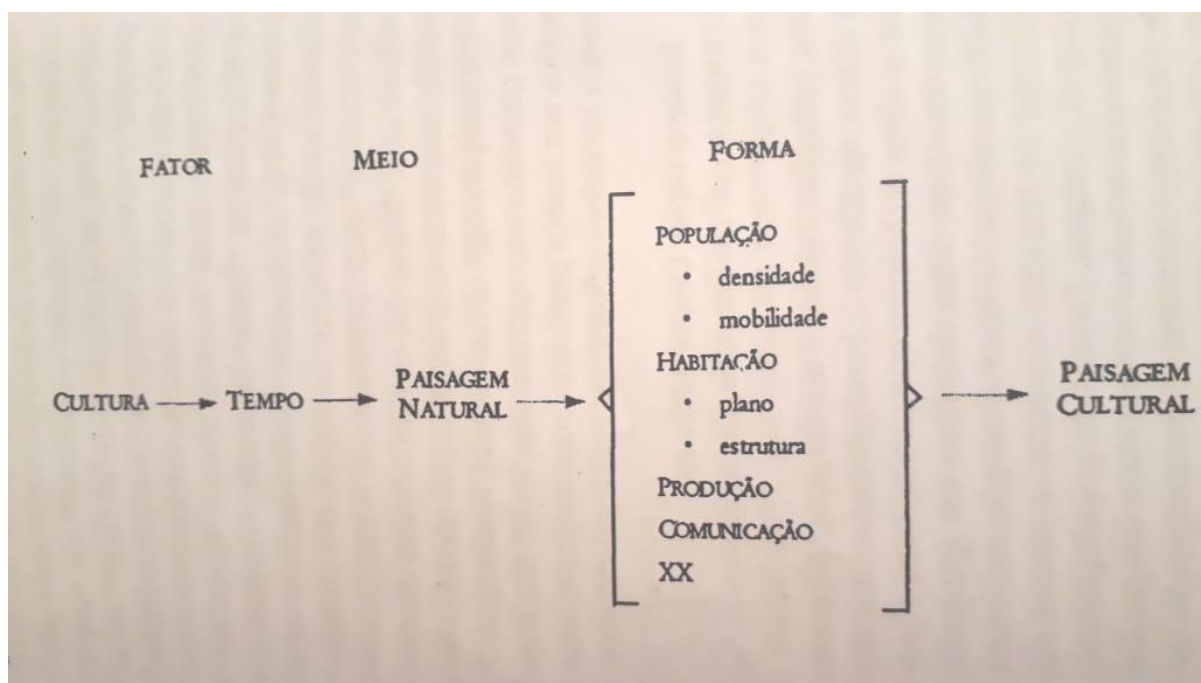


FIGURA 6 - Representação diagramática da morfologia da paisagem cultural.

Fonte: SAUER, 1998, p. 58.

É evidente a sobreposição de métodos entre o que seria natural e cultural para o autor, o que reforça a ideia de um positivismo da disciplina morfológica que transpõem a linha de raciocínio dos fenômenos da natureza para os da sociedade, tornando-os indissociáveis, típico dos estudos sociais anteriores da Antropologia estrutural desenvolvida por Claude Lévi-Strauss (1908-2009). Exemplo desta forma de pensamento se dá na ideia de evolução da paisagem e por meio do emprego dos termos “ciclo de desenvolvimento” e “adaptação”, além da noção de competição entre culturas diferentes, o que remete à ideia de seleção natural e competição a partir de organismos (neste caso culturas) mais e menos evoluídas, que o autor vai chamar a seguir de “cultura diferente”:

A paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural é o resultado. Sob a influência de uma determinada cultura, ela própria mudando através do tempo, a paisagem apresenta um desenvolvimento, passando por fases e provavelmente atingindo no final do término do seu ciclo de desenvolvimento. Com a introdução de uma cultura diferente, isto é, estranha, estabelece-se um rejuvenescimento da paisagem cultural ou uma nova paisagem se sobrepõem sobre o que sobrou da antiga. A paisagem natural é evidentemente de fundamental importância, pois ela fornece os materiais com os quais a paisagem cultural é formada. A força que modela, entretanto, está na própria cultura. (...). Este é o significado de adaptação, através da qual, auxiliado por aquelas sugestões que o homem aprendeu a partir da natureza, talvez por um processo imitativo, amplamente subconsciente, atingimos o sentimento de harmonia entre o habitat humano e a paisagem com a qual ela se mistura de forma tão adequada (SAUER, 1998, p. 59).

Por meio da análise de “A morfologia da paisagem” é possível traduzir uma máxima do pensamento saueriano, em que quem produz a paisagem é a cultura. “A cultura é o agente, a área natural é o meio, e a paisagem cultural, o resultado” (SAUER, 1998, p. 59). Também é possível entender a sua defesa pelas generalizações, sínteses e seleções de elementos formadores das paisagens culturais. O autor vai em direção ao exercício de comparações, e não ao de formulações teóricas, sendo as ideias de estágios de desenvolvimento e de visão sistêmica dos fenômenos uma herança do pensamento científico alemão. Finalmente, o texto fornece a base para uma metodologia própria em que é possível afirmar ter uma linha de pensamento autônoma dentro da Geografia Cultural, sendo que esta autonomia foi conquistada principalmente por meio do termo que começa a ser empregado, a paisagem cultural.

A obra do maior expoente da escola de Berkeley foi sendo consolidada ao longo do tempo e progressivamente revelou interesses de sistematização, generalização e classificação de paisagens em busca de uma lógica que ultrapassasse os registros dos fatos individuais (VALVERDE, 2019).

### 3.3. A consolidação do pensamento da Escola de Berkeley e a Antologia *Readings in cultural geography*

Ao longo dos cinquenta anos de produção acadêmica que traduziu uma inovadora forma de se fazer Geografia Cultural, a consolidação do pensamento desenvolvido em Berkeley foi de tamanha expressão que, muitas vezes, tem-se a impressão de, ao se tratar deste campo da Geografia, a perspectiva desta tradição

há de ser obrigatoriamente citada. Para Denis Cosgrove e Peter Jackson, críticos dessa perspectiva:

Apesar de raramente explicitarem seus trabalhos, baseavam-se no seguinte pressuposto etnológico: áreas geográficas distintas (paisagens) podem ser identificadas e descritas através do mapeamento dos elementos visíveis da cultura material produzida pelos grupos culturais unitários. Inevitavelmente, as paisagens eram identificadas como produtos de sociedades estáveis, pré-modernas e predominantemente agrícolas, ameaçadas pelos processos de modernização (COSGROVE e JACKSON, 2003, p. 136).

O livro antológico *Readings in Cultural Geography*, lançado em 1962, reúne os textos e ensaios que geógrafos e não geógrafos fizeram para sintetizar e ratificar “a força de uma comunidade, ressaltando sua unidade num contexto de diversificação teórico-metodológica da geografia americana” (CORRÊA, 2001, p. 18). Em sua versão original, apresenta uma estrutura que reforça o pensamento saueriano. A introdução geral (*General Introduction*) feita por Wagner e Mikesell expõem as cinco linhas de interesse proferidas por Sauer: cultura (*culture*), área cultural (*cultural area*), paisagem cultural (*cultural landscape*), história da cultura (*culture history*) e ecologia cultural (*culture ecology*). A Parte 1, “Orientações (*Orientation*)”, os autores ilustraram as intenções epistemológicas dos estudos de Berkeley, como as defesas do relacionismo herdado pelo pensamento boasiano (Sauer), ecletismo nas pesquisas (Platt e Rostlund) e análise histórica por meio da ecologia humana (Sorre). Por sua vez, a parte 2 (Áreas Culturais e Distribuições) abordava temas diversos como etnografia, linguagem, religião, topônimos e formas de habitação, contando com o texto do geógrafo brasileiro Carlos Miguel Delgado de Carvalho (1884-1980). A parte 3 se consagrou as “Origens Culturais e Dispersões” (*Cultural Origins and Dispersals*), lançando luz nas questões relativas aos fluxos através da abordagem de migrações, difusão, diversificação e influências externas que modificaram as culturas locais, levando a entender uma espécie de competição que desencadearia em uma “seleção cultural” na lógica da seleção natural ((WAGNER e MIKESSELL, 1962, p. 203). Na última parte, denominada “Paisagem e Ecologia” (*Landscape and Ecology*), os autores salientaram os problemas relativos à ecologia cultural, as conotações culturais de hábito e habitat por meio da análise indutiva, primeiramente, pelo trabalho humano e, posteriormente, considerando as modificações impressas na paisagem. Nessa parte, aparece o conhecido termo “gênero de vida” de Vidal de La Blache por meio do texto *The Concept of Genre de Vie*, cuja autoria é de Maximilien Sorre. Sobre

a relação entre paisagens culturais e problemas em ecologia cultural, os autores estabelecem:

Ambos os temas implicam interesse na relação entre natureza e cultura, mas é difícil distinguir entre forças que estão claramente dentro e claramente além do controle humano. Os resultados de várias décadas de pacientes estudos nos ensinaram que o homem age na natureza e não sobre ela, e não apenas em resposta às exigências da natureza<sup>14</sup> (WAGNER e MIKESSELL, 1962, p. 369, tradução nossa).

Sobre a questão do emprego do conceito de supraogânico em Berkeley, quando afirmam Wagner e Mikesell (1962, p. 369) a “dificuldade em distinguir entre forças que estão claramente dentro e claramente além do controle humano” (*difficult to distinguish between forces that are clearly within and clearly beyond human control*), novamente vem à tona por reconhecer influências que vão além da concepção materialista de cultura.

No processo de consolidação, além dos nomes já referendados, segundo Corrêa (2001 in CORRÊA e ROSENDAHL, 2001), são exemplos de alguns geógrafos da escola de Berkeley de grande representatividade Derwent Whittlesey (1890-1956), que ofereceu uma tipologia geral das atividades agropastoris em escala mundial rompendo com classificações anteriores que as relacionavam diretamente com as condições climáticas locais; Glenn Thomas Trewartha (1896-1984), que analisou as implicações socioeconômicas e transformações ao longo do tempo em ambientes rurais por meio das interrelações entre dois temas básicos de Berkeley, que são a paisagem e a história espacial da cultura; Fred Bowerman Kniffen (1900-1993), que estudou a diversidade das paisagens culturais a partir dos padrões de construção das casas e forneceu nova perspectiva a partir da morfologia e distribuição espacial, podendo se constituir como base para a definição do que o autor denomina de regiões geográfico-culturais (*culturogeographic regions*); Dan Stanislawski (1903-1997) que contribuiu para o tema de história da cultura a partir da perspectiva da difusão espacial; Wilbur Zelinsky (1921-2013), na investigação sobre o estabelecimento de conexões com a história da cultura e delimitação de áreas culturais; e David Lowenthal (1923-2018), tendo estudado a diversidade e a unidade cultural em distintas áreas do mundo, aplicando a essas abordagens os métodos regionais e da

---

<sup>14</sup> No original: *Both themes imply interest in the relation of nature and culture, but it is difficult to distinguish between forces that are clearly within and clearly beyond human control. The results of several decades of patient study have taught us that man acts in and upon nature, and not merely in response to the demands of nature.*

geografia sistemática, ambos incorporados pela Geografia Cultural. Lowenthal também é creditado por ter feito os estudos de patrimônio se tornarem uma disciplina própria.

Em comparação à tradição anterior analisada (germânica), houve no caso da escola de Berkeley real intenção em constituir uma forma inovadora de investigação em Geografia Cultural. Enquanto no pensamento alemão foi possível observar os primeiros estudos em espaço e cultura, o que ocorreu na Califórnia ao longo do século XX tem data de início e término desta clara perspectiva, dotada de novos temas nas disciplinas de ecologia cultural, ecologia política e história ambiental por meio da aceitação de novos paradigmas e metodologias nas Ciências Sociais e Humanas. Também resultaram em uma nova agenda interdisciplinar de pesquisa que tratam “de questões mais ‘espinhosas’ como saberes locais, gênero, conflitos e discursos políticos e movimentos sociais, sem perder de vista a abordagem histórico-cultural” (MATHEWSON e SEEMANN, 2008, p. 81).

Críticas ao pensamento de Berkeley também foram tecidas, tanto interna quanto externamente, sendo a conhecida “renovação da geografia cultural” ocorrida na década de 1970 exemplo destas reações. Roberto Lobato Corrêa (2001) finaliza seu artigo intitulado “Carl Sauer e a Escola de Berkeley - uma apreciação” exatamente com tais críticas, como: uma das primeiras, feita por Richard Hartshorne em 1939, diz respeito ao fato de os geógrafos culturais terem privilegiado apenas a cultura, um dos múltiplos elementos que interagem na área; geógrafos da linha teórico-quantitativa argumentaram que os geógrafos culturais estavam mais voltados ao passado; na linha crítica, como James Morris Blaut (1927-2000), argumentou que esqueceram o papel do Estado, dos limites territoriais e das classes abastadas no exercício das relações de poderes<sup>15</sup>. Esses são exemplos de críticas externas, sendo as internas selecionadas a seguir de acentuada contundência.

Wagner e Mikessel (1962) indicam que a preocupação do geógrafo cultural não seria explicar as dinâmicas internas da cultura, sendo que Mikessel recheia de críticas o artigo “Posfácio: novos interesses, problemas não resolvidos e tarefas que

---

<sup>15</sup> Outra crítica à Escola de Berkeley seriam: “o pouco interesse em uma visão pragmática e a ênfase no estudo de sociedades tradicionais constituem-se em críticas oriundas dos geógrafos vinculados à geografia teórico-quantitativa. A ausência de uma sensibilidade social, crítica, nos estudos das sociedades tradicionais, em realidade, grupos dominados pela exploração capitalista, constituía-se, por outro lado, na crítica dos geógrafos vinculados à perspectiva do materialismo histórico” (CORRÊA e ROSENDAHL, 2003, p. 11).



persistem” (*Afterword: new interests, unsolved problems, and persisting tasks*, publicado em 1994), chegando a desconfiar que também seja enganoso rotular Sauer quanto um geógrafo cultural (MIKESELL, 2000).

Em suma, os estudos em cultura e espaço desenvolvidos na Universidade de Berkeley progressivamente passaram a se desvincular do pensamento saueriano, sendo que este caminho de renovação não representa a anulação dos estudos e postulados desenvolvidos anteriormente. A Escola de Berkeley contribuiu efetivamente para a incorporação de novas abordagens, interesses e, principalmente, pela prospecção temática que enriqueceu as pesquisas em Geografia Cultural, sendo que dentre as perspectivas em geografia cultural, talvez seja a de maior prestígio e reconhecimento.

#### 4. A ESCOLA FRANCESA

##### 4.1. O pensamento vidaliano, o gênero de vida e a Cultura

A Escola Geográfica Francesa tem origem na Terceira República (1870-1940), período marcado pelo centralismo do governo que buscava a diminuição dos conflitos interregionais. A exemplo da Comuna de Paris (1871), o discurso sobre a necessidade de pacificação da nação fez com que o Estado traçasse uma estratégia de construção da unidade nacional, sendo a Geografia uma ferramenta para alcançar tal objetivo. Com a reforma escolar ocorrida no período, é instituído o ensino primário gratuito, laico e obrigatório, havendo forte investimento na formação de professores. A Geografia enquanto componente curricular se assume um instrumento que “através de extratos de obras regionalistas ou de textos universitários, as crianças descobriam não somente uma geografia técnica, mas também uma geografia sensível” (THIESSE, 2009, p. 19).

Se, em razão da Guerra Franco-Prussiana (1870-1871), poderia haver dúvidas das trocas entre França e Alemanha, o próprio combate da ideologia imperialista bismarckiana fez com que o pensamento geográfico francês fosse originado pelo diálogo com Ratzel (MORAES, 2007). Um exemplo é que ambas partilhavam do entendimento que as manifestações culturais no espaço seriam observadas de forma circunscrita ao seu caráter material, como, por exemplo, pelos instrumentos utilizados por determinadas populações ou pelos aspectos apresentados pela paisagem onde se encontram os agrupamentos humanos: ao analisar “artefatos criados pelos

homens, dos gêneros de vida que os colocam em ação e das transformações nas paisagens” (CLAVAL, 2001, p.35). Por essa associação, entende que os fatos da cultura não eram analisados sob o ângulo da atividade mental dos portadores da cultura, nem das relações que se desenvolvem entre si, sendo limitados às descrições de paisagens e úteis para a construção do inventário das formas passadas e atuais (CLAVAL, 2001).

O emprego da palavra “cultura” não é usual nos trabalhos da Geografia segundo a perspectiva francesa, sendo usado no lugar “*civilisation*”, que pode ser entendido como “sociedades” no contexto atribuído a Pierre Deffontaines (1869-1930) ou atribuída à descrição dos “gêneros de vida”, como é verificado em Jean Brunhes (1869-1930)<sup>16</sup> e, logicamente, a Paul Vidal De La Blache (1845-1918), responsável por cunhar este termo. Também eram usados os termos “espírito” e “personalidade”; é neste sentido que, logo ao início de Quadros de Geografia da França, Vidal De La Blache defende que a França possui uma única personalidade (Cultura). Para Claval, existem duas dificuldades maiores para abarcar o assunto sobre o desenvolvimento da abordagem cultural na geografia humana, sendo estes:

- (a) A primeira deriva do lugar da cultura no domínio da geografia humana: para a maioria dos geógrafos culturais, a geografia cultural aparece como um subcampo da geografia humana. Para eles, a sua natureza é semelhante à da geografia econômica ou da geografia política. Para uma minoria - e eu faço parte dela - todos os fatos geográficos são de natureza cultural. Esses geógrafos preferem falar de abordagem cultural na geografia e não de geografia cultural. (...). Uma consequência dessa perspectiva é a seguinte: no final do século XIX, o interesse pela cultura se desenvolvia ao mesmo tempo que o interesse pela geografia humana, mas, nessa época, a epistemologia da geografia era de inspiração naturalista ou positivista. O resultado foi que os geógrafos não poderiam dar à cultura o seu devido papel. (...).
- (b) A segunda dificuldade refere-se a uma tradição geográfica que é desconhecida de vocês, envolvendo nomes e obras da maioria dos geógrafos que desempenharam importante papel no domínio dos estudos culturais (CLAVAL, 2003, p. 147-148).

Ainda sobre esta relação entre a geografia humana com os estudos culturais, para Claval a geografia a capta numa óptica reducionista, pois “a ênfase é colocada sobre as técnicas, os utensílios e as transformações da paisagem. A difusão é o único aspecto abordado da transmissão de culturas” (CLAVAL, 2007, p. 40). Relacionando

---

<sup>16</sup> As obras selecionadas por Deffontaines para a coleção Gallimard de Geografia Humana em 1932 sobre aspectos culturais “colocam a ênfase sobre o meio, ou sobre as plantas, os animais ou os produtos que são especificidade a certos gêneros de vida” (CLAVAL, 2007, p. 38), como *La Civilisation de la vigne* (A civilização da vinha) de Armand Perrin, *La Civilisation du renne* (A civilização da rena) de André Leroi-Gourhan, e *Une Civilisation du miel* (Uma civilização do mel) de Jacques Vellard.

esse limitado e específico emprego da palavra “cultura” com a difusão espacial, temos por exemplo a seguinte passagem de Brunhes (1920, p. 165).

Além da modificação inteligente que o homem realiza através das pastagens, com vistas à sua exploração, ele ainda contribui para a difusão de plantas e animais inferiores transportando espécies da zona de habitação permanente para a zona de manejo, ou vice-versa<sup>17</sup> (BRUNHES, 1920, p. 165, tradução nossa).

A Geografia Francesa deu ênfase ao papel dos hábitos que formam e diferem os espaços, sendo esse o fator que desencadeia em sociedades mais ou menos evoluídas tecnicamente.

Como os hábitos e os meios fabricados na exploração da natureza tornam-se mais ou menos belicosos e preparam, desigualmente, para o emprego das armas, a violência vem frequentemente determinar o conteúdo das relações: certos grupos dominam e exploram os outros (CLAVAL, 2007, p. 35).

O responsável pela ponte entre a tradição alemã com os estudos franceses foi La Blache, que parte da concepção humana que Friedrich Ratzel havia proposto, “o estudo das influências do meio sobre as sociedades humanas” (CLAVAL, 2007, p. 33).

Mas basta considerar o que chamamos de novos países (...) para apreciar as mudanças geográficas que resultam da substituição de um gênero de vida por outro. Aqui estamos testemunhando transformações que não apenas consistem na introdução de novos elementos, mas que perturbam todo o equilíbrio anterior da natureza viva, causam um tremor profundo, que se estende à natureza inorgânica. A vegetação muda em torno das pastagens onde nossos rebanhos estão instalados; a árvore aparece onde sua presença foi excluída; certas plantas não convocadas vêm por vontade própria ao chamado de nossas culturas<sup>18</sup> (DE LA BLACHE, 1911, p. 193-194, tradução nossa).

O pensamento lablacheano deveu muito à Geografia Alemã, mas a Escola Francesa conheceu sua plenitude quando elaborou sua própria concepção de Geografia Humana: “Esta concepção deu à disciplina uma definição antropocêntrica.

---

<sup>17</sup> No original: *Besides the intelligent modification which man brings about in pasture land with a view to its exploitation, he further contributes to the diffusion of plants and the lower animals by transporting species from the zone of permanent habitation to the zone of the casere, or vice versa.*

<sup>18</sup> No original: *Mais il suffit de considérer ce qu'on appelle les pays neufs (...) pour apprécier les changements géographiques qu'entraîne la substitution d'un genre de vie à un autre. Nous assistons là à des transformations qui ne consistent pas seulement dans l'introduction d'éléments nouveaux, mais qui dérangent tout l'équilibre antérieur de la nature vivante, causent un ébranlement profond, qui s'étend jusqu'à la nature inorganique. La végétation se modifie autour des pâturages où sont installés nos troupeaux; l'arbre paraît là où sa présence était exclue; certaines plantes non convoquées accourent d'elles-mêmes à l'appel de nos cultures*

Foi para concretizá-la cientificamente que os vidalianos se voltaram para os trabalhos de Ratzel e o método regional” (BERDOULAY, 2017, p. 231). Sobre a ênfase nas atividades humanas e o gênero de vida, diz De La Blache (1911, p. 194).

O gênero de vida constituído implica uma ação metódica e contínua, começando muito forte, na natureza, ou, para falar em geógrafo, na fisionomia dos países. Sem dúvida, a ação do homem foi sentida em seu ambiente desde o dia em que sua mão se armou de um instrumento<sup>19</sup> (DE LA BLANCHE, 1911, p. 194, tradução nossa).

Em relação à La Blache, segundo Gomes, são quatro as ideias principais recorrentes em sua obra: organismo, meio, ação humana e gênero de vida.

A primeira, organismo, é um lugar-comum da época que serviu para colocar em questão a natureza mecânica que dominava no século precedente (XVIII) remanescente de uma razão galileana/newtoniana, dotado este de uma causalidade que é sua realização enquanto ser, sendo exemplos a Terra, a paisagem, a região, as nações e a cidade; a segunda, meio, para Vidal trata-se do resultado de um campo de ação e de tensão particular que é o próprio objeto do conhecimento, sendo o estudo do meio o ponto de partida da pesquisa geográfica; a terceira, ação humana, tem a sua especificidade com relação aos outros elementos a partir de sua maior capacidade de transformação, tendo um papel central na organização do meio; e a quarta e última, gênero de vida, que seria a essência do objeto da geografia, é a ideia mais conhecida da obra lablacheana (2016, p. 198).

A noção de gênero de vida introduz na geografia humana uma lógica que estimula a integração de aspectos comportamentais cada vez mais variados: “Naturalista pela sua origem e suas justificações, ela deriva rapidamente para posições mais humanistas” (CLAVAL, 2007, p. 35). Os gêneros de vida apresentam potencialidade para o entendimento das manifestações culturais do passado, pois para La Blache (1913 apud GOMES, 2016, p. 205), “as formas atuais só são inteligíveis se as encaramos na sucessão da qual fazem parte”. Gomes indica que

Os gêneros de vida atuais são, portanto, resultados contingentes dos gêneros de vida anteriores, ao longo de uma cadeia contínua, regida não por uma ideia de necessidade, mas somente de possibilidade (GOMES, 2016, p. 205).

Ainda acerca do conceito de gênero de vida e o tempo, Antonio Carlos Robert Moraes estabelece que

A obra vidaliana concebia o homem como antigo hóspede de vários pontos da superfície terrestre, que em cada lugar se adaptou ao meio

---

<sup>19</sup> No original: *Un genre de vie constitué implique une action méthodique et continue, partant très forte, sur la nature, ou, pour parler en géographe, sur la physionomie des contrées. Sans doute, l'action de l'homme s'est fait sentir sur son environnement d's le jour où sa main s'est armée d'un instrument.*

que o envolvia, criando, no relacionamento constante e cumulativo com a natureza, um acervo de técnicas, hábitos, usos e costumes que lhe permitiram utilizar os recursos naturais disponíveis. A este conjunto de técnicas e costumes, construído e passado constantemente, Vidal denominou 'gênero de vida' (MORAES, 2007, p. 81).

Conforme aponta Claval, a ambição de Vidal de La Blache foi a de explicar os lugares, e não as relações entre as pessoas, sendo a Geografia a “ciência dos lugares, e não dos homens” (LA BLACHE, 1913 apud CLAVAL, 2007, p. 33). Desta forma, por meio da noção de gênero de vida, “a cultura pertinente é aquela que se apreende através dos instrumentos que as sociedades utilizam e das paisagens que modelam” (CLAVAL, 2007, p. 33), sendo esta ideia comungada entre os alemães, os franceses e também os estadunidenses da escola de Berkeley.

Sabemos que a fisionomia de um país provavelmente mudará muito, dependendo do tipo de vida praticada por seus habitantes. Essas mudanças dificilmente nos atingem na Europa, porque as condições de existência existem, por assim dizer, estereotipadas, fixadas por vários séculos. Ainda assim, eles não escapariam dos olhos atentos, e nós, sobre as culturas, os agrupamentos e a fisionomia das regiões das modificações que não são insensíveis<sup>20</sup> (DE LA BLACHE, 1911, p. 193, tradução nossa).

Se a cultura é para Vidal de La Blache e demais geógrafos pioneiros nestes estudos, “aquilo que se interpõe entre o homem e o meio e humaniza as paisagens” (CLAVAL, 2007, p. 35), a partir da observação dos elementos pela reunião resultante da delimitação espacial, seria possível estabelecer relações explicativas dos “fenômenos encadeados”, ideia muito cara ao pensamento de Vidal. “Assim, para cada região, existe um movimento particular resultante das combinações múltiplas entre os elementos que a compõem” (GOMES, 2016, p. 210). Desta forma, a cultura serviria enquanto produto de dominação, pois a intervenção humana garantiria o progresso, e também pode ser entendida como ferramenta para a estabilidade dos domínios regionais em um movimento de imperialismo.

De qualquer forma, os gêneros de vida baseados em combinações tão simples como a que une a rena com o homem que a domesticou e com o líquen que serve como alimento, não poderiam modificar apreciavelmente a fisionomia do país. É o contrário nas regiões da terra onde atualmente a vida está em pleno andamento. Os relacionamentos não são estabelecidos entre unidades simples, mas entre associações

---

<sup>20</sup> No original: *On sait que la physionomie d'une contrée est susceptible de changer beaucoup suivant le genre de vie qu'y pratiquent ses habitants. Ces changements ne nous frappent guère en Europe, parce que les conditions d'existence y sont, pour ainsi dire, stéréotypées, fixées depuis plusieurs siècles. Encore pourtant n'échapperaient-ils pas à des yeux attentifs, et nous sur les cultures, les groupements et la physionomie des contrées des modifications qui ne sont pas insensibles.*

mais ou menos poderosas, mais ou menos compactas e fechadas<sup>21</sup> (DE LA BLACHE, 1911, p. 196, tradução nossa).

La Blache entende que o contato entre civilizações diferentes seria necessário para o rompimento de formas de organização distintas, sendo essa visão uma espécie de lamarckismo geográfico (VALVERDE, 2019), em que mudanças no ambiente causariam mudanças nas necessidades e no comportamento dos habitantes que ali viviam. Berdoulay (2017) destaca que a circulação e o comércio foram importantes para o pensamento vidaliano

A ação do homem é exercida à custa de associações preexistentes, que se opõem a ele com uma resistência desigual. Se ele conseguiu transformar grande parte da terra para seu próprio lucro, não faltam regiões onde ele permaneceu como resultado. O sucesso, nas partes da terra que ele conseguiu humanizar, foi obtido apenas à custa de uma ofensiva, onde, além disso, ele encontrou aliados<sup>22</sup> (DE LA BLACHE, 1911, p. 200, tradução nossa).

Desta forma, o que interessaria à análise seria o resultado da ação humana na paisagem, e não esta em si mesma” (MORAES, p. 79-80, 2007). Ao dar ênfase aos aspectos humanos na análise geográfica “defendeu o componente criativo (a liberdade) contido na ação humana, que não seria apenas uma resposta às imposições do meio” (MORAES, p. 79, 2007). Neste processo de atribuir mais ênfase aos fenômenos espaciais ligados à esfera humana e, em segundo plano, aos aspectos físicos do ambiente, “Vidal de La Blache preferencialmente estudou, essa adaptação se traduzia na adoção de um modo de vida (...): caça, pesca, criação de bovinos, ovelhas, suínos, cavalos, agricultura etc.” (CLAVAL, 2003, p. 149). Max Sorre na mesma direção estabelece que a noção de gênero de vida

é extremamente rica, pois abraça a maioria, se não a totalidade, das atividades do grupo e mesmo dos indivíduos. É preciso chegar a um estágio adiantado de cultura para assistir a uma espécie de liberação. Estes elementos materiais e espirituais são, no sentido exato da palavra, técnicos, processos transmitidos pela tradição e graças aos quais os homens asseguram uma posse sobre os elementos naturais. (SORRE, 2012, p. 318).

---

<sup>21</sup> No original: *En tout cas, des genres de vie fondés sur des combinaisons aussi simples que celle qui unit le Renne à l'Homme qui l'a domestiqué et au Lichen qui lui sert de nourriture, ne sauraient modifier sensiblement la physionomie de la contrée. Il en est autrement dans les régions de la terre ou actuellement la vie bat son plein. Les rapports ne s'établissent pas entre simples unités, mais entre associations plus ou moins puissantes, plus ou moins compactes et fermées.*

<sup>22</sup> No original: *L'action de l'homme s'exerce aux dépens d'associations préexistantes, qui lui opposent une résistance inégale. S'il a réussi à transformer à son profit une grande partie de la terre, il ne manque pas de contrées où il est resté à la suite. Le succès, dans les parties de la terre qu'il est parvenu à humaniser, n'a été obtenu qu'au prix d'une offensive, où, d'ailleurs, il a trouvé des alliés.*

Deste modo, o gênero de vida aparecia como uma solução ao problema de extrair do meio ambiente o que se necessitava para sobreviver, sendo compreendido como um conjunto de técnicas e hábitos. Daí o entendimento de cultura presente em sua obra aparece, segundo Paul Claval, “com uma dupla face” “a da técnica, com as possibilidades de inovação (daí o possibilismo vidaliano) e o da força de hábito, que aparecia como o maior fator de inércia dos grupos humanos” (CLAVAL, 2003, p. 150).

Mesmo acentuando o propósito humano da Geografia, o que possibilita aferir ao pensador o que seriam os primordiais ensaios culturais na Geografia Francesa, principalmente em razão de seu termo “gênero de vida”, Vidal propôs o método empírico-dedutivo nas pesquisas, pelos quais só se formulam juízos a partir dos dados da explicação direta. Ao se limitar à explicação dos elementos e processos visíveis, esta foi concebida como um estudo da paisagem, ou seja, apenas de uma porção da superfície da Terra, carecendo de aprofundamento.

A Geografia vidalina fala de população, de agrupamento, e nunca de sociedade; fala de estabelecimentos humanos, não de relações sociais; fala das técnicas e dos instrumentos de trabalho, porém não de processo de produção. Enfim, discute a relação homem-natureza, não abordando as relações entre os homens. E por esta razão que a carga naturalista é mantida, apesar do apelo à História, contido em sua proposta (MORAES, 2007, 84).

À guisa de conclusão, a epistemologia de Vidal de La Blache para Berdoulay (2017, p. 227) “teve a originalidade de não deixar a geografia se fechar em um quadro dedutivo e reducionista: ela buscou levar em conta a criatividade presente não somente na atividade do cientista como também na área estudada”. Também “colocou o homem como um ser ativo, que sofre a influência do meio, porém que atua sobre este, transformando-o” (MORAES, 2007, p. 81). Portanto, além do fato de La Blache ter permitido à Geografia se firmar como uma disciplina com a mesma estatura das demais, sua perspectiva antropocêntrica forneceu lastro às interpretações das manifestações culturais no espaço que tiram proveito de uma perspectiva metafísica, que futuramente seria aproveitada pelos estudos humanísticos em Geografia.

#### 4.2. A produção francesa de estudos da cultura entre os séculos XIX e XX

Na transição entre os séculos XIX e XX, para Berdoulay, alguns temas foram abandonados progressivamente, mas devem ser sublinhados, pois seriam os que melhor permitem entender o pensamento de La Blache e sua relação com o tema cultural, além de estabelecerem, mais uma vez, relação com a perspectiva alemã.

Bastante esquecido hoje, um desses temas essenciais foi o da “civilização”. Além do fato de que Vidal lhe tentou dar uma visão geográfica, sobretudo por intermédio do conceito de “gênero de vida”, a maneira pela qual o tema foi tratado reproduziu a abordagem histórico-cultural largamente desenvolvida pelos antropólogos e antropogeógrafos alemães (BERDOULAY, 2017, p. 187).

Outra marca do pensamento francês que foi delineado e continuou vigente nas produções desta perspectiva foi em relação à Geografia Histórica, sendo esta a análise da “história dos fenômenos de longa duração, a história das evoluções lentas, a história das classes baixas e analfabetas” (CLAVAL, 2003, p. 154). Apesar dessa inovação ter sido mais profícua para os historiadores e, mais particularmente, para a Escola dos *Annales* de Fernand Braudel (1902-1985), esta dimensão histórica foi elemento fundamental na concepção francesa de estudos do espaço.

A dimensão histórica esteve presente na geografia francesa desde Vidal de La Blache, mas o seu objetivo era diferente do da geografia britânica. Os geógrafos britânicos ensaiavam reconstruir o que era a geografia humana, política, econômica etc., no tempo de César, de Guilherme, o Conquistador, ou de Cromwell. Os geógrafos franceses, por outro lado, interessavam-se em estudar a evolução específica de objetos geográficos: formas de paisagem, sistemas agrários, planos de cidades. Não tiveram grande interesse pela geografia na época de Carlos Magno ou de Luís XIV. Eles procuraram explorar as temporalidades próprias dos fenômenos geográficos (CLAVAL, 2003, p. 154).

Em uma seleção de nomes da Geografia Francesa que também foram fundamentais para os estudos culturais apresentada por Paul Claval no texto “A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na geografia” (2003), o pesquisador aponta os seguintes nomes: Gourou, Richard-Molard, Gallais, Demangeon, Gottman e Brunhes. Pierre Gourou (1902-2001) é um nome frequentemente associado à chamada “geografia tropical” e dedicou sua carreira a pensar a temática do subdesenvolvimento para além da Europa.

Herdeiro da tradição de Vidal de La Blache, Gourou foi também intimamente ligado aos conceitos de civilização e longa duração, de tradição braudeliana. Para ele, civilização comporia o conjunto de técnicas de exploração da natureza, de técnicas agrícolas e de técnicas industriais, por meio das quais se organizaria o espaço, sendo o elemento humano um componente da paisagem (BOMFIM, 2017).

Jacques Richard-Molard (1913-1951), nascido na Tunísia, morreu precocemente em um trabalho de campo na costa ocidental da África. Para ele

os grupos humanos dispunham de dois tipos de técnicas para extrair do meio ambiente aquilo de que necessitavam: as técnicas de produção e as técnicas de organização social, ou técnicas sociais. Ele



modernizou dessa maneira a visão vidaliana da cultura. As culturas sempre apareciam como feitas de duas partes, mas falar de técnicas sociais gerava um papel mais efetivo à dimensão social da cultura (CLAVAL, 2003, p. 150).

Jean Gallais (1926-1988), outro geógrafo do “mundo tropical”, nos anos 1960, 1970 e 1980 “utilizou a herança vidaliana para interpretar a geografia das sociedades mais complexas do Sahel, da África Ocidental e da Etiópia” (CLAVAL, 2003, p. 151). Por sua vez, Albert Demangeon (1872-1940) foi professor de Geografia social na Universidade Sorbonne, instituição pública de ensino e pesquisa em Paris. Deu ênfase à “gênese e o papel das paisagens alteradas pela ação humana” (CLAVAL, 2003, p. 152). Também considerava uma abordagem histórica ou funcionalista e foi pioneiro no uso de pesquisas para coletar informações sobre questões sociais. Jean Brunhes (1869-1930), um nome de destaque, lecionou na Universidade de Fribourg, na Suíça, e por isso teve relações mais estreitas com a Geografia Alemã, desenvolvendo interesse pela paisagem na década de 1900.

O estudo das paisagens começava, para Jean Brunhes, por uma classificação dos usos do solo e uma análise do funcionamento das fazendas, oficinas, usinas ou lojas na área escolhida. Essa fase tinha de ser acompanhada pela exploração dos fatores históricos e etnográficos que explicavam uma grande parte das formas observadas. Essa é a razão pela qual a geografia de Jean Brunhes dava mais peso à cultura que as de Vidal de La Blache ou Damageon (CLAVAL, 2003, p. 153).

Para Brunhes, não deveria existir uma fronteira entre a Geografia e a Antropologia (em especial a Etnografia), pois haveria “zonas de fatos de transição nas quais o interesse geográfico vai crescendo e a importância etnológica crescendo, ou inversamente” (apud BERDOULAY, 2017, p. 190), conforme afirma em sua mais conhecida publicação, “Geografia Humana” (*La géographie humaine*), lançado em 1910. Mesmo no intuito dessa busca pela interdisciplinaridade, críticas foram tecidas, pois enquanto os vidalianos se esforçaram no sentido de destacar o homem como transformador da natureza, os durkheimianos os criticaram por não estudar adequadamente a influência causal do meio na organização social. “Tal diálogo de surdos foi, dessa forma, decorrente menos de um problema ‘territorial’ entre as duas disciplinas do que uma maneira de conceber seus objetivos e abordagens” (BERDOULAY, 2017, p. 191-192).

Sobre o seu referido livro, “A geografia humana”, para Claval (2007, p. 37) “o autor dedica-se aí a definir os métodos de maneira rigorosa: a geografia humana tem

por missão analisar os fatos da ocupação do solo, seja ela produtiva ou destrutiva”, sendo que a parte atribuída à cultura é mínima: “ela pode ser lida nos parágrafos consagrados à descrição dos gêneros de vida (...) Brunhes (...) assinala as relações estreitas que estabelece com a etnografia (CLAVAL, 2007, p. 37). Ainda sobre o seu método, baseado na defesa incondicional ao positivismo, a passagem que dá maior destaque ao termo cultura em todo o livro apenas é utilizada para criticar outras formas de abordagens que o autor menospreza.

O livro na íntegra é uma reação contra a metafísica fraseológica, mística ou política, que há muito permeia as obras geográficas de certos países: harmonias terrestres, direito superior desta ou daquela raça, ou deste ou daquele império, discussão sobre "estágios" da "cultura instintiva" e "cultura animal", da "cultura instintiva" e "cultura racional", etc. Não vamos onerar a geografia com tais teses, com essas análises e com tais argumentos. Eles pertencem a outros ramos da aprendizagem ou... outros interesses. Nosso esforço no domínio de um positivismo científico foi rigorosamente subordinado ao método positivo<sup>23</sup> (BRUNHES, 1920, p. 10, tradução nossa).

Pierre Deffontaines (1894-1978), que foi citado no começo desta seção dedicada à Escola Francesa em Geografia Cultural, além do trabalho de seleção de trabalhos sobre aspectos culturais para a coleção Gallimard de Geografia Humana lançada em 1932, que coloca luz sobre o gênero de vida, tem um conhecido trabalho em que elabora o mapa dos telhados na França para o livro *Géographie de la France* (1956), de Brunhes, “sendo este material próximo das pesquisas dos etnógrafos e dos folcloristas” (CLAVAL, 2007, p. 38). Por sua vez, Maximilian Sorre (1880-1962), que foi docente na Universidade de Sorbonne, manteve os fundamentos da proposta vidalina, desenvolvendo-a de maneira mais aprofundada e complexa, entendendo o espaço como “a morada do homem”.

O conceito central desenvolvido por Sorre foi o de *habitat*, uma porção do planeta vivenciada por uma comunidade que a organiza. O *habitat* é assim uma construção humana, uma humanização do meio, que expressa as múltiplas relações entre o homem e o ambiente que o envolve (MORAES, 2007, p. 90).

---

<sup>23</sup> No original: *The book in its entirety is a reaction against the metaphysical phraseology, mystical or political, which has so long pervaded the geographic works of certain countries: earth harmonies, superior rights of this or that race, or this or that empire, discussion of the "stages" of "instinctive culture" and "animal culture," of "instinctive culture" and "reasoned culture," etc. Let us not encumber ourselves in geography with such theses, with such analyses, with such arguments. They belong to other branches of learning or... other interests. Our effort in the domain of a positive science has been rigorously subordinated to the positive method.*



FIGURA 7 - Mapa dos dois principais tipos de tetos na França, elaborado por Jean Brunhes e Pierre Deffontaines. Fonte: CLAVAL, 2007, p. 240.

Para Moraes (2007), a Geografia de Sorre pode ser entendida como um estudo da Ecologia do homem, isto é, preocupada com a relação dos agrupamentos com o meio em que estão inseridos, sendo a ação humana a responsável pela transformação deste meio. Assim, as condições do meio geográfico, fruto da ação dos homens, não seriam as mesmas do meio natural, devendo a análise geográfica abarcar este processo de humanização. Procura-se desvendar as estruturas que formam um palimpsesto espacial, algo que marca os estudos culturais franceses pela ênfase nos processos do passado. Ressalta Moraes (2007, p. 91) que:

A sua proposta de método do autor partia da cartografia: a ideia de sobreposição de dados da observação, em um mesmo espaço, analisando historicamente a formação de cada elemento, desde os naturais até os sociais. Assim, se chegaria a compor, por sobreposição de informações, um quadro da situação atual, e aí se estudaria seu funcionamento, inter-relacionando os elementos presentes. Assim, um estudo primeiro histórico e parcelado, depois ecológico e integrado (MORAES, 2007, p. 91).

Um curioso exemplo dessa inter-relação consta na seguinte citação em que Sorre faz referência às ações que se verificam sob o título de gênero de vida cuja técnica material tem correspondência com uma técnica religiosa ou mágica.

Em outro estágio de civilização, todos os ritos de fecundidade - dos quais fazem parte os da água - pertencem à descrição dos gêneros de vida, tanto quanto o uso do bastão, da enxada e do arado. Nos tempos pré-colombianos, o índio enterrava uma cabeça de peixe em um buraco onde havia depositado um grão de milho; nós interpretamos esse gesto como a origem de uma adubação nitrogenada, mas há certamente outro significado (SORRE, 2012, p. 320-321).

Outras relações possíveis de tecer pela influência da perspectiva da Geografia vidaliana ao longo do tempo seria pelos três temas importantes que deveriam ser levados em consideração nos estudos espaciais: o primeiro girou em torno da importância dos fatos econômicos e o meio natural, o segundo correspondeu à preocupação de combinações exageradas e o terceiro consistiu em precisar o lugar dos fatores econômicos. Em relação ao segundo tema, em que a Escola Francesa desconfiou de generalizações, a supremacia da ação humana é entendida como fator fundamental que criou as diferenciações culturais pela dispersão desigual da humanidade. Sobre esta abordagem histórico-cultural,

Brunhes enfatizou também o “fator psicológico”, que interveio nas relações do homem com seu meio - querendo mostrar por este intermédio como os meios de satisfazer as necessidades, mesmo as mais fundamentais (alimentação, vestimenta), estiveram sujeitos à variedade cultural dos gostos. Um dos conceitos fundamentais da geografia segundo Vidal - os gêneros de vida -, assumiu todo seu valor à luz desta visão da organização da vida econômica (BERDOULAY, 2017, p. 193).

Com a proposta de agrupamento desta extensa e profícua Escola Francesa, do fim do século XIX até os 1970 do século XX, Claval (2003, p. 148) agrupou os geógrafos com interesse pela cultura da seguinte forma: I - Vidal de la Blache e os geógrafos vidalianos; II - os especialistas da geografia histórica; III - uma personalidade forte e original, mas que permanecia isolada, Eric Dardel. A contribuição essencial à abordagem cultural por Eric Dardel (1889-1968) encontra-se no livro “O Homem e a Terra: Natureza da Realidade Geográfica”<sup>24</sup> (*L’Homme et la Terre: nature de la réalité géographique*), de 1952, tendo esta curta obra enfocada

---

<sup>24</sup> O título original foi traduzido para o português pelo professor Werther Holzer da Universidade Federal Fluminense (UFF), sendo esta obra publicada no Brasil em 2011.

uma ideia central: a geografia tinha de explorar o sentido da presença humana na superfície da Terra.

A geografia não é, de início, um conhecimento: a realidade geográfica não é, então, um “objeto”; o espaço geográfico não é um espaço em branco a ser preenchido a seguir com colorido. A ciência geográfica pressupõe que o mundo seja conhecido geograficamente, que o homem se sinta e se saiba ligado à Terra como se chamado a se realizar em sua condição terrestre (DARDEL, 2011, p. 33)

Para Claval, a obra de Dardel reconhecia que

“a primeira tarefa da geografia era a de compreender o sentido que os homens davam as suas vidas na Terra. (...) Pela primeira vez, o sentimento religioso, os mitos, a dimensão imanente ou transcendente de alhures, de onde a vida é julgada, tornaram-se aspectos centrais da análise geográfica” (CLAVAL, 2003, p. 156-157).

Em “O Homem e a Terra”, Dardel expôs suas considerações a respeito da Geografia remetendo-se, sobretudo, à filosofia de Martin Heidegger, no entanto, não despertou interesse dos demais geógrafos e foi esquecida por cerca de vinte anos.

Ainda, para Claude Raffestin (1987) em sua nota *Pourquoi n'avons-nous pas lu Éric Dardel?*, a obra de Dardel não foi compreendida em seu contexto original em decorrência de sua linguagem poética e pelo uso de metáforas, o que contribuiu para a distorção de seu conteúdo, novidade e originalidade (MALANSKI, 2015, p. 135).

Por pertencer a um meio intelectual diverso do ambiente naturalista e positivista que predominava na Escola Francesa da época, somente duas décadas após o lançamento desta obra, na década de 1970, o seu pensamento foi resgatado por geógrafos norte-americanos, tornando-se “uma valiosa contribuição para os fundamentos da geografia humanista e influenciou geógrafos como Yi-Fu Tuan e Edward Relph” (MALANSKI, 2015, p. 135).

A cultura no debate geográfico francês que foi desenvolvida inicialmente no século XIX, e que perdurou até a metade do século XX, apresenta como marca a assimilação e a adaptação aos diferentes ambientes terrestres como processo humano. A comparação entre a cultura de grupos distintos e a ideia desta ser uma ferramenta civilizatória revelam um falso objeto em si, pois além da ideia de ser uma ferramenta de legitimação colonial, transparece de fraqueza em sua espacialidade, chegando como detalhe e não como centro das pesquisas (VALVERDE, 2019).

#### 4.3. Os novos rumos de uma perspectiva contemporânea nos estudos da cultura

Entende-se que há dois momentos nos estudos em cultura e espaço dentro da Escola Francesa de Geografia, sendo o primeiro do século XIX até a década de 1950 e o segundo que começa a ser formulado e tem sua grande produção apresentada a partir da década de 1970. Sobre essa mudança de paradigma, segundo Claval (CLAVAL, 1999) a Geografia Cultural, em sua forma clássica, entra em declínio, pois se torna incapaz de lidar com os fenômenos que ficaram mais complexos em decorrência dos progressos técnicos. Tal obsolescência também se dá pela ineficácia de uma reflexão sistemática que deveria ter sido realizada e também pela diversificação das atividades humanas no ambiente urbano (CLAVAL, 1999, p. 62).

Para Claval, os geógrafos que agora tentam modernizar os estudos consagrados aos fatos culturais consideram que a lógica do comportamento humano não é mais universal, mas depende das crenças religiosas e filosóficas. “Essa posição está muito mais próxima à de Max Weber: as escolhas humanas são previsíveis, mas a perspectiva na qual elas se inscrevem não é universal” (CLAVAL, 2001, p.37). Ao citar Max Weber (1864-1920), um dos considerados fundadores da Sociologia moderna, o entendimento destaca o indivíduo em contraposição ao coletivo. Exemplo desta perspectiva ocorre na compreensão da cidade muçulmana por Xavier de Planhol e Eugen Wirth. O fato de haver comércio ao redor de uma mesquita se dá pela centralidade deste templo, e não pelo fato de ser qualificada enquanto islâmica (CLAVAL, 2001, p.38).

A transformação que começa a afetar os estudos culturais conduzidos pelos geógrafos a partir do início da década de 1970 repousa sobre uma mudança completa de atitudes e nasceu da constatação de que as realidades que refletem a organização social do mundo, a vida dos grupos humanos e suas atividades jamais são puramente materiais. São a expressão de processos cognitivos, de atividades mentais, de trocas de informação e ideias. As relações dos homens com o meio ambiente e com o espaço têm uma dimensão psicológica e sociopsicológica, e nascem das sensações que as pessoas experimentam e das percepções a elas ligadas. Expressam-se por meio de práticas e habilidades que são completamente verbalizadas, mas que resultam de uma atividade mental; estruturam-se pelas preferências, conhecimentos e crenças que são o objeto de discursos de uma reflexão sistemática (CLAVAL, 2001, p.39).

As críticas ao que foi produzido em Geografia Cultural na primeira metade do século XX, segundo Claval (2001), seriam que ela se preocupava mais em descrever o mundo do que em compreender ou explicar, ênfase na análise estética que

desencadeou em generalizações e derivações, o peso que se atribuía ao mundo rural em contraposição aos espaços urbanizados ou de maior diferenciação profissional, o peso também à análise do passado, irrelevância com temas ligados às ideologias dos grupos sociais e fixação nos fatos permanente, omitindo o significados dos acontecimentos espaciais (festas, revoluções, comemorações, etc).

De agora em diante, trata-se de compreender como a vida dos indivíduos e dos grupos se organiza no espaço, nele se imprime e nele se reflete. Ao problema fundamental da geografia de ontem: 'por que os lugares diferem?' acrescentam-se outros: 'por que os indivíduos e os grupos não vivem os lugares do mesmo modo, não os percebem da mesma maneira, não recortam o real segundo as mesmas perspectivas e em função dos mesmos critérios, não descobrem nele as mesmas vantagens e os mesmos riscos, não associam a ele os mesmos sonhos e as mesmas aspirações, não investem nele os mesmos sentimentos e a mesma afetividade?' (CLAVAL, 2001, p.40).

Outra crítica, tecida por Sauer, diz que

Os geógrafos gerais da escola francesa também parecem levar muito a sério a realidade da unidade terrestre. Uma lamentável ênfase em leis naturais é adotada, o que é algo muito mais imposto que uma expressão de relações estatísticas (SAUER, 2000a, p. 58-59 ).

Paul Claval, no exercício de diferenciação desses dois momentos, entende que a segunda fase vai na direção de uma maior aprofundamento

do descobrimento do sentido em que as pessoas atribuem ao seu estatuto, ao grupo social a que pertencem, ao território onde se sentem em casa e ao desenho das paisagens nas quais suas existências se inscreve. (...). A nova abordagem cultural faz desaparecer o conjunto dessas limitações, pois alarga e aprofunda consideravelmente o campo coberto pela geografia cultural do século XX (CLAVAL, 2001, p.42).

Essa nova perspectiva, segundo Claval, apresenta quatro pontos: (1) uma nova epistemologia, que adota as perspectivas fenomenológica e crítica em busca da complexidade das culturas; (2) renovação para o estudo das relações entre sociedade e natureza, com novas perspectivas sobre a paisagem e sobre o papel das técnicas; (3) nova perspectiva da abordagem regional, que leva em consideração o papel do corpo e dos sentidos na experiência humana por meio de imaginações geográficas e reflexões sobre as identidades e territorialidades (4) e uma análise mais aprofundada com perspectivas de síntese, para evitar a impressão de que a geografia cultural oferece mais um caleidoscópio do que uma abordagem estruturada (CLAVAL, 2001).

A nova abordagem cultural é muito mais crítica. Com frequência, coloca foco sobre as situações presentes, as lutas que as caracterizam e os problemas de justiça social: continua, de certa forma, a trazer a marca do radicalismo crítico que a inspirou desde a sua origem, Mas a nova

abordagem cultural está sobretudo atenta aos significados conferidos pelos homens ao Cosmos, à natureza, ao meio ambiente e à sociedade. (...). As raízes humanistas e fenomenológicas da nova orientação estão, portanto, sempre ativas” (CLAVAL, 2001, p.78).

Essa nova Geografia Cultural, desenvolvida a partir da metade do século XX pelos franceses, para Claval (2003), parte da premissa que o papel fundador da cultura na geografia humana é aceito e reconhecido, sendo distinguidas duas fases de produção: I - a primeira, nos anos setenta e oitenta, marcada por uma explosão de curiosidades e pistas de pesquisas novas; II - a segunda, desde 1990, caracterizada por ensaios que a repensam numa perspectiva pós-moderna.

Na seleção de nomes que fazem parte desta primeira fase da nova geração de geógrafos, Claval (2003) cita: Roger Dion (1896-1981) e sua análise baseada numa interpretação do papel simbólico do vinho na civilização francesa; Xavier de Planhol (1926-2016) e sua abordagem histórica com interesse pelas paisagens como realidades globais ou por certos elementos das paisagens rurais, como, por exemplo, os tipos de cães usados pelos pastores, além da já referenciada pesquisa sobre as centralidades urbanas no mundo muçulmano; Armand Frémont (1933-2019), que analisou a novela de Gustave Flaubert, *Madame Bovary*, para mapear a região da Normandia no século XIX e entender as razões pelas quais as pessoas frequentavam os espaços, a hierarquia das cidades e as imagens de cada um desses lugares; o grupo de geógrafos que realizava imersão cultural para analisar as maneiras de organização e representação espacial em sociedades tradicionais, sendo o caso de Joël Bonnemaison (1940-1998) e Augustin Berque (1940-); Jean-Robert Pitte (1949), que estudou os cemitérios na Europa Ocidental e é conhecido por suas pesquisas que relacionam paisagem e gastronomia, abordando o conhecido conceito francês de *terroir*, que diz respeito aos fatores geográficos locais da produção.

O último grupo de pesquisadores, os da segunda fase, que apresentam produção a partir da década de 1990, convergem na “ideia central que valia a pena estudar os instrumentos usados pelos seres humanos para aprender as realidades do meio ambiente ou do meio social” (CLAVAL, 2003, p. 161 in CORRÊA e ROSENDAHL, 2003). São nomes deste domínio Hérve Guérin, Herva Gumuchian, Bernard Debarbieux, Antoine Bailly, Vincent Berdoulay e Michel Lassault. Finalmente, ao levarmos em consideração a proposta dos dois tipos de produções em distintos períodos, podemos entender que se a primeira, das décadas de 1900 a 1950, foi marcada pelo caráter complementar da abordagem cultural, enfraquecimento da



Escola vidaliana e a diversificação de temas e produtos, a segunda, que começa a partir das décadas de 1950 e 1970, entende a cultura enquanto um epifenômeno, sendo esta a sua marca na perspectiva contemporânea nos estudos sobre Cultura e espaço.

## 5. A PERSPECTIVA HUMANÍSTICA

### 5.1. A renovação nos quadros de referência por meio da cultura ontológica, da Hermenêutica e da Fenomenologia

O debate da cultura no contexto da Geografia Humanística, ou ainda humanista, surgida no final dos 1960, e com importante difusão nos Estados Unidos da América e Canadá, de maneira geral, objetivou que suas pesquisas deveriam ser inspiradas pelas lacunas que a Geografia tradicional, a Geografia quantitativa e a Geografia crítica. Mesmo com todas as suas divergências, esses momentos-chave da história do pensamento geográfico pareciam dominados pelo estudo da materialidade por intermédio de diferentes formas de recortar a totalidade.

A Geografia Humanística realiza um convite a abraçar aquelas fenômenos que escapavam da análise objetiva, estrutural e funcional. A cultura promovida nessa forma de investigação geográfica conduz a uma relativização dos inventários materiais que dominavam à geografia tradicional, uma propensão a usar termos mais abertos para salientar a conexão do homem com o mundo (ambiente, mediação etc. ao invés de terra, solo ou natureza), um mergulho em um conjunto diferente de marcos filosóficos (fenomenologia, ontologia, idealismo, existencialismo), um apelo aos sentidos e a totalidade. Ao mesmo tempo que valorizava a identidade do grupo, a busca pela cultura deveria alcançar a essência dos lugares (VALVERDE, 2019).

A influência do Humanismo fez com que esta perspectiva geográfica adotasse novos referenciais teóricos, diferentes dos autores que até então foram apresentados pelas anteriores. Nas novas vias desta Geografia

Encontram-se aí (...) sociólogos e filósofos, como J. P. Sartre, M. Ponty, G. Bachelard, J. Habermas, M. Weber, C. Geertz, A. Giddens, ou ainda, fenomenologistas, como E. Husserl, M. Heidegger e K. Jasper, e até mesmo literatos, como Shakespeare, Goethe e Hesse (GOMES, 2016, p. 304).

A adoção de um novo quadro de pensadores, oriundos de áreas não exclusivas da Geografia, pode ser entendida como um movimento de renovação que buscou a compreensão metafísica da natureza, realidade e existência dos entes, ou seja, pelas

vertentes ontológicas observadas na perspectiva humanística. Um exemplo deste novo movimento de adoção foi a anexação do pensamento de Gaston Bachelard (1884-1962) aos estudos, que por meio da imagem poética cria uma filosofia baseada na “fenomenologia da imaginação” (SERPA, 2019).

O aparecimento de referências inéditas de outras áreas é decorrente do emprego de maneira constante de termos até então não usuais, como Hermenêutica, Ontologia e Fenomenologia, que serão analisados logo a seguir. Assim, seus referenciais teóricos passam a girar em torno de Husserl, Heidegger e Sartre, buscando tais perspectivas ecléticas no entendimento do ser no mundo. Desta tríade de pensadores que dão a base para a perspectiva humanística, o alemão Edmund Husserl (1859-1939), matemático e filósofo, foi quem estabeleceu a Escola de Fenomenologia, rompendo com a orientação positivista da Ciência e da Filosofia de sua época; outro alemão, Martin Heidegger (1889-1976), filósofo, escritor e professor universitário, foi um pensador seminal na tradição continental e hermenêutica filosófica, conhecido por suas contribuições para a Fenomenologia e para o Existencialismo; já o francês Jean-Paul Sartre (1905-1980), filósofo, escritor e crítico, é tido como o principal representante da corrente filosófica do Existencialismo e acreditava que os intelectuais têm de desempenhar um papel ativo na sociedade, assim como em sua máxima, de que a existência humana precede a sua essência, entende que primeiro o sujeito existe e depois se define.

Em relação ao Humanismo, retomado por esta corrente de pensamento da Geografia, estão a incontornável visão antropocêntrica do saber, a posição epistemológica holística, o entendimento do homem como produtor de cultura e o que concerne justamente ao seu método, o hermenêutico (GOMES, 2016). A Hermenêutica se opõe ao método lógico e analítico com abstrações artificiais, levando em conta os contextos específicos a cada fenômeno.

O método hermenêutico, derivado da filologia clássica, tem sua origem na interpretação dos textos fundadores. Este retorno aos textos fundamentais na geografia se manifesta pela nova valorização consagrada aos estudos monográficos. (...) aconselham voltar ao método da descrição regional, considerado como o retorno indispensável aos tempos clássicos da geografia, uma concepção segundo a qual a verdadeira geografia estaria nos textos antigos, esquecidos pela marcha conquistadora do racionalismo (GOMES, 2016, p. 313).

Primariamente, Hermenêutica significa expressão de um pensamento ou qualquer técnica de interpretação, sendo “frequentemente usada para indicar a técnica de interpretação da Bíblia” (ABBAGNANO, 2007, p. 497). Além de designar a arte ou a ciência de interpretar a referida Sagrada Escritura, o termo também tem sido importante na Filosofia contemporânea. Conforme define MORA (1978, p. 123)

A hermenêutica não é só uma mera técnica auxiliar para o estudo da história da literatura e em geral das ciências do espírito: é um método igualmente afastado da arbitrariedade interpretativa romântica e da redução naturalista, que permite fundamentar a validade universal da interpretação histórica. É uma interpretação baseada num prévio conhecimento dos dados (históricos, filosóficos, etc) da realidade que se trata de compreender, mas que simultaneamente dá sentido aos citados dados por intermédio de um processo inevitavelmente circular, muito típico da compreensão enquanto método peculiar das ciências do espírito. A hermenêutica permite compreender um autor melhor do que ele se compreendia a si mesmo, e uma época histórica melhor do que puderam compreendê-la os que nela viveram. A hermenêutica baseia-se, além disso, na consciência histórica, a única que pode chegar ao fundo da vida. Passa pois dos sinais às vivências originárias que lhe deram nascimento; é o método geral de interpretação do espírito em todas as suas formas.

Juntamente a este método que prioriza o retorno aos textos e concepções originais, a Ontologia vem consagrar essa tendência de investigação acerca da essência das coisas e dos fenômenos. Fazendo parte da Metafísica que trata da natureza, realidade e existência dos entes, a Ontologia trata do ser enquanto ser, isto é, do ser concebido como tendo uma natureza comum que é inerente a todos e a cada um dos seres objeto de seu estudo.

Entende-se a ontologia de maneiras diferentes: por um lado, concebe-se como ciência do ser em si, do ser último ou irreduzível, de um primeiro ente em que todos os demais consistem, isto é, do qual dependem todos os entes. Neste caso, a ontologia é verdadeiramente metafísica, isto é, ciência da realidade e da existência no sentido próprio do vocábulo. Por outro lado, a ontologia parece ter como missão a determinação daquilo em que os entes consistem e ainda daquilo em que consiste o ser em si. Nesse caso é uma ciência das essências e não das existências; é, como ultimamente se frisou, teoria dos objectos (MORA, 1978, p. 204).

Neste debate ontológico, é possível observar a obrigatoriedade do debate subjetivo e o homem no centro do mundo, mesmo que de forma incompleta. A forte discussão empírica acerca de elementos como valor, afeto e significado também fazem parte das análises, assim como a contenção às generalizações, sendo as perspectivas individuais colocadas em destaque não na forma de certezas, mas sim interessadas na hesitação no caminho do indivíduo. Ao falar do homem no centro do

mundo, isso não significa para os humanísticos privilegiar o individual, sendo o panorama dominante o do grupo social e seus lugares (VALVERDE, 2019). A renovação da cultura ontológica sugere ir além da materialidade e defende a indissociabilidade dos fenômenos, algo da natureza da análise sistêmica. O combate à compartimentação também se daria por meio do afeto e da subjetividade em busca da essência. Para isso, este sentido holístico da Geografia recorre a outros sentidos, além do da visão para seus estudos, como o paladar e o olfato.

Para concluir a tríade de novos termos que se tornam constantes na Geografia Humanística, finalmente a Fenomenologia é a abordagem de maior destaque. Por se tratar de uma metodologia e corrente filosófica que afirma a importância dos fenômenos da consciência, os objetos da Fenomenologia são dados absolutos apreendidos em intuição pura e, novamente, apresenta como um dos propósitos o de descobrir estruturas essenciais. Na Fenomenologia, segundo Holzer (2001, p. 115) “As essências só podem ser vistas a partir da experiência do fato e o fato só pode ser tratado considerando-se a visão das essências. Entre os processos, há um relacionamento dialético, ou melhor, holístico”.

Uma das tarefas a que se propôs a fenomenologia foi definir leis eidéticas que orientassem o conhecimento empírico, oferecendo, como alternativa à ciência positivista, a constituição de ciências eidéticas, ou ciências das essências, definidas por ontologias regionais (HOLZER, 2001, p. 114).

Fenomenologia possui uma expressiva quantidade de verbetes, sendo um destes a “descrição daquilo que aparece ou ciência que tem como objetivo ou projeto essa descrição” (ABBAGNANO, 2007, p. 438). Conforme afirma Abbagnano (2007), nem todos os princípios são aceitos pelos pensadores contemporâneos que se valem da investigação fenomenológica, sendo apenas o que diz sobre o caráter intencional da consciência, em virtude do qual o objeto é transcendente em relação a ela e todavia presente “em carne e osso”, que tem crédito não só entre esses pensadores como também junto a grande número de filósofos contemporâneos. Segundo Queiroz (2020), a Fenomenologia foi fundada por Husserl e teve desdobramentos profundos em Heidegger e Sartre, sendo dois pontos importantes destacar: o primeiro pela ideia de “retorno às coisas mesmas”, sem os pressupostos que marcam todo debate da teoria do conhecimento na modernidade; e o segundo a intenção de Husserl em retomar, de certa forma, o projeto kantiano ao recolocar a oposição entre racionalistas e empiristas, entre idealismo e realismo.

A questão fundamental é a compreender a "intencionalidade" de uma consciência que visa o mundo, sem que isso passe por um sujeito psicológico que "representa o mundo" (como em Descartes); trata-se de um voltar-se para as experiências vividas, o que implica uma re colocação da questão da percepção. Esses pressupostos serão chave para os projetos do Heidegger, do Sartre e do Merleau-Ponty (QUEIROZ, 2020).

Discípulo de Husserl, o francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), distingue do espaço geométrico o espaço antropológico como espaço existencial, perspectiva que abre a ideia de que a nós não há apenas um "mundo físico" dotado de água, terra e ar, mas vivemos em um mundo humano, que se cria e reproduz em torno de nós (SERPA, 2019). Pelo centramento da discussão no ser, há o afastamento progressivo da Biologia, reforçando a distinção entre o homem e o meio. O caminho traçado por essa escola foi por meio da ampliação no horizonte geográfico das sensações das pessoas no mundo, fundamental para a compreensão do lugar.

No que diz respeito às correlações ontológicas entre o pensamento fenomenológico e o pensamento positivista, afirma Holzer (2001, p. 118), "Dardel já havia pensado nesse problema ao fazer a distinção entre o espaço geométrico e o espaço geográfico". Eric Dardel (1899-1967) foi um geógrafo francês, cuja carreira se deu como professor de Geografia e História, além de diretor pedagógico em liceus. Obteve o título de doutor e em 1952 lançou o livro "O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica" (*L'Homme et la Terre: nature de la réalite géographique*), sendo esta a obra responsável pelo resgate de seu pensamento. Para Holzer o objetivo deste livro "é fazer uma análise fenomenológica da relação visceral que o homem mantém com a Terra" (HOLZER, 2001, p. 103).

A geografia não designa uma concepção indiferente ou isolada, ela só trata do que me importa ou do que me interessa no mais alto grau: minha inquietação, minha preocupação, meu bem estar, meus projetos, minha ligações. A realidade geográfica é, para o homem, então, o lugar onde ele está, os lugares de sua infância, o ambiente que atrai sua presença. Terra que ele pisa ou onde ele trabalha, o horizonte do seu vale, ou a sua rua, o seu bairro, seus deslocamentos cotidianos através da cidade (DARDEL, 2011, p. 34).

A redescoberta de Dardel "se localiza na Universidade de Toronto, onde três jovens professores investigam alternativas epistemológicas para a geografia cultural. Seus nomes: Relph, Tuan e Guelke" (HOLZER, 2001, p. 105). Novas formas de narrativas são desenvolvidas e apreciadas pela Geografia Humanística. A obra de

Eric Dardel transpare uma forma ideal de pensamento para os humanistas. O autor utiliza poema, metáforas e metafísica para ilustrar o espaço:

Múltiplas são as modalidades sob as quais a realidade geográfica conduz, através dos símbolos e de suas imagens, para além da matéria. A água, por exemplo, tem uma função idealizante, aquela do espelho que amplia, repete e enquadra. Nela o mundo se contempla e “tende à beleza” (Bachelard). Rio, lago ou mar, a superfície das águas presta homenagem ao universo e à poesia. O *Bateau ivre* (Barco Ébrio), de Rimbaud, é  
 banhado no poema  
 Do mar infundido de astros e leitoso  
 Devorando os azuis verdes  
 A água não é somente o espelho com o qual a Terra se estende ao céu, às árvores, às montanhas. Ela mistura as imagens que se levantam das profundezas e aquelas que se referem ao céu ou à costa. A intimidade da substância líquida suaviza o dourado frio do reflexo, e cria um mundo de formas moventes que parecem viver sob o olhar (DARDEL, 2011, p. 37).

Dardel se tornou chave de renovação nos estudos humanísticos que já existiam em razão de sua imersão na Filosofia. Em parte, os professores brasileiros Werther Holzer, da Universidade Federal Fluminense (UFF) e Eduardo Marandola Junior, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) sugerem um peso ao discurso de Dardel que originalmente não existia. O autor escreve o que pode ser interpretado como uma defesa ao método holístico e sistêmico de investigação ao narrar a fragmentação de uma rocha em busca da essência da Terra.

Embora a Terra seja citada aqui num sentido que ultrapassa seu uso geográfico, a escolha desse termo não será puramente arbitrária. É da “Terra”, como profundezas ctonianas, que extraímos a pedra. No entanto, o elemento “terrestre” da pedra resiste a nossos esforços de penetrar em sua natureza. Podemos quebrá-la em mil fragmentos, mas nela não encontraremos jamais qualquer coisa de “interior” que nos revele o seu segredo. A pedra deixa em nossas mãos um número, um peso, pedaços, porém ela “já foi retirada do torpor inexorável de seu peso e de sua massa”. Quando queremos reduzir o geográfico a um conhecimento puramente objetivo, o elemento propriamente “terrestre” da terra se dissipa. As noções de as leis que podemos identificar só mantêm o seu valor se o arrancamos num combate a uma coisa que continua a se dissimular, a uma existência bruta (DARDEL, 2011, p. 42-43).

O exercício do entendimento do tempo longo pela Escola Humanística se dá pela busca subjetiva do passado. A estetização de Dardel em seus textos nada ortodoxos para a Geografia pode ser entendida enquanto a espacialização de certa Filosofia. Os mistérios e mitos do pensamento geográfico se destacam nesta perspectiva (VALVERDE, 2019). Para Holzer (2001, p. 111) “O conhecimento

geográfico teria como objeto decifrar os signos ocultos da Terra”. Partindo de um dos pontos do método hermenêutico, talvez seja possível atribuir a redescoberta de Dardel exatamente à defesa do resgate de obras clássicas e fundadoras.

## 5.2. O palimpsesto enquanto metáfora e sua relação com predileções espaciais

A abordagem humanista retomou os estudos em espaço e cultura na Geografia. Estados Unidos da América e Canadá foram os países do epicentro dessa Escola, sendo a percepção, a consciência e a criatividade levadas em consideração nos estudos. Por meio da curiosidade filosófica, foi possível ter profundidade na análise da experiência do ser, sendo observado o emprego de metáforas e de neologismos (como as conhecidas topofilia e topofobia de Yi-Fu Tuan) na produção deste saber. Os verbos “entender” e “explicar” deram lugar ao “sentir”, “perceber” e “compreender”. Valverde (2019) pontua como a perspectiva geográfica humanística entende que a cultura seria e estaria: tudo aquilo que conecta o homem ao ambiente; mobilizada pelos sentidos e experiências; garantida pelo afeto ou pelo medo; perpetuada pela tradição; conectada às essências do mundo; ligada aos grupos sociais; e para além da indústria cultural.

Em relação ao tópico “conectadas às essências do mundo”, diz respeito a uma outra forma de produção de conhecimento na Geografia Cultural, sendo importante no processo de distinção feito pelos humanísticos em comparação às outras escolas. Em relação ao entendimento que a cultura seria e estaria “perpetuada pela tradição”, o elemento *tempo* torna-se fundamental para a noção de que as inscrições e manifestações culturais circunscritas no espaço são o resultado de eventos sucessivos do passado. Há uma nostalgia acerca dos estudos regionais franceses, precisamente pela ênfase à análise do passado. Esse interesse vai em direção à lógica do entendimento das coisas essenciais, que apenas seria possível ao lidar com o “tempo longo”, pois a verificação se dá pela consolidação acumulada dos fatos.

Um dos maiores nomes de destaque desta escola geográfica é o geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan (1930-), tendo sua produção se destacado na análise do passado para o entendimento do espaço geográfico do presente.

Tuan tem-se empenhado em construir e readaptar categorias analíticas relevantes com vistas à elaboração de sua pesquisas, percorrendo, com desenvoltura, espaço e lugares do passado e do presente, vividos por povos ágrafos e letrados, aventurando-se até os confins dos

escombros das províncias caóticas ou infernais ou mesmo por entre as delícias e riquezas dos eldorados (MELLO, 2001, p. 87).

No artigo intitulado “*Rootedness versus sense of place*” (2004), Tuan realiza a análise das percepções acerca do espaço e disserta sobre o sentimento de pertença, chamada de enraizamento (*rootedness*), dentro de um movimento de valores conservacionista, tradicional e nostálgico. Diante da crença de algumas pessoas na impossibilidade de terem o poder de controlar decisões futuras como, por exemplo, religiosos que crêem na vontade de um deus poderoso somada às incertezas da contemporaneidade, Tuan analisa uma perspectiva de culto ao passado, sendo a consciência das pessoas levadas em consideração.

Essa mudança na perspectiva americana é real, mas não tão radical quando pensada pelas seguintes razões. A busca pelo passado é em si um empreendimento moderno. É altamente consciente - até autoconsciente; pode ter o efeito de desenraizar as pessoas do seu estado de inconsciência em si mesmo<sup>25</sup> (TUAN, 2004, p. 271).

Outro resgate de inspiração francesa realizado pelos humanistas norte-americanos se dá pelo conceito de “espaço vivido”, ou seja, da atribuição de valor à pesquisa pela vivência do pesquisador com o seu objeto de análise. Ao referenciar Armand Frémont, para Gomes (2016) afirma que o estudo sobre os espaços vividos começou a se desenvolver na França independentemente do humanismo fenomenológico anglo-saxão.

De fato, as referências fundamentais dos trabalhos sobre o espaço vivido são variadas e parecem ser antes inspiradas pelas ciências sociais do que por uma filiação filosófica precisa. Este movimento do espaço vivido se nutriu essencialmente de uma bibliografia francesa, e seus suportes mais fortes são aqueles da escola francesa de geografia da primeira metade deste século, sobretudo os de Vidal de La Blache e de Pierre Deffontaines (GOMES, 2016, p. 316-317).

Gomes trata da vivência espacial enaltecida pelos humanistas:

O retorno às tradições confere aos estudos monográficos uma nova atualidade, e a noção de espaço vivido aparece frequentemente associada à de região. (...) É neste momento que aparece a ruptura no esquema clássico da ciência racionalista para a relação sujeito/objeto. Com efeito, na perspectiva do espaço vivido, o sentimento de proximidade e de identidade está na base da comunicação entre dois sujeitos: o pesquisador e a região. A consciência do primeiro sujeito é sensível e compreensiva à do segundo sujeito, definida pela vida regional, suas representações, valores e ritos, e só poderá ser inteligível se for vivida também pelo pesquisador. (...). O espaço vivido

---

<sup>25</sup> No original: *This change in America outlook is real, but not as radical as we may think for the following reasons. The search for the past is itself a modern venture. It is highly conscious - even self-conscious; it can have the effect of uprooting people from their state of unconscious at-homeness.*



deve, portanto, ser compreendido como um espaço de vida, construído e representado pelo atores sociais que circulam neste espaço, mas também vivido pelo geógrafo que, para interpretar, precisa penetrar completamente este ambiente. Cada geógrafo deve possuir “sua” região, “seu” espaço, e a proximidade física e afetiva são elementos fundamentais nesta conduta (GOMES, 2016, p. 319).

Os geógrafos culturais e históricos dessa corrente de pensamento propõem um redirecionamento nas abordagens dos conceitos-chave da Geografia, de forma que, ao serem adotados como objeto de estudo, paisagem e lugar se destacam, devendo ser considerados no tocante a seus caracteres simbólico e subjetivo, até então considerados fora do objetivo da ciência, portanto, fora do interesse geográfico (MELO, 2001, p.32).

surge o primeiro problema para o estudo conceitual da paisagem pelo geógrafo: diversamente do conceito de “lugar”, que está associado ao próprio surgimento da consciência do espaço, e por isso foi bastante estudado pelos filósofos; o conceito de “paisagem” pode colher poucos subsídios na filosofia que não sejam os de uma reflexão a partir de seus significados estéticos. Para outras disciplinas, assim como para o senso comum do pensamento ocidental, a paisagem se reduz a uma porção do espaço que pode ser observada com um golpe de vista (HOLZER, 1999, p. 150).

Paisagem é uma categoria central nesses estudos, sendo a origem semântica adotada pelos humanísticos no sentido alemão da palavra, *landschaft*, muito em razão de uma natureza holística, ou seja, integrada e sistêmica dos fenômenos espaciais conforme a tradição geográfica alemã pressupunha. Sobre essa predileção acerca da paisagem, para Corrêa (1997, p. 50), “após um período em que a paisagem geográfica foi, entre muito geógrafos, relegada a um plano secundário, renasce, a partir de 1970, como um dos conceitos-chave da geografia”.

A partir da década de 1970, os estudos incluídos na perspectiva da geografia humanista, desenvolvidos pelos geógrafos americanos, trouxeram em sua base a crítica ao positivismo lógico, introduzido pela “revolução teórica-quantitativa”, principalmente no uso de leis para o comportamento humano cientificamente verificáveis, pois, na perspectiva humanista, as ações humanas só podem ser entendidas por meio de teorias que consideram seus significados, valores, propósitos, objetivos e aspectos subjetivos (MELO, 2001, p.31-32 in CORRÊA e ROSENDAHL, 2001).

Dardel também dedica especial atenção à paisagem em sua obra “O Homem e a Terra”. Para o autor, “Muito mais que uma justaposição de detalhes pitorescos, a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma ‘impressão’ que une todos os elementos” (DARDEL, 2011, p. 30).

A paisagem se unifica em torno de uma tonalidade afetiva dominante, perfeitamente válida ainda que refratária a toda redução puramente científica. Ela coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, se preferir, sua *geograficidade* original: a Terra como lugar, base e meio de sua realização. Presença atraente ou estranha, e, no entanto, lúcida. Limpidez de uma relação que afeta a carne e o sangue (DARDEL, 2011, p. 31).

Nessa passagem é possível observar essa tendência de conceituação da paisagem como algo sistêmico, pois entende que a paisagem “colocaria em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, como preferia o autor, sua geograficidade original” (HOLZER, 2001, p. 113). Desta forma, além de determinar mais uma vez seu caráter de integração, utiliza-se de metáforas

A paisagem não é um círculo fechado, mas um desdobramento. Ela não é verdadeiramente geográfica a não ser pelo fundo, real ou imaginário, que o espaço abre além do olhar. (...). A paisagem é um escape para toda a Terra, uma janela sobre as possibilidades ilimitadas: um horizonte. Não uma linha fixa, mas um movimento, um impulso (DARDEL, 2011, p. 31).

Dardel, nesta análise de categorias geográficas, também imprime ao solo importância vital.

No âmbito da sua visão cotidiana e de sua movimentação diária habitual, o homem exprime sua relação geográfica com o mundo a partir do ordenamento do solo: “construtor de florestas na Malásia” ou nas landas, destruidor de florestas, do solo vegetal e dos rios no Nordeste brasileiro, ele transforma em um outro lugar, em horizonte pastoral, as águas do Zuiderzee. A geografia pode assim exprimir, inscrita no solo e na paisagem, a própria concepção do homem, sua maneira de se encontrar, de se ordenar com o ser individual ou coletivo (DARDEL, 2011, p. 31).

Dardel realiza comparações entre paisagens, atribuindo “intensidades geográficas” de maneira gradual, em que determinadas paisagens são agraciadas, como quando parafraseia Vidal de La Blache (“o lugar é solene”) diante de sua reação ao olhar o monte Saint-Michel, localizado entre a Normandia e a Bretanha; outras seriam de menor apelo paisagístico, chamadas de “regiões banais e monótonas, de onde a atenção se desvia” (DARDEL, 2011, p. 35). Tais comparações apenas poderiam ser feitas a partir das experiências pessoais que estabelecem um conjunto de referências individuais, fundamental para a interpretação do que seria a “realidade geográfica”.

Essa ‘singularização’ dos espaços terrestres os retira de sua banalidade, como uma redescoberta que revaloriza todas as aparências. (...). A realidade geográfica age sobre um homem através de um alerta da consciência. Às vezes mesmo, ela opera como um

renascimento, como se, antes mesmo de nós tomarmos consciência, ela “já estivesse lá” (DARDEL, 2011, p. 36).

As inovações pelas quais a Geografia Cultural passou a partir da segunda metade do século XX foi a da mudança de uma perspectiva de caráter coletivo para o individual das paisagens culturais.

a partir dos anos 1960 a ênfase no caráter coletivo da cultura é deixada de lado e preocupações eminentemente epistemológicas direcionam a geografia cultural para o estudo das atitudes e preferências que já, segundo Sauer, podiam ser inventadas ou adquiridas (HOLZER, 1999, p. 155).

David Lowenthal (1923-2018) contribuiu para a apreciação das particularidades a partir da inclusão dos mundos vividos por cada pessoa, tendo dado início ao que entendemos como “percepção ambiental”. Porém, enquanto essa análise da paisagem considera as preferências pessoais que levam a uma “avaliação da paisagem” a partir de atributos visuais e estéticos, não foi por esta via que os geógrafos culturais optaram naquele momento.

O conceito de paisagem não pode perder seu significado essencial, no sentido fenomenológico, de uma formatação intersubjetiva de determinada porção da Terra delimitada por cultura relativamente homogênea, sendo que tal delimitação reflete o trabalho coletivo do homem sobre a Terra. Ela representa o acúmulo, através da memória, e o descarte, pelo esquecimento, das expressões e associações culturais que se definem sobre o espaço geográfico e que são a base do ser social das pessoas (HOLZER, 1999, p. 165).

Finalmente, foi após a década de 1970 que a paisagem cultural foi analisada por meio de teorias que consideravam sua simbologia segundo a perspectiva humanística, “pois as abordagens existentes até então partiam do pressuposto de que os aspectos subjetivos da paisagem não poderiam fazer parte do contexto científico, uma vez que não podem ser mensurados” (MELO, 2001, p.45). Utilizando de uma máxima da Geografia Cultural Humanista, em que seus estudos estão em busca da essência dos lugares, conforme já salientado, a categoria espacial lugar também é central, sendo outro grande nome desta tradição o geógrafo canadense Edward Relph. Relph foi um pioneiro na discussão sobre o uso do método fenomenológico pela Geografia: “Já em 1970 enfatiza a importância do método para renovar a disciplina, apesar de observar o total desconhecimento ou desprezo de seus colegas pelo assunto, com a honrosa exceção de Sauer” (RELPH, 1970 apud HOLZER, 2001, p. 105). Sua tese, que se transformaria no livro *Place and Placelessness* (1976), “é considerada um marco da geografia humanista e de renovação do interesse pelo

conceito de lugar por parte dos geógrafos” (HOLZER, 2001, p. 105 in CORRÊA e ROSENDAHL, 2001). Neste livro, o pesquisador diferencia espaço e lugar, sendo esmiuçado o conceito de espaço vivido.

(...) o lugar seria um modo particular de relacionar as diversas experiências do espaço. Particular porque os lugares são singularizados ao atrair e ao concentrar nossas intenções, ou seja, o significado do espaço, especialmente do lugar vivido, provém dos lugares existenciais de nossa experiência imediata (RELPH, 1976, p. 28 apud HOLZER, 2001, p. 106).

O reconhecimento do corpo no espaço que, em um primeiro momento, ocorre pela experimentação do espaço vivido, posteriormente se dará pelo caráter sensualista que a produção humanística desenvolve. A partir da crítica da dependência da visão na análise do espaço geográfico, entende como plausível e necessária a inserção dos demais sentidos, como o olfato, o paladar, a audição e o tato. É apenas na ampliação que se chega ao lugar, onde há a possibilidade de experimentar, interpretar, vivenciar e sentir, verbos incomuns até o momento e que passam a ser de interesse por essa geografia de inspiração fenomenológica.

Mundo, para a fenomenologia, engloba muito mais coisas do que o suporte físico ou do que um sistema de coisas que percebemos à nossa volta - o ambiente. Segundo Tuan (1965), o mundo é um campo de relações, estruturado a partir da polaridade entre eu e o outro, é o reino onde nossa história ocorre, onde encontramos as coisas, os outros e nós mesmos (HOLZER, 2001, p. 119-120).

A Psicologia Comportamental também é fonte de inspiração. Conforme mostrado anteriormente, o apelo às sensações por meio do interesse pela percepção, pelo comportamento, pelo gosto e pela imaginação são levados em consideração. Portanto, entre os conceitos de espaço e de lugar, seria possível estabelecer um distanciamento entre seus sentidos, conforme destacado na tabela.

ESPAÇO	LUGAR
Ameaça	Segurança (lar, ligação, afeto, identidade)
Tempo cronológico, do trabalho	Tempo afetivo, do ser
Indiferença	O “espaço vivido”
Instabilidade	Estabilidade
Liberdade	Tradição
Entre estranhos	Entre conhecidos
Racionalidade	Experiência

QUADRO 1 - Conceituações entre espaço e lugar a partir da abordagem humanística em Geografia. Fonte: VALVERDE, 2019.

A abordagem humanística em Geografia entende que os lugares são entes, sujeitos que falam por si. A essência consolidada no plano metafísico mostra que a manifestação da cultura no espaço é inerente à ação humana, sendo as pessoas apenas mediadoras. Uma possibilidade de interpretação desta ideia de que a cultura ocorre de forma indissociada às vontades e intenções das sociedades seria a produção musical da Bossa Nova (MELLO, 1991). Ao se inspirar nas paisagens do Rio de Janeiro, o que a perspectiva humanística compreende é que as paisagens falam por si, sendo os artistas apenas responsáveis por captar e catalisar as forças deste espírito cultural que utiliza o espaço para se manifestar. O afeto (topofilia) se expressa a partir da paisagem em direção ao sujeito (e não o contrário).

### 5.3. Respostas à inércia do engajamento político-social e seus rumos na contemporaneidade

As geografias produzidas ao longo do século XX nos territórios da América do Norte, Escola de Berkeley e Geografia Humanística, se afastaram progressivamente. Os paralelismos são observados pelo fato de ambas terem se interessado pela perspectiva francesa para o entendimento da cultura no espaço. Ambas entendem também que as paisagens são entes, verdadeiros seres e que são dotadas de espacialidades singulares. Outra aproximação é o fato de se assumirem como culturalistas, pois afirmam que a cultura tem existência autônoma.

Porém, Sauer em sua análise geográfica apresentava características objetivas, eliminava o contexto biológico, limitava o apelo histórico, se interessava pelos

fenômenos concretos momentâneos e não se preocupava com questões da Filosofia, enquanto os humanistas, em contraponto, com destaque à Tuan, criticavam a materialidade, por exemplo, pela predileção de estudos sobre percepções. Tuan e os demais inseriam o homem ao centro da análise, sugerindo que não estudavam o espaço diretamente, mas sim os homens e as mulheres inseridos nele. Sendo assim, aborda a inter-relação entre o sujeito e o objeto, cabendo o debate da subjetividade. Neste sentido, no artigo escrito em 1961 intitulado “Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica”, Lowenthal (1923-2018) indicou que acreditava que o papel da Geografia era considerar os aspectos subjetivos da relação homem-meio

Uma importante característica da geografia humanista enfatizada por Lowenthal nesse artigo é a concepção antropocêntrica (...). O homem seria a medida de todas as coisas, uma vez que toda a explicação só seria satisfatória se fundada nas explicações e valores humanos. Neste sentido, o caráter da cultura seria individual, baseado na percepção ou subjetividade, o que a torna concebida além dos aspectos materiais (MELO, 2001, p.34 in CORRÊA e ROSENDAHL, 2001).

São notáveis as inovações dos humanistas para o desenvolvimento da Geografia Cultural. Para Holzer (1999, p. 166), “o que se propunha era radicalizar o estudo geográfico, remetendo-se à essência dos seus conceitos e de seus problemas, de superar separações entre sujeito e objeto”. Desde a não reafirmação da perspectiva saueriana, passando pelo estabelecimento da análise imaterial, em que não depende apenas do que é visto e leva em consideração sentimentos e afetos, é importante destacar que a Geografia Humanística é a abordagem que lida com a noção de cultura que emprestamos atualmente em Geografia. Para Ley (1981 apud MELO, 2001, p. 32), “a proposta inicial da geografia humanista não tinha como objetivo retornar a geografia cultural, mas fazer oposição à análise espacial quantitativa”. Desta forma, tecem a crítica ao pensamento funcional tido como o paradigma na época em razão de sua inércia político-social.

Para atender aos novos anseios da modernidade e contornar tal inércia de engajamento, se propõem a abordar novos temas latentes desde o final do século XX. As críticas de natureza política dizem respeito à disfuncionalidade oriunda do inchaço e do autoritarismo do Estado, que conforme apontado, pode ter sido respaldada na revolta estudantil de maio de 1968, ocorrida na França. Mesmo sem alcançar algum tipo de conquista objetiva, foi fundamental por catapultar temas relativos às Artes, à Filosofia, à Sexualidade e aos Direitos Humanos. O debate político

em solo estadunidense pode ser entendido de forma mais comedida. Ao se pôr dissociada as geografias teórico-quantitativa e radical, uma hipótese pode ser levantada em razão do ambiente de perseguição ideológica que imperava nos Estados Unidos da América na época. Sendo assim, a sublimação política veio pela junção entre a Ciência e a Arte.

Para chegar a uma verdadeira interpretação das culturas, em sua inscrição espacial, o geógrafo deve ser capaz de reunir o maior número de elementos possíveis que tratam dos valores, das significações e das associações construídas por um grupo social. A arte é, em geral, considerada como o meio mais livre e mais espontâneo deste tipo de manifestação. Aquilo que a ciência não chega a reconhecer, devido aos limites impostos pelo método, a arte o consegue por um meio não-racional. Assim, da mesma maneira que os românticos, que consideravam a poesia e a literatura como o berço da expressão dos valores humanos, os humanistas consideram a arte como o elemento de mediação entre a vida e o universo das representações (GOMES, 2016, p. 314).

Paralelamente, Livia de Oliveira (2000), no caminho do entendimento da atribuição de valores às coisas que nos cercam, estabelece relações entre a Geografia e a Psicologia de Jean Piaget (1896-1980) e Yi-Fu Tuan. A difusão da perspectiva genética da Psicologia de Piaget e as concepções de espaço e lugar do Humanismo de Tuan marcam a produção contemporânea da Geografia Humanística (OLIVEIRA, 2017), com especial destaque ao referido geógrafo.

Quando indagado sobre o que seria a Geografia, Tuan responde refletindo sua própria linha de trabalho, que “a geografia é o estudo da Terra como o lar das pessoas” (TUAN, 1977, apud MELLO, 2001, p. 95) e que a “cultura só pode ser interpretada a partir do código dos grupos que a criaram” (GOMES, 2016, p. 311). Para Tuan (1977,1983 apud MELLO, 2001, p. 92), “Na ciranda dos postulados fenomenológicos, os pertences, os amigos e a base territorial fazem parte do acervo íntimo do indivíduo. Pausa, movimento e morada conferem ao mundo vivido a distinção de lugar”. Segundo HOLZER (2001), é no artigo intitulado “Space and Place: Humanistic Perspective”, de 1974, que Tuan dá a guinada fenomenológica.

Até aquele momento suas incursões no campo da “perspectiva ambiental” dedicava-se à análise dos mundos pessoais, a partir sobretudo da psicologia, em particular da teoria da aprendizagem, de Piaget. Nesse artigo, no entanto, espaço e lugar são considerados os conceitos que definem a natureza da geografia. Mais que isso: pela primeira vez a geografia humanista é explicitamente tratada como subcampo autônomo que tem como referência epistemológica a fenomenologia (HOLZER, 2001, p. 107).

Como modo de registrar arte, Psicologia e relatos existenciais, uma das características da produção de conhecimento da Geografia Humanística é o emprego de neologismos. A colagem de sufixos com prefixos latinos e gregos ilustram com relevante efetividade os sentimentos acerca do indivíduo sobre o espaço. Também variantes do inglês são hibridizadas, como no já referido caso do *rootedness*, em que o autor tece as seguintes ressalvas de algo não tão inédito:

Palavras como "raízes" e "senso de lugar" não são termos técnicos ou neologismos. Eles são frequentemente usados no planejamento e no design, bem como por cidadãos que demonstram crescente preocupação com a qualidade ambiental.<sup>26</sup> (TUAN, 2004, p. 263, tradução nossa).

São exemplos de neologismos tuanianos claustrofilia, agorafilia e agorafobia, além dos muito conhecidos topofilia e topofobia. As topofilias estão relacionadas com o "imaginar", o "louvar" e o "celebrar". Para a definição de topofilia, reunindo Yi-Fu Tuan e o filósofo Gaston Bachelard, Mello (2001, p. 88) define que "o sentimento despertado pelo espaço apropriado, da convivência e da felicidade, que se contrapõe ao espaço indiferente, abandonado à medida do geômetra". Sobre o livro "Topofilia" (*Topophilia: a Study of Environmental Perception Attitudes & Values*), de 1947,

Os laços topofílicos concorrem para o estágio de agorafilia, a condição pertinente à filiação, à empatia, à ternura ou ao amor, a espaços amplos, públicos e abertos, bem como, neste diapasão, à claustrofilia, sentimento concernente aos ambientes fechados. Por oposição, a agorafobia e a claustrofobia são forjadas pelos estados de pavor, aversão e medo. (...). Hodiernamente, as ágoras e os claustros emergem livre e submetidos aos limites impostos pela natureza, como montanhas, ilhas ou rios, ou sobretudo por meio dos delírios, sensações, níveis de renda, preconceitos, intolerância religiosa ou trâmites ideológicos e políticos (MELLO, 2001, p. 88-89).

Topofobia foi aprofundada no livro "Paisagens do Medo" (*Landscapes of Fear*), de 1979, traduzido para o português por Oliveira. Nesta obra o sentimento do medo é analisado pelas dimensões histórica, cultural, espacial, técnica e psicológica, e põe ênfase nos elementos subjetivos entre as pessoas e o espaço.

Os medos são experimentados por indivíduos e, nesse sentido, são subjetivos: alguns, no entanto, são, sem dúvida, produzidos por um meio ambiente ameaçador, outro não. Certos tipos de medo perseguem crianças, outros aparecem apenas na adolescência e na maturidade. Alguns medos oprimem povos "primitivos" que vivem em ambientes hostis, outros aparecem nas complexas sociedades

---

<sup>26</sup> No original: *Words like "roots" and "sense of place" are not technical terms or neologisms. They are frequently used by planners and designers as well by a citizenry that shows increasing concern with the quality of the environment.*



tecnológicas que dispõem de amplos poderes sobre a natureza (TUAN, 2005, p. 7).

Anatole Bailly (1833-1911) é outra referência dentre os humanistas. Na apresentação da obra coletiva “L’Humanisme en géographie” (1990), entende a Geografia Humanista como “maneira de conceber a geografia que apela, para além das lógicas da razão, para aquelas do mundo sensível”, e acrescenta que “o humanismo é, assim, a irrupção do mundo poético no mundo científico e a tomada de consciência da explicação necessária de sua própria subjetividade” (GOMES, 2016, p. 333). Outra cientista de renome é Anne Buttimer (1938-2017), professora emérita na University College (Dublin, Irlanda). Para determinar o lugar do subjetivismo, fez “referências à importância da subjetividade como sendo o único meio de superar a divisão do conhecimento em dois mundos, tal como foi introduzida na ciência positivista” (GOMES, 2016, p. 331-332).

Faz parte do contexto dos debates contemporâneos as críticas proferidas em relação aos estudos humanísticos. Além de suas inovações e características, como uma forma de investigação que se dá a partir de escalas incomuns e da atenção das manifestações a partir da experiência do mundo, nem sempre a Geografia Humanística fala de cultura, pois esta seria apenas uma derivação da essência humana. Neste sentido, as críticas dizem respeito ao emprego do método fenomenológico e ao ato de generalização da cultura em defesa do humanismo. Outra crítica se dá em relação aos limites do estabelecimento de um pensamento geral a partir de intuições, “e que as eventuais conclusões da fenomenologia na geografia só podem estar carregadas de subjetivismo” (GOMES, 2016, p. 335). Também, a Geografia Humanística “deve ser vista muito mais como um meio de renovação da ciência dita objetiva, do que uma via alternativa para estabelecer uma base autônoma para a geografia (...)” (GOMES, 2016, p. 335).

## 6. A NOVA GEOGRAFIA CULTURAL

### 6.1. As aproximações com o pensamento marxista e a virada cultural

A Nova Geografia Cultural (NGC), tradução do termo inglês *New Cultural Geography*, é a expressão da pesquisa e divulgação de geógrafos das correntes geográficas radical e crítica, sendo que esse sentido crítico começa a diluir a partir da

final da década de 1980. Sobre essas duas vertentes, a Geografia Radical é voltada às discussões acerca do fenômeno da desigualdade, e a Geografia Crítica à teorização estrutural a partir de Karl Marx (1818-1883), com forte defesa do funcionalismo por meio da transformação do mundo. A Geografia Crítica foi um movimento de renovação do pensamento geográfico cuja denominação advém de uma postura crítica radical frente à Geografia existente (seja a tradicional, seja a pragmática), que foi levada ao nível de ruptura com o pensamento anterior. O seu designativo de crítica diz respeito, principalmente, a uma postura questionadora da realidade, frente à ordem construída (MORAES, 2007).

São os autores que se posicionam por uma transformação da realidade social, pensando o seu saber como uma arma deste processo. São, assim, os que assumem o conteúdo político de conhecimento científico, propondo uma Geografia militante, que lute por uma sociedade mais justa. São os que pensam a análise geográfica como um instrumento de libertação do homem (MORAES, 2007, p. 119).

Poder é uma palavra-chave para as análises desta renovação crítica, tanto para entender suas estruturas, quanto pela sua disputa como vanguarda dentro da academia. A Geografia Crítica se constrói diretamente vinculada ao Marxismo e ligada à negatividade do discurso, ou seja, não aplicado ao Estado, difundida na segunda metade do século XX. Moraes (1954-2015) destaca que o autor que formulou a crítica mais radical da Geografia Tradicional foi Yves Lacoste (1929-) no seu livro “A geografia serve, antes de mais nada, para fazer a guerra” (1976).

Lacoste argumenta que o saber geográfico manifesta-se em dois planos: a “geografia dos Estados Maiores” e a “geografia dos professores”. Para ele, a primeira sempre existiu ligada à própria prática do poder. (...) A “geografia dos professores” seria a que foi aqui denominada de geografia tradicional (MORAES, 2007, p. 120-121).

A origem da NGC remete às décadas de 1970 e 1980, período marcado pela intensa disputa de poderes na Ordem Bipolar, além do início da retomada da Democracia nos países latino-americanos que durante boa parte do século XX ficaram mergulhados em ditaduras militares apoiadas e financiadas pelo imperialismo estadunidense. Nesta reabertura democrática, a liberdade pode ser verificada na possibilidade de acesso, leitura, reflexão e divulgação de ensaios de abordagem crítica, histórico-materialista e marxista. As fontes da NGC, além da Geografia Crítica Francesa, estão no radicalismo anglo-americano, tendo marcado o engajamento de geógrafos em lutas e processos de transformações sociais em curso na última metade do século XX, como o pelo fim da Guerra do Vietnã (1955-1975) e demais movimentos

de revolta que se desdobraram a partir de 1968. Desenvolvida primeiro na Inglaterra, a preocupação da Geografia Crítica Anglo-Americana era diferente daquelas utilizadas na Geografia Humanística:

os autores procuravam uma diversidade de posicionamentos heterodoxos do materialismo histórico (na Escola de Frankfurt, ou nos *Cultural Studies*, nos autores pós-colonialistas) que destacassem em alguma medida uma perspectiva cultural, mas sem estabelecer uma repetição de um discurso estrutural que impedisse ou desqualificasse o debate das ideias, dos valores, dos gestos, das artes (VALVERDE, 2019).

William Bunge (1928-2013) e David Harvey (1935-) são tidos como os principais nomes da vertente crítica anglo-saxônica e se interessaram no estabelecimento de um novo padrão fundamentado no Marxismo para expor as consequências negativas da reprodução do Capitalismo. Foi por meio da revista científica *Antipode* que os principais ensaios da Geografia Radical Anglo-Americana, assim como o da NGC, foram publicados. Lançada em 1969, se declara uma revista voltada à produção do pensamento geográfico radical, conforme anunciado em sua apresentação on-line, sendo uma das protagonistas na difusão da obra de Milton Santos (1926-2001). Segundo Peet (1985), em meados da década de 1970 floresceu uma Geografia Cultural Radical que analisou a opressão capitalista por diversos aspectos, sendo grande parte dos ensaios publicados na *Antipode*.

Analisamos todos os aspectos concebíveis da opressão capitalista - mulheres (Hayford, 1974), o gueto (Blaut, 1974), os doentes mentais (Wolperts, 1974), a habitação (Stone, 1975; Boddy, 1976), a América rural (Antipode, 1975), transporte escolar (Massey, 1976), planejamento (Ambrose, 1976), trabalho migrante (Carney, 1976) e assim por diante. O período foi particularmente notável por uma série de críticas à teoria convencional iniciadas por uma edição britânica editada por Jim Anderson (Antipode, 1973), que publicou seu próprio ensaio sobre ideologia na geografia (Anderson, 1973), a primeira de duas críticas da geografia do subdesenvolvimento por David Slater (1973) e a crítica de Doreen Massey (1973) sobre a teoria da localização industrial. A meu ver, o melhor ensaio crítico da época foi de Hudson (1977), ligando a ascensão do imperialismo à "nova geografia" no final do século XIX<sup>27</sup> (PEET, 1985, p. 2-3, tradução nossa).

---

<sup>27</sup> No original: *We looked at every conceivable aspect of capitalist oppression - women (Hayford, 1974), the ghetto (Blaut, 1974), the mentally ill (Wolperts, 1974), housing (Stone, 1975; Boddy, 1976), rural America (Antipode, 1975), school busing (Massey, 1976), planning (Ambrose, 1976), migrant labor (Carney, 1976), and so on. The period was particularly notable for a series of critiques of conventional theory initiated by a British issue edited by Jim Anderson (Antipode, 1973) which carried his own essay on ideology in geography (Anderson, 1973), the first of two critiques of the geography of underdevelopment by David Slater (1973), and Doreen Massey's (1973) critique of industrial location theory. To my mind, the best critical essay of the time was by Hudson (1977), linking the rise of imperialism with the "new geography" in the later nineteenth century.*

Ao traçar uma comparação entre as tradições anglo-saxônicas do início e do final do século XX, o historicismo praticado enquanto matriz disciplinar de Sauer apresenta características diferentes daquelas da NGC, como a “valorização da (inter)subjetividade, a crença (relativa) na diversidade, o valor à apreciação estética, muito maior que na Escola de Berkeley, e a compreensão como um fim crítico” (CORRÊA, 2001, p. 13). Cosgrove (2013) afirma que uma Geografia Marxista deve reconhecer que o mundo vivido, apesar de simbolicamente constituído, é material e não deve negar sua objetividade, mantendo a sua dialética da cultura e natureza sem cair no idealismo ou no materialismo reducionista.

O marxismo e a geografia cultural compartilham importantes pressuposições básicas referentes ao significado da cultura, mas em diferentes maneiras, e por razões diferentes, ambos falharam em manter essas pressuposições em suas práticas e não desenvolveram um diálogo mútuo (COSGROVE, 2013, p. 6).

O autor sugere possibilidades para uma síntese da Teoria Cultural Marxista com a Geografia Cultural, sendo que “uma geografia verdadeiramente radical é apenas uma perspectiva importante dentro da prática de um campo unificado de atividade: o materialismo histórico” (COSGROVE, 2013, p. 6). É verificada a entrada de mais um novo quadro de referências pela adoção de teóricos, sendo a maioria filiados ao pensamento marxista, como por exemplo G. Lukács, A. Gramsci, R. Williams e L. Althusser.

No processo de renovação e revalorização da geografia cultural diversas influências se fazem presentes. De um lado, a própria tradição saueriana e o legado vidaliano. De outro, a influência das filosofias do significado, especialmente da fenomenologia, e do denominado materialismo cultural de Raymond Williams. Um grande relacionamento com as humanidades em geral enriqueceu a geografia cultural. A geografia social também se constitui em um dos ingredientes a partir dos quais se revigora e geografia cultural (CORRÊA e ROSENDAHL, 2003, p. 12).

O filósofo e historiador húngaro György Lukács (1885-1971) funda uma vertente de discussão entre Política e Cultura por meio de uma refinada crítica sobre a perda de sentido da existência imposta pela coisificação total da sociabilidade capitalista (MORAES, 2005). O retorno ao homem enquanto sujeito, desta forma, se daria por meio da revolução proletária. Também é defensor de uma teorização como estofo ao processo de mudança política, econômica e social, conforme “A ontologia

---

do ser social” (1971). Por sua vez, Antonio Gramsci (1891-1937), filósofo marxista, jornalista e político italiano também inaugura outra linha de pensamento sobre política e cultura. Sua preocupação é a formulação de uma “política cultural” e sua teorização acerca dos “intelectuais”. Segundo Moraes (2005, p. 63):

Ao contrário da ênfase filosófica da reflexão lukácsiana, o pensamento de Gramsci é marcado por uma ótica eminentemente estratégica. Suas formulações visam a orientar diretamente a prática política, a ação partidária. Sua relação com a área acadêmica é de oposição enfática, de combate mesmo (MORAES, 2005, p. 63).

Raymond Williams (1921-1988), em seu livro “Cultura” (*Culture*), entende que essa “em suas formas mais recentes e mais atuantes, deveria ser vista como uma convergência de interesses e métodos muito diversos” (WILLIAM, 1992, p. 9). O autor também apresenta as dificuldades oriundas da polissemia do termo “cultura” e aponta como esclarecimento a convergência de interesses. Essas posições são frequentemente classificadas como (a) idealistas e (b) materialistas.

Podemos destacar duas formas principais: (a) a ênfase no *espírito formador* de um modo de vida global, manifesto por todo o âmbito das atividades sociais, porém mais evidente em atividades “especificamente culturais” - uma certa linguagem, estilos de arte, tipos de trabalho intelectual; e (b) ênfase em *uma ordem social global* no seio da qual uma cultura específica, quanto a estilos de arte e tipos de trabalho intelectual, é considerada produto direto ou indireto de uma ordem primordialmente constituída por outras atividade sociais (WILLIAMS, 1992, p. 11-12).

Essa diretriz no contorno de uma definição de cultura é de grande proveito para os estudos em Ciências Humanas por implicar um método amplo na busca de elementos passíveis de validação na análise cultural, como expressões artísticas, formas da vida social, histórias, valores, e manifestações culturais de um povo.

A cultura, em realidade, conforme argumenta Williams (1997<sup>28</sup>) em texto de 1958, diz respeito às coisas correntes, comuns - ‘culture is ordinary’ - apreendidas na vida cotidiana, no seio da família e no ambiente local. Nesse contexto, as ideias, habilidades, linguagem, relações em geral, propósitos e significados comuns a um dado grupo social são elaborados e reelaborados a partir da experiência, contatos e descobertas (CORRÊA, 2013, p. 169-170).

Considerando a temática espaço e cultura, as tarefas de uma Geografia Radical como prática revolucionária, para Cosgrove (2013), são de entendimento de que a Geografia cultural pode não apenas revelar a contribuição simbólica da ação

---

<sup>28</sup> “Culture is Ordinary”. In: *Studying Culture. An Introductory Reader*. (orgs.). A. Gray e J. McGuigan. London, Arnold.

humana na produção e manutenção das paisagens e o grau pelo qual essas paisagens estruturam e mantêm a produção simbólica,

mas pode examinar criticamente formas emergentes de organização espacial e da paisagem em termos de cumprirem a meta socialista de uma humanidade liberada, atacando as paisagens alienadas do capitalismo atual, não da perspectiva de uma “estética” flutuante (RELPH, 1976), mas de uma estética baseada no reconhecimento de como novas paisagens mantêm e elaboram o código simbólico da sociedade burguesa (WESTERN, 1978). Seu dever é dar boas vindas e promover essas formas de produção de lugares que parecem desafiar as suposições e atribuições do senso comum de nosso mundo capitalista culturalmente construído. (...). Assim, a geografia cultural pode seguir o exemplo de Gramsci de lutar para criar uma nova cultura - uma cultura que envolverá a produção de novas paisagens e de novos significados nas paisagens que já habitamos (COSGROVE, 2013, p. 24-25).

O objetivo da NGC era estabelecer uma contribuição positiva a uma perspectiva marxista por intermédio dos usos das paisagens e seus significados ideológicos. A produção simbólica que destacavam era observada em toda a atividade produtiva e em todas as suas relações, como partes racionais e intencionais de um sistema de significados (VALVERDE, 2019).

Em uma breve análise cronológica das origens da NGC, Cosgrove e Jackson (2003) apontam que a partir da década de 1970 houve as seguintes renovações no campo da Geografia Cultural: 1978, Cosgrove previa a cooperação vantajosa entre a geografia cultural humanista e a Geografia Social Marxista; 1979, Blaut recorria ao Socialismo e à Política do Terceiro Mundo para tecer sua própria crítica radical à Geografia Cultural; 1980, Jackson buscou uma aproximação entre a Geografia Cultural e a Geografia Social, partindo de ideias e métodos da antropologia social. O Materialismo Histórico, em estudos culturais, se dá pela inserção das classes sociais e dos meios e formas de produção existentes entre a sociedade e a natureza. Ao entender a paisagem conectada à classe social, aparecem novos recortes das perspectivas espaciais e a noção de que o mundo vivido não é mero produto de uma consciência humana desimpedida (VALVERDE, 2019).

Nessa perspectiva, a análise da diversidade cultural está longe de ser um fim em si mesmo, como algo a ser contemplado, constituindo-se, em realidade, um meio pelo qual as diferenças passam a ter significados políticos (...) Ao considerarem as classes sociais como portadoras de culturas particulares, rompe-se com uma pretensa homogeneidade cultural, de âmbito nacional, nos países industrializados. A diversidade cultural não se restringe, assim, às consagradas diferenças raciais, étnicas, linguísticas ou religiosas.

Nesse sentido, torna-se clara a observação de Gosgrove<sup>29</sup> da dificuldade de uma definição objetiva de cultura. Argumenta ele que defini-la objetivamente é negar a 'sua subjetividade essencial', e aceitá-la como mensurável e recusar compreendê-la exclusivamente por meio da prática humana, contextualizada histórica e geograficamente” (CORRÊA, 2013, p. 170).

A NGC procura dar respostas a novas perguntas que emergem com a configuração de um mundo cada vez mais urbanizado, globalizado e fragmentado, cuja densidade do meio técnico-científico-informacional se torna cada vez maior a partir do último quartel do século XX.

A tradição homem-terra, embora forte na geografia cultural, é atualmente fraca na geografia social devido à preocupação central com aspectos espaciais de problemas urbanos. (...). O “homem” (...) nesse caso não é o homem genérico desincorporado da geografia cultural ortodoxa, e sim indivíduos e grupo de indivíduos em relação a específicas paisagens sócio-históricas (DUNCAN, 2002, p. 27).

Desta forma, no exercício de definição desta corrente do pensamento geográfico contemporâneo, a NGC seria:

contemporânea e histórica (mas sempre contextualizada e apoiada na teoria); social e espacial (mas não reduzida a aspectos da paisagem definidos de forma restrita); urbana e rural; atenta à natureza contingente da cultura, às ideologias dominantes e às formas de resistência. Para essa 'nova' geografia a cultura não é uma categoria residual, mas o meio pela qual a mudança social é experienciada, contestada e constituída (COSGROVE e JACKSON, 2003, p. 136).

Muito importante é a perspectiva de que os estudos em espaço e cultura, desenvolvidos pela NGC passam a ser conhecidos como “virada cultural” na segunda metade do século XX. “Sob a influência dos estudos culturais britânicos, realizou-se uma virada cultural (*cultural turn*), cada vez mais comum nas ciências sociais (PHILO, 1991 apud DUNCAN, 2000, p. 62). A virada cultural foi o processo de renovação que se fez no contexto de valorização da cultura na década de 1980. Trata-se de um conjunto de mudanças em escala mundial, tendo ressaltado a dimensão cultural dos processos em ação (CORRÊA e ROSENDAHL, 2003). Na NGC, essa valorização da cultura gerou, entre os geógrafos, uma crítica às bases da Geografia Cultural então vigentes, sendo observada nos trabalhos de M. Mikesell, “Tradição e inovação na geografia cultural” (*Tradition and Innovation in Cultural Geography*), de 1978, de J. Duncan, “O supraorgânico na geografia cultural americana” (*The superorganic in American Cultural Geography*), de 1980, e de D. Cosgrove, “Em direção a uma

---

<sup>29</sup> A referência é ao artigo “Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria”.

geografia radical: problemas da teoria” (*Towards a Radical Cultural Geography: Problems of Theory*), de 1998.

De fato, a reconceitualização da cultura tem estado intimamente ligada ao que crescentemente é identificado como “virada cultural” - *cultural turn* - LEY e DUNCAN, 1993a, GREGORY, 1993) nas ciências sociais, um desvio das explicações economicistas em favor de explorar outras “esferas” da vida. (MITCHELL, 2013, p. 82).

O livro “Viradas culturais/viradas: perspectivas em geografia cultural” (*Cultural Turns/Geographical Turns: Perspectives on Cultural Geography*), lançado no ano de 2000, é uma obra organizada por Sion Naylor, James Ryan, Ian Cook e David Crouch, e além de demonstrar a importância da cultura no desenvolvimento de debates em outras subdisciplinas dentro e fora da geografia, também aborda a importância do espaço na produção de valores e expressões culturais, além do impacto, significado e as características da “virada cultural” na geografia contemporânea. Composta por 5 (cinco) partes, sendo estas “viradas culturais, viradas geográficas” (*cultural turns, geographical turns*), “cultura popular e textos culturais” (*popular culture and cultural texts*), “cultura e economia política” (*culture and political economy*), “natureza e sociedade” (*nature and society*) e “espaços e subjetividades” (*spaces and subjectivities*), é uma obra dotada de intencionalidades acerca da defesa de uma nova metodologia em estudos culturais.

Sobre o que seria a “virada cultural”, nessa obra são verificadas as diversas frentes de mudança dos conceitos de Cultura aplicados aos estudos espaciais. Por exemplo, Thrift (2000) é contundente na crítica da lacuna que existe entre a missão política e a prática cultural, marcada por nenhum compromisso de ação.

Os geógrafos culturais, ao longo do tempo, aliaram-se a vários métodos qualitativos e, principalmente, em profundas entrevistas e “procedimentos” etnográficos. Poucos analistas gostariam de negar que a virada cultural nas ciências sociais e humanas - inclusive na geografia humana - pagou enormes dividendos intelectuais. Mais do que isso, simplesmente tornou as coisas muito mais interessantes. Na melhor das hipóteses, o trabalho cultural tornou-se um ecletismo de “vale tudo” sem nenhum senso de projeto político; na pior das hipóteses, uma ilustração do aforismo de Oscar Wilde de que “a moralidade moderna consiste em aceitar os padrões da idade de alguém”. Embora ostensivamente busquem objetivos políticos, há uma crescente lacuna entre missão política e prática cultural - algo muito hype, mas nenhuma ação.<sup>30</sup> (THRIFT, 2000, p. 1-2).

---

<sup>30</sup> No original: *Cultural geographers have, over time, allied themselves with a number of qualitative methods, and most notably in-depth interviews and ethnographic 'procedures'. There are few commentators who would want to deny that the cultural turn in the social sciences and humanities – including in human geography has paid enormous intellectual dividends. More than this, it has simply*



Ryan (2000) considera os entrelaços da Geografia com a Antropologia nos Estudos Culturais e aponta que existem estratégias óbvias e outras não tão óbvias, principalmente de reformulação entre a concepção teórica e a prática de campo, pois há uma preocupação estreita de como o termo “cultural” pode resultar em geografias “desmaterializadas” e “desassociadas”. Também preocupa-se em fazer avaliações sóbrias da “virada cultural” à luz do interesse renovado na investigação fundamentada em teórica e empiricamente.

A parte argumenta que tanto as estratégias "óbvias" quanto as estratégias "não óbvias" representam importantes reformulações da ideia e da prática do "trabalho de campo" e sugerem novos diálogos entre e dentro da investigação geográfica e antropológica. Mostra como uma preocupação estreita com o "cultural" pode resultar em geografias "desmaterializadas" e "dissocializadas". Mostra também a parte da complexidade obscurecida nesse termo abrangente de "virada cultural" e explora como ele tem versões e efeitos particulares e localizados. Preocupa-se em fazer avaliações sóbrias da virada cultural à luz do interesse renovado na investigação fundamentada em teoria e também empiricamente.<sup>31</sup> (RYAN, 2000, p. 9-10, tradução nossa).

Clarke (2000) sugere que a “virada cultural” precisa ser entendida como incorporada nos dois conjuntos de desenvolvimento, sendo eles o Estado de bem-estar social, e o de desenvolvimento analítico, que pode ser entendido como desenvolvimento da economia. Desta forma, a “virada cultural” teria como compromisso o foco nas políticas sociais.

Este capítulo explora a importância da 'virada cultural' em relação ao bem-estar social. Argumenta que o foco em questões de bem-estar social revela importantes interseções entre mudanças sociais, culturais e políticas em relação ao Estado de bem-estar social e desenvolvimentos analíticos no estudo da política social. O capítulo sugere que a "virada cultural" precisa ser entendida como incorporada nos dois conjuntos de desenvolvimento. A virada cultural na política social centrou-se na recuperação das circunstâncias sociais do reino da natureza e na sua reconstrução enquanto elementos do social. A virada cultural destaca a qualidade temporária, frágil ou contingente de construções sociais específicas. A capacidade de palavras,

---

*made things a lot more interesting. At best, cultural work has become an 'anything goes' eclecticism with no sense of political project; at worst, an illustration of Oscar Wilde's aphorism that 'modern morality consists in accepting the standards of one's age'. Whilst ostensibly pursuing political goals, there is an increasing gap between political mission and cultural practice – there is plenty of hype but no action.*

<sup>31</sup> No original: *The part argues that both 'obvious' strategies and 'non-obvious' strategies pose important reformulations of the idea and practice of 'fieldwork' and suggests new dialogues between and within geographical and anthropological enquiry. It shows how a narrow preoccupation with the 'cultural' can result in 'dematerialized' and 'desocialized' geographies. The part also shows some of the complexity obscured within that catch-all term 'the cultural turn' and explores how it has particular and localized versions and effects. It is concerned with making sober assessments of the cultural turn in the light of renewed interest in theoretically and empirically grounded enquiry.*

significados, construções e identidades em serem fluidas ou polivalentes é uma característica central da "virada cultural". O ponto focal da política social na prática e o estudo acadêmico da política social tem sido essa concepção do 'social' - um esquema classificatório específico de desigualdade social<sup>32</sup> (CLARKE, 2000, p. 54-55, tradução nossa).

Torna-se visível a forte perspectiva política dentro dessa corrente de pensamento da Geografia Cultural. Em busca de possibilidades de intervenção nas políticas culturais em prol da “justiça cultural” (MITCHELL, 2000 apud CORRÊA, 2014, p. 174), o debate do conceito de Cultura é inovador na NGC, pois estes geógrafos se autoproclamam como materialistas, ou seja, não adotam a visão culturalista. Ao não adotar esse conceito de que a Cultura seria uma dimensão à parte da sociedade, acabam por não pressupor idealizações e essências de uma Cultura que importa, pois ela pode ser um instrumento de força sobre o mundo.

## 6.2. “Não existe aquilo que chamamos de cultura”

A NGC sugere que a Cultura não seria um sistema de significados. Pelo menor peso revisionista e mais marxista, os autores da NGC entendem Cultura enquanto parte da superestrutura, termo este fundado por Marx, que significa que a cultura não é uma instância da realidade. A provocativa afirmação de que “não existe aquilo que chamamos de cultura”, de autoria do geógrafo Don Mitchell, sintetiza o pensamento da perspectiva da nova geografia cultural acerca deste amplo e complexo conceito que é cultura, o que justifica o título deste tópico do capítulo. Para o autor, “na verdade, a ideia de cultura estabelece uma cunha ideológica precisamente entre o funcionamento da economia e de outros aspectos da vida social” (MITCHELL, 2013, p. 96), sendo que

o valor do reconhecimento de que a cultura não existe consiste em permitir-nos começar o processo difícil de compreender como a ideia de cultura funciona em meio e através de relações sociais de produção e reprodução (MITCHELL, 2013, p. 97).

---

<sup>32</sup> No original: *This chapter explores the significance of the 'cultural turn' in relation to social welfare. It argues that focusing on issues of social welfare reveals important intersections between social, cultural and political changes in relation to the welfare state and analytical developments in the study of social policy. The chapter suggests that the 'cultural turn' needs to be understood as embedded in both sets of developments. The cultural turn in social policy has centred on the recovery of social circumstances from the realm of Nature and the remaking of them as elements of the Social. The cultural turn highlights the temporary, fragile or contingent quality of specific social constructions. The capacity of words, meanings, constructions and identities to be fluid or polyvalent is a central feature of the 'cultural turn'. The focal point of social policy in practice and the academic study of social policy has been this conception of the 'social' - a specific classificatory schema of social inequality.*

Ainda neste artigo de Mitchell, cujo título é “Não existe aquilo que chamamos de cultura: para uma reconceitualização da ideia de cultura em geografia”, o autor discorre sobre a sugestão dada por Marvin Mikesell de que já seria tempo de os geógrafos pensarem mais seriamente sobre como desejam usar o conceito de Cultura. Desde então, há um esforço para uma nova conceituação desse tema.

Os geógrafos culturais há muito tentam definir seu objeto de estudo: primeiro, referindo-se, pelo menos implicitamente, à cultura como uma coisa supraorgânica e, mais recentemente, teorizando a cultura como um terreno, região, nível, domínio, meio ou sistema de significados. Ambas as abordagens foram dificultadas ao insistirem que a cultura tem status ontológico, ou seja, que ela realmente existe (MITCHELL, 2013, p. 97).

James Duncan (2002), em seu artigo intitulado “O supraorgânico na geografia cultural americana”, argumenta que o emprego da teoria supraorgânica da cultura como sendo de natureza ontológica ou empírica é marcada por erros.

É um caso de antropomorfismo, de reificar um construto mental e atribuir-lhe auto-direção e poder sobre os homens que é puramente fictício. Ademais, isto envolve a rejeição de modos de pensar o senso comum, sem ganhar poder analítico. A suposição de homogeneidade dentro de uma cultura é uma generalização empírica que não parece ser justificável em termos de expansão do progresso teórico. O uso do homem genérico e tipos de personalidades modais como mecanismos causais é mais um caso de reificação. Um problema ainda maior está no fato de que eles impossibilitam a pesquisa de importantes questões. (...) Poderíamos acrescentar que esse fracasso na defesa do uso de uma teoria obsoleta é geral e não está restrito à geografia cultural (DUNCAN, 2002, p. 25-26).

A chave para a dissociação da Cultura desse viés seria pela associação da Sociologia com a Antropologia, como numa convergência entre a Geografia Cultural e a Geografia Social.

Se a cultura não for mais vista como um objeto autônomo, que requer um nível de investigação auto-suficiente, e sim como o contexto para interação social, então a distinção entre geografia social e geografia cultural cai por terra. Em vez de estudar uma “coisa” chamada cultura, a pesquisa estaria focalizada em indivíduos e grupos à medida que eles interagem com seu ambiente físico em vários contextos sociais e institucionais em uma variedade de escalas (DUNCAN, 2002, p. 26-27).

Por negar o culturalismo, a Nova Geografia Cultural entende que os fenômenos ditos culturais são, na realidade, formas de ação econômica e política que servem para a manutenção do poder e geração de capital. Assim

Além de (e certamente elaborando sobre) toda a agitação na geografia cultural e estudos culturais em geral, gostaria de sugerir que

há uma reconceitualização adicional de “cultura” em marcha. Esta reconceitualização começa afirmando que não existe tal coisa (ontológica) que chamamos de cultura. Em vez disso, há apenas uma ideia muito poderosa de cultura, uma ideia que se desenvolveu sob condições históricas específicas e posteriormente ampliou-se como um meio de explicar diferenças materiais, ordem social e relações de poder (MITCHELL, 2013, p. 83).

O uso do termo Cultura, para Cosgrove, é puramente ideológico. No exercício de comparação entre a mais difundida tradição de estudos em Geografia Cultural, que é a humanista, com a Geografia Marxista, para Cosgrove (2013) a primeira considera a cultura como central para o seu objetivo: compreender o mundo vivido de grupos humanos; já a segunda corrente deve reconhecer que o mundo vivido, apesar de simbolicamente construído, é material e não deve negar sua objetividade.

Esta redefinição de cultura coloca-a como dotada de sentido político, no qual a noção gramsciana de hegemonia cultural e as expressões política cultural e produção cultural estão associadas (MITCHELL, 2000 *apud* CORRÊA e ROSENDAHL, 2003, p. 13)

Cosgrove (2013), no artigo “Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria”, indica que “pouco se ganha ao se tentar uma definição precisa de cultura. Fazê-lo implica em sua redução a uma categoria objetiva, negando sua subjetividade essencial” (COSGROVE, 2013, p. 5), sendo a própria palavra ideológica. Por não fazer parte da instância da realidade, a Cultura é uma forma que adquire vivacidade apenas pelo seu uso, ou seja, a Cultura seria apenas uma forma de ação derivada da economia e da política que teria como objetivo a manutenção das estruturas de poder e geração de capital.

Cultura não seria um meio, nem um nível de discussão, mas é entendida como falsa-consciência, sendo este um termo marxista utilizado para exprimir a ideia de que a ideologia traduz uma visão sistemática deformada do mundo. Por confundir a aparência das coisas com o seu verdadeiro conteúdo, a Cultura seria um mecanismo criado para levar a teorias próprias que não traduzem a realidade. Assim, a Cultura também estaria dotada de um caráter alienante. É realizada uma espécie de “denúncia” da Cultura pela NGC por meio de sua ideologia crítica, sendo acusada de obscurecer o debate real da vida e das relações conflituosas entre classes sociais. A sofisticação do trabalho mobilizador da Cultura pode ser aplicado às justificativas e renovações do Capitalismo flexível, sendo as pontes escalares entre o local e o global tecidas de forma a relativizar as verticalidades oriundas dos interesses financeiros.

Haveria também um vazio na explicação pela evocação excessiva dos contextos culturais, como se a expansão da Geografia Cultural fosse o resultado da aplicação indevida da multiplicidade dos estudos culturais.

O conceito de cultura trabalhado pela NGC não crê em entidades e dimensões místicas, mas entende que a Cultura é feita por homens e mulheres, pessoas dotadas de pensamento racional. Tecem crítica à *Metafísica Cultural*, desprezam as ultrapassadas ideias de níveis culturais e alienam a dimensão biológica no discurso em Cultura. Contudo, apesar desta solidez da análise, há divergências entre os próprios idealizadores, além de uma espécie de flutuação de opinião e aplicação do conceito de Cultura ao longo do tempo.

Estas maneiras de ver a “cultura” não impedem a reificação, mas a perpetuam, introduzindo no cerne da geografia o que ainda é um conjunto mistificado de suposições sobre como se realiza a prática social. E isto permanecerá até que os teóricos da sociedade abandonem a noção de uma cultura ontológica e comecem a focalizar como a própria ideia de cultura foi desenvolvida e desdobrada como um meio de tentar ordenar, controlar e definir “outros” em nome do poder ou do lucro” (MITCHELL, 2013, p. 83).

Por meio da reconceituação de Cultura, a NGC sugere uma possível agenda para a Geografia Cultural, ao compreender como grupos poderosos historicamente a operacionalizaram. Deste modo, permitiria ver de maneira menos ruidosa as relações sociais, “não como alguma romantização de movimentos oposicionais, nem como um exercício de celebração da diversidade, mas como processos sociais reais, práticas de representações materiais” (MITCHELL, 2013, p. 98).

No processo de renovação da geografia cultural, verificado sobretudo durante a década de 1980, o conceito de cultura, central para este campo da geografia, é revisto pelos geógrafos. As críticas a esse respeito, em realidade, já se faziam sentir desde a década de 1970, como aparece com Mikesell (1978<sup>33</sup>). Nessa visão o conceito de cultura é liberado da concepção holística transcendental que a concebe como uma entidade supraorgânica, como uma força externa pairando sobre os indivíduos, tendo as suas próprias e autônomas leis. Nessa concepção, os indivíduos são seres passivos, ‘mensageiros da cultura’, conforme argumenta Duncan (1980<sup>34</sup>) em sua contundente crítica a essa concepção introduzida por Alfred Kroeber na antropologia americana e aceita por Sauer na geografia cultural. Na rejeição dessa visão de cultura se descartam também os hábitos condicionados, associados a valores e normas inconscientemente aceitos, como o modo de internalização da cultura

---

<sup>33</sup> Referente ao artigo “Tradição e inovação na geografia cultural”.

<sup>34</sup> Referente ao artigo “O supraorgânico na geografia cultural americana”.

dos indivíduos. A homogeneidade e a estabilidade dos grupos humanos são também descartadas (CORRÊA, 2013, p. 169).

Com o foco na análise das estratégias do domínio simbólico, a dimensão cultural assume importância com o conceito de “guerra cultural” cunhado por Mitchell. Ao analisar as políticas culturais, o autor aproxima as questões simbólicas relativas à cultura ao processo de conflitos e interesses territoriais. Assim, “*culture wars are real wars*” (MITCHELL, 2000, p. 283).

Combine o fato de que nações e Estados são sempre criações de processo maiores com a situação de que as populações dentro dos Estados são elas próprias altamente fragmentadas e respondem ao processo operando em escalas maiores e menores que o Estado-nação, sendo claro que as questões de desterritorialização são complexas<sup>35</sup> (MITCHELL, 2000, p. 281, tradução nossa).

A justificativa de sua defesa do conceito de “guerras culturais” vai na direção da afirmação de que a Cultura é apresentada enquanto um sistema de significações, sendo que há uma expressão simbólica e um interesse na investigação por esta produção simbólica. É de interesse a ordem social comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada, sendo os apelos semióticos e discursivos levados em consideração, que seu raciocínio é validado. Interessante também é observar o título do capítulo 1 do livro de 2000, que é *Guerras Culturais: Cultura é Política com Outro Nome (Culture Wars: Culture is Politics by Another Name)*, ofertando o caminho entre produção simbólica, cultural e política.

Na produção de novos sentidos e valores, a NGC ajuda o entendimento no sentido dos processos de produção, reprodução e destruição dos espaços. Entende-se que sua análise de espaço e Cultura é fruto de um olhar interior, sendo a esta última um elemento relativo que não pode ser reduzido nos estudos espaciais (VALVERDE, 2019). Dessa forma, é possível verificar que o conceito de Cultura tido por essa escola geográfica é entendida como uma forma de se intervir no mundo. Assim, a Cultura mobiliza as relações econômicas e preenche a lacuna entre o material e o imaterial, sendo a sua análise realizada a partir das relações de produção. Logo, assume altivez na militância e no ato de transformação social.

---

<sup>35</sup> No original: *Compound the fact that nations and states are always creatures of process larger themselves with the fact that populations within states are themselves highly fragmented, and responsive to process operating at scales both larger and smaller than the nation-state, and it is clear that questions of deterritorialization are hardly simple.*

### 6.3. “Após a Guerra Civil: reconstruindo a geografia cultural como heterotopia”

A partir da afirmação e reconhecimento de que toda a produção é simbólica, há o exercício por parte de um novo quadro de pensadores da NGC que busca transcender a materialidade da natureza, ou seja, se baseiam no princípio do materialismo, mas não se fixam apenas a isso. Neste sentido, Cultura é entendida também como uma prática comunicativa. Por isso, a NGC cria novos sentidos e valores para a Cultura por meio da análise inovadora de produções culturais como filmes, livros, teatro e programas televisivos, como por exemplo Marc Brousseau e suas investigações na literatura, George O. Carney e Lily Kong na música, Stuart C. Aitken e Leo E. Zonn nas expressões estéticas iconográficas, e Jeff Hopking no cinema, rompendo com a conexão obrigatória dos estudos com a natureza.

Além dos geógrafos supracitados, os nomes de maior destaque da NGC são Denis Cosgrove (1948-2008), que lecionou nas Universidades da Califórnia e de Londres, Peter Jackson (1955-), que está na Universidade de Sheffield, James Duncan (1946-), docente na Universidade de Cambridge, Stephen Daniels (1950-), professor emérito da Universidade de Nottingham e Don Mitchell (1961-), das universidades de Uppsala e Siracusa. Diante de uma ausência de unicidade conceitual verificada ao longo do desenvolvimento dos ensaios e pesquisas da NGC, uma pergunta fundamental para esta corrente do pensamento é: qual o peso da Cultura? Com grande variação de autor para autor, não é possível afirmar que há uma única ideia do peso da Cultura do espaço. A NGC vem de uma caminhada que toma corpo na “virada cultural”, mas há também uma tentativa de encaixe entre as dimensões funcional e subjetiva, sendo o principal paradigma o da Cultura trabalhada como representação do mundo.

Para Valverde (2019), a influência dos *cultural studies* na NGC pode ser observada nos seguintes apontamentos: a consideração da semiótica na análise das formas simbólicas; o entendimento de como o significado é construído; a releitura da Escola de Frankfurt em instituições de pesquisas inglesas; a análise simbólica do poder; a adoção do caráter imaterial e ideológica da Cultura nos estudos espaciais; a constatação de que o poder ocorre não apenas pela coerção; a determinação de que as trocas não ocorrem apenas de forma artificial; a valoração dos variados usos e sentidos na Cultura; a crítica ao sentido supraorgânico. A partir da conceituação da cultura sob o espectro do materialismo, essa teria uma espécie de “missão” de

revelação dos processos históricos ao denunciar as aparências. Os ensaios sobre paisagem são interessantes para ilustrar a polissemia do conceito de cultura. Para Duncan (2002, p. 27), “A ênfase na explicação social, psicológica e ocasionalmente política, encontrada na geografia social valoriza a paisagem, seja como artefato ou como estética, enfatizada pela geografia cultural”.

O conceito de paisagem como configuração de símbolos e signos leva a metodologias mais interpretativas que morfológicas. Entre as metodologias interpretativas mais favorecidas estão aquelas da linguística e da semiótica, associadas aos avanços do pós-guerra (COSGROVE e JACKSON, 2013, p. 137).

A NGC entende que os significados a partir das representações artísticas, por exemplo, da paisagem, são relevados pelas mudanças no uso e percepção da terra durante o longo e complexo desenvolvimento do capitalismo.

As sociedades mais primitivas, com menos comércio, que foram estudadas pela geografia cultural tradicional, tinham códigos simbólicos mais estáveis que os das sociedades contemporâneas. O mundo pós-moderno - marcado pela liberdade de atribuir significados e pela intertextualidade, com a qual invertemos signos e símbolos para reciclá-los em contextos diversos e, dessa forma, transformar sua referência - enfatiza a superfície, e não a profundidade (YOUNGS, 1985; DANIELS e COSGROVE, 1987). Consequentemente, poucos são os métodos iconográficos ou de diagnóstico que recorrem à “interpretação em profundidade” para estudar as paisagens contemporâneas (COSGROVE e JACKSON, 2013, p. 140).

Mesmo não sendo uma concepção cônica, a paisagem na NGC pode também ser entendida como um modo de ver, ou seja, sua concepção imaginativa ocorre a partir do visível e há uma conexão com a apropriação prática. Sendo assim, a valoração da paisagem pela NGC não ocorre pelo discurso e análise da paisagem por si só, mas por meio da afirmação de seus usos, desigualdades, lutas e significações materiais. Seus estudos da paisagem contribuem para o pensamento marxista, pois reconhecem a individualidade dos lugares produzidos e mantidos pela ação humana, vinculam as análises à Cultura hegemônica de Gramsci e tratam as imagens das dominações e das libertações. São exemplos de temas de representação de paisagens pela perspectiva da NGC gênero, estetização do poder, diferenciação do consumo, etnia, classe social e estratégias de natureza política e ideológica. A etnia como categoria social tem no conceito de raça o seu aprimoramento. Por meio da contenção e desaparecimento do sentido biológico racial, etnia para a NGC é empregada para a problematização do discurso de classes sociais.



Há uma certa distância no conceito de Cultura adotado pelos teóricos da NGC, como por exemplo Duncan, que desenvolve Cultura enquanto um sistema linguístico e Mitchell que entende a Cultura como um novo supraorgânico. Apesar de que “o que os une em torno da geografia cultural é que esses aspectos são vistos em termos de significados e como parte integrante da espacialidade humana” (CORRÊA e ROSENDAHL, 2003, p. 13-14), além de fazer o uso da Teoria da Representação nas artes, há uma cisão epistemológica no decorrer da NGC. Na busca pelo entendimento das relações de poder que podem traduzir a análise da Cultura no espaço são verificadas duas fases de trabalhos: uma primeira com ênfase nas relações de poder entre as décadas de 1970 e 1980, e uma segunda a partir da década de 1990, influenciada pelas correntes pós-modernas. Esta última, que se serve das fontes etnográficas culturalistas e da Sociologia Empírica, se desenvolve no contexto histórico do impacto do fim do Socialismo Real. Por isso, a globalização e a expansão do consumo são temas que assumem protagonismo.

James Duncan (2000), em um texto *sui generis* publicado com o também peculiar título “Após a Guerra Civil: reconstruindo a geografia cultural com heterotopia”, discorre que um dos embates entre as primeira e segunda fases da geografia cultural anglo-saxônica é, também, um conflito geracional.

Quem quer que leia a literatura da área precisa ser muito distraído para não notar que, desde 1980, está ocorrendo uma verdadeira guerra civil na geografia cultural. Este embate tem tido, em grande parte, mas não exclusivamente, um caráter de luta entre gerações. Os geógrafos culturais mais jovens, formados no fim da década de 1970 e nos anos 1980 atacam as posições da geração mais velha, treinada nas décadas de 1950 e 1960” (DUNCAN, 2000, p. 61).

Com uma narrativa que simula uma verdadeira batalha campal, Duncan atribui “tiros certos” dados de uma geração contra a outra, mesmo que a visão contemporânea de uns não tenha sido motivo suficiente para “decidir a guerra”. “A geração mais velha é preponderantemente norte-americana. A nova também, mas nos últimos anos os geógrafos sociais britânicos se juntaram a ela” (DUNCAN, 2000, p. 62), sendo os britânicos os responsáveis pela virada cultural nos estudos.

A geografia cultural que emerge da ‘guerra civil’ entre os geógrafos sauerianos e aqueles adeptos de novas influências é, em realidade, caracterizada por Duncan (2000) como uma heterotopia, em relação à qual coexistem inúmeras interpretações distintas, sem que uma seja melhor que a outra (CORRÊA e ROSENDAHL, 2003, p. 13).

O papel do autor foi o de “hastear a bandeira branca” para resolver tais conflitos geracionais, “e, dessa forma, restaurar a unidade dessa subárea. O volume argumenta em favor de uma unidade, baseando-se em um genealogia comum” (DUNCAN, 2000, p. 63). Desta forma, Duncan realiza um resgate do pensamento acerca de espaço e de cultura que foi desenvolvido pelas décadas de estudo e produção da NGC. Partindo da obra fundante da dupla Philip Wagner e Marvin Mikessel, o livro *Readings in Cultural Geography*, lançado em 1962, que reúne os textos e ensaios de geógrafos e não geógrafos desenvolvidos por quarenta anos em Berkeley<sup>36</sup>, sob influência da perspectiva saueriana, Duncan (2000) tece um balanço sobre o desenvolvimento e aperfeiçoamento de temas como o objetos de estudo da Geografia Cultural, os conceitos de Cultura adotados, as ordens epistêmicas hegemônica e suas rupturas, até chegar a sugestão que uniria toda a gama de geógrafos culturais dotados de plurais perspectivas: a Heterotopia.

(...), vou sugerir linhas marcantes de diferenças dentro da geografia cultural, tão proeminentes nos dias de hoje que podem ser usadas para defini-las. Essas diferenças advêm da rápida expansão da pesquisa geográfica dentro das outras ciências sociais e humanidades; provêm, além disso, da incorporação de um grande contingente britânico com uma genealogia intelectual diversa. As mesmas diferenças transformaram a geografia cultural em heterotopia (lugar de discursos incompatíveis), admitamos ou não (DUNCAN, 2000, p. 74).

Ao admitir que a gama de interesses e perspectivas comuns aos geógrafos culturais chegou a um ponto de perda total de uma unidade que anteriormente havia sido delineada, como, por exemplo, a partir dos “Temas da Geografia Cultural” que Wagner e Mikesell haviam sistematizado décadas atrás, Duncan (2000) realiza uma reflexão e admite que o melhor saída seria via “celebração da diferença”. Desta forma, vale o raciocínio de que não há uma unicidade no pensamento se o objeto de estudo não é algo passivo de estrita definição.

(...) a geografia cultural passa a ser epistemologicamente plural, uma heterotopia epistemológica (DUNCAN, 2000), na qual se combinam desigualmente diferentes matrizes, oriundas da tradição geográfica saueriana e vidaliana, das filosofias do significado e sua associada geografia humanista e da geografia social inglesa, fortemente influenciada pelo materialismo histórico contido no pensamento de Raymond Williams e dos membros do Centre for Contemporary Cultural Studies de Birmingham (JACKSON, 1989<sup>37</sup>) (CORRÊA, 2013, p. 168).

<sup>36</sup> Veja o item 2 deste capítulo, “Escola de Berkeley”.

<sup>37</sup> Referente ao livro “*Maps of Meaning*”.

É importante frisar que este entendimento de cultura enquanto algo não pertencente à esfera do real começa a perder força nos anos 1990, momento este entendido como uma segunda geração das produções da NGC. As abordagens pós-modernas assumem protagonismo no cenário acadêmico, ao entender que as oportunidades dos estudos da cultura pela NGC vão em direção a diferenciação entre estudo das coisas e das representações, enxergando o reencantamento do mundo pela observação, percepção, vivência e análise crítica das pessoas e do pesquisador. Desta forma, haveria um maior lastro para a ação sobre o processo de homogeneização cultural latente na contemporaneidade. Assim, o entendimento e a mobilização seriam fatores decisivos para o exercício do poder no século XXI.

## 7. O DEBATE NA PÓS-MODERNIDADE

### 7.1. Rupturas na Ciência, Cultura e Vida Social pela Pós-Modernidade

Um momento do debate de possíveis propostas integradoras entre a Nova Geografia Cultural inglesa e a Geografia Humanística norte-americana ocorrido nos anos 1980 pode ser considerado um marco para o início do desenvolvimento de pesquisas em Geografia Cultural no âmbito da Pós-Modernidade. O retorno ao empírico e a ausência de um único modelo teórico-metodológico conferia um convite a redescobrir o espaço geográfico que não iria no mesmo sentido da argumentação das duas formas anteriormente citadas.

Para Valverde (2019), autores como David Ley, Denis Cosgrove, James Duncan e Peter Jackson, que tinham trânsito entre autores e ambientes da difusão dessas formas distintas de trabalhar a Cultura, sugeriam que o contexto do final do último quinto do século XX era favorável a consideração de questões variadas, como gênero, artes e etnia, que até aquele momento pouco interessavam aos geógrafos. Em suas concepções ecléticas, ambas as formas (Nova Geografia Cultural inglesa e a Humanística) pensavam sobre os elementos problemáticos para a síntese: metafísica, banalidade e as fontes marxistas de abordagem.

Para aqueles/as teóricos/as que acreditam que as identidades modernas estão entrando em colapso, o argumento se desenvolve da seguinte forma: um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero,

sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais (HALL, 2006, p. 9).

No debate sobre as origens da pós-modernidade, torna-se necessário realizar um exercício de sistematização histórica de fatos que possibilitam uma nova divisão cronológica. Primeiramente, vale assinalar o período moderno que, segundo Claval (2007), para pintores e artistas, se impôs no século XIX no momento em que o academicismo e o classicismo começaram a ser objeto de críticas, tornando-se a estética da arte moderna algo político por confrontar a renovação através da crítica à mediocridade e superficialidade dos períodos anteriores; para historiadores e arquitetos, se dá através da quebra entre a razão clássica e o senso de beleza; para a antropologia e as ciências sociais, o funcionalismo é tido como uma marca da modernidade; para filósofos, as raízes da modernidade situam-se mais atrás da história, na época em que Descartes, Galileu e Hobbes definem, por vias diferentes, os princípios que regeram a organização social do Ocidente.

Conforme Claval (2007, p. 402), “o movimento pós-moderno nasceu do descontentamento dos arquitetos, depois estendeu-se ao conjunto dos artistas, à filosofia e à ciência”. Em seu livro intitulado “A virada cultural: escritos selecionados sobre a pós-modernidade, 1983-1998” (*The cultural turn: selected writings on the postmodern, 1983-1998*), Frederic Jameson (2000) afirma que o conceito de pós-modernidade não é aceito e nem mesmo é entendido de forma geral

Pós-modernidade não é simplesmente um termo para a descrição de um certo estilo. É também - pelo menos no uso que dou a ele - um conceito “periodizador” cuja função é correlacionar a aparência de novas características formais na cultura com a de um novo tipo de vida social e uma nova ordem econômica, que é frequentemente de maneira eufemística chamada de modernização, sociedade pós-industrial ou de consumo, sociedade da mídia ou do entretenimento ou capitalismo multinacional. Esse novo momento do capitalismo remonta ao seu auge do pós-guerra nos Estados Unidos no final da década de 1940 e no início da década de 1950, ou ao estabelecimento da Quinta República na França em 1958. A década de 1960 é, sob muitos aspectos, o período de transição fundamental, no qual a nova ordem internacional é estabelecida (neocolonialismo, revolução verde, computação e informação eletrônica), que ao mesmo tempo é varrida e abalada por suas próprias contradições internas e resistência externa<sup>38</sup> (JAMESON, 2002, p. 17-18, tradução nossa).

---

<sup>38</sup> No original: *Postmodernidad no es simplemente un término para la descripción de un estilo determinado. También es - al menos en el uso que yo le doy - un concepto “periodizador” cuya función es correlacionar la aparición de nuevos rasgos formales en la cultura con la de un nuevo tipo de vida social y un nuevo orden económico, que a menudo se denomina eufemísticamente modernización, sociedad postindustrial o de consumo, sociedad de los medios de comunicación o del espectáculo, o*

Jameson (2002) determina que nada é tão abstrato como o capital financeiro que sustenta e mantém a pós-modernidade como tal, o que para Claval (2007) soa como o signo da crise que atinge de repente as maneiras de ver o mundo, de definir a verdade e de construir a sociedade que tinha dado segurança a Europa. Para a abordagem marxista destas mutações contemporâneas, Claval (2007) cita como exemplo os movimentos sociais que hoje tem em seus discursos a organização do espaço, a qualidade da cidade e o direito ao acesso à serviços de qualidade enquanto pauta, e não mais a narrativa sobre partilha das rendas ou a revolução do proletariado de maneira *stricto sensu*. Ainda na linha marxista, na pós-modernidade há terreno propício para análise da cultura, difundido a partir de Escola de Frankfurt e da “cultura de massa”.

Hoje, o que se denomina de pós-modernidade articula a sintomatologia de outro estágio de abstração, qualitativamente e estruturalmente diferente daquele das páginas anteriores, (...). Caracterizamos o nosso momento de capitalismo financeiro: o momento do capitalismo financeiro da sociedade globalizada, as abstrações trazidas pela tecnologia cibernética (o que é errado chamar de “pós-industrial”, exceto como uma maneira de distinguir sua dinâmica do momento “produtivo” mais antigo”. Assim, qualquer nova teoria geral sobre o capitalismo financeiro terá que se estender ao campo expandido da produção cultural para explorar seus efeitos: estritamente falando, a produção e o consumo cultural em massa - a par da globalização e da nova tecnologia da informação - são tão profundamente econômicos como as outras áreas produtivas do capitalismo tardio e são igualmente integradas ao seu sistema generalizado de mercadorias<sup>39</sup> (JAMESON, 2002, p. 189-190, tradução nossa).

Jameson (2002) entende que a teoria cultural marxista se preocupou, quase que com total exclusividade, em torno das questões do realismo na medida que este se associa a uma cultura burguesa, sendo que o dinheiro seguiu desempenhando

---

*capitalismo multinacional. Este nuevo momento del capitalismo puede remontarse al auge de posguerra en los Estados Unidos, a fines de los años cuarenta y comienzos de los cincuenta, o al establecimiento de la Quinta República en Francia, en 1958. La década del sesenta es en muchos aspectos el período transicional clave, en el que se establece el nuevo orden internacional (neocolonialismo, revolución verde, computación e información electrónica), que al mismo tiempo es barrido y sacudido por sus propias contradicciones internas y la resistencia externa.*

<sup>39</sup> No original: *Hoy en día, lo que se denomina posmodernidad articula la sintomatología de otra etapa de abstracción, cualitativa y estructuralmente distinta de la que en las páginas precedentes, (...). Caracterizamos como nuestro momento de capitalismo financiero: el momento capitalista financiero de la sociedad globalizada, las abstracciones traídas con ella por la tecnología cibernética (que es erróneo llamar “postindustrial”, excepto como una forma de distinguir su dinámica de la del momento “productivo”, más antiguo”. Así, cualquier nueva teoría general del capitalismo financiero tendrá que extenderse hacia el reino expandido de la producción cultural para explorar sus efectos: en rigor de verdad, la producción y el consumo culturales de masas - a la par con la globalización y la nueva tecnología de la información - son tan profundamente económicos como las otras áreas productivas del capitalismo tardío y están igualmente integrados en el sistema generalizado de mercancías de éste.*

papel mais econômico do que social. Para o marxismo, a estética dos tempos modernos está vinculada a uma cultura e arte burguesa, sendo parte da função revolucionária pensar e imaginar paralelos para outro grupo (proletariado industrial). Esta não seria a preferência de análise para a pós-modernidade.

Partindo de uma outra perspectiva de análise marxista, porém de cunho idealista e abstrato, Jameson (2002) entende que com o surgimento do valor de troca nasce um novo interesse nas propriedades materiais do objeto, sendo mais adequada para as análises da pós-modernidade. Ele se refere ao conceito marxista de “fetichismo da mercadoria”, sendo que este melhor conduz a um interesse mais realista do corpo no mundo e em mais vívidas relações decorrentes do comércio.

É necessário que os comerciantes e seus consumidores estejam mais intensamente interessados na natureza sensorial de seus produtos, bem como nos traços psicológicos e de caráter de suas interlocuções; e pode-se supor que tudo isso desenvolva novos tipos de percepções, tanto físicas quanto sociais - novas formas de ver, novos tipos de comportamento - e, a longo prazo, crie condições nas quais formas artísticas mais realistas serão não apenas possíveis, mas desejáveis, e promovidas por seus novos públicos<sup>40</sup> (JAMESON, 2002, p. 193, tradução nossa).

Uma das características comuns ao conceito de pós-modernidade diz respeito à fragmentação do espaço e demais relações sociais. No caso do trabalho, a flexibilização vista na produção fordista, exemplo da modernidade, é alterada na pós-modernidade com o conceito de toyotismo e de volvismo. Para Jameson (2002), que denomina de “pós fordismo” esta lógica particular fragmentária, do mesmo modo na esfera cultural formas de abstração que no período moderno pareciam dissonantes e escandalosas, hoje fazem parte da corrente dominante do consumo cultural. Nada choca mais “da publicidade ao design de mercadorias e da decoração visual à produção artística”<sup>41</sup> (JAMESON, 2002, p. 196). Especificamente sobre os meios de comunicação social, o pensador reflete que a autonomização, ou seja, a interdependência das partes ou fragmentos, acompanha a tendência das obras publicitárias na pós-modernidade.

---

<sup>40</sup> No original: *Es necesario que los mercadores y sus consumidores se interesen más intensamente en la naturaleza sensorial de sus mercaderías, así como en los rasgos psicológicos y caracterológicos de sus interlocuciones; y cabe suponer que todo esto desarrolla nuevos tipos de percepciones, tanto físicas como sociales - nuevas maneras de ver, nuevos tipos de comportamientos - y a largo plazo crea condiciones en que formas artísticas más realistas serán no sólo posibles sino deseables, y propiciadas por sus nuevos públicos.*

<sup>41</sup> No original: *“desde la publicidad hasta el diseño de mercaderías y desde la decoración visual hasta la producción artística”.*

Os europeus, por exemplo, foram os primeiros a se surpreender com a velocidade da montagem e a sequência de cenas que caracterizavam o clássico cinema norte-americano; trata-se de um processo que se intensificou em todas as partes com a edição na televisão, onde um anúncio que dura apenas meio minuto pode hoje incluir um número extraordinário de fotos ou imagens diferentes, provocando, no mínimo, estranhamento e perplexidade aos modernistas<sup>42</sup> (JAMESON, 2002, p. 197, tradução nossa).

A rebote da questão da fragmentação espacial, no que diz respeito ao processo de desterritorialização, afirma o autor:

Certamente, a palavra "desterritorialização" pode celebrar aqui suas próprias ironias: de fato, uma das formas privilegiadas de especulação hoje é a da terra e a do espaço urbano: as novas cidades pós-modernas informacionais ou globais (como foram chamadas), resultam assim, muito particularmente, da desterritorialização final do território em si: a crescente abstração do solo e da terra, a transformação do fundo ou do contexto da troca de mercadorias em uma mercadoria por si só. A especulação com a Terra é, portanto, uma das faces de um processo no qual consiste na desterritorialização final da própria globalização, onde seria um grande erro imaginar algo como o "globo" enquanto um espaço novo e mais amplo que substitui os espaços nacional ou o imperial<sup>43</sup> (JAMESON, 2002, p. 201-202, tradução nossa).

Pela quebra de paradigmas, e também pela dificuldade em unificar consenso, o que não faltam são críticas acerca do pós-modernismo. Pela sua rejeição ao positivismo, Berdoulay (2017, p. 247) aponta:

Se o positivismo é rejeitado, é ou a fenomenologia ou o marxismo que atrai a atenção: aqui também encontram-se configurações filosóficas pouco propícias para achar interesse por uma geografia com fortes emanções neokantianas. Ademais, certas modas atuais (ligadas a Bruno Latour ou a Nigel Thrift) em favor de uma "teoria não representacional" não logicamente reticentes vis-à-vis de toda abordagem originária do pensamento kantiano, pois este é

---

<sup>42</sup> No original: *Los europeos, por ejemplo, fueron los primeros en sorprenderse por la rapidez del montaje y la secuencia de tomas que caracterizaba al cine clásico norteamericano; se trata de un proceso que se intensificó en todas partes con el montaje televisivo, donde una publicidad que dura sólo medio minuto puede incluir hoy una cantidad extraordinaria de tomas o imágenes distintas, sin provocar en lo más mínimo el extrañamiento y la perplejidad modernista.*

<sup>43</sup> No original: *Desde luego, la palabra "desterritorialización" puede celebrar aquí sus propias ironías: en efecto, una de las formas privilegiadas de la especulación es hoy de la tierra y la del espacio urbano: las nuevas ciudades posmodernas informacionales o globales (como se las ha denominado) resultan así, muy particularmente, de la desterritorialización última, la del territorio como tal: la abstracción creciente del suelo y la tierra, la transformación del trasfondo o contexto mismo del intercambio de mercancías en una mercancía por derecho propio. La especulación con la tierra es por lo tanto una de las caras de un proceso en que la otra consiste en la desterritorialización final de la misma globalización, donde sería un gran error imaginar algo como el "globo" como un nuevo y más amplio espacio que reemplaza el nacional o el imperial.*

considerado portador de uma noção de sujeito que elas recusam. O mesmo ocorre com o pós-modernismo.

Ainda nesta crítica à ciência positivista e os limites da Fenomenologia, a abordagem pós-moderna se destaca como novo viés de rompimento paradigmático.

Este movimento já manifesta, sob o peso das críticas de suas ambiguidades, alguns sinais de estafa. O mais evidente deles é o abandono gradual das perspectivas anteriormente alinhadas às posições humanistas. Todavia, os argumentos críticos fundamentais desta corrente já começam a se organizar em um outro campo de batalha. Trata-se do pós-modernismo, que renova toda esta tradição crítica, característica de todas as outras contraconcorrentes precedentes. A geografia pós-moderna apresenta-se como a legítima herdeira desta tradição e, em seu nome, traz os novos termos da condenação da ciência racionalista, anunciando, ao mesmo tempo, que desta vez a ruptura é definitiva (GOMES, 2016, p. 336).

Para Claval (2007, p. 402) “o movimento pós-moderno recusa o racionalismo que o precedeu, redescobre a decoração, mergulha de maneira eclética nos repertórios do passado, pratica a citação e adora os efeitos retóricos”. Diante dessa leva de críticas, será que realmente precisamos do conceito de pós-modernidade? Não seria uma espécie de “alta modernidade”? O que há de novo em tudo isso? Jameson (2002) entende que um tipo de resposta para tais questões esbarra no problema da periodização histórica ao romper radicalmente com um período anterior, mesmo afirmando que tais mudanças geralmente não representam mudanças totais de conteúdo, mas sim uma reestruturação de elementos já dados.

Os traços de que um período ou sistema anterior estavam subordinados agora se tornam dominantes e outros que foram dominantes se tornam secundários. Nesse sentido, tudo o que descrevemos aqui pode ser encontrado em períodos anteriores e muito particularmente no próprio modernismo. Meu argumento é que até hoje essas coisas eram características secundárias ou menores da arte modernista, marginais e não centrais, e que estamos enfrentando algo novo quando elas se tornam as características centrais da produção cultural<sup>44</sup> (JAMESON, 2002, p. 35, tradução nossa).

Se compreendemos que há permanências entre os períodos moderno e pós-moderno, as rupturas estruturais e mais evidentes estão na relação entre produção cultural e a vida social. Em relação à vida social, as rupturas que marcam o término

---

<sup>44</sup> No original: *Rasgos que en un período o sistema anterior estaban subordinados ahora pasan a ser dominantes, y otros que habían sido dominantes se convierten en secundarios. En este sentido, todo lo que hemos descrito aquí puede encontrarse en períodos anteriores y muy en particular en el modernismo propiamente dicho. Mi argumento es que hasta el día de hoy esas cosas fueron rasgos secundarios o menores del arte modernista, marginales y no centrales, y que estamos ante algo nuevo cuando se convierten en los rasgos centrales de la producción cultural.*



de um período e a emergência de outro começaram posteriormente à Segunda Guerra Mundial, quando a sociedade pós-industrial passa a ser marcada por novos tipos de consumo que se relacionam com a obsolescência programada, ritmos mais rápidos de mudança em tendências na moda, a influência da publicidade, da televisão e dos meios de comunicação em geral, a substituição da antiga tensão entre o campo/cidade e o centro/periferia, desenvolvimento de grandes autovias e o ode à cultura do automóvel (JAMESON, 2002).

Os estudos pós-modernos balançam as estruturas das abordagens científicas no final do século XX, tanto nas Ciências Humanas de modo geral quanto na própria Geografia. Seus entusiastas negavam tanto a busca da essência sugerida pelos autores humanistas, quanto o sistema regular de significados proposto pelos "novos geógrafos culturais" ingleses. Para Valverde (2019), apesar da diversidade dos estudos e da discussão da pós-modernidade na Geografia, alguns elementos chamam atenção. Primeiro, uma sugestão que a experiência trabalhada pelo pesquisador é mais interessante quando for realizada por uma performance que, *strictu sensu*, envolve um vínculo do pesquisador com o objeto de pesquisa. Segundo, sugere ainda a importância do corpo na Geografia, como escala, circunstância e/ou objeto que altera qualquer investigação. Terceiro, sugere um abandono dos quadros estanques e justapostos como produto da Geografia e propõe o entendimento do movimento e de suas flutuações como mais importantes. Quarto, entende que o mundo só pode ser entendido por superposições e competições de fenômenos. É nesse sentido que Thrift fala de sua "teoria não-representacional" e de seus desdobramentos para a investigação da cultura.

## 7.2. O Construtivismo Social e as teorias não-representacionais

A revisão da *New Cultural Geography* (NCG) a partir do diálogo com os humanistas marca o início da perspectiva pós-moderna que se dá pela inclusão de novas teorias na Geografia Humana, como as não-representacionais, movimento este resultante da influência do Construtivismo Social ocorrido nos anos 1980 e 1990. O interesse do Construtivismo Social, segundo Paiva (2017, p. 161), "incidia principalmente numa questão de representação, e em especial no que respeita às estruturas de significado simbólico de uma sociedade ou cultura". Para Anderson e

Harrison (2010), o Construtivismo Social se preocupa com a forma de representação, especificamente pelo foco na estrutura do significado simbólico

O construtivismo social analisa como as ordens simbólicas sociais (ou culturais) se realizam na distribuição de significado e valor, reforçando, legitimando e facilitando distribuições desiguais de bens, oportunidades e poder. Assim, o principal objeto ontológico do construtivismo social é a ordem simbólica coletiva entendida como, segundo o antropólogo Clifford Geertz, 'um conjunto de mecanismos de controle - planos, receitas, regras, instruções (o que os programadores de computador chamam de 'programas') - para o comportamento governamental"<sup>45</sup> (1973, p. 44 apud ANDERSON e HARRISON, 2010, p. 4, tradução nossa).

Epistemologicamente o Construtivismo Social atribui à ação um significado que não estaria apenas nos corpos, hábitos ou práticas individuais ou coletivas, mas que estaria sim no campo das ideias o avanço para entendimento das qualidades simbólicas que produzem e sustentam o significado.

Uma saída por meio da qual os objetos de investigação - paisagem, espaço da cidade, lugar - são apreendidos como 'textos', onde 'o texto é visto em termos de auto-realização ou contestação de [idéias, ideologias e] identidades, entendidas como parte do impulso à auto-realização do grupo, classe ou nação"<sup>46</sup> (CLARK, 2005, p. 17 apud ANDERSON e HARRISON, 2010, p. 5, tradução nossa).

Os trabalhos influenciados pelo Construtivismo Social deixaram na Geografia Humana e na Cultural três ideias-chave: primeiro, que as ordens simbólicas societárias são socialmente construídas e arbitrárias; segundo, que a interpretação destas mesmas ordens simbólicas é plural e contestada, e difere de lugar para lugar; terceiro, que seria por meio da análise das ordens simbólicas que viria o interesse das teorias não-representacionais na performance política, que é a importância das dinâmicas de poder e influência das estruturas simbólicas na prática cotidiana (ANDERSON e HARRISON, 2010; PAIVA, 2017).

A ideia de pensamento em ação dá vida à ideia central da teoria não-representacional de ser "uma geografia do que acontece". Neste sentido, o valor das

---

<sup>45</sup> No original: *Social constructivism looks to how the symbolic orders of the social (or the cultural) realise themselves in the distribution of meaning and value, and thereby reinforce, legitimate and facilitate unequal distributions of goods, opportunities and power. Thus the primary ontological object for social constructivism is the collective symbolic order understood to be, as the anthropologist Clifford Geertz has it, 'a set of control mechanisms – plans, recipes, rules, instructions (what computer programmers call "programmes") – for governing behaviour'.*

<sup>46</sup> No original: *A departure through which the objects of investigation – landscape, city space, place – become apprehended as 'texts', where 'the text is seen in terms of the self-realisation or contestation of [ideas, ideologies and] identities, understood as part of the impulse to the self-realisation of the group, class or nation'.*

metodologias etnográficas têm sido explorado em razão da “possibilidade da observação participante permitir ao investigador explorar a experiência geográfica através do seu próprio corpo” (PAIVA, 2018, p. 161). Derivada do Construtivismo Social, a teoria não-representacional é desenvolvida na Geografia Humana principalmente pelo trabalho de Nigel Thrift (1949-), que atualmente é diretor da Universidade Tsinghua de Pequim, e de seus colegas John-David Dewsbury (?-), da Universidade de Canberra, e Derek McCormack (1969-), da Universidade de Oxford. Posteriormente, tem sido aperfeiçoada por seus respectivos alunos de pós-graduação. Sua ideia desafia aqueles que usam a teoria social e conduzem pesquisas geográficas a “ir além da representação” e a se concentrarem na experiência incorporada pelo testemunho do pesquisador por meio da contemplação do espaço sem necessidade de conhecimento prévio do lugar.

Essa é uma teoria inspirada no pensamento pós-estruturalista, em que a corporeidade é verificada em performances como modo de ação. Há o culto ao movimento e vê-se no individualismo uma possibilidade para tecer generalizações ao levar em consideração o afeto e as emoções como parte da investigação (VALVERDE, 2019). Pela defesa da necessidade de se falar do corpo, como sendo este um elemento primordial para investigação, é possível verificar no livro “Geografia cultural: uma introdução crítica” (*Cultural geography - a critical introduction*) de Mitchell (2000), partes com novas formas de percepção espacial a partir da sexualidade, assim como possibilidades de empoderamento a partir da análise espacial, como se o corpo pudesse mudar o mundo.

As novas perspectivas e mudanças conceituais que as teorias não-representacionais provocaram na Geografia Cultural também configura uma crítica e uma mudança dos métodos de pesquisa. Segundo Paiva (2018), os métodos de pesquisa passam a apontar para o estudo de formações sociais, preocupando-se menos com estabelecer fatos e mais com descrever realidades.

Métodos convencionais tradicionais na Geografia Cultural como a entrevista ou o inquérito, e o processo de “sair para o mundo, fazer um relatório, e depois analisar eventos” têm sido visto como inadequados para “a tarefa de captar as lógicas afetivas e processuais dos espaços-tempos nos quais corpos em movimento são participantes generativos” (McCORNACK, 2013, p. 118). Daí surge um experimentalismo em termos de método e metodologia que procura meios para captar o dinamismo da vida e teorizar sobre fluxos sensoriais, atmosferas afetivas, assemblages, ritmos e eventos à medida que estes

acontecem (LAW, 2004; McCORNACK, 2013; VANNINI, 2015a; MANNING, 2015 apud PAIVA, 2018, p. 162).

Ainda segundo o autor (2018), são dois os efeitos que as teorias não-representacionais na Geografia Cultural, sendo o primeiro o de que esta perspectiva teórica procura trazer o investigador para o centro da ação social, para possibilitar uma compreensão na prática dos fenômenos geográficos; o segundo efeito foi o de que a abrangência das teorias não-representacionais e a desestabilização conceitual e metodológica deu à Geografia Cultural mais instrumentos conceituais e metodológicos para abordar os aspectos qualitativos de determinados fenômenos espaciais, ampliando os estudos de caso.

Em seu livro “Teoria não-representacional: espaço, políticas, afeto” (*Non-representational theory: space, politics, affect*), Thrift (2008) disserta sobre o que chama de “a geografia do que acontece” (*the geography of what happens*) e entende o seu livro como um grande ensaio pelo motivo de não estar totalmente claro o que seria uma “política do que acontece”, assumindo um caráter experimental. É um trabalho baseado na tríade de construir uma teoria social e cultural, servir como ferramenta para diagnóstico em estudos sociais e “reconsiderar a esperança em nós mesmos” (THRIFT, 2008, p. 2). Conforme Thrift (2008, p. 5), “A teoria não-representacional pega o leitmotiv do movimento e trabalha com ele como um meio de ir além do construtivismo”<sup>47</sup>, ou seja, sua ideia é a de que a vida humana se baseia e está em movimento, onde as linguagens corporais assumem destaque nesta análise, como por exemplo as habilidades cognitivas das pessoa é explorada pela imitação, via a significação do gestos, e também dos jogos, sendo que este revela aspectos da imaginação, afetividade e dilemas éticos básicos.

É por isso que a teoria não representacional privilegia o brincar: o brincar é entendido como uma atividade humana perpétua com imenso significado afetivo, de modo algum confinada apenas à primeira infância, na qual muitos dilemas éticos básicos (como a justiça) são trabalhados de maneiras que são performativo e teórico<sup>48</sup> (THRIFT, 2008, p. 7, tradução nossa).

---

<sup>47</sup> No original: “*Non-representational theory takes the leitmotif of movement and works with it as a means of going beyond constructivism*” (tradução nossa). O termo leitmotiv significa o tema, harmonia ou estado de espírito que acompanha os seus múltiplos aparecimentos ao longo de uma obra.

<sup>48</sup> No original: *This is why non-representational theory privileges play: play is understood as a perpetual human activity with immense affective significance, by no means confined to just early childhood, in which many basic ethical dilemmas (such as fairness) are worked through in ways which are both performative and theoretical*

A relação entre a performance e teoria pode ser um dos destaques desta teoria por gerar ‘métodos de trabalho performativos’, onde os termos gregos *praxis* e *poiesis* tomam corpo por revelar as relações sociais que podem ser de grande valia para estudos em geografia cultural. Por se concentrar nas práticas, sua análise fornece as informações necessárias para o entendimento inteligível do mundo.

Como, e provavelmente o mais importante, toda uma série de campos foi construída a partir do ressurgimento do que Paul Carter (2004) chama de "pensamento material", os métodos de trabalho "performativos" e os procedimentos escritos (e, muito importante, outros métodos de exposição) que enfatizam como todo o negócio da *praxis* e da poesia estão envolvidas na teimosa simplicidade do campo das coisas. Esses campos devem necessariamente enfatizar a materialidade do pensamento e incluir o estudo da cultura material, a sociologia da ciência, estudos da performance, da dança à poesia, instalação e arte baseada no lugar, elementos da arquitetura, algumas das excursões ao design de interação (como tentar formular informações vivas), vários aspectos dos estudos de arqueologia e museus e a variedade de desenvolvimentos que ocorrem em partes da geografia cultural<sup>49</sup> (THRIFT, 2008, p. 8, tradução nossa).

A constituição de uma teoria não-representacional tenta dar pesos iguais ao vasto termo “coisas” (*things*), atribuindo seriedade às suas formas atraentes. É pela verificação das nossas percepções que as coisas não estão limitadas apenas pelo seu estado bruto, mas haveria formas de subjetivismos latentes por trás de objetos, fatos e situações mundanas, triviais.

Para começar, as coisas se tornam parte dos arranjos híbridos: concreções, configurações e fluxos. Nesta abordagem, as coisas recebem peso igual e eu quero dizer igual. Portanto, as coisas não se limitam apenas à sua eficácia bruta aos terminais visíveis dos seres humanos em alguma forma de subjetivismo latente, como "preocupação" ou "cuidado", por mais reconfortante que sua presença possa às vezes soar como familiarmente mundano<sup>50</sup> (THRIFT, 2008, p. 9, tradução nossa).

---

<sup>49</sup> No original: *As, and probably more importantly, a whole series of fields have been constructed out of the resurgence of what Paul Carter (2004) calls 'material thinking', the 'performative' working methods and procedures of writings (and, very importantly, other methods of exposition) that emphasize how the whole business of praxis and poiesis is wrapped up in the stubborn plainness of a field of things. These fields must necessarily emphasize the materiality of thinking, and include the study of material culture, the sociology of science, performance studies, from dance to poetry, installation and site-based art, elements of architecture, some of the excursions in to interaction design (such as trying to formulate living information), various aspects of archaeology and museum studies, and the range of developments taking place in parts of cultural geography.*

<sup>50</sup> No original: *To begin with, things become part of the hybrid assemblages: concretions, settings and flows. In this approach, things are given equal weight, and I do mean equal. Thus things are not just bound by their brute efficacy to the visible termini of humans in some form of latent subjectivism such as 'concern' or 'care', however comforting their presence may sometimes be as mundane familiars.*

Para Paiva (2017), a teoria em questão pode ser caracterizada como uma perspectiva teórica que foca os aspectos processuais e dinâmicos do cotidiano, como as práticas, as experiências e as performances, indo ir além de leituras segmentadas da realidade e da experiência humana, sendo notável o seu impacto na geografia cultural. Para os já citados Ben Anderson e Paul Harrison, professores da Universidade de Durham, em seu livro *Taking-place: Non-Representational Theories and Geography*, entendem que a teoria não-representacional tem sido a melhor forma de se abordar questões sociais

ela multiplicou "sinais de existência", ajudando a introduzir todos os tipos de novos atores, forças e entidades em abordagens geográficas e, ao mesmo tempo, auxiliando na invenção de novos modos de escrita e estilos de tipos geográficos. Embora a consistência dessas tentativas às vezes seja difícil de ver, uma questão que consideraremos abaixo, em um nível básico, o que ligou esse corpo diverso de trabalhos é um senso de afirmação e experimentação. Nisto acreditamos que eles compartilham o espírito do sonho de Foucault e, além disso, seu convite para fazer e pensar o contrário<sup>51</sup> (ANDERSON e HARRISON, 2010, p. 2, tradução nossa).

Na defesa da projeção do cotidiano, o corpo materializa os fluxos e cria diferenciações. A partir do conceito foucaultiano de que o corpo é prisão, não há utopia que fuja a ele, podendo mudar a escala do mundo e também atuando de forma ativa no processo de modificação do mundo (VALVERDE, 2019). A proposta de uma nova era (Antropozóica) ou mesmo uma nova época (Antropoceno) no tempo geológico, tendo como ponto de partida a Revolução Industrial, respondem a essa ideia do corpo como central no espaço geográfico.

### 7.3. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade

Nas sociedades pós-modernas observa-se a emergência de novas formas identitárias e de novas ideologias como resposta ao vazio deixado pelo "fim da história", que pode ser entendido como resultado de uma série de fatores que caracterizam o indivíduo pós-moderno pautados pelo exercício da crítica a valores dados como universais. A refutação da ideia de progresso, desafeição pelo Estado-

---

<sup>51</sup> No original: *it has multiplied 'signs of existence', helping to introduce all kinds of new actors, forces and entities into geographic accounts and, at the same time, aiding in the invention of new modes of writing and address and new styles of performing Geographic accounts. While the consistency of these attempts may sometimes be hard to see, an issue we will consider below, on a basic level what has linked this diverse body of work is a sense of affirmation and experimentation. In this we believe that they share the ethos of Foucault's dream and, moreover, its invitation to do and think otherwise*

nação, rejeição à ideia de morrer pela coletividade nacional e a própria liberação do pecado original são exemplos que despontam ideologicamente a partir da fragmentação da tradição ocidental (CLAVAL, 2007). Para Jameson (2002), a especificidade da experiência do espaço e do tempo na pós-modernidade apresenta características importantes relacionadas a dois temas que para o autor são latentes, pastiche e esquizofrenia, sendo o primeiro aplicável à estética pós-moderna e o último interessante paralelo para análise.

Pastiche, termo procedente da linguagem das artes visuais, é definido como obra literária ou artística em que se imita abertamente o estilo de outra pessoa, modernamente este pode ser visto como uma espécie de colagem ou montagem, que "(...) em um aspecto, o pós-modernismo copia ou reproduz - reforça - a lógica do capitalismo consumista"<sup>52</sup> (JAMESON, 2002, p. 38, tradução nossa). No contexto da hibridização, o simulacro e a imperfeição da imagem chamam a atenção do geógrafo que analisa as produções e objetos não de modo a qualificá-los, mas pelo entendimento que eles são importantes para o estudo espacial (VALVERDE, 2019). A reprodução da imagem, a efemeridade e a ausência de consensos são elementos latentes no contexto da Geografia Pós-Moderna. A esquizofrenia a que se refere Jameson (2002) é uma metáfora que o autor insere como peça nesse quebra-cabeças da definição de pós-modernidade. Algo que ajudaria a explicar por que o Modernismo Clássico seria algo do passado e por que a Pós-Modernidade ocupa este lugar que ele chama de "morte do sujeito", ou o fim do individualismo como tal. O uso do termo geral que designa um conjunto de psicoses endógenas vai em direção à perda das referências identitárias no contexto atual.

De fato, existem duas posições sobre tudo isso, uma das quais é mais radical que a outra. O primeiro se contenta em dizer: sim, há muito tempo, na era clássica do capitalismo competitivo, no auge da família nuclear e na ascensão da burguesia à medida que existiam a classe social hegemônica, o individualismo e os sujeitos individuais. Mas hoje, na era do capitalismo corporativo, do chamado homem organizacional, das burocracias tanto nas empresas quanto no Estado, da explosão demográfica, esse ex-sujeito burguês não existe mais. Há também uma segunda posição, a mais radical das duas, que poderíamos chamar de pós-estruturalista. Acrescenta: o sujeito burguês individual não é apenas uma coisa do passado, mas também um mito; na realidade, e para começar, nunca existiu; nunca houve assuntos autônomos. Em vez disso, essa construção era uma mistificação filosófica e cultural que procurava convencer as pessoas de que elas "tinham" sujeitos

---

<sup>52</sup> No original: "(...) en un aspecto el posmodernismo copia o reproduce - refuerza - la lógica del capitalismo consumista."

individuais e possuíam uma identidade pessoal única.<sup>53</sup> (JAMESON, 2002, p. 20-21, tradução nossa).

Além das mudanças espaciais que estampam na paisagem um sistema de objetos inédito, as mudanças oriundas do período pós-moderno também ocorrem no âmbito pessoal, sendo a “crise de identidade” a soma destes dois deslocamentos, o espacial e o individual. Segundo Hall (2006, p. 9)

estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é, chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo.

“O que, então, está tão poderosamente deslocando as identidades culturais nacionais agora, no fim do século XX?”. É pelo conceito de globalização que Hall responde à pergunta, com novas pautas e causas verificadas. Segundo Hall (2006), desde os anos 1970, tanto o alcance, quanto o ritmo da integração global aumentaram, e com a aceleração dos fluxos, as identidades culturais se desintegraram, em razão da homogeneização cultural, se reforçaram, pela resistência à globalização, e enfraqueceram as identidades nacionais. Novas formas híbridas estariam tomando seu lugar.

A globalização tem como uma de suas características principais a “compressão tempo-espaço”, conceito esse fundado pelo geógrafo britânico David Harvey (1935-) em que distingue o espaço absoluto (cartesiano), o espaço relativo (inspirado em Albert Einstein) e o espaço relacional, incorporando elementos filosóficos que se afastam das medições exatas e englobam as relações de possibilidade. A compressão tempo-espaço visualiza a dinâmica nascente no contexto da Globalização de superação das distâncias, em que as transformações técnicas e

---

<sup>53</sup> No original: *De hecho, hay dos posiciones sobre todo esto, una de las cuales es más radical que la otra. La primera se conforma con decir: sí, hace mucho, en la era clásica del capitalismo competitivo, en el apogeo de la familia nuclear y el surgimiento de la burguesía como la clase social hegemónica, el individualismo y los sujetos individuales existían. Pero hoy, en la era del capitalismo corporativo, del así llamado hombre organizacional, de las burocracias tanto en las empresas como en el Estado, de la explosión demográfica, ese antiguo sujeto burgués individual ya no existe. Hay también una segunda posición, la más radical de las dos, que podríamos denominar postestructuralista. Ésta agrega: el sujeto burgués individual no sólo es cosa del pasado sino que también es un mito; en realidad, y para empezar, nunca existió; nunca hubo sujetos autónomos de ese tipo. Antes bien, esta construcción era una mistificación filosófica y cultural que procuraba persuadir a la gente de que “tenían” sujetos individuales y poseían alguna identidad personal única.*



tecnológicas foram capazes de acelerar os acontecimentos e os níveis de produção econômica e integração política. Desta forma, com a sensação de que o mundo é menor, os “eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância” (HALL, 2006).

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas - desalojadas - de de tempos, lugares, histórias e tradições específicas e parecem “flutuar livremente”. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para esse efeito de ‘supermercado cultural’. No interior do discurso do consumismo global, as diferenças e as distinções culturais, que até então definiam a identidade, ficam reduzidas a uma espécie de *língua franca* internacional ou de moeda global, em termos das quais todas as tradições específicas e todas as diferentes identidades podem ser traduzidas. Este fenômeno é conhecido como “homogeneização cultural (HALL, 2006, p. 75-76).

Apesar desse diagnóstico, o próprio Hall (2006) determina que essa é uma visão de futuro num mundo pós-moderno colocado de forma simplista. Existem contratendências, como uma nova forma de articulação entre as esferas local e global, em que elas produziram novas identificações tanto globais quanto locais, sendo descartado o risco de desaparecimento do local, do tradicional, do histórico. Outro ponto crítico à homogeneização cultural seria a de que a globalização é um fenômeno desigual em sua distribuição ao redor do globo.

#### 7.4. A Heterotopia como perspectiva na era da Globalização

Em decorrência da virada cultural (*cultural turn*) que foi tratada no capítulo anterior, houve uma explosão dos estudos culturais em Geografia a partir do anos 1980. A essa constatação soma-se uma espécie de ideia de que a Geografia pode tudo estudar, principalmente por meio da sub-área da Geografia Cultural. Tal explosão de estudos culturais expõe o papel relevante da Cultura e dos sistemas sociais nas investigações sobre o espaço na condição pós-moderna. Como resultado dessa leva de estudos em cultura e espaço, Valverde (2019) indica algumas características que tipificam tais ensaios contemporâneos, como: a presença constante de elementos empíricos, oriundos das pesquisas de campo em contraposição aos aportes teóricos que são reduzidos; a negação da previsibilidade

de resultados; a defesa de uma “geografia do que acontece”, conforme prescrito pela teoria não-representacional; uma consciência não-essencializada; a quebra do “real” e a impossibilidade do total diante da complexificação do mundo; e a preferência por estudos de caso a partir da vida social.

As culturas diferem de um indivíduo para outro, de um grupo para outro, de um lugar para outro e de um período para outro, mas é possível compreendê-las como sujeitas aos imperativos da comunicação. A geografia pós-moderna não é capaz de descobrir leis espaciais e universais, mas dispõe dos meios para explorar as diferentes lógicas que presidem as experiências que os homens têm do mundo e que são responsáveis pelas distribuições espaciais. Ela pode entrar em suas estruturas profundas e compará-las (CLAVAL, 2001, p.77).

A partir de Claval, a ideia de “uma geografia do que nós somos” (VALVERDE, 2019) toma forma, sendo algo tanto hedônico quanto conflitivo. A partir dos ritmos mais acelerados que a vida social está imersa, a velocidade dos fluxos e suas mudanças repentinas tendem ao culto do imediato, do efêmero, da curta duração. Nessa espécie de “império do indivíduo”, em que os aspectos cumulativos dos espaços e seus movimentos se destacam, a ênfase nas práticas e nos movimentos compartilhados, a impureza do fim do século concretiza o negação do substancialismo (VALVERDE, 2019). A dificuldade de lidar com a referida ideia de “impureza”, que também remete ao termo “híbrido”, tem na própria resistência da adoção do termo “pós-modernidade” uma origem semelhante. O que seria possível entender é que o discurso da Pós-Modernidade é o resultado de reações específicas contra as formas estabelecidas pela Modernidade, assim como o fim dos limites que distinguem uma cultura superior (erudita) de uma inferior (popular).

Para Edward Soja (1941-2015) em seu conhecido livro “Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica” (*Postmodern geographies - the reassertion of space in critical social theory*), no exercício de localizar as origens das geografias pós-modernas, diz que “as primeiras vozes insistentes da geografia crítica humana pós-moderna surgiram no fim dos anos sessenta, porém mal se fizeram ouvir no alarido temporal vigente” (SOJA, 1993). Nessa arqueologia do conhecimento acerca da teoria social crítica, aponta para os trabalhos do sociólogo estadunidense Charles Wright Mills (1916-1962) como proveitosos pontos de partida para a espacialização da narrativa histórica e reinterpretação do curso desta teoria por meio do mapeamento da imaginação sociológica a partir da racionalidade histórica.

Sem dúvida, essas “histórias de vida” têm também uma geografia; tem ambientes, locais imediatos e localizações provocativas que afetam o pensamento e a ação. A imaginação histórica nunca é completamente desprovida de espaço, e os historiadores sociais críticos escreveram e continuam a escrever algumas das melhores geografias do passado (SOJA, 1993, p. 21-22).

Acontece que essa imaginação histórica, segundo Soja (1993), acaba sendo ferramenta de manutenção do *status quo* em razão de meramente racionalizar as condições existentes. É por isso que a imaginação histórica pode ser vista como emancipatória por “fazer a história” ao invés de presumi-la como certa. “O desenvolvimento da teoria social crítica girou em torno da afirmação de uma história mutável, em oposição a perspectivas e práticas que mistificam a mutabilidade do mundo” (SOJA, 1993). Soja se apropria do conceito de heterotopia de Foucault para descrever lugares e espaços que funcionam em condições não hegemônicas e que servem para entender que não existe uma singular cultura, mas sim sobreposições, coexistência. Por suas múltiplas camadas de significação, ou de relação a outros lugares cuja complexidade não pode ser vista imediatamente, o que os geógrafos culturais pós-modernos sugerem seria a entender o espaço como diferenciador, pois este qualifica, provoca, altera, diferencia e divide de maneira a não homogeneizar (VALVERDE, 2019), mesmo diante da tendência cultural da globalização tendo como pressuposto a cultura de massa e o avanço das transnacionais que estabelecem um padrão de consumo universal. Conforme aponta Hall (2006, p. 97) “os deslocamentos ou os desvios da globalização mostram-se, afinal, mais variados e mais contraditórios do que sugerem seus protagonistas ou seus oponentes”.

Um exemplo clássico de análise espacial a partir da visão pós-moderna está no ensaio intitulado “Decompondo Los Angeles: rumo a uma geografia pós-moderna”, que integra o livro “Geografia pós-modernas”, de Edward Soja (1993). Nesse, o autor admite que a análise da desta cidade localizada na costa oeste dos Estados Unidos da América é complexa e desafia as interpretações mais ortodoxas, pois ela “parece ilimitada e constantemente em movimento, nunca suficientemente quieta para ser abarcada, por demais repleta de ‘outros espaços’ para ser instrutivamente descrita” (SOJA, 1993, p. 267). Posto o desafio, Los Angeles é descrita como uma cidade que coloca em xeque os fundamentos em geografia urbana por se assemelhar a um verdadeiro simulacro.

A experiência urbana também é modificada pela condição imposta à circulação na cidade, sendo a urbanização para Claval (2007, p. 407) “tão evidente desde o início dos anos 1980, sendo o corolário da mundialização”. A partir da construção das autopistas comumente chamadas de *freeways* entre os anos 1950 e 1980, a abertura de espaço aos automóveis em avenidas largas, com várias pistas, sem cruzamentos, tal como rodovias urbanas (LEE, 2016), a referida experiência vai-se tornando cada vez mais vicária, ou seja, substituta de um espaço de vida que anteriormente era resultado do seu uso e apropriação, estando a atual representação sob camadas de opacidade (SOJA, 1993). Por debaixo da cobertura semiótica de Los Angeles, segundo Soja (1993), estaria uma ordem econômica, uma estrutura nodal instrumental e uma divisão territorial do trabalho essencialmente exploratória que acoberta conflitos espaciais.

Mas também tem sido cada vez mais encoberto da visão, imaginativamente mistificado num meio ambiente que é mais especializado na produção de mistificações abrangentes do que praticamente qualquer outro que eu possa citar. Como tem acontecido com tanta frequência nos Estados Unidos, essa desconstrução conservadora é acompanhada por uma entorpecedora despolitização das relações e conflitos fundamentais de classe e de sexo. Quando tudo o que se vê é tão fragmentado e cheio de extravagâncias e pastiche, as rígidas arestas da paisagem capitalista, racista e patriarcal parecem desaparecer, desmancha-se no ar (SOJA, 1993, p. 296).

Diante desta revelação das relações de micropoder que estariam na essência da especialização da produção espacial, seriam os pós-modernos fatalistas? Caberia uma resposta bourdieana, onde essas revelações por si já serviriam enquanto elemento para a conscientização das relações e das lutas de classe oriundas da desigualdade que pauta a reprodução do capitalismo no espaço. Isso pode ser verificado na narrativa da descrição de Soja a seguir.

Com singular ironia, a Los Angeles contemporânea passou a se assemelhar mais do que nunca a uma aglomeração gigantesca de parques temáticos, um espaço vital composto de *Disneyworlds*. Trata-se de um campo dividido em vitrinas de culturas de aldeia global e paisagens miméticas norte-americanas, centros comerciais que têm de tudo e engenhosas Ruas Principais, reinos mágicos patrocinados por empresas, protótipos experimentais de comunidades do futuro, baseadas na alta tecnologia, e lugares de repouso e recreação atraentemente acabados, todos escondendo com habilidade as esferas de atividade e os processos de trabalho que ajudam a mantê-los unidos. Tal como o “Lugar Mais Feliz da terra” em sua versão original, os espaços fechados são controlados, sutil mas estreitamente, por supervisores invisíveis, apesar da franca aparência de fantásticas liberdades de escolha. A experiência de viver aqui pode ser

extremamente divertida e excepcionalmente prazerosa, especialmente para os que podem dar-se ao luxo de permanecer dentro de Los Angeles por tempo suficiente para estabelecer suas próprias modalidades de trânsito e locais de repouso. E, é claro, o empreendimento tem sido imensamente lucrativo ao longo dos anos. (...). Tenho olhado Los Angeles de muitos pontos de vista diferentes, e cada maneira de vê-la ajuda a discernir a miscelânea interjacente da paisagem-alvo. As perspectivas exploradas são intencionais, ecléticas, fragmentadas, incompletas e, frequentemente, contraditórias (SOJA, 1993, p. 296-298).

A obra publicada por Nigel Thrift e Sarah Whatmore (1959-), docente na Universidade de Oxford, “Geografia Cultural: conceitos críticos nas ciências sociais” (*Cultural Geography - critical concepts in the social sciences*), sistematiza as áreas de interesse para a geografia cultural pós-moderna. Os temas são os seguintes: Histórias e prática (*Histories and practice*), com os subtemas fundações (*foundations*), mapas (*maps*), pesquisa (*survey*), trabalho de campo (*fieldwork*) e exploração (*exploration*); Identidades e consumo (*Identities and consumption*), com os subtemas situando o eu (*situating the self*), sexualidade e identidade (*sexuality and identity*), geografia do corpo (*geography of the body*), o eu como consumo (*the consuming self*) e o local como consumo (*the consuming site*); técnicas e não-representação (*Techniques and [non]representation*), com subtemas imagem e representação (*image and representation*), sentidos (*senses*), resistência (*resistance*), locais (*sites*) e mobilidades (*mobilities*); Materialidades e performance (*Materialities and performance*), com subtemas espaços de convivência (*living spaces*), encontros coloniais (*colonial encounters*), materializando conhecimentos (*materialising knowledges*), habitando paisagens (*inhabiting landscapes*) e espaços tecnológicos (*technological spaces*).

Os autores assinalam a intenção de mapeamento dos contornos principais da evolução e escopo da Geografia Cultural contemporânea por meio de um conjunto de artigos que ilustram tanto os temas, quanto os tipos mais significativos de trabalhos que estão sendo realizados. Nesta nova Geografia Cultural (*new cultural geography*), conforme título auto-atribuído (THRIFT e WHATMORE, 2007), partem de uma tríade temática: políticas de representação (*politics of representation*), noções de subjetividade (*notions of subjectivity*) e rejeição da ideia da Geografia enquanto um conjunto de processos de formação cultural:

Um terceiro tema centrava-se na rejeição de uma ideia da geografia como um conjunto de um grande processo de formação cultural que varria a terra, produzindo os detalhes da vida cotidiana. Em vez disso,

a geografia foi reescrita como um domínio de práticas em que a cultura era entendida como um conjunto de formações dinâmicas de materiais que atraíam várias misturas de sujeitos, objetos e espaços e tempos à medida que cresciam, estabelecendo gradualmente maneiras de fazer coisas capazes de persistir, mesmo quando continuaram a sofrer mutações<sup>54</sup> (THRIFT e WHATMORE, 2007, p. 6).

Thrift e Whatmore (2007) entendem que essa divisão proposta tem, em sua forma de abordagens distintas, relevantes conceitos acerca das práticas modernas em Geografia Cultural, pois partem de uma disciplina construída historicamente que hoje propicia uma forma de dar sentido ao mundo e de ordená-lo de várias maneiras, muitas vezes muito potentes, que circulam na condução de relacionamentos sociais e de hábitos de pensamento. O interesse renovado pela Geografia Cultural, conforme sugere Claval (2007, p. 417) “liga-se, em grande medida, aos desafios colocados pela reafirmação dos valores diretamente confrontados num mundo encolhido e à exaltação dos fundamentalismos opostos”.

---

<sup>54</sup> No original: *A third theme centred on the rejection of an idea of geography as a set of grand process of cultural formation that swept over the earth, producing the detail of everyday life in their wake. Instead, geography was re-described as a domain of practices in which culture was understood as a set of dynamic material formations wich pulled in various mixes of subjects and objects and spaces and times as they grew, gradually establishing ways of doing things which were able to persist, even as they continued to mutate.*

## **CAPÍTULO II - A INSTITUCIONALIZAÇÃO SELETIVA E INVOLUNTÁRIA: ESTADO DA ARTE DA GEOGRAFIA CULTURAL NO BRASIL, 1990-2020**

### **8. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA GEOGRAFIA CULTURAL: A PEDRA FUNDAMENTAL POR ZENY ROSENDAHL**

Sendo a abordagem contextual proveniente do exercício historiográfico, para o entendimento de como a história da Geografia Cultural no Brasil entendemos que a busca por uma espécie de marco histórico, metáfora da pedra fundamental, é importante para a delimitação das origens de sua institucionalização. Na direção da compreensão do nascimento da Geografia Cultural em *terra brasilis*, há uma diferenciação entre a institucionalização da Geografia Cultural com o que aqui foi desenvolvido acerca do pensamento cultural da Geografia. Adiantamos que a primeira opção, a de entender a institucionalização da Geografia Cultural no Brasil, foi o foco desta pesquisa, mas vale uma breve retrospectiva para contornar o que poderia ser entendido enquanto geração espontânea dos temas culturais na Geografia.

O surgimento do interesse por pesquisas sobre espaço e cultura é anterior a esse processo de institucionalização da sub-área no Brasil, sendo o que foi produzido de notável teor antropológico. Gilberto Freyre é um exemplo desta tendência, quando propôs construir uma análise da ecologia social da região Nordeste. Em sua obra *Nordeste*, publicada em 1937, o autor mescla elementos sociais e antropológicos com elementos da paisagem, organizando os capítulos a partir de relações entre a cana e a terra, as águas, os animais, as plantas e os homens.

A sociedade em questão constituiu uma relação com a natureza, por meio do cultivo de uma única planta através do território, modificando a paisagem, num verdadeiro imperialismo ecológico. Mas estas relações entre os homens e a natureza são apresentadas, por Freyre, como indissociáveis das relações dos homens entre si: a exploração da terra e dos animais pelos homens se constitui na dinâmica da "exploração dos homens uns pelos outros" (N, p. 25). Seria um engano interpretar a poesia das páginas desta obra como mera estetização, pois Freyre constrói uma visão política, social e histórica da natureza (DUARTE, 2005, p. 144).

A aproximação teórica da Antropologia com a Geografia em Freyre se deu pela aplicação dos fundamentos de análise da morfologia da paisagem baseada em Carl

Sauer - daí a verificação de que os rumos entre as duas áreas se deu pela vertente cultural -. Nesta perspectiva saueriana, a valorização do cultural na perspectiva antropocêntrica também é vista, pois “Afirma, contundente, o caráter antropocêntrico de seu pensamento” (DUARTE, 2005, p. 144) e também valoriza a paisagem por conjugar os dados físicos e geográficos com outras dimensões que se encontravam, à época, além da sistematização científica.

O autor se lança a este desafio, situando-se entre o conhecimento acadêmico e a palavra poética, entre os arquivos pesquisados, as conversas com moradores e a indagação dos sentidos das paisagens. Destas investigações surge um estudo qualificado como impressionista, completando, com a sondagem poética, a insuficiência pressentida na perspectiva científica, privilegiando a compreensão e a interpretação mais do que o rigor objetivo ou estatístico. Freyre propõe uma análise afetiva, postura advinda da percepção de seu tempo como um tempo sem lirismo. (...). A sua interpretação deveria considerar muito mais que os conhecimentos naturais, deixando-se penetrar pela arte, pela filosofia e pela poesia. Daí o impressionismo que o levaria a falar de rios, de composições de solo, de animais e de vegetais a partir de valores humanos e culturais. Daí a proposta de “ver simplesmente”, deixar-se impressionar pelas paisagens, mas também pela história de um Nordeste tão agrário como cosmopolita, num turbilhão de signos a serem decifrados (DUARTE, 2005, p. 128-129).

Essa referência do passado em Freyre sobre o pensamento cultural é de grande valia para a Geografia. Preocupado com o entendimento, a diferenciação e a organização do espaço, pois evoca região e paisagem enquanto categorias de análise importantes, aponta interessantes elementos que podem traduzir uma possibilidade de tradição nos estudos culturais em Geografia, como em uma arqueologia do pensamento que, após décadas, pode ter influenciado o que entendemos enquanto Geografia Cultural.

Nossos marcadores discursivos para o Brasil - década de 1990. Além do mais, na coleção de Geografia Cultural organizadas por Corrêa e Rosendahl, os geógrafos sempre pontuam uma afiliação à Nova Geografia Cultural, ao mesmo tempo em que destacam a existência de uma abordagem humanista, e mesmo a possibilidade de estudos culturais, sob uma concepção saueriana (NABOZNY, 2014, p. 36).

A “moldura abrangente” (BERDOULAY, 2013) desta Geografia no Brasil tem no século XX o seu recorte temporal de gênese. Se no início deste século verificamos o embrião do pensamento cultural aplicado aos estudos espaciais, a autonomização da Geografia Cultural brasileira ocorreu só na outra metade, especificamente na década de 1990. Além da data original, há a pessoa e o lugar: a professora doutora Zeny Rosendahl na Universidade de São Paulo (USP).



Para a construção deste cenário embrionário da Geografia Cultural no Brasil, que justifica o recorte histórico do início do pensamento e produção acadêmica, foram utilizados os relatos da referida professora que trilhou sua vida profissional na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e que atualmente está vinculada ao Programa de Pós-Graduação e Geografia (PPGEO) pela mesma instituição, proferidos em dois momentos: o primeiro foi na banca de qualificação desta pesquisa, ocorrida em 7 de agosto de 2020; o segundo em sua participação no 4º Workshop de Geografia Cultural da Universidade Federal de Alfenas (Unifal), em 15 de outubro de 2020.

Conforme relatado por Zeny Rosendahl, a Geografia Cultural no Brasil, em sua origem, esteve relacionada com as áreas da Geografia da Religião e de Populações. A moral religiosa, com destaque à cristã, afeta o comportamento demográfico do Brasil, sendo a preocupação com o peso da religião na vida dos cidadãos o início de sua pesquisa no doutorado.

Quando eu fiz o mestrado em demografia, preocupada com as questões de planejamento familiar e controle populacional no Brasil, em 1980, coloquei na conclusão que o Brasil jamais teria uma política populacional, pois existe um poder importante que não deixa avançar essa política, que é o religioso. (...) o grande freio era a ação da igreja católica, a ação do judaísmo, os pentecostais também, que ainda não eram neopentecostais, e fiquei intrigada com isso. Daí resolvi estudar religião e fui para a USP, procurei Maria Cecília França, professora que já estava aposentada mas que havia feito a sua tese sobre santuários.

A referida professora Maria Cecília França (1927-2010) foi professora na Universidade de São Paulo e pode ser considerada pioneira no estudo da geografia da religião no Brasil (BERTONI, 2010; FRANGELLI, 2012), tendo a sua tese de doutorado, intitulada “Pequenos centros de função religiosa”, sido defendida em 1972, também na USP. A tradução da famosa obra do geógrafo francês Yves Lacoste, “A geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra”, pela editora Papyrus, é de sua autoria. Ainda sobre a professora, Rosendahl diz:

Tinha uma tese de doutorado da Maria Cecília França sobre religião, que ganhou até um prêmio em 1970. Vinte anos depois, em 1990, fui ser orientanda da professora, mas em outro contexto, em outra geografia, e ainda desconhecia a Geografia Cultural Alemã e a Geografia da Religião alemã, que foi a minha grande descoberta na USP. No exame de qualificação do doutorado tinha o professor Dieter Heidemann, que levou revistas de Geografia da Religião da Alemanha, e isso foi surpreendente, pois a revista estava na edição de número 44 e haviam me dito que o que eu queria pesquisar não existia.

O contato com essa produção científica foi de grande importância para assegurar a sua pesquisa lastro teórico em uma época de pouca ou quase inexistente produção nesta área e, também, ceticismo e resistência por parte da comunidade científica. Alega a professora Zeny:

Na USP, em 1990, entra uma pessoa que quer estudar religião, ninguém me dava bola. Sofria uma espécie de exclusão, mas não liguei. Então, quando passei para a orientação do professor Heinz Dieter Heidemann. Percebi que o mundo estava numa ideia de cultural que a gente não conhecia, a USP, não conhecia, nem eu conhecia. Mas o Dieter Heidemann conhecia.

Além desse momento de descoberta da produção internacional sobre Geografia da Religião, foi fortalecido a abordagem cultural na geografia pela seguinte produção: *“Nessa mesma época o professor Paul Claval cria a revista Géographie et Cultures (final dos anos 1980 e início dos 1990) e seu artigo foi sobre Geografia e Religião<sup>55</sup>.”*

O conhecimento de pesquisas alemãs e a publicação de Claval foram peças fundamentais para que, após a finalização de sua tese, ter se certificado que a linha de pesquisa em Geografia da Religião poderia ser desenvolvida no Brasil. Com isso, a Geografia Cultural renovada se apresentou enquanto possibilidade teórico-metodológica das pesquisas em religião por se interessar nas análises que valorizam o simbólico e vivências em termos de sentimento, ideais, ideologias e símbolos, permitindo então estudos acerca das imaterialidades da religião enquanto instância da cultura (ROSENDAHL, 2002). Com essa trajetória, Zeny permite a seguinte afirmação: *“A Geografia Cultural nasceu na casa da Geografia da Religião”*.

Se o ano da defesa de seus doutorado foi 1994, podemos ver nesta data o ano da fixação da pedra fundamental da Geografia Cultural no Brasil, sendo o emprego da metáfora “casa” importante para verificarmos congruências de desenvolvimento nestes dois ramos. Rosendahl diz que *“A Geografia Cultural no Brasil nasceu na Geografia da Religião pela necessidade do contexto”*, podendo ser entendido seu pensamento pela argumento de que a vivência religiosa individual e de grupos sociais foi tardiamente investigada pela Geografia, o que reflete um desinteresse da comunidade geográfica com as questões relativas à cultural (ROSENDAHL, 2002). Para Patrícia Frangelli (2012, p. 42), “esse possível desinteresse tem sua raiz não

---

<sup>55</sup> Especificamente o artigo *“Le thème de la religion dans les études géographiques”*, publicado na segunda edição da revista *Géographie et cultures*, em 1992.

somente na especificidade brasileira, mas também no próprio desenvolvimento da disciplina, como demonstra a literatura da História do Pensamento Geográfico”.

Frangelli (2012) apresenta relações diretas sobre a relação entre as Geografias Cultural e da Religião, o que fortalece a ideia de necessidade de contexto apontada por Rosendahl, sendo que tanto na abordagem cultural tradicional quanto na renovada, a Geografia da Religião recebe conhecimento. Também verifica que o subcampo da Geografia da Religião, apesar de ter se mostrado precursor no Brasil, se encontra no interior do campo da Geografia Cultural. Sobre essa hierarquização, sendo a religião um leque, uma possibilidade, um campo de outra área maior, que seria a cultural, entende-se que

Sendo a espacialidade um atributo do homem e dos animais, sua origem parte, embora não exclusivamente, de objetos e processos naturais, enquanto criação humana e da natureza, que se localizam diferencialmente na superfície terrestre. A espacialidade demarca a diferenciação locacional dos objetos nessa superfície, apresentando, dessa maneira, forma, gênese, movimento e significados. Nessa medida, é pelo meio que a Geografia estuda o homem, ou seja, é a partir do atributo da espacialidade que surgem os demais conceitos geográficos: lugar, território, região, espaço e paisagem; e da derivação deles as categorias de análise como lugar sagrado, território religioso, região cultural, espaço vivido e paisagem cultural dentre outras. (FRANGELLI, 2012, p. 44-45).

Neste exercício historiográfico de encontrar um marco da Geografia Cultural no Brasil, vale ainda citar o grupo de pesquisa que Rosendahl fundou na década de 1990 que veio a ser um dos responsáveis pela difusão desta linha de pensamento geográfico no país. A sigla NEPEC vem de Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Espaço e Cultura, tendo sido criado em 1993, enquanto um grupo interessado na Geografia Cultural e sua difusão no Brasil. O Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro foi o local onde o núcleo foi instalado, e a professora Rosendahl foi a criadora, sendo que no ano de 2015 passou a ser coordenado pela professora doutora Mariana Lamego (IGEOG/UERJ). Zeny mostra mais uma vez a importante relação entre as áreas da religião e da cultura: *“não imaginava que seria um núcleo de grande expressão no Brasil, mas surgiu disso: a religião me levou pra Geografia Cultural e da Geografia Cultural eu tentei trazer por meio de traduções, por publicações de livros, o que havia no exterior.”*

Um panorama sintético da trajetória da Geografia Cultural no Brasil foi traçado por Roberto Lobato Corrêa, sendo que as datas apresentadas casam com sua análise temporal, dividida em três períodos:

O primeiro momento, que pode ser visto como estendendo--se do começo da década de 1990 até o seu final, caracterizou-se pela não aceitação do sub-campo que, percebido como novo, foi visto, como qualquer sub-campo novo, como capaz de abalar as estruturas do poder acadêmico. O segundo momento, entre 2001 e 2005 aproximadamente, caracterizou-se por uma relativa aceitação do sub-campo, incluindo aqueles que no primeiro momento foram os seus críticos. A geografia cultural passa a ser vista progressivamente como uma novidade interessante. O terceiro momento é o de sua vulgarização, no qual a antiga “novidade” é adotada, via de regra apressadamente, sem reflexões ou críticas consistentes, tendendo a cultura a ser tratada segundo noções do senso comum e por procedimentos usuais, positivistas em muitos casos (CORRÊA, 2009, p. 1).

Ainda na linha de apontar algumas datas que marcam a origem da Geografia Cultural brasileira, Corrêa e Rosendahl (2005, 2008 apud NABOZNY, 2014) destaca que em 2003 a *International Geographical Union* (IGU) organizou no Rio de Janeiro, por intermédio do *Working Group of Cultural Approach in Geography*, uma Conferência Regional sobre a Dimensão Histórica da Cultura, que pelo considerável volume de trabalhos de brasileiros inscritos no evento, “sinalizaria por uma inscrição completa da Geografia Cultural no Brasil a partir de um reconhecimento internacional” (NABOZNY, 2014, p. 104).

Por fim, das três décadas que passaram desde a notada origem da Geografia Cultural no Brasil, vale destacar mais uma vez: podemos ter na professora doutora Zeny Rosendahl e no Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Espaço e Cultura (NEPEC) os pilares desta linha de pesquisa geográfica, tendo esses dois lançado a sua pedra fundamental.

## 9. QUESTIONÁRIO “ESPAÇO E CULTURA”: A DIFUSÃO DA GEOGRAFIA CULTURAL NO BRASIL”

### 9.1 Considerações e aplicação do questionário

Intitulado de “Espaço e Cultura: a difusão da Geografia Cultural no Brasil”, um questionário composto por perguntas semiestruturadas foi aplicado por meio da ferramenta Google Formulário a professores e pesquisadores que trabalham com os temas de Geografia Cultural e espaço e Cultura. As perguntas foram as seguintes: 1. O que você entende por Geografia Cultural?; 2. A sua experiência de docência/pesquisa se relaciona com o tema “espaço e Cultura” ou propriamente com a Geografia Cultural? Como isso ocorre? 3. Como você avalia a seguinte afirmação: a abordagem cultural contribuiu e contribui para a renovação do pensamento geográfico brasileiro.

Inicialmente, esse formulário contava com um número maior de perguntas, mas foi reformulado a partir de comentários proferidos pelo professor Roberto Lobato Corrêa. Sendo assim, a segunda versão mais sucinta foi enviada por e-mail para os contatos obtidos durante a realização do XIII ENANPEGE (Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia), ocorrido em setembro de 2019. Também, a rede social virtual Facebook foi utilizada para ampliar a captação de entrevistados por meio da conta da revista Geosp: Espaço e Tempo, pertencente ao Programa de Pós-Graduação de Geografia Humana (PPGH) e do Programa de Pós-Graduação de Geografia Física (PPGF) da Universidade de São Paulo.

O questionário ficou disponível do segundo semestre de 2019 até o segundo semestre de 2022, ou seja, cerca de 36 meses, tendo sido recebido um total de 84 respostas.



Prezado(a) professor(a) pesquisador(a), com o intuito de convidá-lo(a) a contribuir para a pesquisa de doutorado intitulada "CARACTERIZAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA GEOGRAFIA CULTURAL BRASILEIRA: Impacto e difusão no pensamento geográfico nacional", desenvolvida por Bruno Picchi, sob orientação do Prof. Dr. Rodrigo R. H. F. Valverde, pedimos que escreva o seu nome e e-mail para que seja enviado o questionário "Espaço e Cultura: a difusão da Geografia Cultural no Brasil", parte integrante desta pesquisa.

Muito obrigado.

NOME	E-MAIL PARA CONTATO

FIGURA 9 - Documento para a captação de contatos para o questionário "Espaço e Cultura: difusão da Geografia Cultural no Brasil.

Elaboração: Bruno Picchi

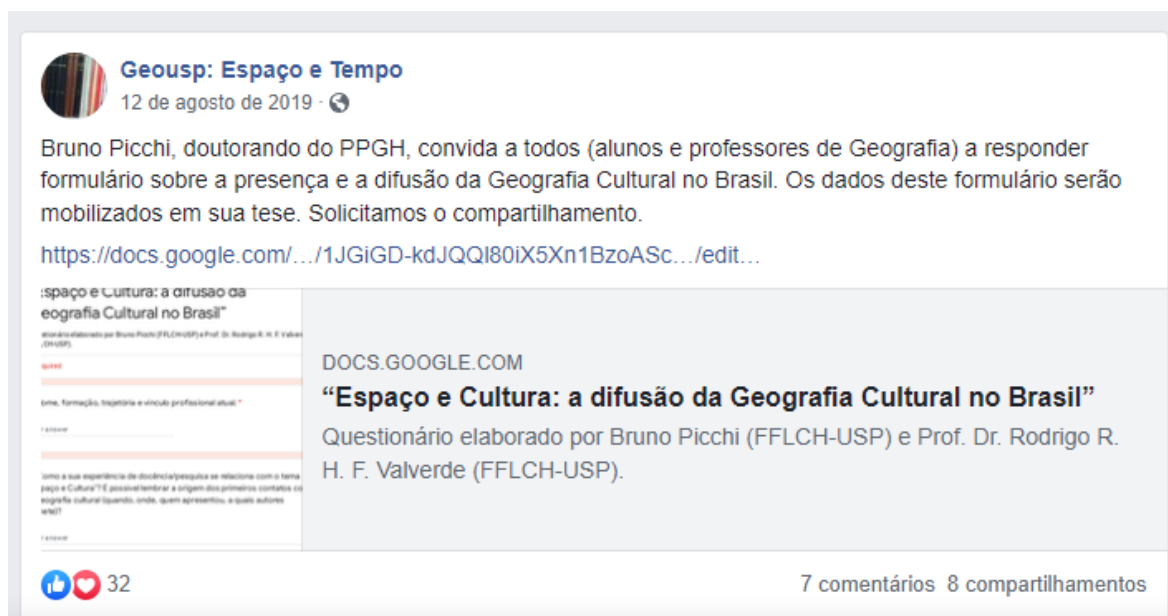



FIGURA 10 - Convite pelo Facebook para o questionário “Espaço e Cultura: difusão da Geografia Cultural no Brasil”. Disponível em:



<https://www.facebook.com/geosp/posts/bruno-picchi-doutorando-do-ppgh-convida-a-todos-alunos-e-professores-de-geografi/2368342316594550/>. Acesso em: 5 out.

2022.



“Espaço e Cultura: a difusão da Geografia Cultural no Brasil”

Questionário elaborado por Bruno Picchi (FFLCH-USP) e Prof. Dr. Rodrigo R. H. F. Valverde (FFLCH-USP).

 bpicchi@usp.br (não compartilhado) [Alternar conta](#) 

\*Obrigatório

1. Nome, formação e vínculo profissional atual. \*

Sua resposta

2. O que você entende por geografia cultural? \*

Sua resposta

FIGURA 11 - Visualização inicial do questionário “Espaço e Cultura: difusão da Geografia Cultural no Brasil” no Google Formulário.

Elaboração: Bruno Picchi

## 9.2 Sistematização e análise dos dados

Em razão das perguntas aplicadas terem sido todas do tipo aberta, o que gerou um extenso montante de textos, esse material foi processado a partir de nuvens de palavras no intuito de otimizar a busca por palavras-chave e conceitos preferidos pelos entrevistados. A plataforma online utilizada foi a *WordClouds*, ferramenta gratuita geradora de nuvem de *tags*, nuvem de palavras ou nuvem de etiquetas, que se trata de uma lista hierarquizada visualmente. O segundo passo foi a interpretação dessas nuvens de palavras por meio da busca das frases na íntegra, seguido da associação entre outras respostas para a obtenção de um sentido coeso acerca da



percepção da comunidade acadêmica sobre a difusão da Geografia Cultural no Brasil. Ainda sobre a sistematização dessas informações em nuvem de palavras, os termos “geografia”, “geográfico/a”, “cultura” e “cultural”, pelo excesso de repetição por serem o tema do questionário, foram omitidos da análise por distorcerem o produto visual final.

### 9. 2. 1. Perfil dos entrevistados

Do montante de 84 entrevistados, a expressiva maioria informou possuir o título de doutor (62), seguido de mestre (8) e graduados em licenciatura ou bacharelado (6). Não informaram sua formação 8 entrevistados e destacamos que apesar da maioria dos entrevistados terem sido geógrafas, geógrafos ou doutoras, doutores em Geografia (maioria), profissionais de outras áreas se habilitaram a responder as perguntas. Esse fato demonstra a grande abrangência acadêmica que os temas relacionados à geografia cultural e espaço e cultura são dotados, circunstância essa também verificada no levantamento de dissertações e teses dos referidos temas, pois outras áreas do conhecimento estão presentes além da Geografia.

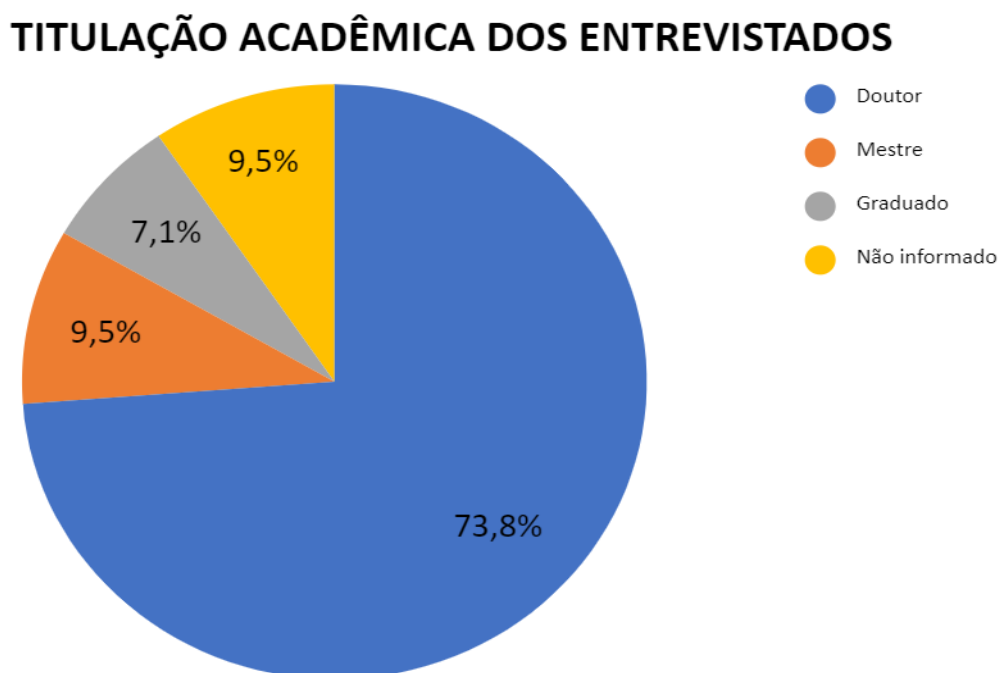


FIGURA 12 - GRÁFICO 1 - Titulação acadêmica dos entrevistados.

Elaboração: Bruno Picchi.

Sobre a atuação profissional, também houve maciça presença em uma área, sendo a de professores pesquisadores no Ensino Superior (61), seguida por quem declarou atuar apenas enquanto pesquisador (8) e, em menor quantidade, professores da Educação Básica (5). Não informaram sua atuação profissional 10 entrevistados.

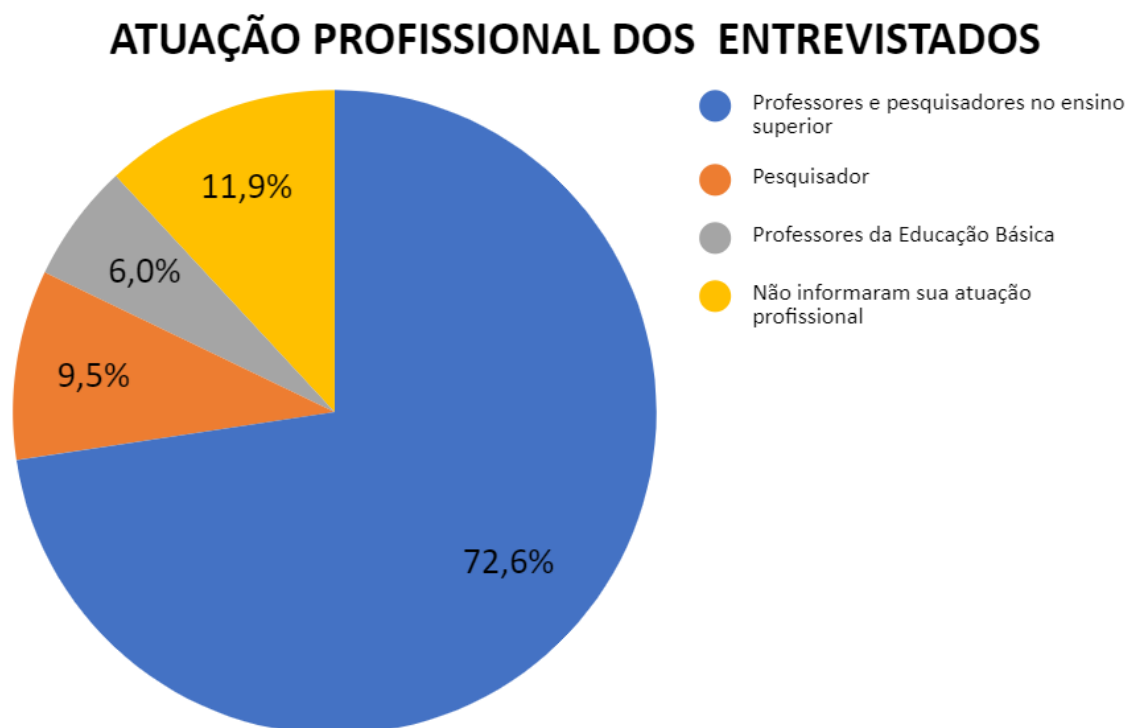


FIGURA 13 - GRÁFICO 2 - Atuação profissional dos entrevistados.

Elaboração: Bruno Picchi.

A análise desses dados permite aferir que a maior concentração dos entrevistados foi de professores doutores que atuam em universidades públicas nas áreas de ensino e de pesquisa.

#### 9. 2. 2. Entendimento por Geografia Cultural

A partir da primeira pergunta “O que você entende por Geografia Cultural?”, 1153 palavras geraram a seguinte nuvem de palavras:



*“É o ramo da geografia que estuda a importância da cultura na produção do espaço geográfico.”*

*“O estudo da cultura no espaço geográfico, seus objetos e manifestações sociais.”*

*“A geografia cultural entende que o espaço geográfico é uma construção também cultural.”*

*“Um campo que analisa as práticas sociais, os discursos e as formas de representações históricas que substanciam as relações sociedade-espaço.”*

*“Entendo por Geografia Cultural um campo que, à maneira da História Cultural e da Antropologia Social e Cultural, tem como interesse central o papel da cultura na produção do espaço.”*

*“São os estudos das dimensões técnicas, concretas e simbólicas da cultura no espaço geográfico.”*

*“Como os espaços nos afetam, como são imaginados, guiados, indicados e representados são mais exemplos de como vejo a geografia cultural operando.”*

*“A geografia cultural busca trazer novas abordagens para o estudo do espaço a partir da sua relação com elementos culturais e simbólicos, bem como das representações e vivências, através de diferentes caminhos de método.”*

*“Uma abordagem que, segundo uma diversidade de correntes filosóficas de pensamento, valoriza as discussões e temas que se associam às ideias de cultura (processos identitários, conflitos identitários, representações do espaço, produção material-simbólica, comportamentos, etc) relacionando-os ao objeto da Geografia: o espaço produzido pela sociedade que, disciplinarmente, chamamos de espaço geográfico.”*

*“A geografia cultural pode ser compreendida como um campo da Geografia que se debruça sobre os aspectos das manifestações identitárias dos sujeitos sociais e neste campo se apoia no campo epistemológico da fenomenologia, em que a percepção se coloca como referência (materialidade) para o constructo de suas análises.”*

Ainda sobre a análise do termo “espaço”, a associação às categorias geográficas são recorrentes, principalmente com lugar e paisagem, conforme é possível observar a seguir:

*“Apesar da cultura ser um campo comum para o conjunto das ciências humanas, é a partir da geografia cultural que a paisagem carrega a marca da cultura*

e é o fator de diferenciação social.”

*“Eu as vejo como epistemologias abertas, que são modos de conceber/pensar o espaço geográfico, a partir de enfoques cultural(is), daquilo que é próprio do ser humano em suas vontades, desejos, necessidades, possibilidades de articulação entre si (intersubjetividade) e com seu entorno (lugar, paisagem, território, etc.).”*

*“Suas referências teórico-conceituais mais usuais são fundamentadas principalmente no conceito de lugar, de paisagem, de região, de espaço vivido e de território (na perspectiva identitária).”*

*“Em minha abordagem, o conceito fundamental dessa corrente é o de paisagem, pois compartilha explicitamente preocupações a propósito da relação da cultura e da política com o espaço.”*

*“A paisagem é uma peça-chave da iconografia quando se trata de identidades espaciais.”*

*“Não há possibilidade de se falar em paisagem separadamente de seus conteúdos e condicionantes culturais e políticos – pelo menos no âmbito da geografia humana.”*

*“Nesse sentido, creio que a contribuição diferencial da Geografia Cultural seja promover uma reflexão mais refinada sobre questões relacionadas a como os grupos sociais interagem com seus espaços e lugares, coisa que talvez outras disciplinas não façam tão bem.”*

*“Suas referências teórico-conceituais mais usuais são fundamentadas principalmente no conceito de lugar, de paisagem, de região, de espaço vivido e de território (na perspectiva identitária).”*

*“A paisagem é o grande teatro dos discursos, imagens e narrativas fundadoras de diversos recortes: cidades, lugares, espaços públicos, regiões, nações.”*

*“É uma perspectiva teórica e metodológica no âmbito da Geografia que tem interesse nos fatos, nos traços, nas características culturais, materiais e imateriais, da sociedade, na formação e composição de lugares, paisagens, territórios e regiões.”*

As citações de “sociais” dizem respeito às manifestações, práticas e relações sociais no sentido da produção de diferentes arranjos no espaço, o que marca diferentes perfis e características das populações e dos lugares. Veja a seguir:

*“O estudo da cultura no espaço geográfico, seus objetos e manifestações sociais.”*

*“Entendo que a Geografia Cultural é uma forma de ler/pensar a Geografia,*

*colocando em evidência o conceito de cultura na análise das práticas sociais.”*

*“A Geografia Cultural é uma dimensão ou setor da Geografia preocupada em evidenciar as nuances do espaço pelo viés da tessitura das relações sociais que conformam o próprio espaço através de saberes, sabores, cores, crenças, transcendendo a dimensão da economia política.”*

*“Um campo que analisa as práticas sociais, os discursos e as formas de representações históricas que substanciam as relações sociedade-espaço.”*

*“A geografia cultural é a concretização espacial das relações sociais nos diferentes momentos da humanidade, conferindo os diferentes perfis e características, das populações e dos lugares, a partir das suas diferentes expressões.”*

*“Busca compreender como arranjos sociais deixam marcas nos espaços e como as interações socioespaciais se inter-relacionam com aspectos culturais.”*

As citações de “estudo”

As citações de “relações” novamente vão na direção de como a dimensão social se imprime no espaço, seja de forma material ou simbólica, e também reforça a ênfase da Geografia Cultural em se debruçar no estudo dos conceitos de espaço e cultura. Observe:

*“É como o sujeito que se deleita sobre as mandalas, suas cores e formas, mas não consegue entender o quanto elas representam em sociabilidade do coser como trocas simbólicas, permanência de historicidade oral, mas, principalmente de resistência aos processos de destruição que as relações sociais, fundadas na mercadoria estabelecem.”*

*“A Geografia Cultural está estreitamente ligada ao espaço geográfico, produto cultural, que é apropriado pela sociedade, cuja subjetividade se constituem de múltiplas significações ou de relações sócio-cultural.”*

*“Subdisciplina da ciência geográfica voltada para a compreensão das relações entre o espaço e a cultura.”*

As citações de “abordagem” chamam a atenção para a dimensão epistemológica de como a Geografia Cultural se apresenta e se confirma enquanto subárea. Ora é fortalecida a ideia de que é dotada de *status* enquanto novo campo de pesquisa, mas, outras vezes, tida apenas como perspectiva de abordagem e dependente de outras áreas do conhecimento. Veja:

*“Embora seja adotada essa nomenclatura, penso que o correto seja falar em uma abordagem cultural em Geografia.”*

*“Abordagem geográfica da cultura.”*

*“Nessa abordagem cabem intersecções com os Estudos Culturais, a Lingüística, a Antropologia, a Semiótica, a Psicologia Social, Estudos Literários, entre outros.”*

*“Nesta abordagem cabem também perspectivas mais materialistas, de interface mais clara com a Sociologia.”*

*“A Geografia Cultural não se define em poucas linhas. Pode ser tanto considerada um (novo) campo de pesquisa na Geografia Humana (brasileira), assim como Geo. Urbana, Geo. Agrária etc., quanto como uma abordagem, que estaria presente, ou seria possível de ser feita dentro dos campos já consolidados.”*

*“Enquanto uma linha/corrente de pensamento da Geografia, onde é priorizado a abordagem pautada na cultura.”*

*“A geografia cultural é uma forma de abordagem geográfica da cultura ou de manifestações e questões culturais, simbólicas e subjetivas relacionadas ao espaço.”*

### 9. 2. 3. Docência e pesquisa com a área

A segunda pergunta do questionário foi “A sua experiência de docência/pesquisa se relaciona com o tema “espaço e Cultura” ou propriamente com a Geografia Cultural? Como isso ocorre?”. Com 1448 palavras, as respostas geraram a seguinte nuvem de palavras:



FIGURA 15 - Nuvem de palavras gerada a partir da pergunta “A sua experiência de docência/pesquisa se relaciona com o tema “espaço e Cultura” ou propriamente com a Geografia Cultural? Como isso ocorre?”.

Elaboração: Bruno Picchi.

A palavra "não" contou com 39 citações, “espaço” (apenas no singular) 31 citações, “pesquisa” 27 citações, e 13 citações em "disciplina" e “trabalho”, sendo essas as mais numerosas e as que melhor propiciam uma análise do sentido do discurso dos entrevistados.

As citações de “não” apresentam importantes considerações diversas possibilidades de análise. A primeira é a que parte dos entrevistados não tiveram



experiência de docência/pesquisa que se relaciona com o tema espaço e cultura ou propriamente com a Geografia Cultural. Outra análise é por meio dos relatos de que espaço e cultura são mais frequentes para a análise de estudos de caso, mas não necessariamente por um viés da Geografia Cultural, mas por outras áreas da Geografia. Sendo assim, o “não” evidencia uma fragilidade da Geografia Cultural enquanto corrente da Geografia no meio acadêmico, conforme é possível verificar a seguir:

*“Faço parte de um grupo de pesquisa que possui uma das linhas de pesquisa chamada formação de professores/as e cultura. Mas essa discussão específica entre cultura e geografia, não é a minha experiência.”*

*“Minhas reservas à essa corrente se deve ao fato de a maior parte de seus trabalhos possuir um caráter predominantemente tópico e episódico, privilegiando estudos de caso, o que torna-os pouco propositivos à interpretações sistêmicas ou de totalidade e à elaboração de críticas sociais, evidenciando, por conseguinte, certa fragilidade política e crítica, embora essa constatação não seja uma regra nos estudos culturais.”*

*“Não se relaciona propriamente, no entanto, quando possível, trabalho com a abordagem cultural na geografia. Por exemplo, para discutir região na disciplina de Teoria Regional, trago perspectivas culturais e não somente econômicas. Estou preparando uma disciplina optativa de Geografia Cultural para apresentar à UFSC.”*

*“Não pesquiso no campo da Geografia Cultural.”*

*“Embora não seja minha área de pesquisa acadêmica, minha experiência como "espaço e cultura" ocorre na docência (licenciatura em geografia), na qual, em geral, tenho procurado incentivar graduandos a produzirem eles mesmos representações - fotos e vídeos - culturais envolvendo sujeitos sociais e suas "interferências" nas paisagens (simbólicas e materiais).”*

*“Não. Ainda não pude me aproximar com essa abordagem da geografia. Porém, acho pertinente visto que trabalho com formação de professores.”*

*“As pesquisas que desenvolvo não são especificamente de geografia cultura, mas apresentam ou envolvem uma certa abordagem cultural do espaço.”*

*“As relações entre o que chamamos cultura e espaço se apresentam não como uma abordagem específica nem como mais uma dimensão nas minhas pesquisas, mas como expressões das condições concretas dos espaços e grupos sociais com que trabalho, bem como dos conceitos geográficos mobilizados, em particular os de*

*território e territorialidade.”*

*“O contato que mantive foi por conta própria. Nas aulas de graduação, não se fala sobre isso ou se fala muito pouco. Não fornecendo nenhum adensamento/aprofundamento teórico nessa perspectiva, menos ainda quando falamos de 'humanista-cultural'.”*

Antes de passar para a próxima palavra, vale destacar que “pesquisa”, terceira mais citada, está entremeada com a anterior (“não”) e a próxima (“espaço”) palavra, pois está associada como, por exemplo, ao não desenvolvimento de pesquisa na área de espaço e cultural, sentença essa que une todas os três termos.

As citações de “espaço”, além do sentido apresentado anteriormente, relacionadas à dimensão social, cultural e histórica, desta vez apareceu a revista Espaço e Cultura (E&C), publicada desde 1995 pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC) do Departamento de Geografia Humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pelo seu pioneirismo, tendo sido a terceira revista no mundo criada sobre o tema da cultura na geografia, pode ser entendida como a principal aglutinadora de trabalhos dessa linha de pesquisa geográfica. Também, o termo “espaço” remeteu aos relatos de criação dos primeiros laboratórios e grupos de pesquisa nesse tema. Observe:

*“Comecei a procurar artigos e me deparei com a discussão sobre geografia e cinema, a qual me apaixonei. O texto em questão era "Espaço, tempo e a cidade cinemática" da Profa. Dra. Maria Helena Braga e Vaz da Costa, publicado na revista "Espaço e Cultura" (UERJ).”*

*“Em 2006, fui responsável pela criação da linha de pesquisa, no Programa de Pós-graduação em Geografia de Rio Claro, ‘espaço, cultura e sociedade’.”*

*“A orientação de alunos na Pós-Graduação em Geografia contribuiu para ampliar o horizonte em direção à Geografia Cultural. Convidamos os professores Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Correa para uma palestra em Rio Claro e nos aproximamos do NEPEC/UERJ.”*

*“Montamos o Laboratório Interdisciplinar sobre Patrimônio, Memória e Território (LAPAT) em 2012; orientando meus, da professora Lívia de Oliveira e de outros colegas participavam dos debates e leituras do periódico Espaço & Cultura - NEPEC/UERJ; formamos um pequeno grupo de leitura sobre Dennis Cosgrove em 2014/2015.”*

As citações de “disciplina”, no sentido de componente curricular, apresentaram uma curiosa relação com a palavra “sim”, menos citada do que seu antônimo, no que diz respeito às iniciativas de oferta de cursos sobre Geografia Cultural ou espaço e cultura. Também, houve associação frequente com a palavra “trabalho”, sendo esses os dos relatos em primeira pessoa de quando os entrevistados afirmaram trabalhar com Geografia Cultural (por exemplo, “sim, eu trabalho com essa disciplina”). Conforme relatos a seguir, geralmente estão associadas a disciplinas optativas ou relacionadas com cursos que não se apresentam exatamente enquanto Geografia Cultural, mas que abordam espaço e cultura:

*“Desde o segundo ano da graduação estou envolvido com o tema, que me foi apresentado pela professora Salete Kozel, inicialmente na disciplina de Estudos de Percepção em Geografia.”*

*“No entanto, com o campo da Geografia Cultural esse contato disciplinar é muito recente havendo ainda pouca literatura sobre as relações entre Música e Geografia.”*

*“Sim. A geografia cultural é parte do curso de história e da epistemologia da geografia e, além disso, a própria cultura passou a assumir papel de destaque na compreensão do cotidiano.”*

*“Sim. Ministro a disciplina de Geografia Cultural - Obrigatória no curso de graduação da UFRRJ e Nos estudos da Baixada Fluminense desenvolvo algumas reflexões sobre o pentecostalismo.”*

*“Sim, trabalho com o conceito biogeografia cultural, já que ministro disciplinas de biogeografia. A biogeografia surge a partir do olhar geográfico sobre a etnobotânica.”*

*“Sim. Tanto nas disciplinas de Geografia Urbana e Geografia da População, quanto, especialmente, na disciplina de Geografia Cultural, que tem carga horária de 40 horas/semestre, que ocorre no quinto período do curso de Geografia do IFSULDEMINAS - Campus Poços de Caldas.”*

*“Na UFC, a disciplina Geografia Cultural é optativa e nela, quando oferecida, os referidos temas são aprofundados.”*

*“Não se relaciona propriamente, no entanto, quando possível, trabalho com a abordagem cultural na geografia. Por exemplo, para discutir região na disciplina de Teoria Regional, trago perspectivas culturais e não somente econômicas. Estou preparando uma disciplina optativa de Geografia Cultural para apresentar à UFSC.”*

*“Sim, ministro a disciplina de Geografia Cultural no curso de Geografia da Udesc e minhas pesquisas versam sobre Estudos culturais em educação e Cultura visual e imaginários geográficos.”*

*“Sou docente da disciplina "Geografia Cultural" e, em algumas pesquisas que coordenei, busquei utilizar conceituações como o "Espaço Vivido", de Tuan, para mediar os processos teórico-metodológicos das mesmas.”*

*“Na graduação, na estrutura curricular do curso de Geografia da FCT/UNESP, ministro de vez em quando a disciplina de Geografia Social e Cultural (o que está acontecendo neste semestre). Mas se trata de uma disciplina optativa.”*

#### 9. 2. 4. Avaliação da hipótese da tese

A terceira e última pergunta tratou da proposição de análise da hipótese da tese, sendo “Como você avalia a seguinte afirmação: a abordagem cultural contribuiu e contribui para a renovação do pensamento geográfico brasileiro.” As 1428 palavras geraram a seguinte nuvem de palavras:



FIGURA 16 - Nuvem de palavras gerada a partir da pergunta “Como você avalia a seguinte afirmação: a abordagem cultural contribuiu e contribui para a renovação do pensamento geográfico brasileiro.”

Elaboração: Bruno Picchi.

A palavra "abordagem" contou com 59 citações, "não" 45 citações, "contribuição" 20 citações, "pensamento" 36 citações, "estudos" 23 citações, "renovação" 18 citações, "temas" 14 citações, "concordo" 13 citações, 12 citações em "muito" e "novos", e "sim" 11 citações, sendo essas as mais numerosas e as que melhor propiciam uma análise do sentido do discurso dos entrevistados.

As citações de “abordagem”, “contribuição”, “pensamento” e “renovação” fazem parte da estrutura da pergunta e foram numerosas por esse motivo. Dessa forma, não faremos desta vez a abordagem hierárquica, pois faz mais sentido a análise de sua relação associativa com outras palavras menos numerosas, porém, que são mais importante para o caso de avaliação de uma hipótese. São os casos das citações de “sim”, “concordo” e “não”.

As citações de “sim” estão equivalentes ao “concordo”, pois a proposta dessa última pergunta foi a validação da afirmação de que a abordagem cultural contribuiu e contribui para a renovação do pensamento geográfico brasileiro. Das 84 respostas, 57 disseram que concordam, acreditam na afirmação ou avaliam como positiva a contribuição da Geografia cultural para o pensamento geográfico brasileiro. Exemplos de respostas desse tipo foram as seguintes:

*“Creio que a Geografia Cultural e/ou Geografia Humanista tem estimulado um giro de pensamento e de práticas disciplinares, o que é evidenciado fora do Sudeste. Creio, fortemente, que é urgente um mapeamento dos trabalhos desenvolvidos por geógrafos do Norte, do Nordeste, do Centro-Oeste nos últimos 10 ou 15 anos, dos respectivos grupos de pesquisas em consolidação ou consolidados. Podemos ter uma importante referência para saber que Geografia está sendo desenvolvido, para além da tradicional Geografia Crítica. Assim, a Geografia Cultural, creio, tem favorecido o giro da própria Geografia brasileira.”*

*“Concordo plenamente. A Geografia cultura foi e continua sendo um respiro de criatividade e inventividade no cenário da Geografia brasileira. Eventos, mesas, grupos de pesquisa são cada vez mais ampliados.”*

*“Sim. A abordagem sobre os temas da cultura, mesmo em aspectos mais amplos, forneceu contribuições relevantes para a renovação conceitual, teórica e metodológica em Geografia.”*

*“Sim. Tenho colegas que atuam na área e orientam teses e dissertações de excelente qualidade.”*

*“Concordo plenamente. A Geografia Humana no Brasil contemporâneo deve muito aos estudos da vertente cultural que se expandiram desde o final dos anos 1990. Centros como UERJ, UFF, UFRJ, UFBA, UFPE, UFPR dentre muitos outros já irradiaram novas matrizes de pensamento advindos de diferentes abordagens culturais, de tal modo que hoje não se pode mais ignorar sua força e pluralidade. Concordo, embora acrescentaria que o campo ainda é minimizado e desvalorizado*

*pela geografia brasileira.”*

*“Concordo totalmente que a abordagem cultural é indissociável do entendimento da dinâmica espacial, portanto sua contribuição, ao buscar novos elementos da cultura, renova a compreensão da sociedade em sua modelação, interpretação e reinterpretação do espaço.”*

*“Concordo definitivamente com a afirmação, a geografia cultural é essencial para a renovação do pensamento geográfico.”*

*“Sim, a abordagem geográfica da cultura é uma importante característica da história do pensamento geográfico.”*

*“Sou plenamente de acordo levando em conta o quanto esta abordagem arejou a geografia com leituras que incluem a subjetividade, percepção e novos objetos para serem investigados.”*

*“Concordo com a afirmação. A abordagem cultural tanto trabalha com temas que não são muito comuns em outros campos da geografia brasileira, trazendo inclusive a escala do sujeito para o debate, quanto dialoga com outras ciências humanas de forma significativa. Isso só enriquece, bem como tensiona, o pensamento geográfico brasileiro.”*

*“Concordo totalmente. As abordagens culturais - como Claval prefere chamar - renovaram o pensamento geográfico brasileiro.”*

*“Sem dúvida alguma a abordagem cultural contribuiu e contribui para a renovação, pois está inserindo no debate sobre a formação espacial a cultura como promotora das intervenções e da dinâmica socioespacial.”*

*“Sim. Concordo plenamente!! A abordagem cultural propicia uma análise não evidenciada em outras vertentes do pensamento geográfico.”*

É possível observar que existe uma gradação nas respostas que não concordaram direta ou indiretamente com a hipótese de que a abordagem cultural contribuiu e contribui para a renovação do pensamento geográfico brasileiro. A seguir verificamos as sentenças que entendem que parcialmente a Geografia Cultural tangenciou o pensamento geográfico brasileiro, assim como as negativas:

*“Não obstante o tempo de renovação da geografia cultural no mundo, no Brasil ainda se caminha em busca de uma maior afirmação e valorização desse campo do conhecimento geográfico, daí não percebermos como deveríamos uma contribuição mais efetiva para a renovação do pensamento geográfico brasileiro, ainda que ofereça possibilidades amplas para isso.”*

*“Renovou no sentido de ampliar as possibilidades epistemológicas, temas e conceitos. Não vejo como uma abordagem que superou no sentido de passar na frente das outras abordagens, mas sim uma abordagem que a tornou mais rica, ampliando o temário.”*

*“Não concordo, a chamada guinada cultural é limitada do ponto de vista de uma renovação mais geral do PGB”.*

*“MUITO SUPERFICIAL E REDUZ O PENSAMENTO GEOGRÁFICO BRASILEIRO. A ABORDAGEM CULTURAL NÃO ESGOTA A GEOGRAFIA CULTURAL NO SENTIDO CLÁSSICO. AS DEMAIS FORMAS DE FAZER GEOGRAFIA CONTEMPLAM ABORDAGEM CULTURAL, A DIFERENÇA ESTÁ NOS MÉTODOS CIENTÍFICOS UTILIZADOS. E O PENSAMENTO GEOGRÁFICO BRASILEIRO SEGUE EM CONSTRUÇÃO PERMANENTE SEGUNDO DETERMINADOS MARCOS.”*

*“Prefiro afirmar que ampliou-se o leque das pesquisas geográficas e introduziu novas temáticas de estudos geográficos, principalmente de abordagens simbólicas no/do espaço.”*

*“Parcialmente verdadeiro. A geografia cultural no Brasil é, ainda e infelizmente, muito fraca.”*

A análise das respostas por meio do questionário apresenta uma gama extensa de opiniões e sentidos sobre o entendimento epistemológico da Geografia Cultural, de sua trajetória contrastada com a dos pesquisadores e o impacto das pesquisas em espaço e cultura no Brasil. Mesmo havendo respostas que divergem uma das outras, a análise hierárquica por palavras propiciou indícios de que há uma percepção parecida por grande parte dos entrevistados, sendo essas evidências comuns fundamentais para as análises da espacialização, produção científica e considerações finais da pesquisa.

## 10. ESPACIALIZAÇÃO DA GEOGRAFIA CULTURAL NO BRASIL

Neste movimento de ampliação dos horizontes sobre a Geografia Cultural desenvolvida no Brasil, o estabelecimento de contato com grupos e/ou núcleos de pesquisa, docentes e pesquisadores da área envolveu um extenso levantamento de dados sobre os cursos de Graduação e de Pós-Graduação em Geografia no Brasil.



Todos os dados quantificados ou qualitativos apresentados a seguir foram obtidos no primeiro semestre de 2020, sendo a ideia apresentar o panorama da Geografia Cultural no Brasil por meio de sua espacialização para entender a difusão no ensino superior, tanto nos níveis de graduação quanto de pós-graduação. As informações ilustradas nos mapas, tabelas e gráficos dão contorno à hipótese desta pesquisa, que é entender se a inserção da Geografia Cultural transformou conceitos e métodos da Geografia brasileira para além dos limites de seu sub-campo, sendo desta vez através de recurso imagéticos interpretados pontualmente. Porém, devemos informar que as análises deste extenso material não foram suficientes para termos um panorama preciso da difusão espacial da Geografia Cultural no Brasil em razão do extenso montante de dados gerados e o escasso tempo existente para o aprofundamento dos resultados. Mesmo sendo incipiente a análise apresentada neste breve capítulo, decidimos por mantê-lo para apresentação dos dados coletados e as análises que até aqui puderam ser feitas. Entendemos que as considerações tecidas sobre os mapas e gráficos a seguir servem em conjunto com as outras ferramentas desta pesquisa enquanto razoáveis materiais que dão suporte ao entendimento da difusão Geografia Cultural no Brasil.

### 10.1. Cultura na graduação em Geografia

Dois formatos de quadros foram elaborados para a prospecção de dados relativos à oferta de disciplinas específicas em Geografia Cultural ou que orbitam temas sobre Cultura e espaço. A primeira diz respeito aos dados gerais dos cursos de Graduação em Geografia oferecidos, sendo estas as variáveis:

Número	Nome da instituição	Graduação				
		Tipo		Modalidade		
				Presencial		Carga horária total
		Bacharelado		Presencial		
				Semi		
				EaD		
		Licenciatura		Presencial		
				Semi		
				EaD		

FIGURA 17 - QUADRO 2 - Dados gerais dos Cursos de Graduação em Geografia.

Organização: Bruno Picchi.

A segunda tabela diz respeito aos dados específicos desta oferta em Geografia Cultural e/ou espaço e Cultura, sendo estas as variáveis:

Número	Possui alguma disciplina sobre geografia cultural ou cultura e espaço?		Em caso afirmativo, responda as perguntas abaixo				Como foram buscadas ou como estão disponíveis essas informações ?
	Sim	Não	Qual o nome da(s) disciplina(s) (até 3)	Quantas são as respectivas horas	Quem é o(a) responsável pela disciplina?	Está na grade curricular (G) ou é optativa (O)?	

FIGURA 18 - QUADRO 3 - Dados específicos dos Cursos de Graduação em Geografia.

Organização: Bruno Picchi.

Os dados obtidos possibilitaram a geração de diversos materiais que servem como potente material para o panorama geral da oferta do curso de Geografia no Brasil. Foram gerados gráficos em números absolutos e porcentagem por estados, região político-administrativa, modalidades (presencial e ensino à distância), dentre outros, assim como mapas com as variáveis cada vez mais específicas dada as tabelas acima. Tendo sido apresentados no exame de qualificação, a apuração para essa versão da pesquisa reduziu para apenas os de entendimento da espacialização da Geografia Cultural.

Foram investigados 304 cursos de Graduação em Geografia oferecidos por instituições públicas, sendo 65 na região Sudeste, 127 na região Nordeste, 46 na região Sul, 32 na região Centro-Oeste e 34 na região Norte do país, sendo selecionadas para análise apenas os cursos oriundos de instituições públicas, primeiramente em razão de elas serem os principais centros de formação e produção de conhecimento científico, e pelo fato de que optar pela abordagem de cursos oferecidos por instituições particulares impossibilitaria uma análise de qualidade em razão de sua grande oferta. Ressaltamos que apesar de sua expressiva quantidade, a qualidade de informação, muitas vezes, deixou a desejar, sendo que o principal termômetro na busca de dados - a página na web da instituição -, na maioria das

vezes fornecia dados incompletos ou era inexistente. A seguir são apresentados gráficos seguidos de mapas para a melhor compreensão espacial.

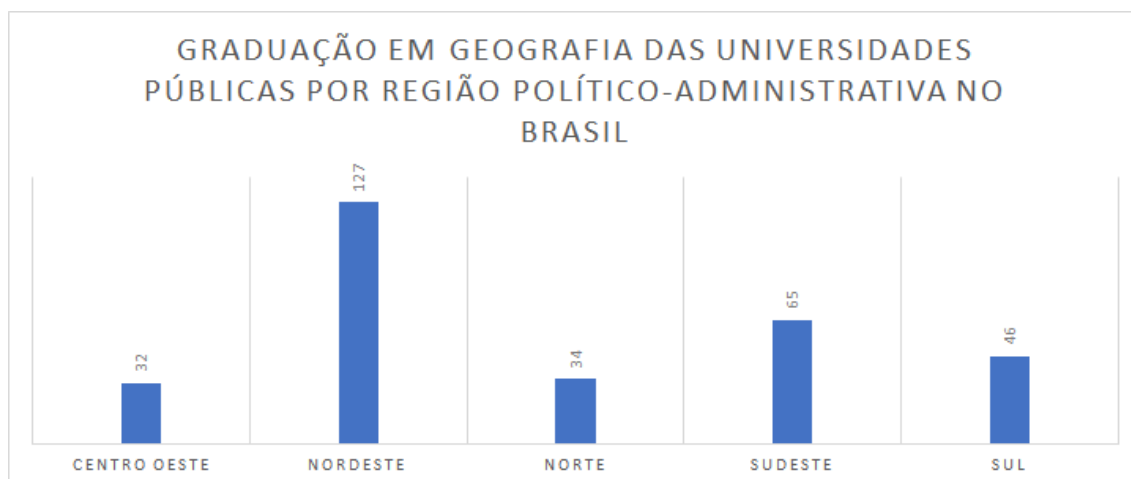


FIGURA 19 - GRÁFICO 3 - Graduação em Geografia das universidades públicas por região político-administrativa no Brasil em números absolutos.

Elaboração: Bruno Picchi.

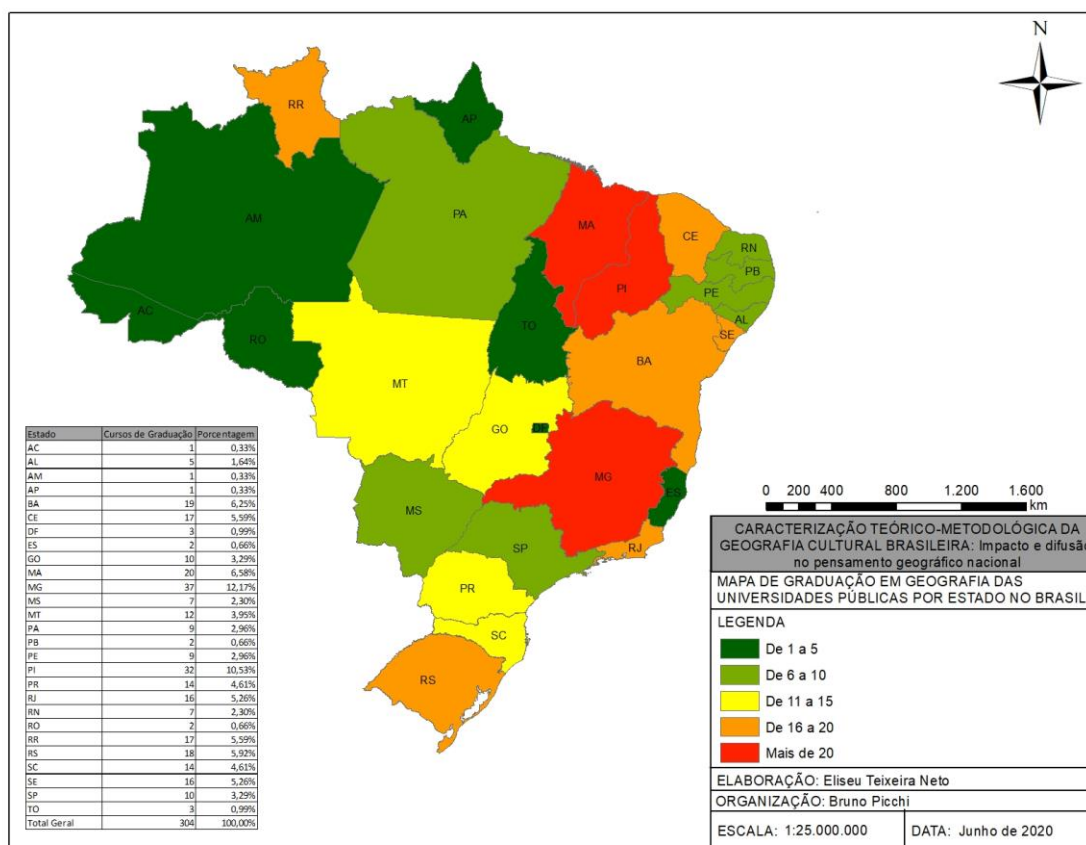


FIGURA 20 - MAPA 1 - Graduação em Geografia das universidades públicas por estado no Brasil.

Elaboração: Eliseu Teixeira Neto.

Organização: Bruno Picchi.

Na contagem da oferta por estado da federação, os destaques são os estados de Minas Gerais (37) e Piauí (32) e Maranhão (20), possível verificar de forma mais apurada no gráfico a seguir, seguido pela variável dos tipos de graduações.



FIGURA 21 - GRÁFICO 4 - Graduação em Geografia das universidades públicas por estado no Brasil em números absolutos.

Elaboração: Bruno Picchi.

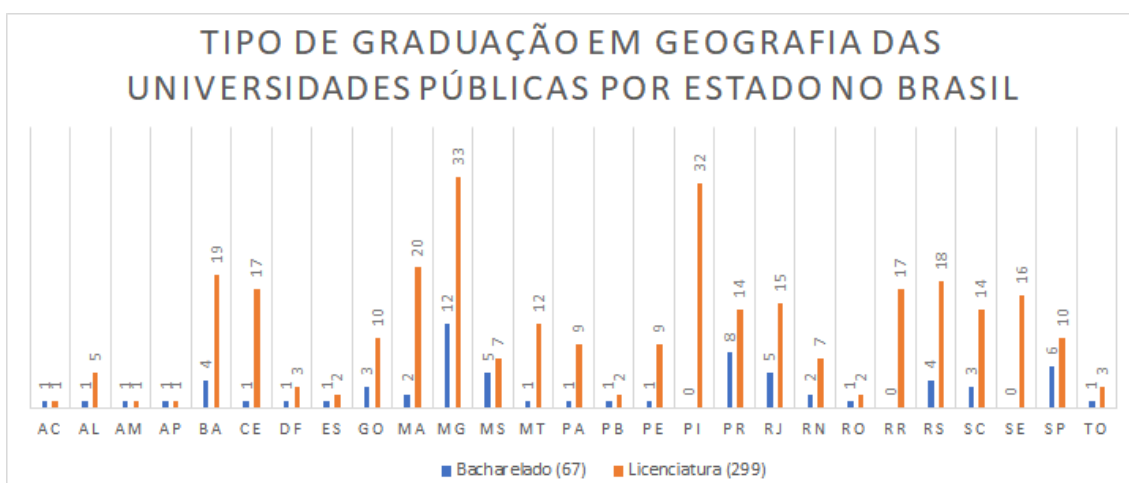


FIGURA 22 - GRÁFICO 5 - Tipo de Graduação em Geografia das universidades públicas por estado no Brasil em números absolutos.

Elaboração: Bruno Picchi.

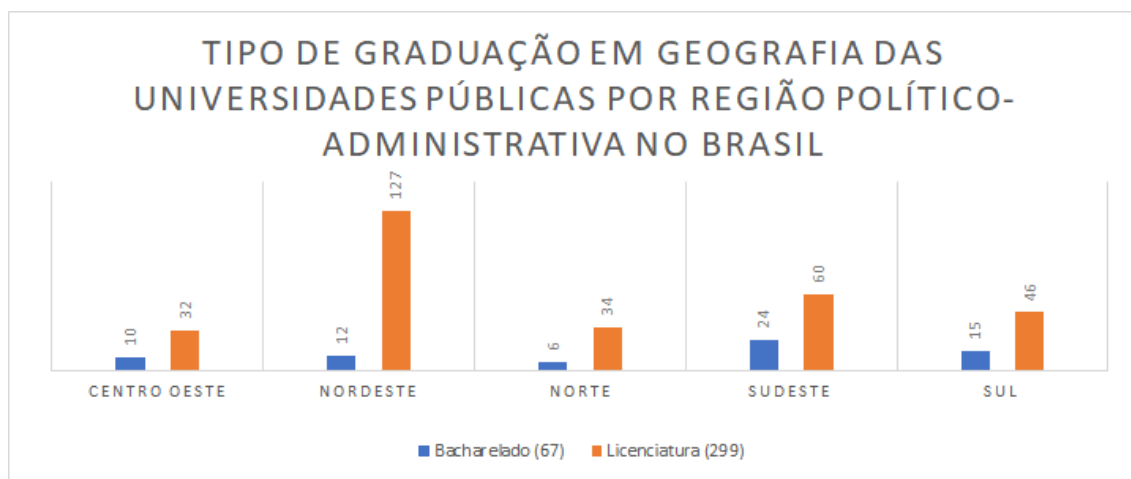


FIGURA 23 - GRÁFICO 6 - Tipo de Graduação em Geografia das universidades públicas por região político-administrativa no Brasil em números absolutos.

Elaboração: Bruno Picchi.

Se partimos para uma análise da distribuição espacial dos cursos de graduação em Geografia, tendo como referência os gráficos acima, é possível perceber que, até 2020, todas as regiões político-administrativas do Brasil contam com mais de 30 cursos de formação de professores ou bacharéis com habilitação em Geografia. Além disso é possível perceber que todas as unidades de federação, segundo o quadro 08, apresentam, em seus devidos Institutos de Pesquisa, seja nas áreas de ciências humanas, geociências ou de ciências exatas, pelo menos um curso que habilite o estudante a lecionar ou “bacharelar” em Geografia.

Chama atenção a quantidade de cursos ofertados no estado de Minas Gerais e Piauí com mais de 30 locais que podem ser realizados a graduação em Geografia. Estima-se que mais de 20% de todos os cursos de graduação em Geografia ocorridos no Brasil estão concentrados nesses dois estados. Outra observação importante é que os estudantes formados em Geografia nos estados do Piauí, Roraima e Sergipe não conseguem a dupla habilitação, sendo o curso voltado para formação exclusivamente de professores e não técnicos ou bacharéis na área. É importante salientar que a expansão dos cursos de Geografia em todo Brasil se deu em torno da profissão docente e não bacharéis. Tal formação ainda está concentrada nos eixos Sudeste-Sul.

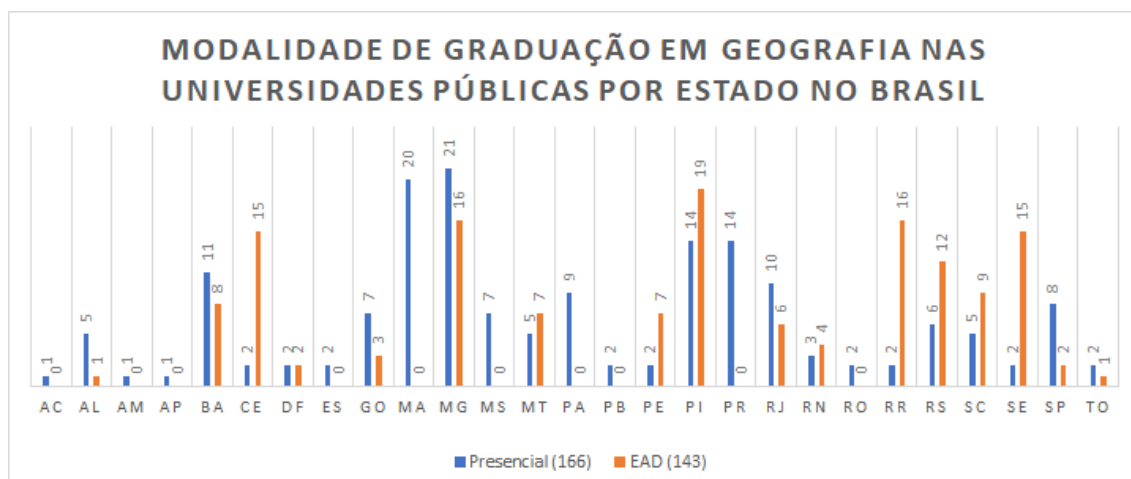


FIGURA 24 - GRÁFICO 7 - Modalidade de Graduação em Geografia nas universidades públicas por estado no Brasil em números absolutos.

Elaboração: Bruno Picchi.

Sobre modalidade de ensino, seja presencial ou a distância, é possível perceber que há estados que não oferecem cursos on-line de Geografia e outros estados que a quantidade de curso à distância supera o presencial, destaque para Ceará, Mato Grosso, Pernambuco, Piauí, Roraima, Rio Grande do Sul e Sergipe (quadro 18), além disso, quase 50% dos cursos de ensino a distância estão localizados na região Nordeste.

A informação sobre a oferta da disciplina em Geografia Cultural e/ou espaço e cultura nos curso de graduação em Geografia nas universidade públicas foi prospectada por meio da análise da grade curricular fornecida pelas instituições e, quando essa dado era inexistente em seu site oficial, mensagem por e-mail foi enviada ao professor responsável pela coordenação do departamento. Desta forma, os dados quantitativos são os seguintes:

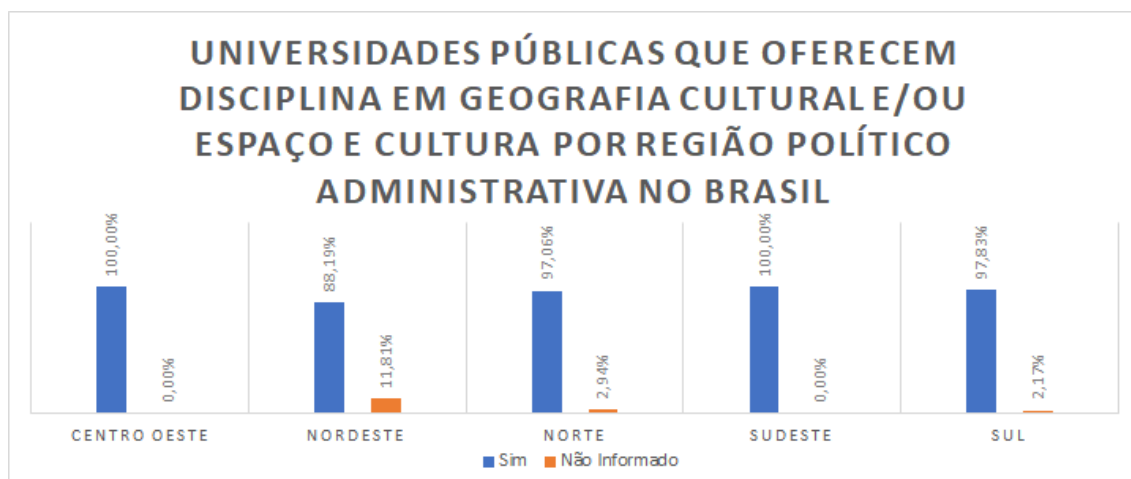


FIGURA 25 - GRÁFICO 8 - Cursos de Graduação em Geografia nas universidades públicas que oferecem disciplina em Geografia Cultural e/ou espaço e cultura por região político-administrativa no Brasil em porcentagem.

Elaboração: Bruno Picchi.

Se a ideia é verificar como se deu o crescimento em número e em proporção de cursos que apresentam tendência na abertura de disponibilidade em Geografia Cultural, por números absolutos é possível aferir essa ampliação. Porém, este dado é demasiado incipiente ao deparamos com as ementas, pois atende somente à variável da segunda tabela que é "Possui alguma disciplina sobre Geografia Cultural ou cultura e espaço". A resposta afirmativa serviu como base para descarte das instituições que absolutamente não ofereceram nada em relação ao tema e, conseqüentemente, abertura de possibilidade de análise apenas das que nessa pesquisa são relevantes. Foi nesse processo que entendemos que muitos dos enunciados que afirmam possuir alguma disciplina nessa direção tendem a não trabalhar com Geografia Cultural, mas sim com temas relacionados à cultura, sendo a abordagem cultural inserida de maneira periférica.

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) do curso de graduação em Geografia aprovado no primeiro semestre de 2022, no item 4 ("O Campo da Geografia: Reflexões Teórico-Conceituais na Estruturação das DCNs"), há um histórico sobre as transformações epistemológicas no campo do conhecimento geográfico marcado pela quase completa nulidade com a dimensão da cultura no espaço. Veja a seguinte passagem:

Historicamente compartimentada em Geografia Física e Geografia Humana, a Ciência Geográfica buscou na relação entre as duas partes o seu objeto principal, mesmo quando lidava com temas unicamente associados às relações natureza-sociedade. Ampliando-se a racionalidade sobre a área, a análise do espaço geográfico sob a perspectiva do pensamento complexo redefine as interações dos objetos da Geografia, que não se restringirão à mostrada anteriormente nem se reduzirão à abordagem de que o campo do saber da Geografia a caracteriza como uma ciência-síntese das demais. A discussão contemporânea sobre meio ambiente, sobretudo, ajudou a implodir essa compartimentação do real, demonstrando que as análises limitadas aos temas sociais e/ou da natureza (sozinhas ou correlacionadas) como realidades distintas foram intentos modernos que não condizem mais com a realidade do mundo atual (MEC, 2022, p. 6)

Podemos verificar que nessa renovação dos seus objetos de análise há a tendência à valorização do ambientalismo enquanto elemento-chave para a explicação das múltiplas interações entre natureza e sociedade. Ainda nesse teor, o documento continua com a ideia de que não se pode atribuir uma causalidade simples como algo absoluto e formatados da totalidade dos fenômenos

já que a economia, a técnica, a divisão em classes sociais, a degradação ambiental, os domínios climatobotânicos, os processos de produção e outros temas são insuficientes para, sozinhos, possibilitarem a interpretação competente do mundo, pois se ignoram as discussões teóricas explicativas das demais ciências nutridas pelas interrelações sociedades/humanidades nos variados campos do saber (MEC, 2022, p. 6).

Destas passagens que traçam o panorama acerca da linha teórico-conceitual fortemente atrelada à uma perspectiva de futuro em que a preocupação com o meio ambiente se dá de maneira imprescindível, essas possibilidades de aberturas interdisciplinares não (ou muito pouco) dialogam com a dimensão da cultura. Sobre as atuais reflexões do campo científico da Geografia, mais uma vez observamos essas preferências seletivas:

Portanto, nas atuais reflexões do campo científico da Geografia, assume-se, a despeito de um polo que a analisa pelos aspectos físico-ambientais e outro pelos fatores sociais (pesquisa socioespacial), que há um conjunto de intersecções que necessitam de análises dos polos que se interconectam como a Ecologia Política, a Geografia Ambiental, a Geopolítica, a Geomorfologia Urbana, o Ordenamento e a Gestão do território e os Estudos da Paisagem, tornando a atuação do geógrafo mais complexa e interdisciplinar (MEC, 2002, p. 7)

O que chama a atenção é a omissão do termo cultura, tão potente para as análises apresentadas neste documento que norteia os cursos de Graduação em Geografia. Quando citada é para complementar as múltiplas dimensões para a



compreensão das relações socioambientais (“cultural, política, econômica, ambiental, etc.”) e enquanto mais uma dentre várias sobre o perfil dos egressos (“O perfil esperado é o de habilitar os egressos a desenvolverem práticas profissionais baseadas no entendimento e respeito às diferenças socioespaciais, étnicas, culturais, político-ideológicas, religiosas e imbuídos de uma clara concepção de sustentabilidade focada no equilíbrio ambiental”), sendo mais uma vez enaltecida a dimensão do ambientalismo).

Nos documentos de identificação dos cursos essa predileção de uma(s) área(s) em detrimento da abordagem cultural e, em especial, da Geografia Cultural, é bastante evidente, o que fortalece a ideia de que apesar de haver uma quase completa oferta de disciplinas desta área aqui pesquisada, os dados numérico não são suficientes para corroborar este diagnóstico.

Os exemplos da tese de que na graduação Cultura é apresentada enquanto epifenômeno e também de que é raso o seu aprofundamento teórico se dá pelo pouco número de referências especializadas na descrição dos cursos e atrelamento a outros objetos de análise, como nos cursos “Paisagens Brasileiras e Mundiais”<sup>56</sup>, “Transformações Socioculturais e Desenvolvimento Regional”<sup>57</sup>, “Formação Sócio-espacial”<sup>58</sup> e “Geografia Urbana II”<sup>59</sup>.

Destacamos que a formação dos docentes vinculados aos programas de graduação apresenta recorrência com a Geografia Cultural no que diz respeito às palavras-chave de suas dissertações e teses defendidas, linhas de pesquisa, assim

---

<sup>56</sup> Curso ofertado pela Universidade de São Paulo (USP) com os seguintes objetivos: Compreender a fundamentação teórico-metodológica da categoria paisagem na investigação geográfica, reveladora da realidade, para a compreensão das condições naturais e sociais vigentes em um determinado local. Discutir estratégias para a temática “paisagens brasileiras e mundiais” na educação básica e suas inter-relações com a temática ambiental. Refletir sobre os processos de degradação ambiental nas dinâmicas das paisagens brasileiras e mundiais. Estudar e compreender os aspectos geográficos e suas relações com a natureza e a cultura na construção da paisagem..

<sup>57</sup> Curso ofertado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com o seguinte objetivo: Analisar em nível global e regional as mudanças associadas à modernidade e à globalização e correlacionar as implicações culturais, sociais, econômicas e políticas no contexto geral e regional. Súmula: Desenvolvimento regional a partir das interfaces com a questão cultural. Modernidade, globalização e as implicações culturais, sociais, econômicas e políticas.

<sup>58</sup> Curso ofertado pela Universidade Federal de Goiás (UFG), com a seguinte ementa: Tempo, espaço, território na configuração da paisagem e da sociedade. Estudo das relações homem-natureza – a Biologia, a Geografia e a História cultural na definição dos indivíduos e na caracterização dos aspectos étnicos que nos diferenciam.

<sup>59</sup> Curso ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB) com a seguinte ementa: Urbanização e metropolização. Mobilidade urbana. Relações campo cidade. Estudos culturais e a paisagem urbana. Movimentos sociais urbanos. Imagens, imaginários e ideologias urbanas.

como na área de interesse informada e experiência de pesquisa. Também, a disciplina própria de Geografia Cultural foi encontrada nas grades curriculares de algumas universidades, mas de forma mais tímida em comparação aos programas de pós-graduação.

## 10.2. Ementas de Geografia Cultural na graduação

Foram escolhidas 5 (cinco) fichas de apresentação de disciplina sobre Geografia Cultural dos cursos de graduação em Geografia para exposição e análise, sendo uma para cada região político-administrativa do Brasil<sup>60</sup>. Percebemos que é comum a sua atribuição obrigatória, tanto no bacharelado quanto na licenciatura, apenas quando os currículos passam pela reestruturação do projeto político do curso, tendo geralmente ocorrido na década de 2000 nas universidades federais e estaduais. Tanto nos contextos de disciplina optativa ou obrigatória, o curso é geralmente ministrado nos anos finais da graduação, entre o 7º e 8º períodos, e a carga horária gira em torno de 60 horas (teto verificado de 64 horas), com  $\frac{2}{3}$  das horas dedicadas às atividades teóricas e  $\frac{1}{3}$  para as práticas.

Ainda no contexto das similaridades, a Geografia Cultural aparece nos cursos presenciais e EAD, sendo a sua maior incidência no primeiro tipo. A maioria constavam de ementas, sendo as seguintes:

“Bases teóricas e conceituais das abordagens culturais na Geografia. Percepção, memória e identidade. Significação e simbolismo e performances na Geografia. Espacialidades das produções, práticas e manifestações culturais (religião, artes, literatura). Lugar, paisagem e simbolismos. Ciberespaço e cibercultura. Espaços do medo e da morte. Geografia das emoções e do afeto. Trabalho de campo em Geografia popular. Geografia cultural no ensino”<sup>61</sup>.

“Os conceitos de cultura: gênese e características da cultura. Gênese e dinâmica da geografia cultural. As dimensões culturais do espaço. Cultura, identidade e território. Cultura e lugar. Contatos culturais, religião, espacialidades e territorialidades. Formação sociocultural brasileira. Cultura e regionalismo. A

---

<sup>60</sup> A ementas analisadas foram as dos cursos de Geografia (L/B) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal de Roraima (UFRR), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal do Ceará (UFC) e Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT).

<sup>61</sup> Ementa assinada pelo chefe do departamento da UFPR, Prof. Dr. Sylvio Fausto Gil Filho.

paisagem geográfica. O conteúdo cultural das paisagens, vida social e espaço humanizado. Cultura e globalização”<sup>62</sup>.

“Os conceitos de Cultura: gênese e características da cultura; o debate sobre a natureza da cultura; Geografia e cultura. Gênese e dinâmica da Geografia Cultural: tradição da Geografia Cultural; Geografia Cultural e sua renovação. Cultura e espaço: as dimensões culturais do espaço; a paisagem geográfica; cultura, identidade e território; cultura e lugar; música popular e espaço; religião e espaço; contatos culturais, religião e território”<sup>63</sup>.

É interessante que das amostras apresentadas, duas apresentam seu início de forma idêntica. Também, verificamos que a categoria lugar e a dimensão geográfica da religiosidade estão em todas as ementas, sendo a religião citada até mais de uma vez no mesmo documento. Sobre esse aspecto, podemos concluir sobre a influência da Geografia da Religião, vertente atrelada à gênese da Geografia Cultural pelas mãos da professora Zeny Rosendahl.

Dos paralelismos nas referências, apontam três obras comuns: (1) a escola francesa de Paul Claval, com o livro “A Geografia Cultural”; (2) a perspectiva humanística de Yi-Fu Tuan, com o livro “Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência”; e a coleção brasileira Geografia Cultural, organizada por Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa, com destaque para o livro “Hierópolis: o sagrado e o urbano”. Desta forma, a recorrência da categoria lugar, conforme citado anteriormente, toma corpo pela predileção à abordagem fenomenológica, e a tradição francesa de análise de estudos de casos vem a rebote, escorando a tendência à descrição das diferentes tessituras espaciais a partir das abordagens das dimensões da Cultura, como tradições étnicas, lugares sagrados e profanos e intercâmbio migratórios.

Em suma, é perceptível que além das convergências acima, as fichas são dotadas de um teor de apresentação da Geografia Cultural, como uma disciplina com caráter mais introdutório de estudos, sendo muito voltadas a demonstrar os temas pertinentes ao campo, os desafios do estudo da Cultura na formação do espaço e temas correlacionados, como humanismo, imaginário e identidades, além da priorização de determinadas perspectivas do pensamento cultural na Geografia. O que não aparece nas fichas ou que se dá de forma tímida, no que fundamenta a sua

---

<sup>62</sup> Ementa da UFRR.

<sup>63</sup> Ementa da UFMT.

gênese, a influência da antropologia por meio da escola geográfica alemã e nas referências bibliográficas básicas, que aparece de forma mais escassa na quantidade de obras em comparação à outras disciplinas, um aprofundamento maior em obras teóricas, assim como a pouca articulação com as diferentes perspectivas em geografia cultural.

### 10.3. Cultura na pós-graduação em Geografia

Um padrão parecido com os quadros dos cursos de Graduação foi empregado para as de Pós-Graduação em Geografia, sendo a primeira versão em busca de dados gerais acerca dos programas:

Número	Nome da instituição	Linhas de pesquisa	Modalidades e créditos necessários para cada uma destas		Desde quando existe o curso?	Contatos (endereço, site, telefone)
			Modalidade	Créditos necessários		
			Mestrado			
			Doutorado			

FIGURA 26 - QUADRO 4 - Dados gerais dos Programas de Pós-Graduação em Geografia.

Organização: Bruno Picchi

A segunda versão da tabela buscou dados específicos sobre como os programas de Pós-Graduação abarcam a Geografia Cultural e/ou espaço e Cultura:

Número	Possui alguma disciplina/linha de pesquisa sobre geografia cultural ou cultura e espaço?		Em caso afirmativo, responda as perguntas abaixo.				Como foram buscadas ou como estão disponíveis essas informações?
	Sim	Não	Qual o nome da(s) disciplina(s) (até 3)	Quantos são os respectivos créditos?	Quem é o (a) responsável pela disciplina?	Desde quando é ofertada essa disciplina?	

FIGURA 27 - QUADRO 5 - Dados específicos dos Programas de Pós-Graduação em Geografia.

Organização: Bruno Picchi.

Com um campo amostral mais reduzido, a oferta de cursos de Pós-Graduação *stricto sensu* em Geografia no Brasil totaliza 71 programas, sendo 23 na região Sudeste, 16 na região Nordeste, 13 na região Sul, 11 na região Centro-Oeste e 8 na região Norte do país, onde, neste caso, foram analisadas tanto instituições públicas, quanto privadas de ensino e pesquisa.

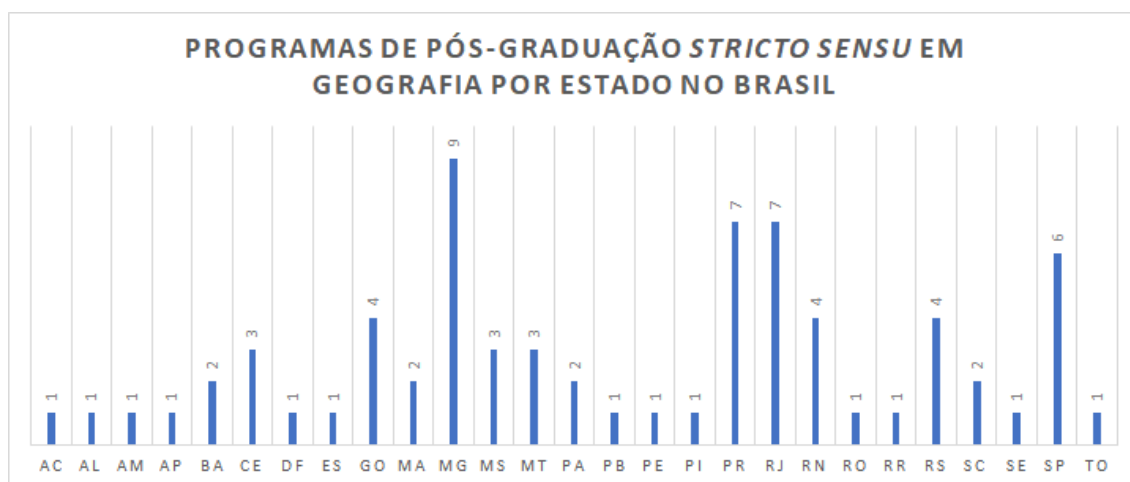


FIGURA 28 - GRÁFICO 9 - Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* em Geografia por estado no Brasil em números absolutos.

Elaboração: Bruno Picchi.

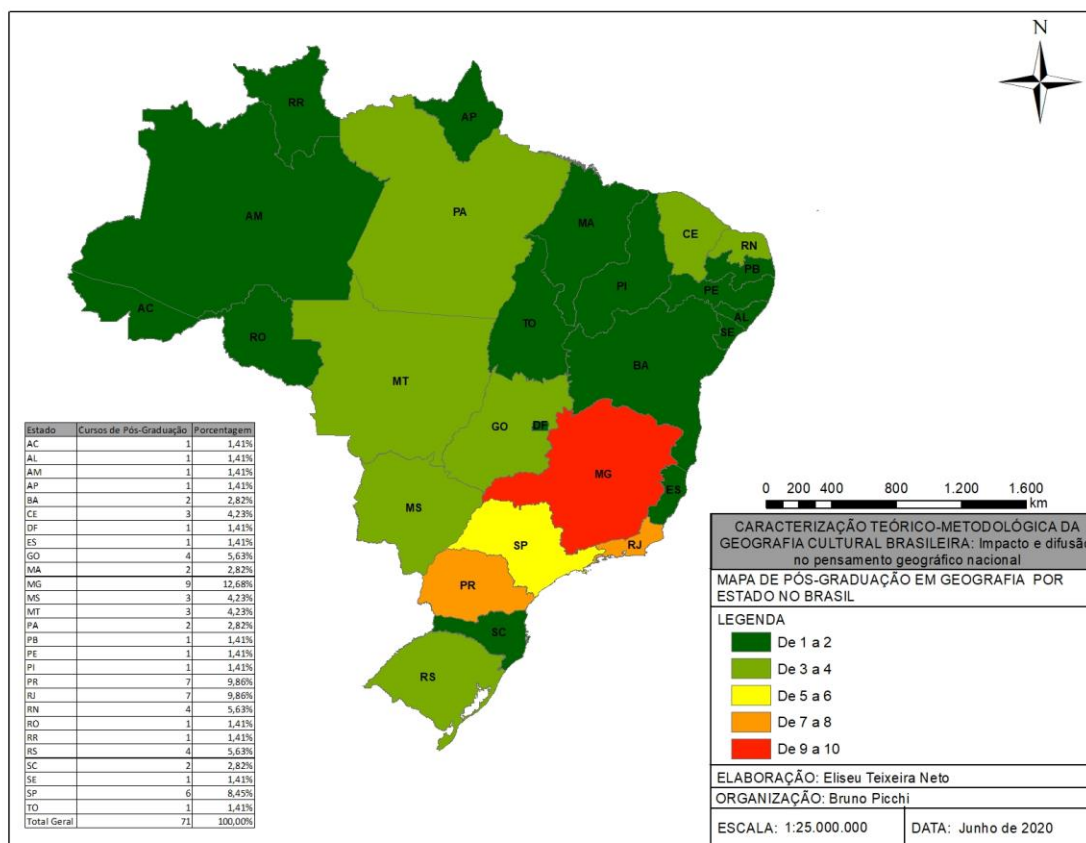


FIGURA 29 - MAPA 2 - Pós-Graduação em Geografia por estado no Brasil.

Elaboração: Eliseu Teixeira Neto.

Organização: Bruno Picchi.

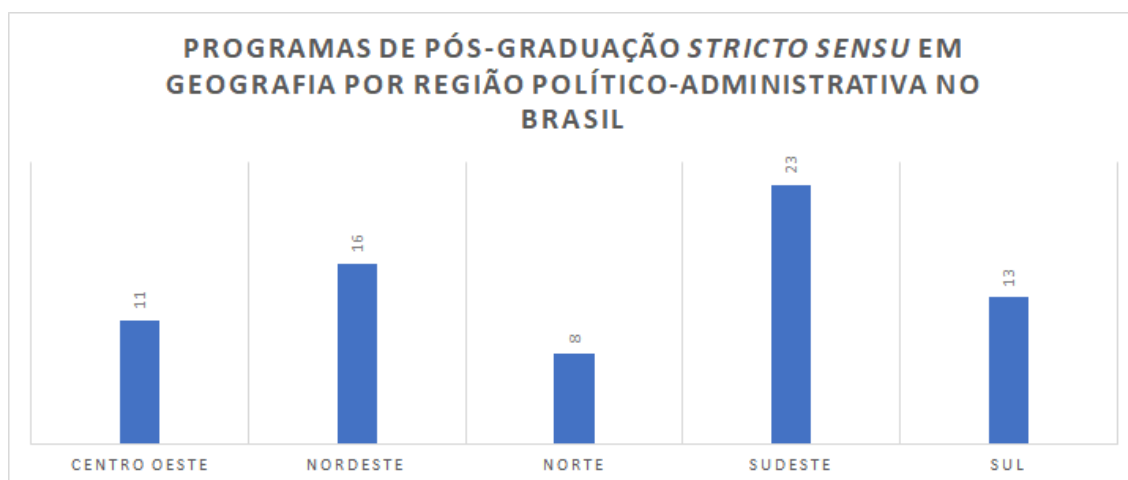


FIGURA 30 - GRÁFICO 10 - Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* em Geografia por região político-administrativa no Brasil em números absolutos.

Elaboração: Bruno Picchi.

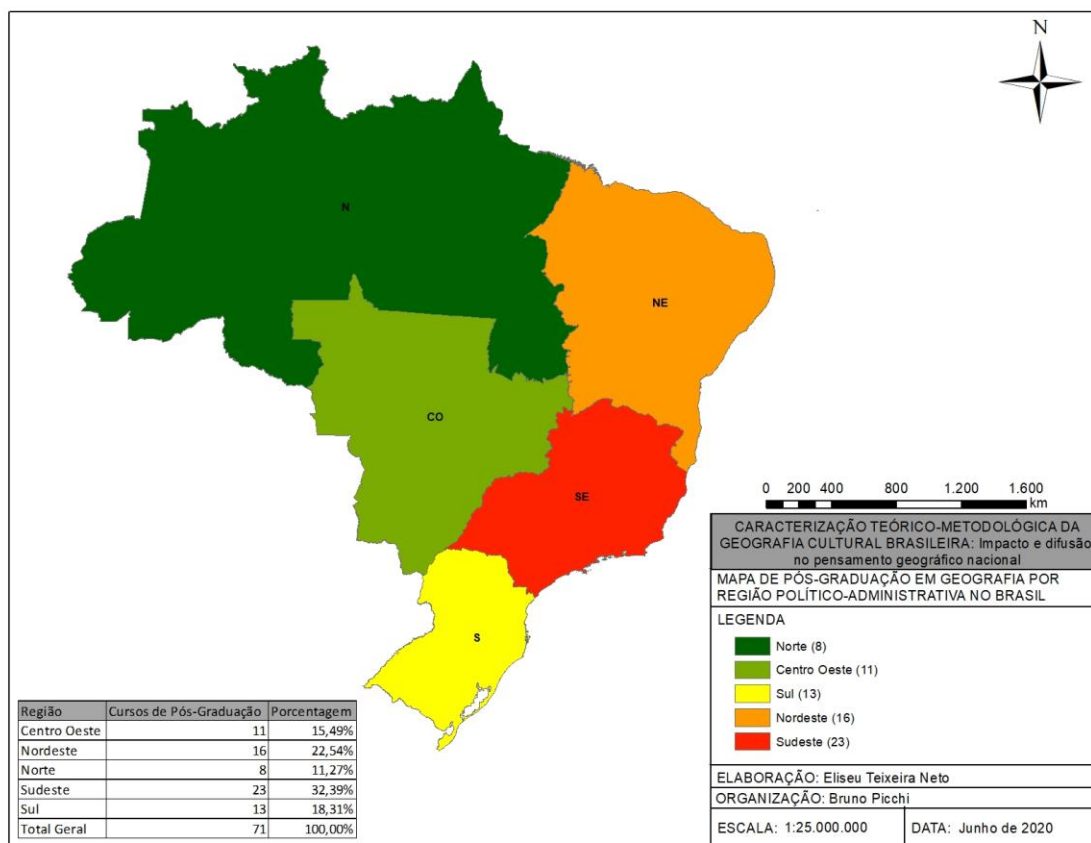


FIGURA 31 - MAPA 3 - Pós-Graduação em Geografia por região político-administrativa no Brasil.

Elaboração: Eliseu Teixeira Neto.

Organização: Bruno Picchi.

Os programas de pesquisa de pós-graduação em Geografia no Brasil foram iniciados na década de 1970, a princípio, presentes nas capitais de São Paulo (USP/1971) e do Rio de Janeiro (UFRJ/1972) e, mais para o fim do período, foram abertos na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE/1976), e na Universidade Estadual Paulista (UNESP/1976-1977). Segundo SILVA e DANTAS (2010, p. 22)

O destaque adquirido por esses cursos garantiu ampla visibilidade aos seus professores-orientadores, ao mesmo tempo, em que favoreceu o desenho de enormes áreas de influência no território nacional.

O pioneirismo desses programas contribuiu para fundação de diversos núcleos de pesquisa em outras unidades da federação e permitiu um gradual aumento na aprovação de novos cursos. Ao longo desses 50 anos foram 71 programas de pós-graduação em Geografia criados em todo território brasileiro, uma média de 1,5 cursos por ano. No entanto, a distribuição não é equitativa, conforme pôde-se conferir

no último mapa, se destacando o número de programas na região Sudeste (23). A quantidade de linhas de pesquisa também segue a mesma tendência, que é a de concentração no Sudeste, principalmente nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, conforme apresentado no mapa a seguir:

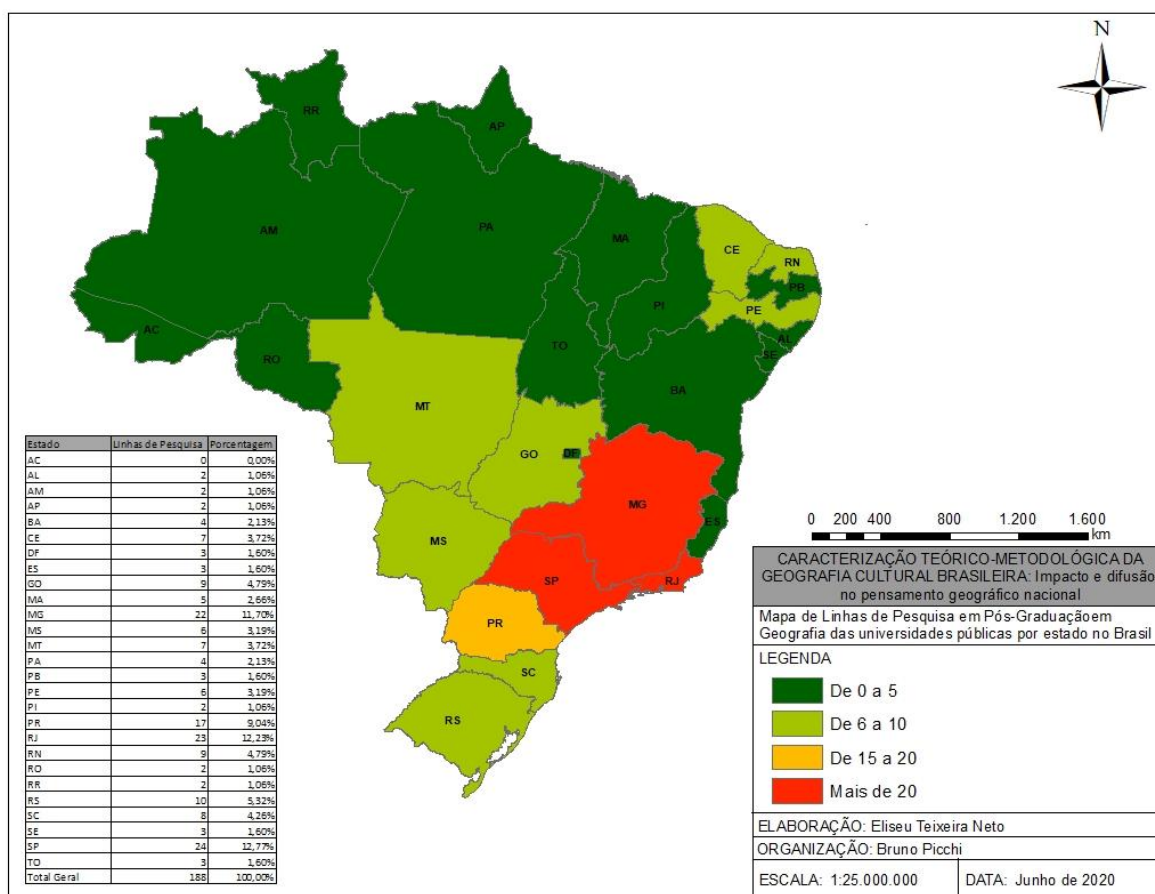


FIGURA 32 - MAPA 4 - Número de linhas de pesquisa nos programas de Pós-Graduação em Geografia por Estado no Brasil.

Elaboração: Eliseu Teixeira Neto.

Organização: Bruno Picchi.

Um paralelo com a discussão central do trabalho é que a Geografia Cultural também se inicia no Sudeste, especificamente, na cidade do Rio de Janeiro e depois ganha proporções nacionais, fundamentando a sua difusão no Brasil.

Da busca específica sobre a existência de disciplinas ofertadas "Possui alguma disciplina/linha de pesquisa sobre Geografia Cultural ou cultura e espaço" o balanço foi o seguinte: 47 apresentam alguma disciplinas ou linha de pesquisa, 22 não possuem e 2 não responderam, ou seja, mais da metade, cerca de 66%, dos



programas de pós-graduação em Geografia no Brasil pensam sobre a Geografia Cultural.

Ao comparar com os resultados da graduação, a pós-graduação está em uma colocação inferior no que diz respeito à oferta de disciplinas na sub-área, o que pode estar relacionado com o contexto tardio da Geografia Cultural (CORRÊA e ROSENDAHL, 2008; ALMEIDA, 2009) e da difícil permeação da mesma nos programas de pós-graduação. Sobre este fato:

Também, deve-se considerar que, para isto, contribuiu a Geografia da USP, instituição que, até o início da década de 1990, permaneceu como a principal, e uma das raras, na formação de doutores em Geografia no Brasil. Seu corpo docente principal negava o projeto tradicional da geografia, valorizava a utilização de modelos econômicos de inspiração neoclássica ou neoliberal e enfatizava a concepção de que a verdadeira revolução na metodologia da geografia moderna só chegava a partir da geografia radical, adotando o materialismo histórico e dialético. Respaldados na busca de um novo papel político do saber e a formulação de um modelo nomotético para a geografia, como ciência social, os “uspianos” de maior destaque no cenário nacional, historicamente, defendiam, e vários ainda defendem, a visão ortodoxa do marxismo e a crença nesta como a via metodológica única e “verdadeira” geografia. Ora, essa postura intimidou que outras correntes teóricas e metodológicas, na própria USP, pudessem emergir e possibilitou que, em outras instituições de ensino, surgissem contracorrentes e o movimento de novas vias para o conhecimento geográfico, como o humanismo, a abordagem da geografia cultural já na década de 1990, que se fortaleceram após 2000 (ALMEIDA, 2009, p. 2009).

É interessante que mesmo sendo o Rio de Janeiro, com destaque para a UERJ, enquanto locus primordial da Geografia Cultural, a USP também é protagonista por movimentos contraditórios, pois mesmo com esse custoso histórico de convívio com correntes neopositivistas, posestruturalistas e posmodernas e outras perspectivas que fogem ao seu trivial agrário, econômico e urbano, foi dessa posição refratária que houve a difusão para outras instituições de pesquisa no Brasil.

#### 10.4. Ementas de Geografia Cultural na pós-graduação

O crescente interesse ocorrido no meio acadêmico pela Geografia Cultural no Brasil toma corpo a partir da década de 2000 em razão do aumento do número de dissertações e teses defendidas, formação de novos núcleos e grupos de estudos, e, conforme afirma Almeida (2009, p. 255)

O maior contato de brasileiros com geógrafos estrangeiros que adotam esta abordagem; o crescimento da pós-graduação e de linhas

de pesquisa tratando de culturas em suas várias facetas e especializações nos programas de pós-graduação; a existência de professores e pesquisadores que assumem a adoção desse enfoque; o diálogo mais frequente entre a Geografia e a Antropologia, as Ciências Sociais e a História, entre outras.

Dessa “coqueluche na pós-graduação” (ALMEIDA, 2009), as disciplinas ofertadas pelos programas de ensino e pesquisa raramente fazem direta referência ao termo Geografia Cultural, sendo uma possível pista para o entendimento do quadro de menor ranqueamento em relação com a sua oferta na graduação. O diálogo com a abordagem cultural na Geografia foi possível de verificação ao lermos as referências bibliográficas, sendo essas disciplinas relativas a fundamentos teóricos e epistemológicos da Geografia, metodologia da pesquisa em Geografia e história do pensamento Geográfico. Quanto aos conteúdos, mais uma vez as relacionadas com Geografia Urbana (apareceu também na graduação, conforme mencionado neste capítulo) apresentam temas da cultura inseridos de forma periférica, sendo a análise da paisagem cultural via expressões artísticas (instalações, pichação, grafite), por exemplo, um objeto de análise.

Para a melhor visualização do teor do conceito de Cultura dentro da Geografia, elegemos três fichas de disciplinas na pós-graduação onde foram possíveis encontrar interessantes propostas acadêmicas com as seguintes nomenclaturas: “Estudos temáticos em Geografia Cultural”<sup>64</sup>, “Abordagens contemporâneas em Geografia Cultural”<sup>65</sup> e “Perspectivas teóricas para estudos culturais na Geografia”<sup>66</sup>.

A análise se dá pela perspectiva de convergência entre esses três planos de ensino, pois parecem complementar as lacunas apontadas na apreciação realizada nas disciplinas de graduação. Sobre as ementas, há a proposta de entender a espacialização da Cultura na Geografia Humana por meio da “a investigação de vários fenômenos atuais com base em abordagens interdisciplinares que privilegiam o diálogo com a Antropologia, a Arquitetura e urbanismo, a Sociologia, a Ciência Política, etc.”<sup>67</sup>. É interessante o teor de busca por uma atualização das possibilidades

---

<sup>64</sup> Ofertada no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGEO-UFJF).

<sup>65</sup> Ofertada no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGeo-UFPE) pelos professores Caio Augusto Amorim Maciel e Priscila Batista Vasconcelos (convidada).

<sup>66</sup> Ofertada no Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo (PPGH-USP) pelo professor Rodrigo Ramos Hospodar Felipe Valverde.

<sup>67</sup> Fragmento da disciplina “Abordagens contemporâneas em Geografia Cultural” (PPGeo-UFPE).

de aplicação e desenvolvimento de estudos geográficos sobre as diferentes formas da Geografia Cultural, que se dá pela análise das “diferentes inserções da Geografia na temática cultural ao longo de seu desenvolvimento como disciplina” e avaliação das “possibilidades teórico-metodológicas da Geografia Cultural contemporânea”<sup>68</sup>, sendo esse um atrativo caminho para discutir os conceitos-chaves da Geografia numa perspectiva cultural, assim como para interpretar as influências e tendências da Geografia Cultural produzida no Brasil. Chama a atenção o termo “(re)trabalhar” que aparece na proposta acadêmica do PPGGeo-UFPE quando se refere às técnicas, métodos, posturas filosóficas e analíticas, sendo uma espécie de revisitação do pensamento geográfico necessário para incorporar os aportes teórico-metodológicos para o estudo das temáticas tangentes da cultura e da Geografia.

Uma outra roupagem é dada aos estudos culturais, que deixa de ser fundamentalmente empírico, voltado aos estudos de caso pela influência francesa da gênese geográfica brasileira. Outros processos de diferenciação espacial, como, por exemplo, os relacionados a fragmentação do trabalho e das identidades são apresentados enquanto objetos de análise importantes para os estudos especializados da cultura, como “políticas patrimoniais, movimentos artísticos, consumo, indústria cultural, ações de gênero e de raça, renovação da periferia, políticas de empoderamento, estetizações, simbologias, entre outras formas de diferenciação existentes, promovem intervenções sobre o mundo que ultrapassam em muito o caráter banal que, por vezes, é associado aos estudos culturais”<sup>69</sup>.

É muito interessante destacar o ponto levantado anteriormente por Almeida (2009) sobre a ortodoxa postura da USP frente a Geografia Cultural em seu movimento de anulação e complicada convivência com outras abordagens que fogem ao seu saber/fazer geográfico, pois é na disciplina da própria instituição que encontramos a seguinte justificativa: “O desenvolvimento de abordagens geográficas para estudos culturais nos últimos 40 anos tem estabelecido dificuldades de diálogo entre a Geografia da USP e aquelas desenvolvidas no exterior, ainda que seja possível reafirmar o sentido derivativo da cultura. O desconhecimento das formas e dos sentidos discutidos para os estudos da cultura em um contexto geográfico pode enfraquecer as possibilidades de troca. Nesse sentido, esta disciplina pretende

---

<sup>68</sup> Fragmentos da disciplina “Estudos temáticos em Geografia Cultural” (PPGEO-UFJF).

<sup>69</sup> Fragmento da disciplina “Perspectivas teóricas para estudos culturais na Geografia” (PPGH-USP).

cumprir uma discussão que atualiza parte relevante dos debates da Geografia como um todo, e não apenas o de um subcampo específico”<sup>70</sup>. Ao acarear essa passagem com a metodologia Berdoulay (2013) empregada nesta tese, a abordagem contextual possibilita ampliar esses pontos relevantes da historiografia que acompanharam as orientações metodológicas das universidades e do pensamento geográfico, pois vemos uma brecha para a discussão da Geografia Cultural justamente no lugar onde não foi configurada tradicionalmente.

---

<sup>70</sup> Fragmento da disciplina "Perspectivas teóricas para estudos culturais na Geografia" (PPGH-USP).

## 11. CARACTERIZAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA GEOGRAFIA CULTURAL BRASILEIRA

A busca pela produção científica em Geografia Cultural no Brasil necessitou do estabelecimento de parâmetros nos momentos pré e pós prospecção de mestrados, doutorados e artigos científicos, pois ao longo da busca surgiram critérios que não foram estabelecidos *a priori*, ou seja, a definição de cortes temáticos fizeram parte concomitantemente da leitura e apreciação do material. Isso nos leva a elencar a dificuldade de entender uma Geografia Cultural pura, com contornos pré-estabelecidos sobre objetos de análise, metodologia e referenciais teóricos próprios. Sobre essa dificuldade, uma passagem do questionário vai de encontro: *“Acredito que esta perspectiva da Geografia Cultural como subcampo destaca a originalidade e o sentido de abordagens que não se encaixam nos cortes estabelecidos pelos demais subcampos. Assim, ampliamos as nossas possibilidades de investigação e os aportes interdisciplinares. A Geografia Cultural não necessita de um objeto único, ou de uma metodologia única, assim como estas não existem nos demais subcampos. Congrega-se dentro dela diferentes tradições de espacializar dinâmicas culturais”*.

Da dificuldade há a possibilidade de visualização de potencialidades, pois a “falta de encaixe nos cortes estabelecidos” possibilita a ampliação de variáveis. Desta forma, foram propostos os seguintes parâmetros para investigação, que vale destacar que não são recortes, mas sim preferências na busca dos trabalhos acadêmicos:

1° - Área do conhecimento: dentro das Ciências Humanas pertencer à Geografia, mesmo com sua clássica divisão em Humana e Física, ou especialidades tangentes (História, Sociologia, Educação).

2° - Estudos de caso: conforme indicado, ao longo da busca verificamos que há uma tendência nos estudos geográficos em cultura na valorização de pesquisas empíricas, sendo um interessante radar para essa predileção na seleção.

3° - Conceitos geográficos: categorias de análise do espaço também foram indicadores para a seleção, principalmente para quando há a possibilidade de análise de material fora da área da Geografia.

4° - Referências e perspectiva teórica: o uso de bibliografia de nomes da Geografia Cultural serviu como critério de seleção no momento de verificação das referências, da mesma forma que imprime a perspectiva teórica (escola) em que se situa e/ou prioriza.

5° - Temas da Geografia Cultural: abordagens comuns à essa área, como patrimônio cultural, com destaque à sua fase renovada, como, por exemplo, música, cinema, artes plásticas, gênero e raça.

Além da aplicação destes filtros, que servem como o principal fio condutor nas discussões sobre a produção acadêmica desta área da Geografia, os estudos são iniciados pela apreciação das figuras das análises em rede geradas a partir das palavras-chave das pesquisas, podendo ser considerada uma sexta dimensão nos parâmetros desta investigação.

### 11.1. Dissertações de mestrado

Dos materiais disponíveis em repositórios *online*, que somam 417 trabalhos e cuja lista completa se encontra nos anexos, as palavras-chave das dissertações de mestrado entre as décadas de 1990 e 2020 submetidas a análise por redes resultaram na figura 33, que aparece na próxima página. Cada palavra-chave é compreendida como um "nó" e cada conexão entre nós, uma "aresta". No caso das dissertações, tivemos a presença de 650 nós e de 1998 arestas.

Até este momento, estamos falando da interconexão entre as palavras-chave em cada dissertação. Porém, há "nós" que se repetem frequentemente, aparecendo em diversas dissertações. Esse é o caso de palavras-chave como "Geografia Cultural", "Patrimônio cultural" e "Identidade", por exemplo, e estas seriam as mais esperadas em dissertações no âmbito da Geografia Cultural. Porém, há outros de interconexão relevante, como, por exemplo, "Música" e "Turismo". Desta maneira, para demonstrar não apenas a rede estabelecida entre essas palavras-chave, mas também o peso que possui cada uma na totalidade da análise, fatores de proporcionalidade foram implementados, aumentando gradativamente os nós que mais aparecem entre as dissertações e, finalmente, elencando os principais.



FIGURA 33 - Análise em rede das palavras-chave de dissertações em Geografia Cultural (1990-2020).

Elaboração: Vinicius Sodré Maluly

Organização: Bruno Picchi

Este material foi realizado no software de uso livre Gephi e é composto de "nós" e de "arestas". O raciocínio por trás dessa figura é o seguinte: se temos uma dissertação com 5 palavras-chave, isto é, palavras-chave A, B, C, D e E, elas são intimamente correlacionadas, visto que foram elencadas para representar, sinteticamente, a pesquisa científica em questão. Dessas 5 variáveis, 10 combinações são possíveis: A-B; A-C; A-D; A-E; B-C; B-D; B-E; C-D; C-E; D-E.

O algoritmo utilizado para criar essa visualização foi uma forma adaptada do ForceAtlas que, junto com outros como Yifan Hu e Frushterman-Reingold, segundo o próprio blog do software<sup>71</sup>, enfatiza nas "complementaridades" dos nós e não, por exemplo, nas suas divisões ou nas suas hierarquias. Segundo o próprio Gephi, o algoritmo é feito para análises de universos pequenos ou de redes que não possuam escalas, e este é o caso de nosso estudo. Não buscamos entender as hierarquias ou as divisões entre as palavras-chave, mas a forma pelas quais elas se complementam e se agregam. Há, também, que se levar em conta a "gravidade" de cada nó. Podemos notar, na figura 1, que vários nós pretos aparecem isolados e agrupados, desconectados da rede central. Estes são os casos de palavras-chave que não se repetem em mais nenhuma outra pesquisa. Ou seja, é o caso de pesquisas extremamente empíricas ou que não buscaram trazer, nas palavras-chave, conceitos mais abrangentes como "Lugar" e "Paisagem", por exemplo. Quanto à ação gravitacional, devemos perceber que a posição de cada nó, com relação aos demais, é produto da própria interconexão existente no gráfico. Isto quer dizer que, segundo a figura 1, as palavras-chave "Geografia Cultural" e "Territorialidade humana" são mais próximas entre si do que de "Turismo" e "Patrimônio cultural".

Toda a análise que essa ferramenta das redes proporciona nos apresenta o seguinte panorama sobre os mestrados em Geografia Cultural no Brasil: as pesquisas priorizam estudos de caso, são em sua maioria trabalhos empíricos, os temas dialogam entre si pela expressiva quantidade de arestas e, pela pouca atomização dos nós, os temas são plurais e agregadores. A constatação apresentada, no nível de mestrado, tem consonância com o discurso das respostas obtidas na pergunta "O que você entende por Geografia Cultural?", como as relacionadas com as palavras "espaço" no que dizem respeito ao entendimento dos diferentes arranjos espaciais. Observe:

*"Eu as vejo como epistemologias abertas, que são modos de conceber/pensar o espaço geográfico, a partir de enfoques cultural(is), daquilo que é próprio do ser humano em suas vontades, desejos, necessidades, possibilidades de articulação entre si (intersubjetividade) e com seu entorno (lugar, paisagem, território, etc.)."*

*"São os estudos das dimensões técnicas, concretas e simbólicas da cultura no espaço geográfico."*

---

<sup>71</sup> Ver: <https://gephi.org/users/tutorial-layouts/>



*“O estudo da cultura no espaço geográfico, seus objetos e manifestações sociais.”*

*“É uma perspectiva teórica e metodológica no âmbito da Geografia que tem interesse nos fatos, nos traços, nas características culturais, materiais e imateriais, da sociedade, na formação e composição de lugares, paisagens, territórios e regiões.”*

O cruzamento da análise das redes com o questionário traz a impressão de que os mestrados assumem um papel mais relacionado a uma produção preocupada com a identificação das pluralidades espaciais, como as dimensões técnicas, concretas e simbólicas que se imprimem geograficamente por meio do olhar cultural. Ao recorrermos aos parâmetros de observação, é possível também afirmar essa tendência por pesquisas múltiplas, diversas, com um horizonte extenso de estudos de casos, que vão desde trabalhos em outras áreas do conhecimento, passam por escolas em Geografia Cultural também variadas e se apropriam de diversos temas dentro dessa área geográfica.

Dos seis parâmetros de observação, o das palavras-chave foi analisado por meio da análise em rede, conforme já apresentado. Quando se trata da área de conhecimento, mesmo tendo sido priorizada a busca por pesquisas dentro da Geografia, foi observado que outras especialidades também interessam, o que reforça a ideia de que a produção nesse nível da pós-graduação abrange um expressivo horizonte e corrobora com a ideia de difusão da Geografia Cultural. São exemplos de produções em Letras, Educação, História e Turismo.

No caso das Letras damos os exemplos de duas pesquisas sobre. A primeira justifica o emprego de referenciais da Geografia Cultural para analisar a relação entre personagem e paisagem em alguns contos do autor paulista Valdomiro Silveira. Numa síntese que emprega autores das escolas francesa (Paul Claval) e da marxista Nova Geografia Cultural, que também possibilitou o emprego de textos de Milton Santos<sup>72</sup>, o autor também inclui a concepção fenomenológica para enaltecer o simbolismo construído pelo indivíduo na paisagem. Veja:

Tudo que está ao alcance do olhar é paisagem, a qual é formada por cores, movimento, volumes, sons, odores (SANTOS, 2004<sup>73</sup>). Assim, todos os sentidos estão envolvidos no processo de percepção. Tendo em vista que não recebemos passivamente os dados sensoriais, mas os organizamos ativamente, a fim de gerar significados (COLLOT,

---

<sup>72</sup> As obras foram “Por uma nova Geografia” (2004) e “Metamorfose do espaço habitado” (2008), ambas lançadas pela Edusp.

<sup>73</sup> Referente ao livro “Por uma nova Geografia”.

2012)<sup>74</sup>, tudo que é percebido tem valor, tanto afetivo como cultural (TUAN, 2012<sup>75</sup>). Discutimos que o sentido dado ao termo paisagem, tanto nos estudos contemporâneos da geografia cultural quanto no campo dos estudos literários, evidencia, primeiramente, a percepção e, com isso, a natureza simbólica da paisagem, - a construção da imagem do que é observado. Podemos conceber a paisagem como um fenômeno, que não é uma pura representação, nem uma simples presença, mas o produto do encontro entre o mundo e um ponto de vista (SILVA, 2017, p. 95).

Finalizando este estudo, confirmamos e concluímos que, na literatura de Valdomiro Silveira, a paisagem aparece como um componente determinante de sentido, não apenas como um elemento decorativo ou pano de fundo. A paisagem evocada nas narrativas apresenta o mundo rural do caipira, o espaço e o sujeito que o integra, com sua bagagem cultural, seus sentimentos e percepções sobre o que vê e sente. Dessa forma, foi possível estabelecer a conexão com o que Paul Claval (1999<sup>76</sup>) propôs, ao levar em conta as crenças, as atitudes e o conhecimento dos indivíduos no que diz respeito à análise do espaço. Com base em um ponto de vista cultural, foi possível notar a vivência que as personagens tinham na paisagem, de modo que se observou que é por meio da percepção individual (e coletiva) que o homem apreende o mundo (SILVA, 2017, p. 96).

Outro trabalho que se apropria da Geografia Cultural nas Letras também se preocupa com a paisagem, mas coloca a categoria lugar como auxiliar para sua base de análise em Geografia Humanista *stricto sensu*. Diante desse interessante arranjo, o autor busca a percepção do espaço na literatura, conforme essa passagem:

Por esse viés, a obra literária passou a servir, aos estudos geográficos, como alicerce de validação de alguma teoria geográfica previamente dada. Ora, o geógrafo permaneceria preso, nessa condição, aos bancos de dados, com a diferença de que eles a partir dali viriam da obra literária. Não seria errado dizer, então, que essas primeiras tentativas de inserção do romance no plano de análise e validação de percepção de lugares e sentimentos de espaço, a despeito de seus esforços bem-intencionados, reduzem de maneira grosseira a obra literária a seus elementos constituintes, e só, como se apenas isso importasse na literatura. Nesse sentido, os esforços de diálogo arte-geografia se constituíram em análises sobretudo para a afirmação deste novo saber.

Os trabalhos nas áreas de Educação, História e Turismo, de menor aprofundamento teórico em Geografia Cultural do que os de Letras, circulam numa tríade temática sobre construção de narrativas (destaque para Educação), patrimônio cultural (destaque para Turismo e História), e temas da Geografia Cultural renovada.

---

<sup>74</sup> Referente ao artigo "Pontos de vista sobre a paisagem".

<sup>75</sup> Referente ao livro "Topofilia".

<sup>76</sup> Referente ao livro "Geografia cultural".

A construção de narrativas ocorreu por meio do registro e análise do discurso de estudantes da Educação Básica, assim como professores no processo de formação dos mesmos, para o entendimento da percepção de elementos como a paisagem e o território que se situa a escola e, principalmente, educação escolar indígena. Patrimônio cultural aparece aplicado ao turismo enquanto propostas de roteiros baseados na ideia de turismo cultural, mas também na percepção da sociedade, sendo, mais uma vez, empregada a categoria paisagem enquanto aporte geográfico.

O município de Ponta Grossa, no estado do Paraná, possui vasto campo patrimonial em relação ao qual, por hipótese, parte da sociedade local se preocupa com esse patrimônio cultural e a outra parte, não. Assim, para comprovar, ou não, essa hipótese, a presente pesquisa buscou compreender como os indivíduos percebem os patrimônios edificados como elementos da paisagem urbana, tomando como objetivo de análise o Colégio Estadual Regente Feijó, a Estação Paraná e a Vila Hilda, sendo todos eles patrimônios culturais edificados tombados em 1990 pela Secretaria de Estado Educação e Cultura do Paraná (SEEC-PR). Para isso, a pesquisa considerou o período da atualidade para análise, sendo permeado pela condição e pela relação atual dos sujeitos com os objetos. A categoria geográfica utilizada para realizar essa compreensão foi "paisagem", categoria que se mostrou totalmente satisfatória, visto que atendeu prontamente aos objetivos iniciais (GARBUJO, 2019. p. 8).

Os temas em Geografia Cultural renovada dialogam também com a construção de narrativas, sendo agora colocado a dimensão das resistências tecidas pela luta de segmentos e também recursos oriundos das artes. São exemplos de títulos de pesquisas fora da área de conhecimento da Geografia os seguintes: "A história, a cultura negra e as relações raciais na escola: da percepção dos docentes às possibilidades de trabalho com a temática racial"<sup>77</sup>, "A identidade Nacional e a Formação do Espaço-Nação na Experiência Literária da Geografia de Dona Benta, de Monteiro Lobato"<sup>78</sup>, "Literatura de cordel e identidade cultural: O olhar de alunos do Ensino Médio integrado ao curso de Agropecuária do IFPE Campus Vitória de Santo Antão"<sup>79</sup>, "Educação e cultura: leitura do cemitério de São João Batista - Manaus/AM"<sup>80</sup> e "Sou entre elas. Na encruzilhada dos saberes: Fronteiras,

<sup>77</sup> Desenvolvida por Welberg Vinicius Gomes Bonifácio no Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica da Universidade Federal de Goiás (2016).

<sup>78</sup> Desenvolvida por Filipe Rafael Gracioli no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista de Rio Claro (2013).

<sup>79</sup> Desenvolvida por Rafael Augusto Costa de Oliveira no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2011).

<sup>80</sup> Desenvolvida por Maria Terezinha da Rosa Cupper no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas (2009).

Escrevivências, e (Re)existências de Mulheres Negras na Cidade de Foz do Iguaçu”<sup>81</sup>.

Se a expressiva produção que lança mão da Geografia Cultural em outras áreas do conhecimento pode indicar sua difusão, o segundo parâmetro, que são os estudos de caso, pode ser considerado o mais importante pela enorme abrangência de pesquisas sobre os mais diversos tipos de espaços e arranjos verificados. Pela grande repetição, escolhemos os temas de patrimônio cultural e comunidades tradicionais para a visualização de exemplos textuais. Quando é tratado o patrimônio cultural imaterial, dimensões da identidade e da memória impressas no espaço geográfico são prospectadas de maneira interdisciplinar e em um exercício etnográfico, o que aponta para a tradição da escola alemã, primordial na Geografia Cultural:

O fato das metodologias de pesquisa empregadas nos processos de identificação, registro e salvaguarda do patrimônio serem pautadas na etnografia aponta para a importância das ciências humanas na compreensão das manifestações culturais (...) por trazerem à luz as categorias espaço-tempo, imprescindíveis para a compreensão de toda e qualquer expressão cultural.

Neste sentido, a Geografia traz profundas contribuições no que diz respeito à espacialização de expressões culturais, processos de ocupação de território e produção de territorialidades, ao passo que a Antropologia e a Sociologia auxiliam na compreensão das organizações sociais e dos elementos simbólicos mais relevantes da identidade das comunidades. A História, por sua vez, se empenha em explicar trajetórias e dinâmicas da sociedade, bem como a construção da memória. A aproximação destes campos das ciências humanas é imprescindível para a compreensão substancial de processos e manifestações culturais (GOMES, 2010, p. 118).

Junto às dimensões supracitadas, a perspectiva cultural em pesquisas sobre patrimônio cultural imaterial são marcadamente empíricas mas, também, atreladas às categorias geográficas, como pode ser observado a seguir:

A pesquisa está inserida na perspectiva da geografia cultural e teve como principais conceitos abordados: patrimônio, identidade, turismo e o lugar. No que se refere à metodologia, a pesquisa foi realizada através da abordagem qualitativa bola de neve, ou seja, os entrevistados eram indicados pelos anteriores (BONFIM, 2019, p. 9).

Ainda dentro de patrimônio cultural, a produção em Geografia Cultural utiliza alguns ofícios das artes plásticas enquanto objetos de análise para o entendimento das expressões e impressões espaciais. O seguinte resumo de pesquisa é um bom

---

<sup>81</sup> Desenvolvida por Izabela Fernandes de Souza no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (2019).

exemplo de como a Geografia Cultural articula embasamento teórico, metodologia, empirismo e conceitos próprios em suas produções:

Essa dissertação tem como objetivo identificar as interfaces que aproximam Fotografia e Patrimônio Cultural, através dos caminhos da memória e da percepção – Geografia Cultural: a fotografia (arte e técnica) como meio de registro e disseminação do patrimônio cultural e a fotografia enquanto objeto da memória social e individual. A pesquisa corresponde primeiramente a uma discussão teórica, onde são apresentadas reflexões sobre o uso social da fotografia ao longo do tempo e as relações possíveis com a memória, paisagem urbana e patrimônio cultural a partir da abordagem fenomenológica. Para tanto foram entrevistados atores sociais que vivenciam e registram fotograficamente as paisagens urbanas, buscando apreender a partir de suas percepções como a fotografia se constitui um objeto especial de memória. Apresentam-se as interfaces identificadas: as visualidades do patrimônio promovidas pela fotografia, fotografia como documento-expressão e monumento, fotografia como lugar de memória e a sinestesia da fotografia e o patrimônio cultural. Também são apresentados questionários com fotógrafos e com a população, com dados que reforçam a preposição da fotografia como um objeto cultural simbólico do imaginário e memória social, de reconhecimento e valorização individual. Por fim, discutiu-se conceitos como: fotografia, paisagem, memória e patrimônio, e buscando com as reflexões propostas compreender e colaborar com a discussão e legitimação da fotografia como patrimônio cultural social/individual (BATISTA, 2017, p. 8).

A preservação do patrimônio cultural é mais um elemento de interesse e mais uma vez pode ser verificado que essas pesquisas realizam um exercício de provar o lugar às experiências das pessoas que o habitam. Além do cabedal relacionado aos processos de tombamento, papel do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e demais políticas públicas, a dimensão geográfica aparece na produção do espaço pelas vivências, compreensões e conflitos.

As discussões sobre as ações de preservação do patrimônio cultural nos espaços urbanos constituem-se em um profícuo campo de investigação de pesquisa pelos desdobramentos sociais, culturais, políticos e econômicos, pelas dinâmicas, articulações e conflitos entre os agentes produtores do espaço. Esta pesquisa busca compreender o processo de produção do espaço contemporâneo a partir do patrimônio cultural na cidade de Cachoeira-Ba. Será analisado como o espaço urbano cachoeirano é produzido no contexto das ações que envolvem o campo patrimonial com enfoque para a relação entre o espaço concebido, percebido e vivido. Nessa perspectiva serão enfatizadas as intervenções urbanas ligadas a preservação do patrimônio cultural com destaque para o tombamento da cidade histórica, realizado pelo IPHAN em 1971; a aplicação das normas de preservação; os objetivos, ações e o desenvolvimento das atuais políticas de preservação patrimonial, bem como o planejamento urbano através do Plano Diretor. Além da investigação de como o espaço de Cachoeira é concebido principalmente pelo Estado e

órgãos de preservação patrimonial, a pesquisa ainda propõe-se analisar como este patrimônio cultural é percebido e vivido pelos cachoeiranos destacando as compreensões, vivências e os usos do patrimônio cultural. Para elucidar os objetivos da pesquisa este trabalho está fundamentado em um referencial teórico atrelado ao estudo de documentos, análise de programas, planos e projetos relacionados ao patrimônio cultural de Cachoeira, acervo jornalístico local e entrevistas com gestores públicos e técnicos ligados aos órgãos de preservação patrimonial, além da pesquisa de campo baseada em entrevistas qualitativas com moradores, uso de enquete e o desenvolvimento de um grupo focal. A análise sobre a produção do espaço em Cachoeira revela que as ações de patrimonialização promovido pelo espaço concebido almeja a normatização do espaço patrimonial e busca principalmente inserir a cidade histórica nos circuitos turístico via patrimônio, contudo a análise ainda revela outras interfaces, articulações e conflitos entre os espaços percebidos e espaços vividos (CELESTINO, 2014, p. 7).

Comunidades tradicionais são corriqueiros estudos de caso nas dissertações de mestrado, como remanescentes de quilombolas, caiçaras e ribeirinhas, relacionadas com manifestações culturais relacionadas às práticas que permanecem no grupo há décadas e direta relação com o extrativismo, sendo esse fator de grande relevância para o viés geográfico da análise. Além do trivial perfil socioeconômico de pesquisas desse tipo, que contam com dados econômicos, sociais e culturais, além de iconografias com gráficos, fotos e mapas, verifica-se uma espécie de exercício para cancelar a pesquisa enquanto geográfica ao explicitar e relacionar de forma incisiva o espaço que habitam e produzem. Novamente, essa tendência na verificação de dados primários, reais, *in loco*, colocam o espaço em evidência. É o caso do mestrado intitulado “(Re)Conhecendo o Ciclo Hidrossocial: os movimentos da água na Comunidade Quilombola da Tapera (RJ)”, que já no título remete à importância de um recursos natural e o fragmento inicial de seu resumo enaltece o meio físico em consonância com o uso humano.

Compreender a forma como a água circula no planeta é essencial tendo em vista a relevância desta para as mais diversas formas de vida, inclusive a dos seres humanos. Há algum tempo, a forma mais usual de representar estas movimentações da água na Terra é a partir do ciclo hidrológico, modelo que consegue fazer o incrível trabalho de simplificar e representar movimentos tão complexos como os da água. A partir deste modelo, compreendemos a precipitação, infiltração, percolação, evaporação, transpiração das plantas e a drenagem, e isso nos permite ter um controle e gestão muito interessantes. Contudo, percebeu-se que ainda havia a ausência de mais um fator essencial que movimenta a água consideravelmente e que aparece inviabilizado neste processo: os seres humanos (FELIPPE, 2019, p. 8)..

O espaço geográfico nas pesquisas sobre comunidades tradicionais também aparece no emprego das categorias da Geografia, como território, indo na direção da ideia de pertencimento e afirmação de um grupo. Um título exemplar é “Relações entre território e educação na comunidade quilombola de Vila Santo Isidoro - Berilo/MG”<sup>82</sup>, que articula categorias geográficas com comunidade quilombola a partir do olhar geográfico (no caso, ensino de Geografia). Vale destacar o conceito de patrimônio-territorial (COSTA, 2017), algumas vezes empregado para análises sobre práticas de resistência, pois

possibilita, por meio de uma concepção espacial mais totalizante da cultura, dismantelar, pelas periferias, os efeitos da modernização e da colonialidades no continente: valora homens, mulheres e crianças humilhados por preconceito de origem econômica, racial/étnica e tópico-espacial (COSTA, 2017, p. 73).

Na direção dos conceitos geográficos, terceiro parâmetro para a análise qualitativa dos mestrados, o questionário “Espaço e Cultura (...)” serviu para indicar os mais empregados, sendo estes, além de espaço, lugar e paisagem.

Atrelado à perspectiva cultural, lugar aparece como uma categoria que diferencia os agrupamentos humanos (*“A geografia cultural é a concretização espacial das relações sociais nos diferentes momentos da humanidade, conferindo os diferentes perfis e características, das populações e dos lugares, a partir das suas diferentes expressões”*), estando relacionado mais uma vez com o empirismo por meio da relação com os costumes, tradições e resistências, tanto históricas quanto contemporâneas, que propiciam singularidades. A análise do espaço geográfico pelo prisma dos lugares, numa perspectiva histórico-geográfica, conta com um maior número de produções e vão na direção do estudo de

estruturas, heranças históricas, idéias, as quais continuam influenciando e transformando a consciência das pessoas e os processos que as redefinem em relação às vizinhanças, aos lugares, às redes sociais e à cidade (KINN, 2006, p. 6).

Já as pesquisas que abordam o lugar em uma perspectiva contemporânea priorizam circuitos produtivos, como os de roteiros turísticos e os de certificação de Indicação Geográfica (IG) e Arranjos Produtivos Locais (APL), como podemos ver:

No povoado Alagamar em Pirambu/SE o artesanato produzido a partir da fibra vegetal do ouricuri (*Syagrus Coronata*), dita as relações sociais que territorializam o lugar e reproduzem um modo de vida que reflete o ofício de ser artesão. (...). Encerra-se evidenciando que o

---

<sup>82</sup> Desenvolvida por Tatiane Campos dos Santos no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais (2015).

SEBRAE instituiu o artesanato em Alagamar, e que a falta de políticas públicas vem prejudicando o desenvolvimento do lugar (GONZAGA, 2009, p. 7).

A análise em rede nos possibilita observar que lugar é a palavra-chave cujo nó está mais próximo do termo Geografia Cultural, ou seja, é a categoria que mais apresenta diretas relações com essa área da Geografia. A partir dessa constatação, a análise mais profunda dos mestrados indica que muitos trabalhos que priorizam o lugar enquanto conceito abordam música, literatura e, principalmente, festas com motivos religiosos.

Música tem no gênero RAP (*Rhythm And Poetry* – traduzindo, Ritmo e Poesia) o maior número de pesquisas, e sua manifestação no espaço por meio do movimento *hip hop*, que une além da música o grafite enquanto arte gráfica e o *break* enquanto dança. O *hip hop* se apresenta como a práxis do sujeito no espaço, tendo como resultado a sua lugarização (MACHADO, 2012). Também, o lugar é trabalhado pela perspectiva crítica e pode ser entendido enquanto meio de apropriação e formatação de símbolos globais pela sociedade local, que imprime seus desejos, lutas e reivindicações específicas, numa espécie de antropofagia cultural aos moldes do “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”, redigido por Oswald de Andrade em 1924. Nessa direção, para MOYSÉS (2018, p. 59) “Em cada território que o RAP adentrar ele expressa uma singularidade arraigada no lugar de origem dos jovens”, sendo que a perspectiva crítica

através do método dialético, nos ofereceu a possibilidade de analisar o lugar como o lócus da contradição global, como insurgente, fazendo com que nós compreendêssemos como uma cultura estrangeira, fruto do processo de globalização, é apropriada por uma juventude negra, pobre e periférica, que reconstrói o hip-hop de acordo com as suas necessidades e as especificidades do lugar, fazendo com que o lugar seja a base da construção dos discursos e das ações dessa juventude” (SANTOS, 2012, p. 109).

Obras literárias foram empregadas enquanto recursos que estabelecem diálogos com a Geografia e chamam a atenção para as possibilidades de trabalho com fontes e materiais que não eram comuns até a renovação cultural. Mais do que a análise do conceito de lugar, a ênfase no emprego de materiais artísticos se destaca nessas pesquisas, inclusive abrindo os seus resumos, como uma chancela que remete ao “Homem e a Terra”, de Eric Dardel.

Geografia e Arte dialogam desde o princípio da ciência geográfica, mas elas se avizinharam com mais vigor durante o processo de recuperação da abordagem cultural da Geografia. A dinâmica dessa



renovação propiciou os geógrafos – sobretudo, os humanistas – a trabalhar com códigos simbólicos e modos de apresentação do mundo como a Literatura, a Fotografia, o Cinema etc (NASCIMENTO, 2017, p. 6).

Neste trabalho busca-se problematizar as possibilidades reais de entrelaçamento da Geografia com a Literatura, entendida como manifestação artística. Com o intuito de analisar a combinação entre a densidade desse campo científico com a delicadeza e o prazer que as artes proporcionam aos sujeitos percebe-se que este é um campo científico amplo que se diferencia e destaca-se na sua capacidade de perceber, vivenciar, envolver e interpretar assuntos dos mais diversos estudos sejam eles voltados à natureza ou na construção social das relações objetivas e subjetivas que a permeiam. O contato da Geografia com as artes e especificamente com a literatura, exemplifica muito bem a dinâmica deste campo científico permitindo ao geógrafo contemporâneo ampliar suas possibilidades de pesquisa (LEOPOLDINO, 2017, p. 9).

O quinto parâmetro de seleção dos trabalhos acadêmicos, que é sobre os temas da Geografia Cultural, vale ser adiantado, pois a categoria geográfica lugar é muitas vezes associada com música, cinema, artes plásticas, gênero e raça, conforme pôde ser visto nas duas últimas citações localizadas nos resumos das pesquisas. A articulação da arte feita pela Geografia pode ser entendida por Alessandro Dozena (2020, p. 11), como

a possibilidade de se constituírem em experimentações que transcendem os limites do raciocínio acadêmico formalmente instituído, e tornam-se campos capazes do estabelecimento de um interessante diálogo, plural e motivador. Penso ainda na possibilidade do entendimento de que geografia e arte são transversais à vida humana em suas múltiplas dimensões e envolvem criações: literárias, sonoras, relacionadas a: dança, teatro, desenho animado, arquitetura, escultura, pintura, cinema, design, gastronomia, fotografia, vídeos, cartografia e outras elaborações que se constituem em diálogos possíveis de práticas que enredam as experiências vividas espaço-artisticamente.

As fronteiras disciplinares ao serem articuladas, a despeito dos argumentos que soam enquanto falta de rigor científico, que Dozena (2020) faz questão de apontar como um motivo político para a consolidação das disciplinas científicas como instituições de poder, são vistas como tendência.

Ao contrário, temos visto cada vez mais a manifestação de reflexões no campo da pesquisa e do ensino, sugerindo um caráter lúdico e vívido e arriscando colocar em movimento o exercício da desconstrução de uma ciência geográfica mais afeita às regras e padrões normativos que aprisionam as suas artes. Assim sendo, esta obra contribui com possibilidades e encaminhamentos capazes de

afirmar uma ciência-arte geográfica criativa e original (DOZENA, 2020, p. 12).

No que diz respeito aos temas de gênero e raça sob o olhar da Geografia Cultural, o último (raça) é mais presente nas pesquisas entre esses dois que se relacionam com o conceito de lugar, sendo os termos negra(s) e/ou negro(s) presentes 21 vezes em títulos e palavras-chave. Ao realizarmos a análise temporal da recorrência desses termos, verificamos que a primeira vez que consta uma pesquisa desse tipo é no ano de 2006<sup>83</sup>, sendo que até 2012, ano em que foi sancionada a Lei nº 12.711/2012, mais conhecida como Lei de Cotas, aparecem ao todo 6 vezes referências à raça (negra, no caso) ao longo de seis anos. Depois de 2012 até 2020 percebemos um salto no número de pesquisas, pois ao longo de oito anos passam para 16 as que priorizam raça enquanto objeto de análise em Geografia. Assim, é possível inferir que políticas públicas voltadas às ações afirmativas, no caso para as voltadas ao ingresso no Ensino Superior, tiveram reflexo no tipo de produção em Geografia Cultural, tanto qualitativa (pesquisa sobre raça) quanto quantitativa (aumento da produção científica).

Conforme apontado anteriormente e retornando à análise da recorrência do conceito de lugar nos mestrados sobre Geografia Cultural, os trabalhos que tratam das dimensões do sagrado e do profano, estando dentro do tema da religiosidade, são numerosos e têm nas festas o seu respaldo geográfico, indo na direção da noção de evento pensada por Milton Santos: “A História que se faz e a História já feita; o futuro e o passado que aparece como presente” (SANTOS, 1999, p. 15).

Os títulos das pesquisas sobre religião são relevantes indicativos dessa perspectiva de análise do presente por meio do “passado como realização já produzida” (SANTOS, 1999, p. 15) fornecida pela categoria evento, pois além de tratar de patrimônio histórico e produção do espaço (exemplos são “O papel do patrimônio histórico na construção do lugar: a igreja Nossa Senhora de Fátima em Cascavel - PR”<sup>84</sup> e “A produção do espaço sagrado em Quixadá-Ceará: estudos das inter-relações econômicas, socioculturais e o lugar”<sup>85</sup>), essa genealogia culmina em festas (exemplos são “A festa de São João Batista: da genealogia dos lugares às redes

---

<sup>83</sup> “Negros congadeiros e a cidade: costumes e tradições nos lugares e nas redes da congada de Uberlândia (MG)”, desenvolvida por Marli Graniel Kinn na Universidade de São Paulo.

<sup>84</sup> Desenvolvida por Silmara Dias Feiber na Universidade Federal do Paraná (2007).

<sup>85</sup> Desenvolvida por Francisco Paulo Fernandes Lima na Universidade Estadual Paulista de Rio Claro (2012).

sociais e a [re]conformação do território”<sup>86</sup>, “Entre a festa da Nossa Senhora da Conceição e a encenação da Paixão de Cristo: desafios ao lugar do patrimônio imaterial e religioso em Pacatuba - CE”<sup>87</sup> e “Sob as contas do rosário: objetos e lugares da Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário em Catalão, Goiás”<sup>88</sup>), sendo a festividade a concretização do evento. Lugar comum das pesquisas em religiosidade as são inúmeras citações à Professora Dra. Zeny Rosendahl, sendo tanto por referências indiretas de capítulos dos livros que compõem a coleção Geografia Cultural (EdUERJ), pois é uma das organizadoras juntamente com o Professor Dr. Roberto Lobato Corrêa, quanto por citações, com destaque ao artigo “Território e territorialidade: uma proposta geográfica para o estudo da religião”<sup>89</sup>, que aparece de forma frequente seus fragmentos, como é possível ver na seguinte amostra, que trata de um evento religioso em Pirenópolis (GO):

De tal modo podemos afirmar que o alimento ritualístico não é mais um componente agregador, ou integrante fundante para a Folia Tradicional, visto que esta apresenta situação diferente das outras duas, mesmo que rituais em torno da mesa continuem sendo realizados e reatualizados, mantidos pela devoção e pela tradição, pela memória e pelas experiências religiosas do grupo. Sendo assim, “a territorialidade é fortalecida pelas experiências religiosas coletivas ou individuais que o grupo mantém no lugar sagrado e nos itinerários que constituem seu território” (ROSENDAHL, 2013, p. 176 in OLIVEIRA, 2020, p. 89).

A recorrência de pesquisas sobre religiosidade no espaço compreende plurais razões, como históricas quanto geográficas. Por termos sido uma colônia de exploração portuguesa, a religião (no caso a católica) fez parte enquanto política oficial de Estado, estados a formação do espaço brasileiro diretamente relacionada com essa dimensão. Dessa forma, identificar e compreender tais rugosidades religiosas no espaço é um trabalho do geógrafo. Soma-se a isso os eventos que giram em torno de irmandades, a questão do patrimônio cultural, grupos de pesquisa e, do ponto de vista teórico, o respaldo que a temática produção da Zeny Rosendahl fornece.

A última categoria de análise do espaço da Geografia que se destaca é paisagem, com ênfase ao tipo paisagem cultural, que apesar de ser lugar-comum na

---

<sup>86</sup> Desenvolvida por Mirne-gleyde Lagares na Universidade Federal de Goiás (2009).

<sup>87</sup> Desenvolvida por Maryvone Moura Gomes na Universidade Federal do Ceará (2012).

<sup>88</sup> Desenvolvida por Janaina Faleiro Lucas Mesquita na Universidade Federal de Minas Gerais (2016).

<sup>89</sup> Publicado em “Geografia cultural: uma antologia II” (2013).

Geografia, foram verificadas com razoável expressividade pesquisas nas áreas de arquitetura e desenvolvimento urbano, que na maioria das vezes foram omitidas na seleção em razão da especificidade desta pesquisa em priorizar a Geografia Cultural. Mais uma vez é notável o empirismo e a especificidade dos casos, que por sua vez nos colocam em um horizonte extremamente diverso de localidades no Brasil, ambientes rurais e urbanos, e de cronologia atemporal, pois são tanto sobre o passado quanto o presente. Por não ser uma produção uníssona, entendemos que seu emprego esteja relacionado pela influência da perspectiva humanística na Geografia Cultural, que além de ser muito citada nas respostas do questionário, se dá singularmente (não associada a outras categorias) ou como termo que abre a resposta, com um destaque hierárquico. Veja:

*“Apesar da cultura ser um campo comum para o conjunto das ciências humanas, é a partir da geografia cultural que a paisagem carrega a marca da cultura e é o fator de diferenciação social.”*

*“Em minha abordagem, o conceito fundamental dessa corrente é o de paisagem, pois compartilha explicitamente preocupações a propósito da relação da cultura e da política com o espaço.”*

*“A paisagem é uma peça-chave da iconografia quando se trata de identidades espaciais.”*

*“Não há possibilidade de se falar em paisagem separadamente de seus conteúdos e condicionantes culturais e políticos – pelo menos no âmbito da geografia humana.”*

*“A paisagem é o grande teatro dos discursos, imagens e narrativas fundadoras de diversos recortes: cidades, lugares, espaços públicos, regiões, nações.”*

Paisagem cultural é referenciada a partir de Sauer em um movimento de distinção do que seria o natural e o cultural, onde “a cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural o resultado” (SAUER, 1998, p. 59). Esse é o mote teórico, o abre-alas epistêmico, o ponto de convergência que autoriza a Geografia a ser culturalista nos estudos sobre paisagem. A partir daí não há mais uma linha teórica que siga uma escola do pensamento cultural na Geografia, como poderíamos imaginar análises berkeleianas sobre paisagens culturais no Brasil a partir da concepção superorgânica da Antropologia de Kroeber, por exemplo, mas sim a adoção de uma gama de referências plurais do pensamento geográfico cultural, sendo este o último parâmetro de análise da produção acadêmica.

Foi na análise sobre o emprego do conceito de paisagem cultural que melhor pôde-se ver a característica teórico-epistemológica forjada na produção em Geografia Cultural no Brasil. Conforme apontado, quando a discussão é sobre referências e perspectiva teórica, o uso de bibliografia de nomes da Geografia Cultural tem na escola saueriana o seu ponto de partida, na maioria das vezes, assim como Paul Claval. Sauer é empregado para fins de conceituação, como em Bellenzier (2014, p. 49) “Sauer retoma o conceito de lugar relacionando-o ao de paisagem cultural, sendo o lugar um elemento da paisagem, uma ancoragem primeira do homem com o espaço”, já Claval para fins da historiologia da Geografia Cultural, como a sua proposta de divisão cronológica em três fases (CLAVAL, 1999).

Toda a análise precedente neste capítulo sobre mestrados forneceu as pistas necessárias para entender o que Corrêa (2009) escreveu sobre a natureza da Geografia Cultural, que ao realizarmos a análise das referências e perspectiva teórica, emerge a heterotopia epistemológica, pois “a Geografia Cultural não se constitui em um sub-campo caracterizado por uma uniformidade epistemológica, presa a uma ortodoxia” (CORRÊA, 2009, p. 1). Para exemplificar, eis um fragmento do resumo de uma pesquisa sobre a festa de São João Batista:

Para a análise dos lugares, do território e das redes sociais na festa de São João Batista vários autores foram referenciados: Paul Claval (1999, 2001), Bonnemaïson (2002), Duvignaud (1983), Satyro Maia (2003), Chianca (2006), Barcellos (1995), Serpa (2005), Haesbaert (2006, 2007), Brandão (2004), Almeida (2003; 2005), Pessoa (2005), DaMatta (1997), Canclini (2003), Massey (2000), Rosendahl (2003), entre outros (LAGARES, 2009, p. 10).

A heterotopia epistemológica, também apontada por Duncan (2000), que “estão ora justapostas, ora combinadas, matrizes distintas e posições individualizadas” (CORRÊA, 2009, p. 6), no caso dessa pesquisa é notada não pela forma vulgar, “tendendo a cultura a ser tratada segundo noções do senso comum e por procedimentos usuais, positivistas em muitos casos” (CORRÊA, 2009, p. 1), mas sim porque os fenômenos analisados são múltiplos e diversificados, pois, segundo a autora, ressaltam a importância das redes sociais e do cotidiano na manutenção atual do território da festa de São João Batista, enfatizam a força das comunidades rurais, bem como, de suas identidades geridas a partir de uma base em comum (a lida permanente com a natureza) e reforçam a existência de vários outros fatores, como os “lugares de memória”, os “geossímbolos”, os “lugares temporários”, os rituais sagrados/profanos, a força da tradição festiva, as transformações que (re)significam

o território da festa de São João Batista (LAGARES, 2009). Sendo assim, ainda segundo a pesquisadora, toda essa gama de elementos destacados necessitam também de um aparato teórico numeroso, pois fazem parte do entendimento do processo de “(re)configuração deste território festivo, estando, cada qual, entrelaçado na (re)formação frequente da teia da festa de São João Batista” (LAGARES, 2009, p. 10).

Outro exemplo de exercício multi e interdisciplinar aparece na pesquisa que busca articular paisagem física e subjetividade no poema “Morte e Vida Severina”, escrito por João Cabral de Melo Neto em 1956. Para isso, o pesquisador lançou mão de um estudo de revisão bibliográfica “que tem como referencial teórico autores como: Monbeig (1940); Segismundo (1949); Ferreira (1990); Marandola (2007); Sousa (2008); Almeida (2010) e Marandola Jr e Gratão (2010)” (NETO, 2011, p. 7). A pesquisa assume que as reflexões apresentadas estão estruturadas sob o prisma da Geografia Cultural, e nessa dissertação que demonstra a forma pela qual a poética cabralina permite o conversar entre a ciência da Geografia e a arte da Literatura, mais uma vez transparece à guisa um horizonte mais amplo de possibilidades e conclusões, que sem a heterotopia epistemológica isso provavelmente não ocorreria.

Essa junção aparece como uma ideia primeira de valorização e recuperação de categorias da Geografia que estão descritas em fontes literárias, as quais demonstram como a vida humana é percebida em todos os lugares, sejam os que nos rodeiam ou os mais distantes de nós, e ainda, os que podemos imaginar. Em qualquer situação, é o sentimento de ver o mundo que dá subsídio ao escritor para criar e levar até o leitor a percepção da realidade. Essa imaginação cria experiências humanas com a Natureza e dá ao geógrafo a construção de imagens mentais que influenciam na intrínseca relação entre o homem e o meio (NETO, 2011, p. 7).

Faz coro a tendência heterotópica dos aportes teóricos nos estudos culturais o emprego de autores fora da Geografia. Um dos mais citados é o antropólogo Néstor García Canclini e o seu uso se dá por meio do uso do termo “hibridização”, sendo que este parece ser “mais dúctil para nomear não só as combinações de elementos étnicos ou religiosos, mas também a de produtos das tecnologias avançadas e processos sociais modernos ou pós-modernos” (CANCLINI, 2003, p. 29). Nas pesquisas geográficas, seu emprego busca explicar mudanças e permanências no espaço geográfico que afetam as dimensões materiais, simbólicas e paisagísticas, envolvendo tanto o meio físico quanto a vida das pessoas.

A hibridização é um fenômeno social capaz de abranger o entrelaçamento intercultural que se estabelece na construção das relações entre o tradicional e o moderno, entre o popular e o massivo e, podendo ser aplicado, entre o rural e o urbano (PINTO, 2019, p. 72).

Mesmo entendendo que uma pesquisa acadêmica não daria conta de toda complexidade e subjetividade das relações humanas do sentimento de pertença (ou a falta de), pois toda esta graça, para ser concebida em caráter formal, se daria como vivência em meio às paisagens, em meio aos homens, o uso da literatura de Burke (2003<sup>90</sup>) e Canclini (1997<sup>91</sup>) acaba por ser uma escolha cabível, já que outros pesquisadores interessados nos matizes étnicos que interferem no espaço também vislumbram nos aspectos híbridos uma explicação para a produção cultural da sociedade (BOBSIN, 2017, p. 85).

Se podemos observar que há uma preocupação comum da produção científica em nível de mestrado seria que são trabalhos propositivos no entendimento das manifestações culturais enquanto ferramenta de organização do espaço. Também, observamos um ecletismo no emprego da teoria que embasa as pesquisas, que dificulta seu entendimento em uma perspectiva de coerência intelectual, respaldada também pelo pequeno referenciamento das correntes em Geografia Cultural. Somado a essa constatação, transparece a heterotopia epistemológica pela abrangência dos fenômenos estudados pela perspectiva cultural.

## 11.2. Teses de doutorado

A produção científica de teses em Geografia Cultural também seguiu os mesmos parâmetros de investigação estabelecidos nas dissertações, sendo estes a área do conhecimento (Ciências Humanas, priorizando pesquisas em Geografia), estudos de caso, conceitos geográficos, perspectiva teórica e temas da Geografia Cultural, além da apreciação das figuras das análises em rede geradas a partir das palavras-chave das pesquisas, que além de compor um sexto parâmetro, serve como ferramenta interpretativa e introdutória para o entendimento das relações entre as pesquisas desta área. Além destes indicadores, é protagonista nesta análise de doutorados a tese “Abordagens culturais na geografia brasileira: uma compreensão”, desenvolvida por Almir Nabozny no Programa de Pós-Graduação em Geografia da

---

<sup>90</sup> Referente ao livro “Hibridismo cultural”, de Peter Burke.

<sup>91</sup> Referente ao livro “Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade”, de Néstor Canclini.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com orientação do Prof. Dr. Álvaro Luiz Heidrich, tendo sido defendida em 2014. O emprego auxiliar deste trabalho se deu por ter realizado a leitura de teses de doutorado do Banco de Teses da CAPES (1987-2012) em busca da compreensão “de que modo ocorreu o processo de autoidentificação das Geografias Culturais no âmbito político científico da Geografia acadêmica brasileira” (NABOZNY, 2014, p. 9), ou seja, apresenta paralelismo com os objetivos desta pesquisa e fornece material pré-existente para fortalecer o entendimento sobre a produção em Geografia Cultural no Brasil.

São muitos os pontos de convergência entre esta pesquisa e a desenvolvida por Nabozny, que atualmente é docente na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), sendo que aparecerão excertos fundamentais ao longo deste capítulo de maneira mais frequente e pontualmente em outras partes, mas vale apontar algumas diferenciações: sua análise dos doutorados vai até o ano de 2012 e a nossa avança até a década de 2020; por meio dos relatórios da CAPES, o autor investiga projetos de pesquisa dos docentes vinculados aos Programas de Pós-Graduação em Geografia, já essa pesquisa optou pela apreciação de outro tipo de produção científica, que foram os mestrados; também, a outra pesquisa tracejou a compreensão em leituras do periódico Espaço e Cultural (UERJ, 1995-2011), sendo que aqui a busca em relação a esse tipo de material se deu por meio das palavras-chave e de um espectro maior (e menos específico do ponto de vista temático) de revistas científicas.

Dos materiais disponíveis em repositórios *online*, cuja lista completa se encontra nos anexos, foram totalizados as palavra-chave de 160 (cento e sessenta) teses de doutorado entre os anos de 1990 e 2020 submetidas a análise por redes resultaram na seguinte figura:



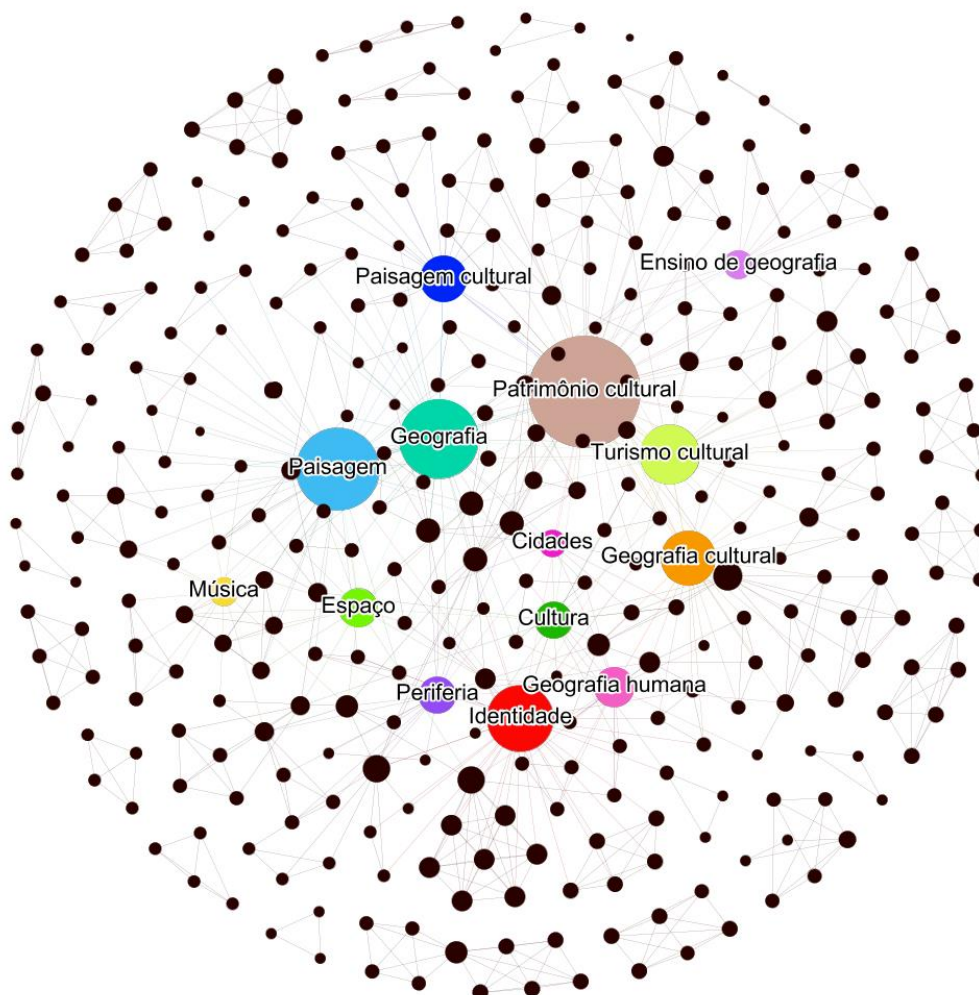


FIGURA 34 - Análise em rede das palavras-chave de teses em Geografia Cultural (1990-2020).

Elaboração: Vinicius Sodré Maluly

Organização: Bruno Picchi

Esta figura parte dos mesmos princípios que a figura 33 (Análise em rede das palavras-chave de dissertações em Geografia Cultural [1990-2020]), sendo agora aplicado um algoritmo diferente, mas já citado anteriormente: o de Frushterman-Reingold. Este algoritmo, segundo o próprio site do software Gephi, também busca harmonizar a rede, aproximando os nós menos interconectados e centralizando os mais conectados, e a proporcionalidade dos nós de maior relevância foi igualmente aplicada. Tivemos que optar por outro algoritmo porque, no caso das teses, a quantidade de nós e de arestas foi substancialmente menor, havendo, ao total, apenas 345 nós e 877 arestas. As interconexões entre as palavras-chave são muito

mais tímidas do que nas dissertações e, aplicando outros algoritmos como o próprio ForceAtlas, haveria uma dispersão gritante de grupos de nós independentes. Ao mesmo tempo, a convergência da rede seria extremamente intensa, impossibilitando a distinção entre os grupos e as suas relações.

A análise que essa ferramenta das redes proporciona nos apresenta o seguinte panorama sobre os doutorados em Geografia Cultural no Brasil: as pesquisas apresentam poucas variáveis pelo grau de profundidade dos objetos de análise estudados e são dissociadas de temas comuns, a exemplo dos parâmetros de seleção desta pesquisa (estudos de caso, conceitos geográficos, perspectiva teórica e temas da Geografia Cultural), notada pela expressiva atomização das palavras-chave que aparecem na figura da análise em rede.

Pela trivial tendência à verticalização e aprofundamento dos objetos de análise de uma pesquisa em nível do doutorado, algo que reforça o quadro apresentado acima, essa falta de horizontalidades e articulação inter, multi e/ou transdisciplinar é vista no primeiro critério do parâmetro de investigação, que é área de conhecimento, pois há poucos trabalhos que extravasam a Geografia dentro das Ciências Humanas. Estão nas Letras a maior parte das teses fora da Geografia que se apropriam da Geografia Cultural enquanto aporte teórico e, diferentemente dos mestrados, que se preocupavam com a paisagem em grande parte, não há unidade de categoria de análise do espaço, objeto de análise ou localidade, pois há pesquisas sobre o Brasil e de outros países, o que reforça o quadro de dissociação.

Como a ideia é verificar a produção que prioriza a Geografia Cultural, como num esforço de refinamento para apurar as que seriam de temática sobre espaço e cultura, ou ainda pesquisas geográficas de teor cultural, vale referenciar a tese “A representação do espaço nos romances urbanos de Erico Veríssimo: Caminhos cruzados, Noite, O prisioneiro e Incidente em Antares”<sup>92</sup>, pois atribui à Geografia Cultural a tendência de estudar literatura vinculada à Geografia. Ademais, se interessa pela perspectiva ambivalente entre o meio físico e a percepção das pessoas proporcionada pela fenomenologia, pois

Nesses caminhos podem ser consideradas tanto as dimensões materiais da cultura como a sua dimensão não-material, tanto o presente como o passado, tanto objetos e ações em escala global como regional e local, tanto aspectos concebidos como vivenciados,

---

<sup>92</sup> Desenvolvida por Luzi Lene Flores Prompt, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2007).

tanto espontâneos como planejados, tanto aspectos objetivos como intersubjetivos (PROMPT, 2007, p. 9).

Como a pesquisa buscou a compreensão da representação do espaço por meio de romances urbanos de Érico Veríssimo, a Geografia Cultural renovada foi empregada, sendo alegado que “A renovação da geografia cultural se manifesta em toda parte da mesma maneira: os lugares estão carregados de sentido para aqueles que os habitam ou que os frequentam” (PROMPT, 2007, p. 29-30), e também enquanto proposição que une os sentidos com a literatura para o entendimento do ser no espaço. Para isso, se apropria de Tuan<sup>93</sup> e diz:

Para o autor, a função da arte literária seria dar visibilidade para as experiências íntimas, incluindo as espaciais. A literatura pode iluminar os sentimentos dificilmente perceptíveis do ser humano perante os locais vivenciados (PROMPT, 2007, p. 30).

Da instância dos estudos de caso mais uma vez verificamos a valorização de pesquisas empíricas, sendo um interessante radar para essa predileção na seleção. Os temas mais recorrentes, constatados pela análise de redes, foram sobre paisagem cultural, patrimônio cultural, estudos sobre o espaço urbano, especificamente as periferias, e turismo cultural. Essa constatação é reforçada por Nabozny (2014, p. 246):

Em geral, concebeu-se a confluência de esforços para pesquisas qualitativas em que as ações investigativas são associadas com tentativas de diálogos com os sujeitos investigados, ainda que pese a baixa exploração dos contextos dos saberes, a reflexibilidade e a posicionalidade do pesquisador. Esses sujeitos pesquisados compõem grupos minoritários, etnias específicas, comunidades tradicionais, etc., presentes frequentemente nas teses identificadas com a Geografia Social. E são justamente esses sujeitos “não mapeados” que protagonizam os últimos artigos analisados de Espaço e Cultura (final de 2010), figurando também como trabalhos que possuem mais lastros com a pesquisa de campo, entrevistas, dados empíricos, etc.

Esse empirismo não é uma evidência dotada de neutralidade, como se o trabalho de campo fosse puramente intrínseco à *práxis* da pesquisa geográfica, pelo contrário, é provido de intencionalidade. O teor é o de dar visibilidade às pessoas que produzem o espaço e a cultura.

Também foi expressivo nas teses e nos artigos verificados o número de esforços em torno de técnicas de pesquisas qualitativas, como entrevistas em profundidade, mapas mentais (embora os mapas mentais tenham sido concebidos como metodologia em alguns

---

<sup>93</sup> Neste caso, cita o livro “*Space and place: the perspective of experience*” (1997).

casos), entre outras orientações, por vezes casadas com estratégias de pesquisas como pesquisa participante, “pesquisação”, etc. Essas incursões, em geral, perseguem a ideia de dar visibilidade às “vozes, percepções” e outras expressões dos agentes sociais imbuídos nas pesquisas delineadas. Destarte, nesses modos de autoidentificação com as questões culturais, compondo com uma tradição teórico-metodológica na Geografia, aparece a preocupação mais direta com os modos de se fazer pesquisa e suas prováveis especificidades na ciência geográfica (Nabozny, 2014, p. 250).

Dos conceitos geográficos, terceiro parâmetro investigativo na produção científica, paisagem é o destaque nas pesquisas de doutorado, sendo o segundo maior nó da figura XX, o que revela a sua expressiva atomização.

Nas teses, há uma repercussão maior da ideia de paisagem, fenômenos que ajudam a atestar uma Geografia que seduz bastante os novos pesquisadores da Geografia brasileira. As operacionalizações de pesquisas, tanto nos projetos como nas teses, além de reportarem a objetos como obra de arte, a fotografia, cartografia social, dentre outros, figuram, sobretudo, pesquisas qualitativas e fundem numa linguagem científica de ordem compreensiva, menos preditiva/normativa. A paisagem (e as paisagens) também é compreendida enquanto representação, mas articulada às imagens e às formas espaciais no âmbito que são as artes plásticas (pintura) os mecanismos privilegiados de suas apreensões (Nabozny, 2014, p. 259-260).

Paisagem mais uma vez aparece em destaque nas produção acadêmica em Geografia Cultural, e parece ser lugar comum, corroborada em excertos do questionários, como:

*“Apesar da cultura ser um campo comum para o conjunto das ciências humanas , é a partir da geografia cultural que a paisagem carrega a marca da cultura e é o fator de diferenciação social.”*

*“Em minha abordagem, o conceito fundamental dessa corrente é o de paisagem, pois compartilha explicitamente preocupações a propósito da relação da cultura e da política com o espaço.”*

*“A paisagem é uma peça-chave da iconografia quando se trata de identidades espaciais.”*

*“Não há possibilidade de se falar em paisagem separadamente de seus conteúdos e condicionantes culturais e políticos – pelo menos no âmbito da geografia humana.”*

*“A paisagem é o grande teatro dos discursos, imagens e narrativas fundadoras de diversos recortes: cidades, lugares, espaços públicos, regiões, nações.”*

Sobre o ponto levantado anteriormente por Nabozny, em que as paisagens são compreendidas enquanto representação articulada às artes plásticas em suas apreensões, são exemplos de títulos de pesquisas “A caatinga como destino: imaginação geográfica, fotografia e paisagens de sertões baianos (1946-1960)”<sup>94</sup>, “Percurso da cinematografia ocidental e representações da violência urbana no cinema brasileiro”<sup>95</sup>, “A imagem da música no espaço público em Ponta Grossa (PR) de 2010 a 2014: implicações geográficas do fotojornalismo cultural”<sup>96</sup>, “Tessituras da paisagem cultural às margens do rio Capibaribe e no Recife sob a luz da poética de João Cabral de Melo Neto”<sup>97</sup> e “A paisagem musical rondoniense: poéticas de uma urbanidade beradeira”<sup>98</sup>.

A última pesquisa referenciada, orientada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Salette Kozel Teixeira e co-orientada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Francine Barthe-Deloizy, é um interessante exemplo de interpretação geográfica da música rondoniense. Para isso, o autor propôs a elaboração de uma teoria cujo núcleo central foi o conceito de paisagem musical e, através dele, possibilitou a descoberta de como a experiência de ouvir música é capaz de nos colocar em relação com o mundo e com os lugares (SILVA, 2016). Observa-se que a percepção e a experiência individual assume condição *sine qua non* na aferição da paisagem musical:

Mesmo com o esforço de nossa pesquisa, estamos cômicos de que muitas lacunas permanecem abertas. É deveras misteriosa a paisagem musical. Semelhante às experiências mais íntimas de nosso ser, ela é mais facilmente sentida do que explicada. (...) Quanto mais estudamos uma área, mais descobrimos portas e possibilidades dentro dela. No decorrer dessa pesquisa descobrimos “detalhes”, “percepções”... das quais não pudemos falar nesse trabalho devido ao fôlego e devido ao tempo. Mas se nossa pesquisa provocar de alguma forma o questionamento, a dúvida; se a nossa pesquisa voltar os olhos de alguns a esse fenômeno que chamamos de paisagem musical, então nos damos por satisfeitos. (...) Sabemos também por experiência própria, experiência de “ouvinte amante”, o bem que a paisagem musical nos faz. Todos os fenômenos de relação são misteriosos, guardam segredos em si. São donatários de portas, são como velhas casas repletas de 176 segredos. Como explicar as

---

<sup>94</sup> Desenvolvida por Eudes Marciel Barros Guimarães no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista (2019).

<sup>95</sup> Desenvolvida por Juliana Cunha Costa Radek no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia (2019).

<sup>96</sup> Desenvolvida por Rafael Schoenherr no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (2017).

<sup>97</sup> Desenvolvida por José Elias Pinheiro Neto no Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo (2017).

<sup>98</sup> Desenvolvida por Gustavo Henrique de Abreu Silva no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná (2016).

coisas que nos são reveladas em intimidade? Não é tão simples, mas as coisas mais íntimas são as que nos dão o substrato de nossas raízes. (...) A paisagem musical é, portanto, um portal. Um portal de acesso a mundos interiores que, permeada pela linguagem da sensibilidade, nos possibilita a abertura de portas inatingíveis por outras formas de percepção. Tendo a sua própria linguagem, a paisagem musical é um poder de transcendência e de imanência. (...) Até que ponto realmente conhecemos essa dinâmica, da mediação que a música pode fazer entre o ouvinte e o mundo, do 177 poder da música de nos revelar detalhes de nós mesmos e dos lugares, é algo que permanece em aberto; como um horizonte que se apresenta nos dando os substratos para sonhar, pensar, ouvir e imaginar (SILVA, 2016, p. 175-177).

O quarto parâmetro investigativo, o das referências e perspectiva teórica, a abordagem humanística possibilitada no contexto da Geografia Cultural renovada é notável. Aqui, o emprego metodológico da abordagem contextual se torna eficaz, pois a partir do afastamento das interpretações lineares e finalistas, o desenvolvimento desta sub-área no Brasil é melhor entendida quando verificados elementos históricos, conceituais, econômicos e sociopolíticos, ou seja, as pessoas que fizeram e ainda fazem a Geografia Cultural “são a sua própria cara”. A tendência que aproxima as grandes áreas da Geografia e da Filosofia e foca no sujeito e sua experiência enquanto gerador de ciência tem na já referenciada neste capítulo, a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Salete Kozel, fundamental peça-chave para a influência da perspectiva humanística nos estudos culturais em geografia. Este fato pode ser corroborado em uma resposta da segunda pergunta do questionário, “A sua experiência de docência/pesquisa se relaciona com o tema “espaço e Cultura” ou propriamente com a Geografia Cultural? Como isso ocorre?”, sendo a seguinte:

*“Desde o segundo ano da graduação estou envolvido com o tema, que me foi apresentado pela professora Salete Kozel, inicialmente na disciplina de Estudos de Percepção em Geografia.”*

Sobre o papel da professora Salete Kozel, frequente nome que aparece como orientadora, e a evidência na perspectiva teórico-metodológica nas produções em nível de doutoramento, Nabozny (2014,p. 237-238) discorre:

Em conluio com nossas questões de tese, que vislumbram explorar as ações dos grupos e/ou redes na articulação com os sujeitos/geógrafos e os discursos geográficos, a pesquisadora Salete Kozel Teixeira (UFPR/NEER) figura de forma peculiar: como aluna de pós-graduação tem a defesa da tese no ano de 2001 “Das imagens às linguagens do geográfico: Curitiba: a “Capital Ecológica”” no Programa de Pós-Graduação em Geografia Física da USP, sob a orientação de Maria Elena Ramos Simielli, essa tese é vinculada a

questão da percepção. Já em 2011, Kozel orienta a tese “Representações da Paisagem no Parque Nacional de Superagui: a Homonímia Sígnica da Paisagem em Áreas Protegidas”, defendida por Helena Midori Kashiwagi, na UFPR, essa tese no banco de dados de teses da CAPES é vinculada a expressão Geografia Humanista.

Além de destacar a tese de doutoramento de Kozel, Nabozny (2014) faz questão de incluir outra pesquisa deste *hall* de linha de pensamento atrelada à perspectiva humanística. Sobre isso, mais uma vez a abordagem contextual serve como ferramenta para evidenciar a linha sucessória de pesquisas no Brasil que vão se interessar pelos estudos renovados sobre Cultura Ontológica, da hermenêutica e da fenomenologia. Um exemplo é a pesquisa intitulada “As representações espaciais/simbólicas e os sentidos do lugar da festa do boi-à-serra em Santo Antônio de Leverger/MT”<sup>99</sup>, que para compreender o sentido do lugar de uma específica festa popular, recorre ao aporte teórico-metodológico da Geografia cultural em sua vertente fenomenológica a partir das seguintes categorias conceituais:

O lugar existencial (Tuan) e o corpo-sujeito (Merleau-Ponty). A mencionada festa traduz a complexidade da fala e do corpo de seus participantes. O corpo é vida, tem sentidos dos símbolos, e a linguagem constitui-se em um campo fenomenológico que expressa a comunicação que se faz por signos e significados apreendidos pelos sentidos da percepção. A festividade, base argumentativa da tese, é interpretada pela dualidade das abordagens empirista e intelectualista embasadas no caminho fenomenológico e filosófico de Merleau-Ponty (2011<sup>100</sup>), bem como de Tuan (1983<sup>101</sup>) ao relacionarem os sentidos do lugar considerados um núcleo de valor por meio das relações emocionais que o definem (TEIXEIRA, 2016, p. 15).

Um recurso metodológico bastante empregado nas pesquisas desta filiação teórica são os mapas mentais. Desta forma, da mesma pesquisa Teixeira (2016, p. 179) alega:

A metodologia utilizada por meio dos mapas mentais, observações e entrevistas procurou considerar a subjetividade dos sujeitos brincantes e a coletividade do lugar festivo. Assim, o universo festivo do Boi-à-Serra teve melhor compreensão, uma vez que os entrevistados destacaram proximidade com os significados simbólicos da festa, enquanto a observação e os mapas mentais favoreceram o contato da pesquisadora com a festividade e as representações associadas à manifestação no lugar da festa em pauta.

<sup>99</sup> Desenvolvida por Maisa França Teixeira no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná (2016).

<sup>100</sup> Referente ao livro “Fenomenologia da percepção”.

<sup>101</sup> Referente ao livro “Espaço e lugar”.

Ainda sobre a referida pesquisa, são exemplos empíricos dos mapas mentais e subsequente análise pela pesquisadora:

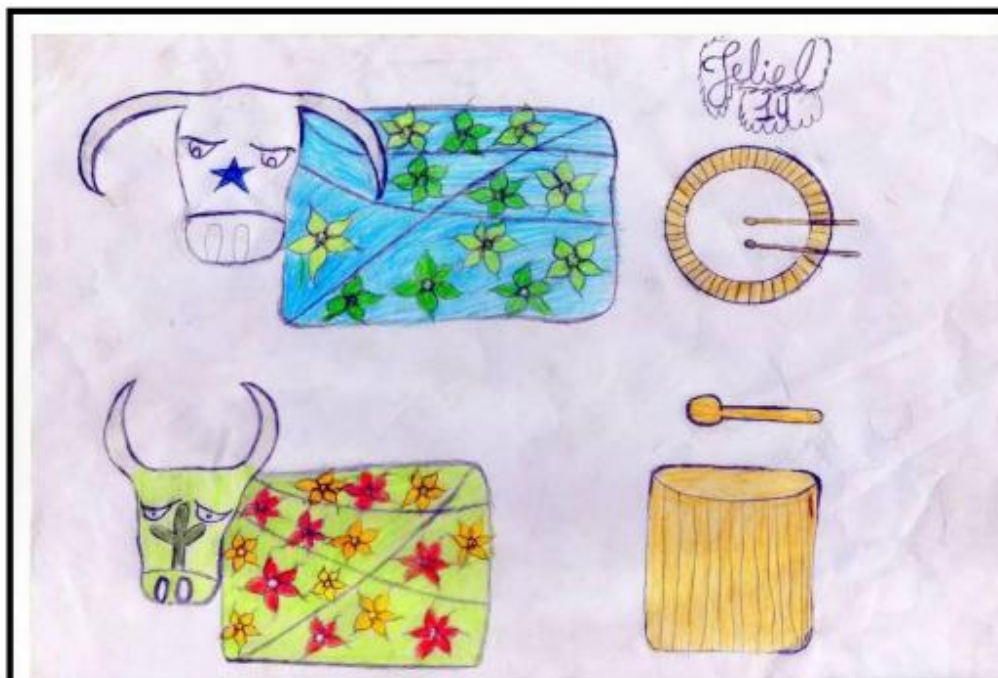


FIGURA 35 - Mapa mental 1. Fonte: TEIXEIRA, 2016, p. 157.



FIGURA 36 - Mapa mental 2. Fonte: TEIXEIRA, 2016, p. 157.



Nos mapas mentais aprecia-se a conjuntura discursiva da imagem, harmonizada pelos signos representados por meio de objetos, linhas e figuras geométricas. Os ícones presentes na representação evidenciam alguns símbolos da brincadeira do Boi-à-Serra, tais como a figura principal, o boi, ilustrado com as cores fortes do pano de “chitão”. O mapa mental representa a Festa do Boi-à-Serra caracterizada por simbolismos que a tornam viva, colorida e festiva. Conhecidos como bumbos, os tambores também estão no desenho e são elementos ligados à musicalidade e às toadas da brincadeira. Na imagem, os elementos dispõem-se de forma dispersa, o que denota características distintas sobre o boi, tais como suas toadas e a brincadeira de vesti-lo. Os mapas evidenciam vivência, experiência e diversão pelos brincantes. O mapa mental realça as cores das festas e os símbolos representativos da brincadeira para os indivíduos, o seu sentimento de pertencimento à brincadeira e o mundo vivido do Boi-à-Serra, demonstrando afeto e ilustrando os elementos paisagísticos simbólicos do festejo (TEIXEIRA, 2016, p. 158).

Ainda que sejam mapas de pessoas diferentes, o que confere experiências e percepções singulares, os elementos apresentados nessas figuras apresentam detalhes em comum, como o boi e instrumentos musicais. Agora, esse tipo de diagrama permite a interpretação dos arranjos, como na passagem “os elementos dispõem-se de forma dispersa, o que denota características distintas sobre os bois” (TEIXEIRA, 2016, p. 158) e também dos recursos gráficos que fogem da dimensão do esperado, do caso em si, que transborda para sentimentos e impressões. É o caso da figura 36, que apresenta um coração ao lado direito da imagem, que poderia ser interpretado à luz da pertença ao lugar e de identificação afetiva com o espaço, que são análises que a fenomenologia parece estar mais apta.

Nabozny (2014) referenda a questão sobre os desafios enfrentados pelo fato de que consolidados programas de pós-graduação em Geografia passam a representar certa abertura para trabalhos que fogem uma lógica consolidada de uma tradição do fazer geográfico. Nesse contexto monolítico de cientificidade ancorada em uma tradição histórica e também política, nomes importantes emergem nessa mudança de paradigma.

Sem forjar uma ideia de pessoalização dos discursos, essas linhas de conexões e afastamentos de muito ilustram as primeiras preocupações de pesquisas angariadas por Lívia de Oliveira, do mesmo modo que referenda o nosso argumento de um tensionamento entre discursos que visam a promover mudanças, mas que se estabelecem diretamente no tensionamento (fronteira) e, por vezes, no diálogo com uma tradição do fazer geográfico (NABOZNY, 2014, p. 239).

Além de Salete Kozel na UFPR, no mesmo paralelo teórico-metodológico humanístico em Geografia Cultural foi acima citada Livia de Oliveira (1928-2020) no contexto da Geografia da Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Rio Claro. Foi uma das líderes do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural (GHUM) e fundadora da revista Geograficidade, publicação vinculada à Universidade Federal Fluminense (UFF), assim como tradutora dos livros do geógrafo sino-estadunidense Yi-Fu Tuan (1930-2022) para o português. Além da sua vasta produção, Livia orientou 20 alunos de mestrados e 19 teses de doutorado durante sua vida acadêmica e participou como componente de outras 50 bancas de defesa, de mestrado e doutorado (GEOGRAFIA, 2020).

Dos trabalhos orientados por Livia, pesquisas qualitativas são proeminentes e termos muito recorrentes são lugar, significado, percepção e experiência, sendo a singularidade das pessoas que vivem e ocupam o espaço, real preferência dos estudos humanísticos, elemento transversal no discurso. Exemplos do emprego e sentido destas são os seguintes:

Ao final, depois dessa jornada geopoética sobre o sentido e a essência do Pateo do Collegio, esperamos não apenas colaborar com a salvaguarda de seus aspectos materiais para memória da cidade e de seus habitantes, mas, também, ampliar seus sentidos e significados para valorização desse lugar ontológico, que é, ao mesmo tempo, simbólico, acolhedor, encantador e presente nas mais diversas experiências cotidianas. Como utopia, a intenção é que esta tese demonstre a importância dos lugares para a vida, ao mesmo tempo em que motive o reconhecimento da importância do sentido de lugar como mobilizador da existência e das experiências humanas, como o Pateo do Collegio é para nós (FORTUNATO, 2014, p. 16).

Dessa forma, esta pesquisa propõe-se uma estratégia para pesquisa de campo que envolve a oralidade, no sentido de perguntar, ouvir e observar, sendo um método muito aplicado e aproveitado com ótimos resultados. Sabe-se que a evidência oral é muito importante para os estudos qualitativos, pois revelam não só a percepção, os fatos da experiência e condutas, mas também os sentimentos e significados para as pessoas (NETTO, 2011, p. 21).

A análise dos trabalhos orientados por Livia de Oliveira tendem a uma tríade de relações entre fatos históricos, aspectos geográficos e elementos culturais. A historicidade e a geograficidade se dão muito pela predileção da categoria lugar enquanto quesito escalar, pois parecem fornecer pistas que traduzem a identidade das pessoas ao longo do tempo e no espaço, conforme podemos verificar em “Entendemos a historicidade como o ato intencional de recuperar em tempo e espaço

as ações humanas pretéritas, de forma a se tornar consciente do lugar presente” (FORTUNATO, 2014, p. 77). A cultura transparece como um elemento de amálgama, que une a dimensão social e técnica com o meio físico, sendo a dimensão que perdura nos espaços pelos anos.

Outro nome recorrente nas orientações das pesquisas foi o da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Geralda de Almeida (1948-2022), professora e pesquisadora vinculada à Universidade Federal de Goiás (UFG). Dentre uma diversa gama de casos estudados, são mais frequentes comunidades ribeirinhas, festas populares e, em destaque, a manifestação da religiosidade no espaço, com ênfase ao cristianismo pelo histórico da formação territorial do Brasil. Sobre estes trabalhos, chama a atenção a pesquisa intitulada “O protestantismo nas territorialidades e na identidade territorial da comunidade quilombola Kalunga - Goiás”<sup>102</sup> por articular um extenso arcabouço teórico em Geografia Cultural renovada com Geografia da Religião. Além de apresentar um notável aprofundamento teórico e alinhamento das referências a uma escola da perspectiva culturalista, esse trabalho, assim como outros do Instituto de Estudos Socioambientais (IESA) da UFG, centro de pesquisa este de destaque no volume de produção, dedicam partes da redação para a exposição e debate teórico da Geografia Cultural, seja a clássica ou a renovada, como que em um movimento de chancelamento desta perspectiva. Na tese citada acima, chega a contar com um apêndice específico sobre Geografia Cultural e Geografia da Religião.

Como o parâmetro agora analisado é o da perspectiva teórica, vale também ressaltar a interessante detecção de que as pesquisas orientadas pela professora Maria Geralda se apresentam de forma muito explícita enquanto produções em Geografia Cultural. Seja pelo aprofundamento do arcabouço teórico apontado acima ou ainda pela apresentação da metodologia na introdução, chegam até a abrir a redação do resumo<sup>103</sup>. As pesquisas orientadas pela professora servem como gancho para analisar os temas da Geografia Cultural, último parâmetro, pois conforme apontado, é grande a diversidade de estudos de casos e muitos são os exemplos aqui pontuados. Observa-se paralelismo com os mestrados, pois são muito parecidos os

---

<sup>102</sup> Desenvolvida por Rosiane Dias Mota no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás (2016).

<sup>103</sup> É o caso verificado na parte pré-textual da pesquisa “Dinâmicas territoriais do sagrado de matriz africana: o candomblé em Goiânia e a região metropolitana”, desenvolvida por Mary Anne Vieira Silva no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás (2013).

temas, a saber: música, cinema, e gênero. Incluímos aqui corpo como mais uma dimensão de análise.

Pelo nó presente na figura da análise em rede das palavras-chave, a música é o tema mais empregado nos doutorados e uma referência comum são os artigos do estadunidense George O. Carney. Expoente referência para os estudos geográficos que lançam mão da música, principalmente a sua vertente popular, não erudita, seu livro *“The sounds of people and places: readings in the geography of music”* (1978) é clássico referenciado, mas seus textos traduzidos e publicados no periódico Espaço e Cultura e na coleção Geografia Cultural da UERJ são mais comuns. Sua parceria com a geógrafa singapurense Lily Kong é considerada como uma das mais importantes na área de Geografia e Música.

Ambos publicaram não apenas trabalhos empíricos que abordam a atividade musical dos Estados Unidos e Cingapura, respectivamente, sobre a ótica espacial, mas também desenvolveram análises sobre este sub-campo de estudo, cada qual apresentando diferentes linhas de pesquisa já exploradas pelos geógrafos e, além disso, oferecendo propostas de agendas de pesquisa para os novos geógrafos que se interessam pelo tema (CASTRO, 2009, p. 10).

Quando música (inclui também o termo som) é o tema de estudo, verificamos a inserção de partituras musicais nos anexos e no corpo do texto de algumas pesquisas. A isso entendemos que há um conhecimento prévio de teoria musical por parte do pesquisador e que este fato tem peso na preferência da análise geográfica por música.

A paixão por música cresceu nessa ocasião, tanto que ao final do ensino médio decidi que era isso que eu estudaria na faculdade. Contudo, até então, eu não tinha conhecimento sobre os pré-requisitos para a entrada no curso. Ao informar melhor que descobri que ainda precisaria me dedicar muito aos estudos de música (nos moldes habituais dos conservatórios) se eu quisesse prosseguir com essa ideia. Comecei a procurar lugares na cidade que eu pudesse estudar leitura de partituras, (...). Posteriormente, apareceu na cidade um professor que veio formar uma orquestra numa igreja e começou a dar aulas de música. Eu o procurei, e no curto período em que estive à frente desse projeto estudei um pouco de teoria musical com ele (MALAQUIAS, 2019, p. 19).

A citação acima é da pesquisa “Música caipira de concerto: territorialidades e trajetórias da viola e violeiros no âmbito caipira”<sup>104</sup>, sendo um exemplo de tese que

---

<sup>104</sup> Desenvolvida por Denis Rilk Malaquias no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás (2019).

emprega com bastante frequência partituras em sua redação. Sobre isso, vale apresentar como o autor analisa geograficamente a seguinte tablatura da música “Conto da Berceuse do Sertão”, Fernando Deghi, para viola caipira de 10 cordas:

ao grande amigo Vento.

## Conto da Berceuse do Sertão

Afinação Rio Abaixo  
5° 4° 3° 2° 1°  
sol ré sol si ré

Viola Brasileira  
ponteiro

Fernando Deghi  
1994

*calmo e sereno  
sinta a brisa*

harmonicos 12.....

Tablatura		harmonicos 12.....																			
1° par	0	0	0	0	12	12	10	10	9	9	7	7	5	5	4	4	2	0	2	—	4
2° par	0	0			12	12	10	10	8	8	7	7	5	5	3	3	1	0	1	—	3
3° par	0	0	0	0																	
4° par	0	0																			
5° par																					

FIGURA 37 - Parte instrumental da narrativa do Conto da Berceuse do Sertão.

Fonte: Deghi, 2002 in MALAQUIAS, 2019, p. 180.

Ao sugerir “Calmo e sereno, sinta a brisa”, além de apontar que a música deve ser tocada num andamento mais lento, a interpretação precisa ter uma conexão com a paisagem, em especial com os sons presentes nela, sobretudo o vento, a quem, inclusive, foi dedicada essa obra. Tudo isso deve ser refletido no imaginário do violeiro ao pontear essa música (MALAQUIAS, 2019, p. 180).

É bem evidente a relação desta passagem interpretativa com a perspectiva humanística pela sintonia que pretende ser estabelecida entre a música e a paisagem bucólica do sertão, do interior. Essa sintonia remete a o que Valverde (2019) pontua como tal perspectiva geográfica entende cultura, sendo tudo aquilo que conecta o homem ao ambiente, mobilizada pelos sentidos e experiência e ligadas aos grupos sociais, que aqui é caso do caipira, expressão tradicional do povo do interior da região Sudeste brasileira que herdou tradições desde o bandeirantismo. Também, vai de encontro com a tradição dardeliana em combinar a redação com iconografias diversas, que fogem da trivialidade científica, como poesia, letras musicais, e, neste caso, partituras.

A interpretação de letras musicais nas pesquisas geográficas brasileiras apresenta diversidade de abordagens, interesses e tratamentos metodológicos, que para Panitz (2016, p. 48)

têm valorizado significativamente nas últimas três décadas uma parte considerável da diversidade musical do país e suas relações com as afetividades, as identidades regionais e nacionais, a construção de territorialidades e de discursos geográficos, e as transformações do espaço urbano.

Panitz (2016) visualiza ao menos três abordagens teórico-metodológicas sobre Geografia e música: (1) a calcada na fenomenologia e hermenêutica por meio da Geografia Humanista, sendo que esta utilizou largamente a letra da canção como fonte de pesquisa (conforme apresentado no penúltimo parágrafo); (2) em Geografia Social e Cultural, cuja tradição crítica da Geografia brasileira se aporta em referenciais teóricos de outras disciplinas das humanidades e que nesta utiliza-se não só as letras das canções como também a perspectiva do som, as espacialidades da atividade musical e os discursos dos atores produtores da música no espaço; (3) e as voltadas ao ensino de Geografia que empregam a música como elemento lúdico para a construção de conceitos geográficos.

Cinema e Geografia é uma relação já consolidada na academia, sendo considerada uma linha de pesquisa específica que vem sendo chamada no Brasil de “Geografias de Cinema”.

A Geografia Cultural contemporânea engloba, dentre tantas outras linhas de pesquisa, as Geografias de Cinema, (...). As Geografias de Cinema surgem do diálogo entre a Comunicação Social e a Geografia Social, com interfaces entre as representações audiovisuais e as representações sociais. São pesquisas qualitativas desenvolvidas através das técnicas de pesquisa da narratologia fílmica e da análise fílmica, dentre outras. O objeto de estudo das Geografias de Cinema não são os filmes, mas sim as diversas geograficidades que deles podem emergir e suscitar questões de análise diversas para os geógrafos e geógrafas (MOREIRA, 2017, p. 206).

Para Moreira (2017), o país tem tido papel de destaque no desenvolvimento de trabalhos deste teor e conta com uma tríade de tendências na produção de teses: (1) o uso do cinema como recurso didático para o ensino de Geografia, com adesão intermediária dos pesquisadores; (2) a análise de um ou mais temas geográficos a partir da obra de um cineasta, com o menor número de produção acadêmica; e (3) a de uma tema geográfico específico (cidade, paisagem urbana e rural, região específica), sendo a que apresenta maior adesão entre os pesquisadores.

A análise fílmica do cinema moderno e contemporâneo parece nos apresentar a um novo meio para a análise do espaço geográfico, pois

Por muito tempo, a Geografia utilizou-se do cinema como um recurso puramente didático. Porém esta pesquisa busca comprovar que o cinema, com seus simbolismos e discursos, opera também como um meio de acesso às representações mentais de espaços reais e imaginados, que antes estavam atreladas apenas às experiências corporalizadas, ou seja, às experiências do espaço vivenciado (RADEK, 2018, p. 455).

O movimento observado pelas teses das Geografias de Cinema parece propor uma outra possibilidade de análise do contexto socioespacial que não fique restrito apenas ao trabalho de campo ou de gabinete, mas enquanto uma perspectiva panorâmica para o entendimento e divulgação da Geografia.

As pesquisas sobre gênero trabalham em menor número o conceito de gênero de vida<sup>105</sup> e em expressiva quantidade o gênero feminino interseccionadas com papéis de gênero e seu empoderamento em variados cenários, como em comunidades ribeirinhas<sup>106</sup>, período eleitoral<sup>107</sup>, processos de mudança do cenários socioespacial em decorrência da industrialização e urbanização<sup>108</sup> e manifestação popular<sup>109</sup>. A particularidade destes estudos é sintetizada por SUREK (2011), sendo que buscam o entendimento de como ocorre a apreensão da realidade pelas mulheres e a construção da espacialidade feminina determinada pelas relações de gênero.

A inclusão do objeto de análise corpo enquanto um tema da Geografia Cultural não se deu pela sua recorrência de pesquisas, mas sim pelo ineditismo e sintonia com o que há de mais recente nas perspectivas do pensamento cultural na Geografia,

---

<sup>105</sup> É o caso da tese “‘Kalunga’ identidades territoriais de um gênero de vida em transição nas terras do nordeste goiano”, desenvolvida por Wilma Melhorim Amorim no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás (2014). Neste trabalho, o método fenomenológico foi empregado para a análise da resignificação identitária no contexto de um território de remanescentes de quilombolas.

<sup>106</sup> “‘Aqui tudo é do rio, se ele quer levar, deixa levar’: gênero, identidade e lugar das mulheres ribeirinhas em Nazaré, Porto Velho, Rondônia”, desenvolvida por Rúbia Elza Martins de Sousa no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás (2019).

<sup>107</sup> “Empoderamento feminino: territórios da cidadania nas eleições de 2008 e 2012”, desenvolvida por Alides Baptista Chimin Júnior no Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (2016).

<sup>108</sup> “As mulheres de roça velha - Araucária (PR): as do lugar e as que chegaram”, desenvolvida por Cristina Luiza Czerwonka Surek no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná (2011).

<sup>109</sup> “Sob o manto azul de Nossa Senhora do Rosário: mulheres e identidade de gênero na congada de Catalão (GO), desenvolvida por Marise Vicente de Paula no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás (2010).

ao que Valverde (2019) chama de “debate na Pós-modernidade”, sendo a sexta perspectiva da Geografia Cultural.

Corpo não é o único tema de interesse desta escola culturalista, sendo o tema antecedente, gênero, outro exemplo. Referenciado anteriormente e brevemente analisado, estudos de gênero fazem coro com as pesquisas da *New Cultural Geography* que bebem da abordagem marxista para o estudo da cultura de uma forma revisitada, pois não pautam suas narrativas na revolução, mas trilham seu discurso por meio das lutas do fazer diário, ao que Valverde (2019), quando disserta sobre essa perspectiva culturalista pós-moderna, sugere a tendência ao abandono dos quadros estanques e justapostos em nome da proposição de um entendimento e movimento diante das flutuações (da contemporaneidade).

São duas as pesquisas que diretamente tem o corpo enquanto objeto de análise: “Vestida de noiva - as espacialidades da mulher na cerimônia de casamento: uma abordagem comparativa entre Campo Grande e Paris”<sup>110</sup> e “Geografias do corpo: por uma geografia da diferença”<sup>111</sup>. É importante destacar que apesar de comungarem o objeto de análise, são bem diferentes nos seus estudos de caso, assim como na maneira em que os analisa. Quanto aos que as une, destacamos a experiência trabalhada pelas pesquisadoras, ambas mulheres, que parece envolvê-las com o objeto de pesquisa, além da própria importância do corpo na concepção da Geografia, tida como escala, circunstância e objeto de investigação. Também, o que de mais importante as une são as semelhanças com a teoria não-representacional derivada do Construtivismo Social, algo que pertence à escola culturalista pós-moderna.

A primeira pesquisa objetivou a investigação das espacialidades da noiva como personagem de casamentos heterossexuais e, para isso, relacionou o corpo e ritualística do casamento. O seguinte fragmento sintetiza e dá pistas de como o corpo foi analisado pela Geografia Cultural:

O corpo utiliza-se das vestimentas como ferramenta de informação, assim, uma segunda forma de espacialidade do corpo da noiva está representada quando ela, ao passar pelas ruas para fotografar (como exemplo, em um jardim no dia do casamento para fazer as fotos mais românticas, onde não é comum as pessoas passearem com um traje como este), chama a atenção das pessoas que ali circulam. A

---

<sup>110</sup> Desenvolvida por Raquel Lage Tuma no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás (2016).

<sup>111</sup> Desenvolvida por Camila Xavier Nunes no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2014).



corporeidade da noiva ainda vai além na espacialidade geográfica. Durante o ritual, o corpo e a performance da noiva são elementos que caracterizam e simbolizam o momento. Como outra ferramenta de informação, o corpo fornece indicações também por meio de seus gestos, a forma de cumprimentar, de olhar, diferenciando-se entre as culturas. Dessa maneira, em todo o ritual, a noiva, assim como todas as outras pessoas, sinaliza diferentes gestos que passam diversas mensagens (TUMA, 2016, p. 351).

A experiência banal aqui toma corpo na teoria não-representacional pela possibilidade da observação participante permitir ao investigador explorar a experiência geográfica através do corpo da noiva. Vale também destacar que a pesquisadora trabalhou profissionalmente como organizadora de eventos, fazendo com que sua experiência conte nessa performance, e elementos que interessam nos estudos pós-modernos, como a efemeridade dos típicos frames dos eventos de casamento, da “geografia do que acontece”, do *kitsch* (mesmo que de maneira não consciente por parte da pesquisadora), estão bastante presentes. São exemplos desta reflexão os títulos de seus subcapítulos, como no capítulo sobre o modelo das imagens midiáticas de casamento, “Casamento dos Contos de Fadas”, “Casamentos das Realezas”, “Casamentos das Celebidades”, no capítulo sobre os rituais como espacializações do casamento, “Ritual Princesesco”, “Ritual e Lugares dos Contos de Fada”, e no capítulo sobre a corporeidade das noivas, “A Preparação das Noivas”, “As Princesas da Realeza”, “As Princesas dos Contos de Fada”, “As Princesas Celebidades” e “As princesas da Vida Real”.

A segunda pesquisa é um mergulho na teoria não-representacional na Geografia Cultural pelas linguagens corporais assumirem destaque e pela ênfase na diferença e singularidade das experiências no espaço.

O corpo utiliza-se das vestimentas como ferramenta de informação, assim, uma segunda forma de espacialidade do corpo da noiva está representada quando ela, ao passar pelas ruas para fotografar (como exemplo, em um jardim no dia do casamento para fazer as fotos mais românticas, onde não é comum as pessoas passearem com um traje como este), chama a atenção das pessoas que ali circulam. A corporeidade da noiva ainda vai além na espacialidade geográfica. Durante o ritual, o corpo e a performance da noiva são elementos que caracterizam e simbolizam o momento. Como outra ferramenta de informação, o corpo fornece indicações também por meio de seus gestos, a forma de cumprimentar, de olhar, diferenciando-se entre as culturas. Dessa maneira, em todo o ritual, a noiva, assim como todas as outras pessoas, sinaliza diferentes gestos que passam diversas mensagens (NUNES, 2014, p. 8).

O interesse pela performance é um dos destaques desta teoria por revelar as relações sociais que podem ser de grande valia para estudos em Geografia Cultural, sendo amplamente analisada na pesquisa. Sobre isso Nunes (2014, p. 101) entende que o

sujeito contemporâneo incursiona por inúmeras e diferentes lutas hermenêuticas em que seu corpo é mídia e sua performatividade está profundamente envolvida em uma variabilidade composta por estímulos e fluxos comunicativos muito intensos.

Por se concentrar nas práticas, sua análise fornece as informações necessárias para o entendimento inteligível do mundo. Desse modo, a pesquisa reconhece e legitima as manifestações em suas especificidades por meio das práticas espaciais que geram diferentes investimentos sobre o corpo e que influenciam no proeminente de subjetificação (NUNES, 2014), pois sendo cada sujeito único, sua construção na relação intersubjetiva que estabelece com as outras pessoas também os situa no tempo e no espaço em toda a sua multiplicidade.

Da complexa análise do material a partir da análise em rede, muito em razão do padrão de atomização maximizada dos nós, percebemos que a despeito dos objetos de análise indicados por meio das palavras-chave, o que chama a atenção é a ênfase das pesquisas no aporte teórico da Geografia humanista. Apesar da escassa articulação dos termos, entendemos que “paisagem” e “identidade” já poderiam apontar a uma predileção para esses estudos pós-estruturalista, que, ao estarem conjugados em um arranjo por proximidade com “periferia”, indicaram também diálogo com outras perspectivas, principalmente a crítica, pela preocupação das reivindicações do coletivo pautadas pela comunidade periférica, e também de gênero, raça, renovação da periferia e políticas de empoderamento, impulsionados por “identidade”.

### 11.3 Artigos científicos

Outra ferramenta para a prospecção de dados sobre a sub-área da Geografia Cultural foi desenvolvida, sendo agora um quadro sobre a produção científica a partir de artigos publicados em periódicos brasileiros especializados na área da ciência geográfica. O modelo utilizado foi este:

Nome do periódico e ISSN:					
Filiação acadêmica	Ano do primeiro lançamento (e do último, caso não mais exista)	Grupo de pesquisa associado	Equipe editorial (conselho fundador e consultivo ou comissão editorial e conselho científico)	Periodicidade e número total de edições	Link do portal
Apreciação do periódico:					
Análise das edições					
Apreciação da edição:					

FIGURA 38 - QUADRO 6 - Análise dos periódicos brasileiros especializados em Geografia.

Organização: Bruno Picchi.

A ideia de formatação deste quadro a partir das variáveis apresentadas foi entender tanto a quantidade de artigos publicados sobre Geografia Cultural e/ou espaço e cultura, assim como abordagens culturais na Geografia brasileira, o que levanta tanto informações importantes para um panorama geral da produção científica no Brasil, quanto especifica quais são os principais temas e estudos de caso contemplados nestas produções. Por isso, acrescentamos a variável “análise das edições”, sendo este espaço destinado à inserção dos títulos dos artigos científicos, resumo e palavras-chave, possibilitando uma melhor visualização dos temas.

Todos os quadros das 75 (setenta e cinco) revistas científicas analisadas se encontram nos anexos desta pesquisa em código QR para escaneamento, pois o volume de informações foi muito extenso, facilitando o acesso aos dados brutos. Sobre as revistas selecionadas, a leitura dos artigos norteou a inclusão ou exclusão da mesma nessa etapa de análise de periódicos, sendo que a impressão da potencialidade de diálogo, aproximação com o tema ou efetividade de afiliação deste material com a vertente em Geografia aqui pesquisada foram consideradas. Como a abrangência prospectiva se deu em escala nacional, entendemos que essa etapa da pesquisa assume a posição de fornecer um panorama deste tipo de produção no

Brasil, que se assemelha ao que chamamos de estado da arte. Sobre isso, as variáveis forjadas apresentam potencialidade para outras pesquisas mais específicas, como a possibilidade de levantamento dos nomes mais recorrentes na equipe editorial, a recorrência das localidades estudadas em pesquisas empíricas, assim como os mais expoentes centros de produção quando verificada a variável “filiação acadêmica”, ou ainda a investigação cronológica para desvendar o ritmo de produção de artigos publicados em periódicos especializados nas últimas décadas sobre Geografia e Cultura. Para tal, a possibilidade de acesso ao banco de dados está aqui garantida.

Nesta pesquisa, elegemos, em “análise das edições”, a variável palavras-chave dos artigos científicos para, em um primeiro momento, buscar entender a predileção dos tipos de pesquisas publicadas e, a partir desta inspeção, aprofundar o estudo no que diz respeito às aproximações teóricas e emprego dos conceitos geográficos e temas em Geografia Cultural. Deste agrupamento de informações primárias, disponíveis em periódicos *online* que contam com ISSN e/ou e-ISSN, e cuja lista completa se encontra nos anexos, resultou na seguinte figura quando submetidas a análise em redes:

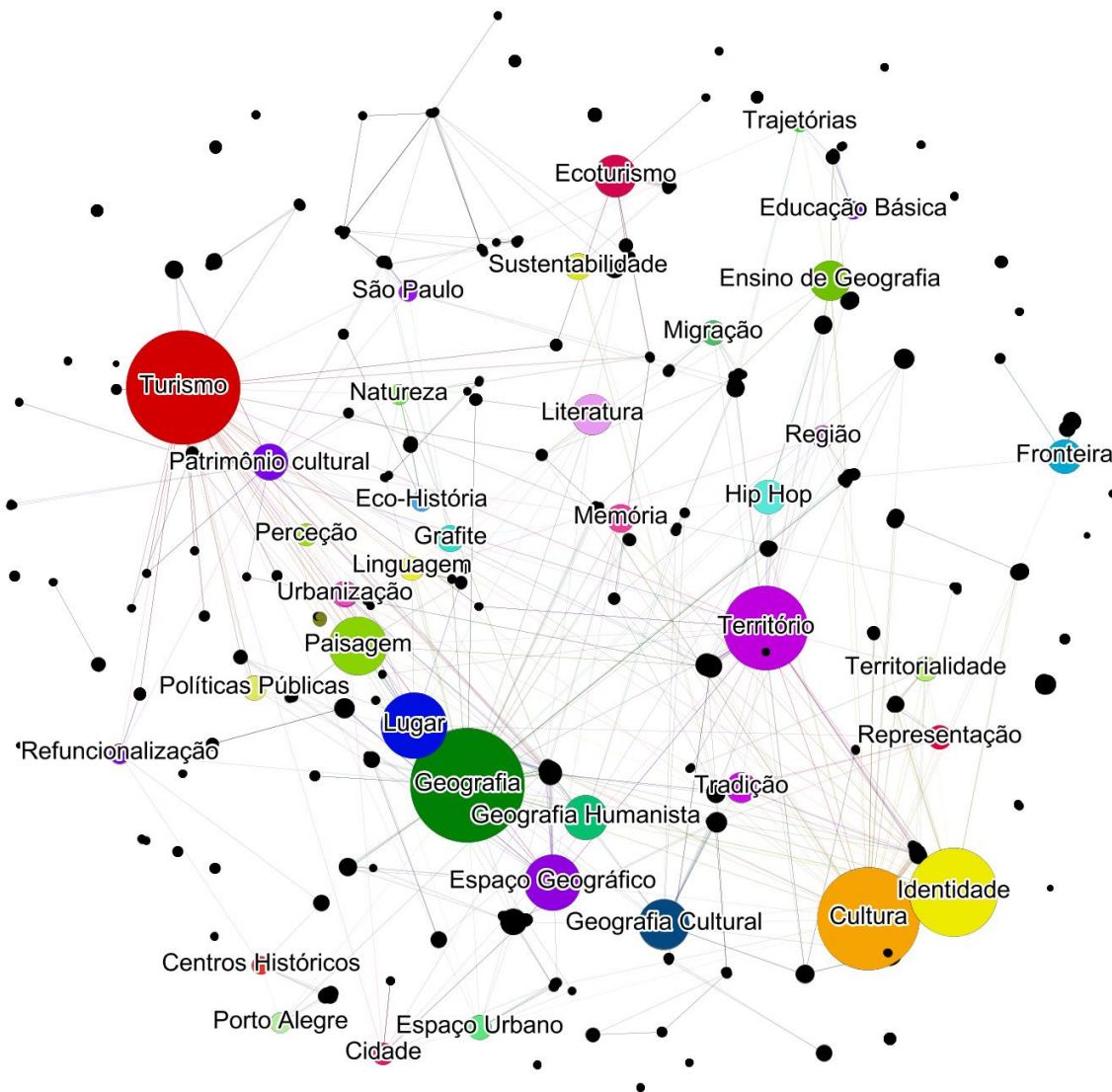


FIGURA 39 – Análise em rede das palavras-chave de artigos publicados em periódicos sobre os temas de espaço e cultura, abordagens culturais em Geografia e Geografia Cultural.

Elaboração: Vinicius Maluly

Organização: Bruno Picchi

Podemos verificar que a quantidade de nós é similar à da figura 33 (relativa às dissertações de mestrado) - 620 nós -, mas a quantidade de arestas aproxima-se da figura 40, que aparecerá no próximo item na análise das linhas de pesquisa dos Grupos CNPq, - 1525 arestas. Foram analisadas palavras-chave de 266 (duzentos e sessenta e seis) artigos de 15 (quinze) periódicos diferentes. Evidentemente há uma gama de periódicos a serem analisados, mas a amostra se faz pertinente a partir do

momento em que ela converge com as redes demonstradas anteriormente e apresentam tendências que rumam de forma gradativa ao aumento com o incremento do campo amostral.

Os 620 nós indicam que a rede compõe-se de pouco menos do que o dobro da quantidade de dados apresentados nas figuras 34 (doutorados) e 40 (grupos e linhas de pesquisas). Já as 1525 arestas apontam para uma interconexão significativa entre as palavras-chave. Assim como na figura 40, ter mais arestas indica uma menor dispersão dos elementos analisados, tendo em vista que eles compõem uma rede mais interconectada, sendo que esse comportamento refletiu no algoritmo utilizado, diferente dos vistos anteriormente. Trata-se do algoritmo OpenOrd, que não se caracteriza enquanto recurso, digamos, complementar como os demais, mas sim de ênfase nas divisões. No caso específico dos artigos analisados, a necessidade de apontar as discrepâncias tornou-se mais significativo do que demonstrar suas complementaridades e paralelismos, isto porque determinadas palavras-chave demonstraram uma força gravitacional muito intensa, sendo elas "Geografia", "Cultura", "Identidade", "Território" e "Turismo". Notamos que, diferentemente das figuras 34 e 40, há uma hierarquia muito maior nos elementos componentes da rede analítica.

O algoritmo OpenOrd é bastante utilizado para identificação de *clusters*, isto é, agrupamentos que conformam uma rede. A base de confecção dele é o usado na figura 2 (DOUTORADOS), o de Frushterman-Reingold, que foi criado em 2010 por Shawn Martin, W. Michael Brown, Richard Klavans e Kevin W. Boyack para análise de redes com grande quantidade de dados (MARTIN et al., 2011), ferramenta ideal para o nosso quadro das palavras-chave dos artigos científicos. Para a confecção desta figura tivemos de aumentar o fator gravitacional entre os nós para que os *clusters* melhor se destacarem e o resultado aponta para compreensões bastante intrigantes. Devemos partir de uma perspectiva "posicional" da rede para melhor compreendê-la, ou seja, verificar o padrão de localização de nós .

Pela natureza do emprego deste algoritmo, conforme descrito no início do parágrafo anterior, a formação de *clusters* é recorrente nos cantos da imagem e, a princípio, as extremidades possuem maior interesse analítico do que sua porção central. Vemos, por exemplo, que "Cultura" e "Identidade" estão lado a lado, sendo que essa disposição não é coincidência, pois a maior parte das palavras-chave envolvendo cultura e identidade estavam associadas entre si. Já na outra ponta da

rede encontramos "Turismo" muito mais próximo de "Patrimônio Cultural", "Natureza", "Sustentabilidade" e "Ecoturismo". Notamos, portanto, que a morfologia da rede é diretamente associada aos agrupamentos entre as palavras-chave. "Geografia" e "Turismo", por sua vez, teriam um papel mediador entre tais extremos, aproximando-se muito mais de "Geografia Humanista", de "Espaço Geográfico", de "Lugar" e de "Paisagem". Ou seja, as interrelações entre "Geografia" e "Turismo" são balanceadas quando comparadas às relações entre "Geografia" e "Cultura". A Geografia seria, portanto, um tema mais centralizador ou mais balanceado. Se analisarmos em outra escala e considerarmos "Geografia" como uma extremidade e "Cultura" como outra, no meio temos "Espaço Geográfico" e "Geografia Cultural", sendo aquele nó posicionado mais próximo de "Geografia" e este de "Cultura".

Finalmente, podemos notar a centralidade da palavra-chave "Território", agregando menor número de nós proeminentes, mas provocando tendências interessantes. Temos, nas proximidades, "Tradição", "Territorialidade", "Hip Hop" e "Memória", todas palavras-chaves que dialogam, em determinado grau, mais com a categoria geográfica território do que com a trivial espaço. "Paisagem" também projeta compreensões curiosas ao se localizar ao lado de "Lugar", "Políticas Públicas", "Urbanização" e "Linguagem". Sendo assim, são essas as aproximações que nortearão as análises mais aprofundadas nos artigos, pois possibilitam a verificação dos diálogos mais consolidados deste tipo de produção científica.

Para a análise de como os artigos empregam e articulam as palavra-chave, ao considerarmos que essa pesquisa trabalhou em escala nacional, decidimos que as amostras deveriam contemplar, no mínimo, uma publicação por região político-administrativa do Brasil, seja a localidade estudada enquanto objeto de análise ou a origem da filiação acadêmica da revista.

Temos mais uma vez percebido que a busca por produções acadêmica que se assumem enquanto da Geografia Cultural, inclusive com letras maiúsculas, é menos recorrente do que as tidas enquanto culturalistas, de abordagem cultural em Geografia ou, ainda, que se interessam pela perspectiva cultural no espaço geográfico. É também o caso dos cinco artigos pinçados a seguir e também dos demais que foram analisados neste capítulo. Acontece que os temas e as referências utilizadas dialogam ou são de nomes desta sub-área geográfica, o que possibilita a inclusão deste leque maior de produções e nos proporciona uma riqueza de diagnóstico relevante em razão do espaço amostral amplo.

Os termos "Cultura" e "Identidade" são equivalentes em suas atomizações, sendo a mais curiosa detecção o segundo termo em razão de "Cultura" estar muito associada à nomenclatura Geografia Cultura, que também é o caso de "Geografia". Dessa forma, pôde-se verificar que "Identidade" está associada com a produção do espaço pela vivência do indivíduo e também do coletivo a partir das dimensões sociais, culturais e simbólicas. Neste sentido temos pesquisas sobre a cidade enquanto fonte de inspiração para poesia musicada<sup>112</sup>, relações a partir da análise da paisagem<sup>113</sup>, discussão entre imigração, fronteira e influência na culinária<sup>114115</sup>, e a dimensão do sagrado abordada pela Geografia da Religião<sup>116</sup>.

Os temas das cinco pesquisas sobre identidade conjugam ao que Vallega (2003 apud ALMEIDA, 2009) opina enquanto a primeira das duas vertentes da Geografia Cultural atual, que é a tradicional, pois

A geografia cultural tradicional, geralmente, é caracterizada pela persistência do interesse por alguns temas como: modo de vida e uso dos recursos naturais por um dado grupo social como indígenas, quilombolas, marisqueiras entre outros; também, pela difusão territorial das manifestações culturais; as regiões ou territórios culturais homogêneos e as especificidades culturais de territórios singulares (ALMEIDA, 2009, p. 249).

Destacamos que esse recorte diz respeito aos temas de pesquisa, ao objeto de análise, ao recorte espacial, somando ao fato dos pesquisadores dominarem a especificidade dos fenômenos em razão de que em grande parte das vezes serem oriundos destes locais. Por isso, é nítida a predileção pela vertente humanística enquanto base teórica, sendo essa subjetificação oriunda dos sentimentos das pessoas que vivem nestes espaços. Também, a pesquisa por meio de relatos é instrumento fundamental, como vemos a seguir:

---

<sup>112</sup> "Identidade e poesia musicada: panorama do movimento roraimeira a partir da cidade de Boa Vista como uma das fontes de inspiração", de Rafael da Silva Oliveira, Cátia Monteiro Wankler e Carla Monteiro de Souza. Revista ACTA Geográfica, ano III, nº 6, jul./dez. de 2009. p. 27-37.

<sup>113</sup> "Paisagens e lugares ribeirinhos - conflitos e identidade no baixo curso do Rio de Ondas, Barreiras, Bahia", de Evanildo Santos Cardoso. OLAM - Ciência & Tecnologia, ano XIII, v. 1, nº 2, jul./dez. de 2013. p. 59-79.

<sup>114</sup> "Recheio de memórias: o pierogi e a identidade polonesa no Paraná, Brasil", de Neli Maria Teleginski. Revista Geonordeste, ano XXV, nº 2, edição especial, ago. de 2014. p. 87-106.

<sup>115</sup> "Do churrasco grego a la argen(chi)na: práticas cotidianas, cartografias transfronteiriças", de Luiz Felipe Rodrigues e Dalila Tavares Garcia. Revista GeoPantanal, nº 27, jul./dez. de 2019. p. 83-95.

<sup>116</sup> "Cultura, monumento e identidade: a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção em Anchieta - ES, como marco simbólico da identidade anchietense", de Emilio Petri Souza. Boletim Gaúcho de Geografia, v. 42, nº 1, jan. de 2015. p. 158-172.



O relato da Sra. Dulce evidencia um valor diferenciado ao lugar/terra daquele estabelecido pelo mercado imobiliário, chacareiros e pelos agentes especuladores. Essa consideração tem respaldo em Tuan (1983<sup>117</sup>) ao discutir experiências íntimas com o lugar. Afirma o mesmo que: “O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado” (TUAN, 1983, p.151) (CARDOSO, 2013, p. 70).

Sendo a referida identidade o resultado desta construção a partir da relação entre esse indivíduo e o espaço geográfico, observamos neste relato o que Nabozny (2014) percebe nas pesquisas vinculadas à expressão “Geografia Cultural”, que debatem uma acepção de cultura enquanto fenômeno local, com nuance performática de identidades, hábitos e costumes, do mesmo modo como são enfatizadas as fragilizações das “culturas autóctones” resultantes dos processos de modernização.

Almeida (2009) ainda entende que no contexto dessa Geografia Cultural tradicional o interesse pelos temas relacionados com a palavra “Identidade” são provenientes de uma herança da influência francesa que buscam entender transformações relativas à evolução do espaço geográficos a partir dos diferentes arranjos espaciais, como podemos ver no seguinte fragmento:

É a partir das práticas cotidianas das pessoas que essas diferentes significações são colocadas em contato e transformação, produzindo entre-lugares que vão tecendo um processo de transfronteirização, que com o advento da conjuntura da globalização atual, deve ser entendida como um processo que acontece num sistema multiescalar (RODRIGUES e GARCIA, 2019, p. 93).

Além da busca pelo entendimento das situações concretas, como verticalização, aparelhos urbanos, fluxos, etc, é interessante observarmos os termos “práticas cotidianas” e “diferentes significações” supracitados, que esses estudos culturais dão ênfase ao/s sujeito/s que habitam e se deslocam no espaço. Nessa mesma leitura, para Almeida (2009) ainda se destacam os estudos sobre o comportamento religioso das culturas, isto é, “as influências exercidas pelas religiões sobre os costumes de um dado grupo social, os sistemas alimentares e comportamentos sociais” (ALMEIDA, 2009, p. 249-250), ou seja, o diagnóstico vai totalmente de encontro ao espaço amostral de artigos que articulam o conceito de identidade por meio da Geografia Cultural. Sobre isso, vale parafrasear o seguinte parágrafo para entendermos o teor de uma pesquisa sobre identidade e religião:

---

<sup>117</sup> Referente ao livro “Espaço e lugar: a perspectiva da experiência”.

A identidade é formada por um conjunto de significados, que estão presentes nas diversas culturas, estes significados se manifestam nos símbolos, sejam materiais ou imateriais, neste trabalho o foco do debate centrou-se nos símbolos espaciais materiais, ou seja, nos monumentos. Em que pode-se observar, a influência da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção no processo de formação e afirmação da identidade do anchietense, este monumento dotado de significados religiosos e políticos, é símbolo de afirmação, representando a origem da cidade de Anchieta, bem como, o êxito de um processo colonizador, que transformou a aldeia de índios Tupiniquins numa cidade próspera. (SOUZA, 2015, p. 170)

Podemos observar que a ênfase foi dada no monumento religioso enquanto dimensão simbólica responsável por fazer uma espécie de relação entre o passado e o presente, algo como uma rugosidade que nos traz a identidade do local a partir das práticas da comunidade que circundam a igreja.

Do cluster que parte de "Turismo" e irradia em "Patrimônio Cultural", "Natureza", "Sustentabilidade" e "Ecoturismo", novamente observamos essa tendência dita clássica, com base epistemológica no estruturalismo e que faz uso de métodos analíticos que lhe dão uma natureza homogênea, que mais uma vez pode ser atribuída à herança francesa que marcou a Geografia aqui desenvolvida. São exemplos pesquisas sobre zona rural<sup>118</sup>, turismo cultural e uso do patrimônio<sup>119</sup>, territórios quilombola<sup>120</sup> e caiçara<sup>121</sup>, e feira e evento cultural<sup>122</sup>.

As publicações sobre territórios autóctones apresentam metodologia similar no procedimento da pesquisa-ação, e quando se trata de desenvolvimento econômico, comungam com a ideia de que o turismo pode ser uma possibilidade se for conduzido de maneira condizente com as especificidades do lugar, a despeito do turismo de massa, predatório. Também sobressaem outras necessidades específicas do lugar que não estão apenas relacionadas com o turismo, pois, como se tratam de território de resistência, a organização social aparece como necessária para o seu

---

<sup>118</sup> "Turismo, patrimônio cultural rural e imigração italiana: a refuncionalização espacial na Colônia Maciel - município de Pelotas/RS", de Marcelo Panis e Melissa Ramos da Silva Oliveira. Terra Livre, ano 25, v. 1, n° 32, jan./jun. de 2009. p. 189-200.

<sup>119</sup> "A contribuição do turismo cultural e do uso do patrimônio para a valorização do espaço e do sentimento de lugar", de Raquel Ribeiro de Souza Silva. GEOUSP - Espaço e Tempo (Online), v. 18, n°1, 2014. p. 129-139.

<sup>120</sup> "Território quilombola, etnodesenvolvimento e turismo no nordeste de Goiás", de Maria Geralda de Almeida. Raíza - O Espaço Geográfico em Análise, v. 40, ago. de 2017. p. 130-144.

<sup>121</sup> "Questões sobre identidade territorial caiçara e turismo de base local", de Maria del Carmen Matilde Huertas Calvente. Revista da ANPEGE, v. 11, n° 16, jul./dez. de 2015. p. 151-172.

<sup>122</sup> "Cultura, feira de negócios e espaço em Pau de Ferros, RN", de Talhany Cris Ferreira da Conceição e Rosalvo Nobre Carneiro. GEOTemas, v. 11, 2021. p. 1-19.

fortalecimento político no que diz respeito ao diálogo com o Estado. Sobre esses dois aspectos, vemos as seguintes passagens:

Constatou-se que a identidade territorial de resistência pode se transformar em identidade territorial de projeto, no que foi chamado de territórios zonais de resistência/inação, nos quais o sentimento de pertencimento cria uma interação entre as pessoas e um projeto inovador em comum. Fica então claro que está se falando de uma lógica contra hegemônica no turismo, uma lógica ligada às pequenas empresas do setor organizadas e administradas pela população local. Para isso, conhecer, valorizar e apoiar as especificidades do lugar pode ser uma contribuição como uma tarefa importante para os profissionais da Geografia ou de outra área do conhecimento que trabalhem com o planejamento do território (CALVENTE, 2015, p. 171).

A certeza reside na crença de que o turismo é a chave para o etnodesenvolvimento. Porém, depende de outros aspectos: que os Kalunga consigam o controle sobre suas próprias terras, seus recursos, sua organização social e sua cultura, e tenham habilidade para negociar com o estado o estabelecimento de relações segundo seus interesses (ALMEIDA, 2017, p. 143).

Parece que o sentimento de pertença que resulta nas relações de horizontalidade e solidariedade, apesar de constantemente ameaçadas pela lógica econômica vigente e interesses hegemônicos dos mais diversos, se encontra na solução e proposição de um desenvolvimento mais coeso nesses casos. Dessa forma, não seria qualquer tipo de desenvolvimento econômico o esperado pelas comunidades uma vez que não resolveria os problemas lá circunscritos, sendo o geógrafo interessado nessas questões de organização do espaço que alcancem a dimensão cultural, entendida como uma interessante propositora de possibilidades. Esse discurso de verificação e prospecção de dados locais, como se as forças do capital social fossem ascendentes e dependentes exatamente de outra lógica a não ser das transnacionais e de grandes corporações para a valorização do espaço e desenvolvimento da economia, também são verificadas na pesquisa na zona rural e feira e evento cultural. A ideia não é a sobreposição de um e consequente anulamento do outro, mas a verificação de uma certa coexistência entre os atores locais com os de escala mais ampliada.

Observa-se a ligação, desde a origem da feira, entre a economia e a cultura local, portanto, elementos da tradição são retomados, (...) tais como a cultura do vaqueiro. (...) Ainda que não tenha sido possível mensurar, há uma relação entre o surgimento e evolução da feira e o crescimento do comércio no espaço urbano local, cujo fator de mobilização foi, certamente, a dimensão cultural de sua realização,

inserindo elementos da cultura popular e da cultura de massa (CONCEIÇÃO e CARNEIRO, 2021, p. 7-8).

Apesar da paisagem colonial no Distrito de Rincão da Cruz não constituir uma representação idêntica a dos antepassados italiano, mas, sim, uma paisagem híbrida, composta de elementos históricos e modernos somado à disponibilidade de elementos da natureza, percebe-se uma crescente procura por parte de pessoas que buscam lugares para visitação, descanso e, at e mesmo, constru o de segundas-moradias. (...) Não obstante   oferta que a região disponibiliza ao turismo, a comunidade mant m suas atividades produtivas tornando o turismo uma possibilidade de gera o de trabalho e renda, bem como uma oportunidade de resgate e divulga o da memória dos imigrantes, principalmente, na busca do reconhecimento histórico enquanto da Região da 5  Colônia de Imigra o Italiana (PANIS e OLIVEIRA, 2009, p. 199).

A refuncionaliza o do patrimônio cultural   quase uma marca dos artigos sobre turismo, sendo uma interessante preocupa o dos viés geográfico. Da perspectiva teórica, a topofilia de Tuan   assinalada enquanto necessidade de esforços para criar uma empatia no visitante, turista, em rela o   vida e os valores de uma comunidade, em que Silva (2014) entende ser apenas possível por meio da interpreta o do patrimônio.

Do termo mais atomizado, "Geografia", estão circundados "Geografia Humanista", "Espaço Geográfico", "Lugar" e "Paisagem", sendo esse arranjo condizente com as categorias que essa abordagem fenomenológica invoca. A proximidade com "Geografia", assim como com "Geografia Cultural" e a presença desse arranjo na região que mais concentra nós indica que a perspectiva humanista   a mais presente nos artigos publicados.

Publica es centradas em lugar e paisagem são as mais numerosas, o que dificulta observar uma perspectiva teórica destas categorias, assim como são diversos os seus empregos e deriva es, como paisagens sonoras e não lugar. Como esta pesquisa apresenta um panorama e caminha no sentido de entendimento do que   mais recorrente na produ o geográfica sobre cultura, entendemos que o tratamento de lugar na perspectiva da Geografia humanística e sob a  tica do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan se dá como um espaço de vivências e experiências adquiridas através do tempo e percebido através dos sentidos; paisagem recorre ao nome de Augustin Berque, que tendo uma de suas bases de pensamento a fenomenologia, entende que   uma das formas de expressão da rela o entre homem e meio.

Das relações entre espaço geográfico e lugar, a partir do conceito de topofilia, Tuan (1980) descreve o elo afetivo entre a pessoa e o lugar a partir do que chama de postura cultural. Para Silva (2014), ao analisar o processo de tombamento do centro histórico de Antonina (PR), entende que a preservação da memória histórica “pode aumentar a autoestima da comunidade, trazendo sentimento de identidade” (SILVA, 2014, p. 136) deste lugar. Da importante relação entre a história com o espaço na construção da ideia de lugar, a memória coletiva tem lugar garantido, como podemos ver a seguir:

As memórias dos moradores da Vila Cearense, expressas por meio das narrativas orais, relatam a forma como esses sujeitos percebem o espaço e como eles se assentaram em um determinado território por meio do processo de sua ocupação, tornando-o lugar de morada. Em nosso campo, observamos um fenômeno social que provoca a transformação da paisagem a partir do movimento interacional com os objetos naturais e entre os sujeitos que comungam do mesmo anseio de pertencimento a um lugar, o que incide na construção de identidade de habitantes de um novo território (MOURA et al, 2019, p. 369).

Das escolhas de artigos que priorizam paisagem e referenciam a abordagem teórica mais comum, a da escola humanística, foram pinçados dois sobre o sentimento da paisagem, sendo bastante evidente os sentidos humanos nos ensaios geográficos.

No artigo “O calor descortinando paisagens: um ‘olhar’ sobre a cidade de Teresina-PI”<sup>123</sup> o autor propôs estudar as paisagens de uma cidade à luz da Geografia Cultural e concluiu que esse desafio “é, sem dúvida, muito inquietante, porque supõe recortar alguns pontos para fechamento, quando, na verdade, existem inúmeros horizontes e ângulos em aberto para análise e discussão” (ANDRADE, 2020, p. 444). O que essa pesquisa revelou foi que a vegetação tem funcionalidade em razão de suas sombras amenizarem o desconforto térmico, e

Assim, as práticas culturais que vão sendo historicamente desenvolvidas na cidade criam e (re)criam paisagens que só um “olhar” atento é capaz de visualizar, através das mesmas, o trabalho de um povo, que na busca incessante de produzir um ambiente com mais qualidade de vida através do conforto térmico, associa natureza aos aspectos construídos pelo homem. Isso é o que está revelado nas paisagens criadas pela floração do ipê-amarelo, ipê-rosa, ipê-branco, caneleiro, sibipiruna e o flanboyant, para não citar todos que são representativos e mais expressivos na estação do calor ou “estação do calor e das cores em Teresina.”

---

<sup>123</sup> De Carlos Sait Pereira de Andrade. Geografia: Publicações Avulsas, v. 2. nº 1, jan./jun. de 2020. p. 444-461.

Podemos ver mais uma vez a marca do empirismo do pesquisador, sendo fotografias tiradas pelo mesmo exemplos de recortes de “paisagens do conforto” resultado do que entendemos enquanto um tipo de paisagem cultural.

A outra publicação, “Habitar o terroir do vinho: o sentimento da paisagem de Mendoza, Argentina”, foi escolhida pois além de ser um exemplo riqueza na articulação de referências, chama a atenção pela sua construção sobre a relação entre seres e natureza, “tomando como base o conceito de ‘habitar poético’ de Heidegger, a fenomenologia espacial de Dardel e a geografia emocional de Andreotti<sup>124</sup>” (GABARDO, 2021, p. 113). Com isso

Estas reflexões abrem um campo para a geografia das emoções, ao tratar da relação subjetiva e afetiva dos sujeitos com as paisagens que elaboram. As narrativas permitiram também destacar o papel do sabor como uma forma de registro geográfico, o conceito de terroir como profícuo para compreender a experiência fenomenológica do sabor e o vinho como mediador desta relação entre o gosto e a expressão da paisagem (GABARDO, 2021, p. 126).

As dimensões sensíveis da experiência são muito evidentes no texto do pesquisador, sendo quase impossível uma investigação desta feita exclusivamente em gabinete. Vale novamente aqui incluir a dimensão do empírico, dos dados qualitativos e curiosos recursos narrativos, como o emprego das palavras “perfumadas”, “sabor” e “beber” para criar essa esfera simbólica do *terroir*.

A prospecção da produção em Geografia Cultural no Brasil a partir de levantamento bibliográfico tem no periódico “Espaço e Cultura” da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, assim como na coleção de livros com o mesmo nome, a sua principal referência. Além da produção de artigos e ensaios feitos no Brasil, é o grande repositório para acesso aos textos fundamentais traduzidos para o português acerca desta sub-área da ciência geográfica.

Do último arranjo propiciado pela análise em rede, “Território” provocou tendências interessantes pela proximidade com “Tradição”, “Territorialidade”, “Hip Hop” e “Memória”. Em um primeiro momento, podemos estabelecer algumas relações sobre território nos trabalhos publicados, sendo os seguintes tipos: referentes ao tradicionalismo baseados em um regionalismo cultural, territórios e territorialidades em conflito e disputa, e, por fim, relações entre arte e território, onde entra o termo “Hip Hop”.

---

<sup>124</sup> Referência à Giuliana Andreotti e seu livro “Paisagem cultural” (2013).

Quando referentes ao tradicionalismo baseados em um regionalismo cultural, temos numerosas pesquisas sobre identidade gaúcha, sendo aqui selecionados exemplos sobre territorialidades históricas<sup>125</sup> e de expansão<sup>126</sup>, e também da região Centro-oeste<sup>127</sup>, que parece refletir no protagonismo do Instituto de Estudos Socioambientais (IESA) da UFG, visto a numerosa produção deste núcleo no balanço dos mestrados e doutorados.

A territorialidade gaúcha vista pelo aspecto de que chamamos de histórico diz respeito à presença da cultura italiana enquanto rugosidade preservada pelos seus descendentes do estado do Rio Grande do Sul, sendo esta uma singularidade dos territórios originais dos chamados colonos. Para a sua verificação, mais uma vez foi imprescindível o olhar do pesquisador em campo, pois além de coleta de dados de materiais, a apreciação qualitativa da paisagem cultural e do lugar aparecem no discurso.

Os territórios constituídos pelos colonos italianos na Serra Gaúcha e na Quarta Colônia, embora estejam situados em áreas territoriais distintas dentro do estado do Rio Grande do Sul, são repletos de territorialidades semelhantes. Os extensos parreirais cobrindo as áreas rurais, o costume de ter sempre em mãos um copo de vinho durante as refeições, a tradição de ir à missa aos domingos e a crença na benção divina fazem parte da grande marca dos moradores desses dois lugares e a constituem (MANFIO e PIEROZAN, 2019, p. 159).

A preferência do autor no emprego da categoria território se deu pela opção de debater as relações de poder e da apropriação espacial somado às suas dimensões material e imaterial, pois é tecido pela apropriação espacial do espaço geográfico no qual o homem passa a estabelecer relações distintas de poder

mas também envolve questões como sentimento, emoção, linguagem, que são aspectos da imaterialidade. Além disso, o território pode ser sonhado, ideológico, ou imaginado, já que, às vezes, este permanece apenas na lembrança e pensamento do grupo social ou do indivíduo, podendo efetivar ou não a materialidade territorial (MANFIO e PIEROZAN, 2019, p. 146).

---

<sup>125</sup> “Território, cultura e identidade dos colonizadores italianos no Rio Grande do Sul: uma análise da Serra Gaúcha e da Quarta Colônia”, de Vanessa Manfio e Vinício Luís Pierozan. *Geosp - Espaço e Tempo (Online)*, v. 23, n° 1, abr. de 2019. p. 144-162.

<sup>126</sup> “A territorialidade gaúcha no norte do Paraná: apontamentos sobre identidade, migração e cultura nos Centros de Tradições Gaúchas”, de Tatiana Colasante. *Geosaberes*, v. 6, número especial (2), nov. de 2015. p. 312-324.

<sup>127</sup> “Tempos e movimentos: uma breve digressão cultural dos carros de bois no território goiano”, de Romero Ribeiro Barbosa. *Ciência Geográfica - Bauru*, vol. XVIII, n° 1, jan./dez. de 2014. p. 60-72.

Desta citação, a evidência do autor recai na reterritorialização dos colonos italianos no Brasil, tendo em vista que estes imigrantes do final do século XIX e início do XX passaram a reproduzir sua cultura na ideia de se fazer a América. É por essas marcas híbridas do passado, de sincretismo entre Brasil e Itália, que a pesquisa se desdobra verificando as permanências nos dias de hoje. Costumes, dialetos e tipo de produção são os elementos empíricos deste enraizamento cultural-identitário que provocou a valorização da história e da cultura, “potencializando um sentimento de pertença dos sujeitos locais” (MANFIO e PIEROZAN, 2019, p. 146). Mais do que esses aspectos de permanência no espaço, entendemos que o emprego da categoria território se dá por uma certa resistência da tradição frente aos signos da globalização, como podemos ver na seguinte passagem:

Mesmo com os grandes avanços verificados nos últimos anos, principalmente com as novas formas de se comunicar, advindos, em parte, da chegada da internet, o dialeto vênето continua resistindo e marcando o espaço das conversas nos encontros depois das missas, nas idas ao mercado e à agropecuária e entre os próprios viticultores em meio aos parreirais (MANFIO e PIEROZAN, 2019, p. 159).

O que foi chamado de territorialidade de expansão pode ser observado no estudo de caso sobre os Centros de Tradições Gaúchas (CTG), verdadeiros núcleos de divulgação da cultura gaúcha a partir do processo migratório.

Os migrantes gaúchos buscam preservar um pouco da sua tradição através da construção dos CTGs, o que materializa sua territorialidade em várias regiões do país. Por esta razão, é extensa a rede de tradições gaúchas não só pelo Brasil, mas em outros países, refletindo uma cultura extremamente expansionista e coesa (COLASANTE, 2015, p. 323).

Da literatura nacional o emprego sobre território em cultura se de forma recorrente por meio da tríade entre Milton Santos, Marcos Aurelio Saquet, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), e Rogerio Haesbaert da Costa, da Universidade Federal Fluminense (UFF). Sobre o último, lance-se mão de sua ideia de desterritorialização e também da concepção em quatro vertentes de território, em especial à cultural, que aborda a dimensão simbólica e mais subjetiva do território (HAESBAERT, 2011).

(...) a desterritorialização não implica, necessariamente, na perda efetiva do território, mas está inserida em um processo que envolve constantes territorializações. Dessa forma, quando analisamos as trajetórias dos migrantes gaúchos que saíram do Rio Grande do Sul para o Paraná na nossa pesquisa, conseguimos perceber que a desterritorialização vivenciada por eles, é muito mais relativa à uma abordagem culturalista. Assim, em um primeiro momento, o Rio



Grande do Sul é o locus de sua referência identitária, enquanto o Paraná atua como um não-lugar. Entretanto, com o passar dos anos, este migrante muda sua percepção sobre o lugar de destino e, de certa forma cria novos laços afetivos que conferem novos elementos para a sua identidade territorial, possibilitando, inclusive que estes possuam uma afetividade com o Estado que residem atualmente contribuindo para a sua permanência definitiva no Paraná (COLASANTE, 2015, p. 316-317).

A reterritorialização pelo semblante da cultura nestes artigos está na ideia de novas formas de socialização em territórios não originários. Já em territórios originários, a sua marca é a da resistência e busca pela permanência motivada pela disputa territorial.

De um lado, existem marcos legais que reconhecem os direitos dessas populações a seu território e a sua territorialidade, mas, de outro, quando são obrigadas a deixá-lo, elas não só são conduzidas à desarticulação como passam a ser submetidas a condições de vida precárias, sobretudo as populações tradicionais, que dependem dele para viver. (...) A expressão populações tradicionais é equiparável a populações locais ou comunidades locais, e o conhecimento tradicional, com saberes local ou tradicional, designa modos de vida diferentes da sociedade urbano-industrial, mas que mantêm relação de dependência com a cidade (SILVA PIMENTEL e RIBEIRO, 2016, p. 233).

Luta<sup>128</sup>, permanência e resistência<sup>129</sup> são termos comumente utilizados e relacionados a essas pesquisas pela própria situação em que se situam estes estudos de caso, sendo novamente as derivações no emprego de território articuladas, como vemos a seguir:

(...) o quilombo passa a ser entendido como um território, por possuir relações de poder e ser considerado uma prisão construída pelos negros em busca da liberdade diante de um país escravista, ocorrendo também processos de desterritorialização e reterritorialização, já que os quilombolas eram expulsos com frequência de suas comunidades e precisavam se instalar (territorializar) em outros espaços (CAMPOS e GALLINARI, 2017, p. 140).

Questões de gênero são abordadas numa conjunção de pautas reivindicadas que complementam esse movimento de busca por reconhecimento, autonomia e organização do território. A dimensão cultural quando perpassada por esse debate,

---

<sup>128</sup> "A luta das mulheres indígenas pela manutenção do território tradicional Arara", de Deborah Monteiro Santos e Maria das Graças Silva Nascimento Silva. *Ciência Geográfica - Bauru*, vol. XXIV, nº 2, jan./dez. de 2020. p. 489-499.

<sup>129</sup> "Permanência e resistência das comunidades remanescentes de quilombos no Paraná, de Margarida Cassia Campos e Tainara Sussai Gallinari. *Geosaberes*, v. 8, nº 15, mai./ago. de 2017. p. 131-142.

com ênfase ao feminismo, pode ser entendida enquanto ferramenta de equilíbrio social.

(...) para estas mulheres o único meio de acabar com as violências de gênero contra seu povo e seus territórios seria a expulsão dos invasores de seus territórios e o resgate cultural de suas ancestralidades. O segundo ponto elencado por elas é a união entre as mulheres, o que podemos chamar de Sororidade. Com isto podem quebrar o outro ponto que consideram fundamental: a quebra do machismo sistemático dos homens indígenas com relação às mulheres. Para elas, educar os homens sobre os conceitos de equidade de gênero e feminismo são as ferramentas que resolveriam, em grande parte, estas violências (SANTOS e SILVA, 2020, p. 496).

Conforme consta na última frase da citação acima, a educação é um meio recorrente para concretização deste equilíbrio, sendo interessante a constatação de outros artigos sobre território que, a partir dessa linha de investigação das palavras deste específico *cluster*, direcionaram para o ensino de Geografia, em especial as do Parecer 03/2204 do Conselho Nacional de Educação, referente ao marcos legais das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro- Brasileira e Africana<sup>130</sup>, um dos frutos da Lei 10.639, que em 2003 foi uma das políticas mais importantes que buscaram olhar para a demanda curricular de novas abordagens, sendo, neste caso, a garantia de inclusão obrigatória do ensino de História da África e das culturas afrobrasileiras nas escolas de educação básica.

A última análise, ainda pelas tendências a partir do termo “Território”, foi orientada pelo nó “Hip Hop”, que mesmo parecendo ser excepcional dada a sua alta especialidade enquanto fenômeno cultural, já vimos sua recorrência nos trabalhos de mestrado por ser o gênero musical *rap* o com maior número de pesquisas sobre, e, sendo o *hip hop* uma expressão artísticas baseado no *rap*, na dança *break* e nos grafites nos muros, este último também consta na imagem da análise de rede, reforçando a predileção por artigos sobre essa expressão de cultura popular de origem estadunidense.

Dos artigos analisados é bastante evidente a preferência da análise geográfica pela vertente crítica-radical tendo em vista o emprego de referências nacionais e internacionais desta, como Ruy Moreira (UFF), Pierre Bourdieu (1930-

---

<sup>130</sup> Um exemplo é o artigo “Territórios quilombolas e o ensino de Geografia” de João Almeida dos Santos e Candida Soares da Costa. *Ciência Geográfica - Bauru*, vol. XXIV, n° 1, jan./dez. de 2020. p. 305-321.

2002), David Harvey (*City University of New York*), e, em destacada preferência, o professor Milton Santos, que empresta suas palavras a respeito da identificação de processos globais, como globalização, a sociedade de consumo e a sociedade de informação.

A globalização diz respeito a mundialização, interligação e homogeneização na vida econômica, política, social e cultural: “Agora, tudo se mundializa: a produção, o produto, o dinheiro, o crédito, a dívida, o consumo, a política e a cultura. Esse conjunto de mundializações, cada qual sustentado, arrastando, ajudando a impor a outra, merece o nome de globalização<sup>131</sup>” (LAITANO, 2004, p. 34).

Para além do campo material da cultura, a subjetividade é levada em consideração, o que reforça a tendência de diálogo em Geografia Cultural com a perspectiva humanística, como indica Nabozny (2014), e como no artigo de Laitano (2004)<sup>132</sup> agora analisado o conceito de subjetividade é emprestado do filósofo e psicanalista Félix Guattari (1930-1992), ganha mais força o ecletismo entre as geografias crítica e humanística, indicada também por ZANATTA (2017) quando chama um sub-item em seu artigo de “Similaridades e complementaridade entre as abordagens geográficas: Marxista, Humanista e Cultural”<sup>133</sup>. Observe:

O conceito de subjetividade é tomado de Guattari, que coloca que o sistema capitalista produz, como produz os bens da indústria de base, subjetividades. A subjetividade é individual e coletiva ao mesmo, o indivíduo é produzido em massa, em série nas suas ideias, pensamentos, comportamentos, vontades, sentimentos. Desse modo, o sistema capitalista aperfeiçoa o controle social inserindo-se no psiquismo do sujeito, no modo como o sujeito percebe o mundo (LAITANO, 2004, p. 37-38).

Como o sistema capitalista cria subjetividades diferentes a partir das classes sociais diferentes, ideia essa que toma corpo pela crítica ao marxismo que Guattari e Gilles Deleuze (1925-1995) tecem sobre as subjetividades não estarem circunscritas apenas à superestrutura, mas também à infraestrutura, nessa metáfora clássica do edifício para explicar a sociedade; no caso do hip hop, essa subjetividade é construída pelos jovens do bairro periférico através do pertencimento ao Movimento *Hip Hop*

---

<sup>131</sup> A citação da autora em questão é de Milton Santos no livro “A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção” (1999, p. 163).

<sup>132</sup> “Os territórios, os lugares e a subjetividade: construindo a geograficidade pela escrita no movimento hip hop, no bairro Restinga, em Porto Alegre/RS. Espaço e Cultura, n° 17, jan./dez. de 2004. p. 33-40.

<sup>133</sup> ZANATTA, B. A. A abordagem cultural na Geografia. *Revista Temporis(ação)*, v. 9, n. 1, p. 224-235, mar. 2017.

é marcada pela existência de amigos presos, mortos ou drogados, pela existência do tráfico, do revide e pela influência dos traficantes na comunidade. (...) E a figura da Identidade é o que afirma e diferencia o Sujeito na sociedade: ser negro e ser pobre, portanto em um grupo de exclusão. Tais figuras substantivam a subjetividade que se constrói nas redes de significação dos sujeitos, no espaço reticulado” (LAITANO, 2004, p. 38).

As relações entre arte e território que produzem subjetividades permitem criar, produzir e difundir canções onde são possíveis verificar formas de interferências capitalistas de ordem global e as ações de sujeitos do circuito inferior da economia que procuram alternativas frente às imposições desta ordem hegemônica (CAMPOS e MARQUES, 2008). No contexto das periferias brasileiras:

As letras de músicas nos possibilitam realizar uma abordagem da vida através de uma dimensão imaterial. Procurar reconhecer a vida de parcela significativa da população das grandes cidades brasileiras é uma alternativa para alcançar versos e narrativas que revelam as maneiras de viver ou de conviver em uma cidade e possibilidades de reinventar o cotidiano. Estas apropriações por elementos que vivem o cotidiano nestas cidades nos demonstram como sentem as ações globalizadoras que os atingem, como vivem em um ambiente de exclusão e de necessidades e como pensam em modificar esta realidade. A partir de algumas letras de rap é possível identificar situações em que pessoas que se tornem sujeitos se inserem nesta realidade através da criação e de experiências que realizam (CAMPO e MARQUES, 2008, p 250).

Pela apreciação dos artigos com o tema do hip hop foi necessária em razão da aparição do termo na análise em rede, o que podemos entender é que esse movimento cultural é capaz de mobilizar uma grande quantidade de conteúdos em Geografia, como circuitos, fluxos, redes, centro e periferia, paisagem urbana, desigualdade socioespacial, globalização, internet, circuito inferior da economia, etc. E é sobre essa riqueza de temas que observamos aproximações entre os artigos analisados com os outros tipos de produção científica, sendo que o panorama deste material (artigos em revistas) é semelhante com o das dissertações de mestrado por priorizarem estudos de casos e pesquisas empíricas, havendo parecido comportamento até entre os nós e arestas destes dois tipos. Agora, tendo em vista as teses de doutorado, estas puderam indicar a preferência teórica baseada no que chamaremos de ecletismo superficial entre geografias crítica e humanística, sendo essa articulação uma espécie de respaldo teórico comum também nas publicações, podendo ser consideradas a cristalização, o amálgama das tendências entre mestrados e doutorados.

#### 11.4. Grupos e linhas de pesquisa

A prospecção dos grupos de pesquisa foi norteada pelas linhas de pesquisa que apresentavam aproximação com temas da Geografia Cultural e enunciados com estudos culturais em Geografia, tendência de métodos e teorias, assim como professores líderes de grupos que tenham orientado pós-graduandos em pesquisas que foram levantadas na lista de mestrados e doutorados desta tese. A busca se deu no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e priorizou, além da especificidade das linhas de pesquisa supracitada, Ciências Humanas e Geografia enquanto área predominante.

Na tabela “Grupos de pesquisa de Geografia Cultural e estudos sobre espaço e cultura” foram inseridos os links dos espelhos dos grupos de pesquisa gerados pelo CNPq e também algumas páginas *web* em razão desta tabela também contar com laboratórios que continham linhas de pesquisa de seus membros, dado valioso tendo em vista que este foi o requisito chave para a análise deste capítulo. Também, além dos grupos, foram incluídos núcleos e redes de pesquisa justificados pela análise da tese de Nabozny (2014), novamente referenciada por ter tecido análise sobre os discursos, as ações e as representações dos agentes que integram três grupos/redes de pesquisas frontalmente antenados com a Geografia Cultural, sendo esses o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC), o Núcleo de Estudo em Espaço e Representações (NEER) e o Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural (GHUM).

Da década de 1990 a 2020 foram encontrados e analisados 57 (cinquenta e sete) grupos com linhas de pesquisa em Geografia Cultural e demais estudos sobre espaço e cultura. Deste inventário, 8 (oito) não pertenciam diretamente à área predominante em Geografia, sendo essas Antropologia, Filosofia e Geociências com um grupo, Educação com dois grupos e, em destaque, Letras e Linguagens com três grupos. Desta quantificação é interessante a conclusão de Corrêa (2009) sobre os três momentos em que divide a Geografia Cultural no Brasil e fortalece a ideia de que a terceira fase

trata-se de uma popularização do campo de estudo dentro e fora da disciplina da Geografia, consolidando-se em outras áreas de investigação acadêmica das Ciências Humanas, sobretudo, nos

Estudos Literários (ALVES, 2008, 2010, 2011 apud TERRERI, 2015, p. 30).

O histórico dos grupos de pesquisa e da consolidação de redes que produzem e se interessam em conhecimento sobre Geografia Cultural tem seu marco histórico na criação do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC) em outubro de 1993, pertencente ao Departamento de Geografia da UERJ, evento que marca o primeiro momento da trajetória deste subcampo da Geografia no Brasil (CORRÊA, 2009). Esse marcador temporal, junto com a publicação da Revista Espaço e Cultura (a partir de 1995) e o Simpósio Nacional Sobre Espaço e Cultura em 1998 são tidos enquanto elementos de esforço para a inserção da Geografia Brasileira num percurso de valorização da dimensão espacial da cultura (NABOZNY, 2014).

O NEPEC (2022) apresenta enquanto seus objetivos “resgatar uma tradição geográfica que privilegia a cultura, entendido em sua acepção mais ampla” e “desenvolver estudos e pesquisas que coloquem em evidência as relações entre espaço e cultura, isto é, desenvolver atividades objetivando mostrar a dimensão espacial da cultura”, sendo bastante evidente seu interesse as temáticas da retomada da Geografia Cultural caracterizada pela análise em suas dimensões materiais e não materiais. Sobre isso,

Em sua criação três linhas de investigação constituíram os temas centrais das pesquisas que se desenvolveriam. A primeira linha, espaço e religião, já se constituía em tema de interesse de Zeny Rosendahl que nessa época, concluía sua tese de doutoramento sobre o centro de peregrinação de Porto das Caixas, na Baixada Fluminense. A segunda linha referia-se ao tema espaço e cultura popular, enquanto a terceira privilegiaria as relações entre espaço e simbolismo. Permeando estas duas linhas estava o interesse de Roberto Lobato Corrêa na geografia cultural como outro caminho para a compreensão da ação humana (NEPEC, 2022).

Sobre esses três temas centrais de pesquisa do NEPEC, Nabozny (2014, p. 47) aponta para “uma vastidão de temáticas e orientações”, ao que Corrêa e Rosendahl (2017, p.77) traduzem enquanto uma produção caracterizada pela “diversidade teórica, metodológica e temática, que estão necessitando de uma avaliação mais acurada, a qual demanda mais tempo de pesquisa”.

Wolf-Dietrich Sahr (2009) tece críticas à tendência na qual a produção em Geografia Cultural brasileira se aportou pela influência do NEPEC, acusando-a de esquecimentos de outras Geografias Culturais em nome de “reservar-se o direito da solidificação da ciência, neste caso à Geografia Cultural” (SAHR, 2009, p. 270). De

forma bastante incisiva, o pesquisador chama a produção do NEPEC de “Geografia Cultural ‘carioca’” e defende que esta “representa apenas uma Geografia Cultural no Brasil” (SAHR, 2009, p. 270)<sup>134</sup>. A essa pluralidade de vertentes, o pesquisador entende que o NEER seria um exemplo de grupo de pesquisa descolonizador que apresenta abordagens diferentes do grupo do Rio de Janeiro (SAHR, 2009).

O Núcleo de Estudo em Espaço e Representações (NEER) tem a sua fundação em outubro de 2004 quando realizada a sua primeira reunião com a participação especial do Prof. Dr. Paul Claval (Universidade de Paris IV), e do Prof. Dr. João Carlos Nucci (UFPR), convidado do grupo de pesquisa Planejamento da Paisagem. Seu membros originais eram o Prof. Dr. Dario de Araújo Lima (FURG), a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Salete Kozel (UFPR) e o Prof. Dr. Sylvio Fausto Gil Filho (UFPR) (NEER, 2022).

Ainda que a diversidade de formação dos pesquisadores convidados a compor esse grupo possa ampliar por demais as áreas de investigação, o fio condutor que o fundamenta é o da Geografia Social e Cultural e

tem em comum a inserção nas áreas cultural, social e ambiental, com presença também em planejamento e educação. Nessa perspectiva, o NEER se propôs a ampliar e aprofundar a abordagem cultural na Geografia, focando nas questões relacionadas aos estudos sobre o espaço e suas representações, entendendo as representações como uma ampla mediação, que permitem integrar o social e o cultural, além de contemplar a temática do ensino de Geografia, sobretudo no Brasil (KOZEL e GIL FILHO, 2014, p. 13).

Sahr (2009), ao comparar o NEER com o NEPEC observa que as abordagens são diferentes, tendo em vista que no mais recente grupo

Elas se focalizam na percepção, representação, estruturação, ação e territorialização, e se baseiam, assim, numa geografia social com um viés cultural, Predomina conceitualmente o ‘agir’ e a processualidade, deixando o ‘significado’ a um segundo plano (SAHR, 2009, p. 270-271).

Essa comparação nos fornece pistas sobre as preferências nas escolas em Geografia Cultural, pois podemos aferir que o NEPEC tem maior interesse no aporte teórico fornecido pelas escolas da metade do século XX, como a francesa e a inglesa relacionada a Nova Geografia Cultural, e o NEER, pela ênfase no agir, aos debates da pós-modernidade da virada do século atual. Também, podemos aferir que o NEPEC pensou em fazer o lugar central em Geografia e Cultura focando no Rio de

---

<sup>134</sup> Na citação original a palavra “uma” está grifada, o que claramente dá a entender a defesa por parte do autor da ideia de que a Geografia Cultural brasileira é, ou ao menos deveria ser, plural, não monopolizada, mesmo diante da influência do NEPEC.

Janeiro, já o NEER em fazer lugares múltiplos dos seus simpósios como numa difusão para o Brasil inteiro.

O último grupo de pesquisa da tríade dos grupos mais reconhecidos enquanto pertencentes à Geografia Cultural é o Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural (GHUM), que foi fundado em 2008 e tem a sua sede na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (UFF). Inicialmente o grupo se estruturou a partir da linha de pesquisa intitulada "Epistemologia e Metodologia da Geografia Humanista Cultural"<sup>135</sup> para fins de estudo das matrizes filosóficas, teóricas, conceituais e institucionais em diferentes países, onde cada integrante possuía um tema nesta linha, que funcionava como eixo aglutinador dos interesses (GHUM, 2022). Atualmente soma-se a essa linha de pesquisa inicial mais outras duas, sendo essas "Geografia e Arte"<sup>136</sup> e "Lugar, Paisagem e Experiência"<sup>137</sup>.

O Prof. Dr. Werther Holzer (Universidade Federal Fluminense) e a saudosa Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Livia de Oliveira (Universidade Estadual Paulista de Rio Claro) foram os fundadores do GHUM, claramente interessados em pesquisas da escola humanista em Geografia Cultural, e a partir desses três grupos apresentados podemos ver outros núcleos de pesquisas foram criados na primeira década do século XXI, atestando a difusão da Geografia Cultural no Brasil (CORRÊA e ROSENDAHL, 2017). Essa difusão pode ser corroborada pelos atuais 57 (cinquenta e sete) grupos de pesquisa mapeados.

Na década de 1990 foram formados apenas 3 (três) grupos de pesquisa, sendo o crescimento visto exatamente no século XXI, com 14 (catorze) novos na década de

---

<sup>135</sup> São suas áreas de interesse: "Tendências e perspectivas teórico-metodológicas. Trabalhos de sistematização e avaliação de autores, abordagens e metodologias. Conceitos e essências geográficas. Metodologias e desafios do fazer fenomenológico e hermenêutico. Relações entre filosofia e geografia. Ontologia, epistemologia e ética" (GHUM, 2022).

<sup>136</sup> São suas áreas de interesse: "Pensar as relações entre Geografia e Arte para a construção de uma epistemologia e fenomenologia geográficas. Investigar as manifestações artísticas específicas no campo da literatura, artes visuais, música, dança e cinema, valorizando seus aspectos geográficos, culturais e existenciais. Desafios para o estudo geográfico das artes. Relações entre arte e paisagem. Geografia e literatura. Geografias artísticas e geobiografias. Imaginação e imagens geográficas. Estética, poética e política. Geopoética e geograficidade. Arte, corporeidade e lugar" (GHUM, 2022).

<sup>137</sup> São suas áreas de interesse: "Investigar a experiência contemporânea a partir do lugar e da paisagem, em diferentes áreas temáticas. A experiência do lugar e da paisagem é central em nossa relação com o mundo e na própria constituição do ser-no-mundo. Essa linha de pesquisa procura aprofundar a discussão ontológica a partir de estudos que priorizam o lugar, a paisagem e a experiência, avançando assim na compreensão da geograficidade em diferentes campos. Múltiplas experiências de lugar e de paisagem no contemporâneo. Percepção e sentido de lugar. Experiência de paisagem. Urbanidades, ruralidades e suas geograficidades. Existência e experiência geográficas. Políticas de lugar e de paisagem" (GHUM, 2022).



2000, 38 (trinta e oito) na década de 2010 e 2 (dois) até o ano de 2020, teto temporal desta pesquisa. O ano de 2017 foi quando mais foram criados novos grupos, 7 (sete) no total, seguido de 2015 e 2019, com 6 (seis) em cada um destes anos. Em razão do grande volume de material levantado, os nomes de suas linhas de pesquisa foram submetidos à ferramenta de análise em rede. Veja a seguir:

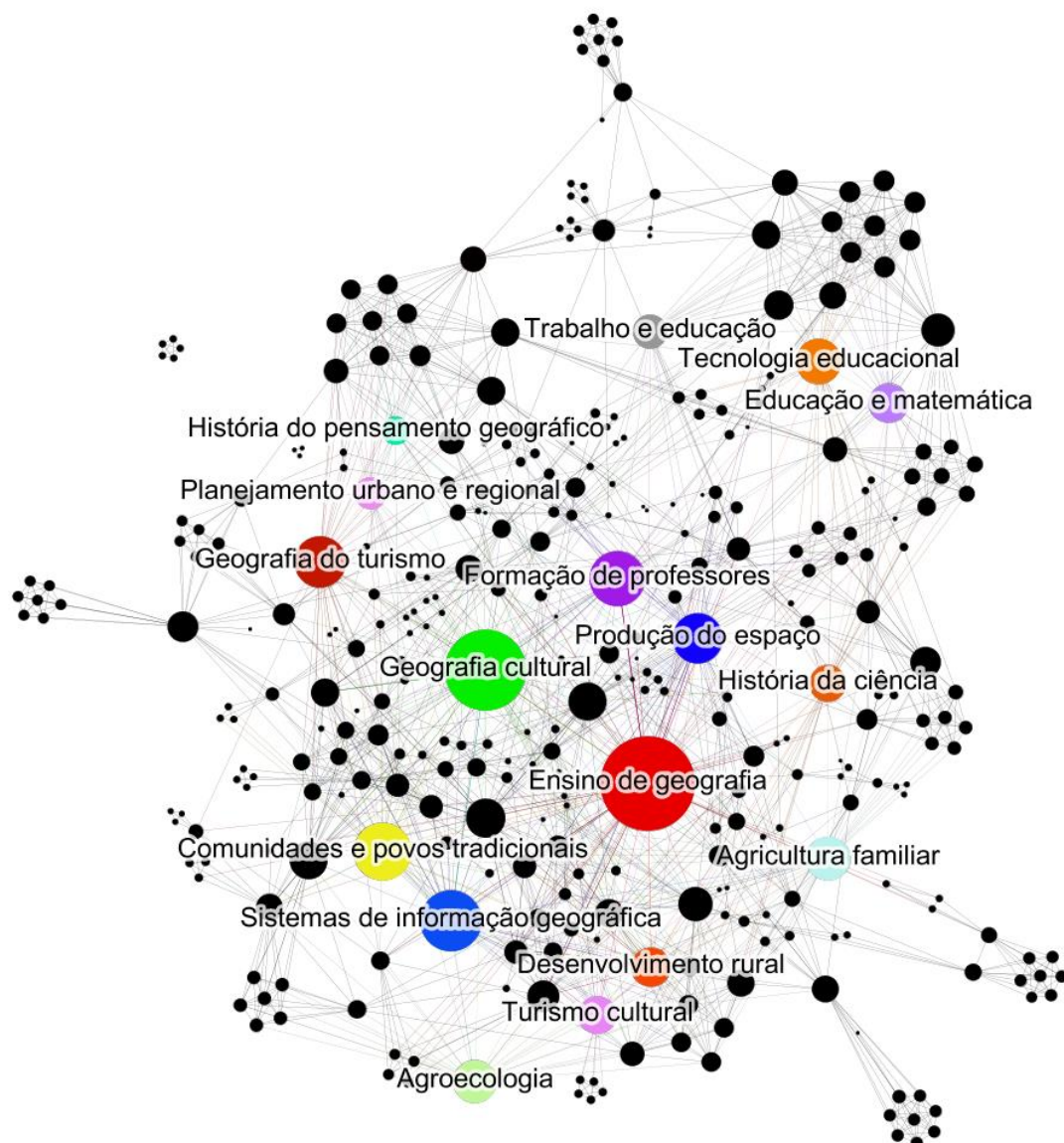


FIGURA 40 - Análise em rede do nome das linhas de pesquisa dos Grupos CNPq em Geografia Cultural.

Elaboração: Vinicius Sodré Maluly

Organiza o: Bruno Picchi

Nesta figura voltamos a aplicar o algoritmo ForceAtlas, dada a quantidade de nós e de arestas, 345 e 1676, respectivamente. Tivemos, curiosamente, a mesma quantidade de nós do que na análise com respeito às teses (figura 34), mas a quantidade de arestas foi muito mais próxima   das disserta es (figura 33). Assim, verificamos uma menor dispersão dos elementos, havendo poucos casos de grupos de nós isolados da rede central. Novamente, a proporcionalidade dos nós e a

identificação dos principais foi empregada e aplica-se a mesma interpretação técnica explicada anteriormente na sessão “Dissertações de Mestrado”

Sobre as linhas de pesquisas proveniente dos grupos interessados em Geografia Cultural no Brasil, a análise em rede nos apresenta o seguinte panorama: os estudos culturais se destacam conjuntamente com a área de ensino de Geografia, sendo que estes principais e os demais temas dialogam e compõem uma rede de interesses em pesquisas interconectada.

Do ponto de vista técnico, a detecção de que os temas dialogam entre si se dá pela grande quantidade de arestas, o que aponta para uma menor dispersão de elementos. Em relação a nós, a notável atomização em Geografia Cultural é óbvia por ter sido o principal indicador para a triagem dos grupos de pesquisa, mas o ensino de Geografia não foi algo tão trivial.

São 10 (dez) grupos de pesquisa que contam com ensino de Geografia em suas linhas de pesquisa (17,54% do total), sendo que a maioria conta com essa linha conjugada com alguma especificidade, como “Abordagens teórico-metodológicas e práticas para o ensino de Geografia Cultural”<sup>138</sup>, “Cultura(s) e ensino de Geografia”<sup>139</sup>, “Ensino de Geografia e educação no campo, quilombola e indígena”<sup>140</sup> e “Ensino de Geografia, relações étnica-raciais, sexualidade e ambiente”<sup>141</sup>. Como é possível ver, há direta relação entre a Geografia Cultural e a intenção didática, verificada também pela proximidade entre os nós na figura.

Arranjos entre nós também podem ser constituídos pela proximidade entre as palavras mais recorrentes das linhas de pesquisa na figura, o que revela um possível diálogo e interesse comum comungados entre os grupos. Em razão do interesse desta pesquisa, priorizamos as arestas que tangenciam e que são mais próximas do termo “Geografia Cultural”, o que exclui o arranjo do canto superior direito da figura, que pela distância revela sua falta de conexão com “Educação matemática”, por exemplo.

---

<sup>138</sup> Grupo de pesquisa Olhares Geográficos - Grupo de Pesquisa em Geografia Cultural e Percepção, vinculado a Universidade Estadual da Paraíba.

<sup>139</sup> Grupo de pesquisa (Geo)grafias, linguagens e percursos educativos, vinculado a Universidade Federal da Grande Dourados.

<sup>140</sup> Grupo de pesquisa Geografia, Ensino e Formação Docente - GEFORD, vinculado a Universidade Estadual Vale do Acaraú.

<sup>141</sup> Grupo GEOCorpo, vinculado a Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orbita a Geografia Cultural “Comunidades e povos tradicionais” que constitui um arranjo com “Sistema de Informações Geográficas”, “Desenvolvimento Rural” e “Turismo cultural”, sendo as abordagens geográficas crítica (marxista) e humanista presentes um elo teórico amalgamado pela Geografia Cultural neste caso. Sobre a curiosa relação entre os sistemas de informação geográficas (SIG) e a abordagem humanista, Nabozny (2014) ao analisar teses autoidentificadas com essa linha teórica, discorre:

No caso humanista, vem acoplado com a problematização e/ou representação de possíveis patrimônios culturais, de tal modo que sinaliza um encontro pretérito entre o humanismo e uma discussão geográfica sustentada por modelos espaciais, os quais são, em determinadas instâncias, tipos idealizados de representação do espaço. Todavia, desse feitio, são delineadas expressões de conteúdos simbólicos, valores, dentre outras formas de atribuir sentidos. Isso se desvencilha de qualquer relação com o neopositivismo (...)” (NABOZNY, 2014, p. 239).

Sobre esse desvencilhamento intencional com o neopositivismo, Nabozny (2014) justifica que as questões referendadas dos SIGs não remetem a quantificações, mas os relacionam com um eixo importante na figuração metodológica para um planejamento de ordenamento do território, podendo ser corroborada essa sua constatação pelos outros temas deste arranjo, como “Desenvolvimento rural” e “Turismo rural”, que caminham na direção de produções vinculadas às questões de temário socioambiental e de sustentabilidade na produção do espaço.

Na trama formada entre Geografias crítica (marxista) e humanista pela perspectiva Cultural, presentes ainda neste arranjo, Zanatta (2017) sobre essa fusão entende que similaridades e complementaridade entre as abordagens geográficas são respostas aos limites das interpretações do mundo centradas nos paradigmas básicos da ciência moderna, sendo que as geógrafas e os geógrafos redimensionar o discurso geográfico por meio da aproximação de linhas de pensamento que até a década de 1980 eram concebidas como opostas. Sobre a aproximação entre as abordagens humanista e culturalista, diz:

A recente atenção dada às experiências em sociedade, à teia de relações que os indivíduos tecem entre si, à forma pela qual instituem suas comunidades, organizando-as e identificando-se com o território no qual vivem, acabou por aproximar os encaminhamentos humanista e cultural da Geografia contemporânea. Não obstante, o primeiro interessa-se especificamente pelo indivíduo, pela sua singularidade, pelo caráter insubstituível da pessoa e de seus laços com os ‘outros’ e o segundo dá especial ênfase aos aspectos coletivos, aos grupos e

à sociedade. Todavia essas perspectivas não se excluem, ao contrário, complementam-se (ZANATTA, 2017, p. 234).

Na cooperação entre os teóricos da Geografia marxista e humanista no contexto da Geografia Cultural, Cosgrove (2013, p. 6) postula:

Uma tradição humanista dentro do materialismo histórico oferece a estrutura dentro da qual mantém e esclarece os interesses tradicionais da geografia cultural e fornece um contraponto à tendência dentro da geografia radical de reduzir sua problemática a uma espécie de determinismo econômico.

Talvez esteja aqui um fundamental pressuposto que a análise dos grupos de pesquisa em Geografia Cultural, por meio da verificação dos nomes de suas linhas de pesquisa, possibilitou, que dentro da multiplicidade de abordagens teóricas verificadas na produção acadêmica brasileira, ao que Corrêa (2009) caracteriza enquanto sub-campo desprovido de uma uniformidade epistemológica, presa a uma ortodoxia, há uma maior tendência e preferência teórica pelas perspectivas crítica e humanista na Geografia Cultural, pois a primeira daria maior inteligibilidade às dimensões materiais e a segunda às imateriais (não-materiais) dos fenômenos relacionados com cultura.

A análise temporal dos grupos de pesquisa pode ser efetivada em vista do processo de formação ao longo dos anos e os locais destas agremiações, tendo sido apresentado anteriormente o ritmo pelas décadas, que apontaram para os anos 2010 enquanto período de maior crescimento no número de grupos de pesquisa. Entendemos que os motivos para essa ascensão neste momento são mais externos ao debate cultural em Geografia do que endógenos, como se a expansão dos grupos fosse fruto direto da difusão promovida pelo maior debate nesta sub-área. Com certeza é tangente esse maior interesse pela Geografia Cultural como decorrência do maior fluxo de produção e oferta de cursos específicos, mas as políticas públicas do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) é um elemento mais concreto para o entendimento desse fenômeno. Implantado no governo Lula a partir de 2007, tendo havido também uma primeira fase de expansão do Ensino Superior Federal, denominada Expansão I, que compreendeu os anos de 2003 a 2007, (BARROS, 2015 apud BIZERRIL, 2018), o REUNI aumentou as vagas e expandiu a rede universitária, principalmente das universidades federais pelo processo de interiorização dos *campi* na perspectiva de atender o interior do país. Ao comparar esse processo com os dados da tabela “Grupos de pesquisa de Geografia

Cultural e estudos sobre espaço e cultura”, o maior número de grupos de pesquisa foram criados exatamente nas universidades e institutos federais. Ainda sobre a década de vertiginoso crescimento em 2010 dos grupos de pesquisa, a política de interiorização pode ser relacionada pelo surgimento desses em estados fora da região concentrada, mas ainda foi em Minas Gerais (8 novos grupos) e Paraná (7 novos grupos) o maior destaque numérico.

A análise sobre a evolução dos grupos de pesquisa pode emprestar das respostas do questionário aplicado nesta tese alguns fragmentos interessantes para reflexão, muito em razão das semelhanças verificadas entre um cenário tímido de pesquisas na área de Geografia Cultural nos idos da década de 1990, meio que instável em uma leitura inicial pelo teor de timidez na consolidação do sub-campo, mas que subverte esse horizonte muito em razão dos acontecimentos das duas últimas década, tendo em vista a ampliação do número de grupos de pesquisa e demais produções acadêmicas, conforme verificado até aqui. A ideia do emprego de fragmentos das respostas é a de reforçar a análise que vêm sido feita, até porque parecem ir nas mesmas direções.

Da primeira pergunta, “A sua experiência de docência/pesquisa se relaciona com o tema ‘espaço e Cultura’ ou propriamente com a Geografia Cultural? Como isso ocorre?”, o teor da palavra mais atomizada da figura de análise em rede “Ensino de Geografia” aparece em uma respostas. Veja:

*“Faço parte de um grupo de pesquisa que possui uma das linhas de pesquisa chamada formação de professores/as e cultura.”*

A constatação do crescimento exponencial dos específicos grupos de pesquisa só na década de 2010 também é citado, conforme pode ser observado:

*“Montamos o Laboratório Interdisciplinar sobre Patrimônio, Memória e Território (LAPAT) em 2012; orientandos meus, da professora Lívia de Oliveira e de outros colegas participavam dos debates e leituras do periódico Espaço & Cultura - NEPEC/UERJ; formamos um pequeno grupo de leitura sobre Dennis Cosgrove em 2014/2015.”*

Da pergunta “Como você avalia a seguinte afirmação: a abordagem cultural contribuiu e contribui para a renovação do pensamento geográfico brasileiro.”, o entrevistado aponta para a necessidade de mapeamento dos trabalhos e grupos de pesquisa no seguinte intervalo de tempo:

*“Creio que a Geografia Cultural e/ou Geografia Humanista tem estimulado um*

*giro de pensamento e de práticas disciplinares, o que é evidenciado fora do Sudeste. Creio, fortemente, que é urgente um mapeamento dos trabalhos desenvolvidos por geógrafos do Norte, do Nordeste, do Centro-Oeste nos últimos 10 ou 15 anos, dos respectivos grupos de pesquisas em consolidação ou consolidados.*

O que foi feito e apresentado neste capítulo numericamente parece guarnecer a esse pedido, e os resultados podem ser relacionados com a terceira pergunta, sobre a conexão entre a Geografia Cultural e a renovação do pensamento geográfico brasileiro, pois as respostas afirmativas remeteram bastante à essa consolidação dos estudos culturais tendo em vista o surgimento de novos grupos de pesquisa. Observe:

*“Concordo plenamente. A Geografia cultura foi e continua sendo um respiro de criatividade e inventividade no cenário da Geografia brasileira. Eventos, mesas, grupos de pesquisa são cada vez mais ampliados*

Outra possibilidade de análise temporal dos grupos de pesquisa pode ser tecida empregando os próprios enunciados das linhas de investigação para o entendimento de suas variâncias, mudanças e permanências. Das variações de pesquisas no que diz respeito aos temas, linhas e interesses, não é verificada uma relevante mudanças, como em uma ruptura de um paradigma que tenha se estabelecido, sendo este fato verificado na pequena atomização das palavras e grande quantidade de arestas, o que mostra um interesse comum dos grupos de pesquisa, algo pouco ensimesmado.

Como resta uma análise mais fina em razão da consolidada horizontalidade de interesse nas linhas de pesquisa, ponto comum é a predileção pelo empirismo, sendo exemplos enunciados como “Turismo Religioso, Festa e Lugar”<sup>142</sup>, “Cartografias Sensíveis: a Arquitetura, a Cidade e a Prática Fenomenológica”<sup>143</sup>, “Autonomias, Resistências e Emancipações de Povos e Comunidades Tradicionais”<sup>144</sup> e “Tecnologias Sociais para a Convivência com o Semiárido”<sup>145</sup>. Em menor quantidade estão as linhas de pesquisa sobre teoria e método, com pesquisas como “História e

---

<sup>142</sup> Do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura - NEPEC, vinculado a Universidade Estadual do Estado do Rio de Janeiro.

<sup>143</sup> Grupo de pesquisa Geografia Humanista Cultural - GHUM, vinculado a Universidade Federal Fluminense.

<sup>144</sup> Grupo de Pesquisa Sobre Geografia, Territórios e Sociedades, vinculado ao Instituto Federal do Maranhão.

<sup>145</sup> Grupo de Pesquisa Geografia, Educação, Cultura e Áreas Protegidas - GECAP, vinculado a Universidade Federal do Vale do São Francisco.

Epistemologia da Geografia Moderna”<sup>146</sup>, “Epistemologia da Fenomenologia”<sup>147</sup> e “Circulação das Ideias e História dos Saberes Geográficos”<sup>148</sup>.

Das permanências e mudanças, a quantidade de linhas de pesquisa pouco variaram ao longo dos anos quando analisadas agremiação por agremiação, permanecendo com uma média de 5 (cinco) por grupo. Quanto às mudanças, estas foram observadas na especificação crescente do objeto de estudo, que se traduz em mais especificação dos métodos e objetos de estudo. Nessa análise comparativa, breves enunciados (mas de grande abrangência investigativa) compõem, por exemplo, as linhas de pesquisa do prisioneiro NEPEC, como “Espaço e Cultura”, “Lugar e Religiosidade” e “Ontologia e Epistemologia” na década de 1990. Dessa essa verticalização epistêmica dos anos seguintes, temos exemplos como “Memória e Justiça no Meio Rural Paraibano”<sup>149</sup> na década de 2000, “Identidades e Socioespacialidades no Sertão Alagoano”<sup>150</sup> na década de 2010 e “Território e Interseccionalidades: Raça, Gênero, Sexualidade e Questões Sociais no Processo de Construção Espacial”<sup>151</sup>.

Para o fechamento deste capítulo, vale destacar o seguinte pensamento da referenciada professora Salete Kozel sobre o papel fundamental dos grupos de pesquisa para o desenvolvimento da Geografia Cultural no Brasil:

Embora a maioria dos geógrafos brasileiros tenham sua formação na USP ou UFRJ, oriundos da tradicional geografia francesa, ao formar seus núcleos de pesquisa nos programas de pós-graduação, passaram a desenvolver pesquisas em áreas que tangenciam o humanismo, cultura e representação, não encontrando parceiros para dialogar em suas pesquisas. Assim, foi pensado em estabelecer uma rede de pesquisadores<sup>152</sup> que integrasse programas e grupos de pesquisas com vistas à interlocução e parcerias, estimulando as práticas em educação, extensão e gestão sobre a abordagem cultural e a geografia, estimulando o uso e o debate sobre metodologias que tratem as questões pertinentes às diversidades culturais na atualidade regional, rural, urbana e dos territórios tradicionais.

<sup>146</sup> Grupo de pesquisa Grupo de Estudos em História e Epistemologia da Geografia, vinculado a Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

<sup>147</sup> Grupo de pesquisa Geografia Humanista, Arte e Psicologia Fenomenológica, vinculado a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

<sup>148</sup> Grupo de Pesquisa em História do Pensamento Geográfico e Epistemologia da Geografia - HPGEO, vinculado a Universidade Federal do Mato Grosso.

<sup>149</sup> Grupo de pesquisa Gestar: Território, Trabalho e Cidadania, vinculado a Universidade Federal da Paraíba.

<sup>150</sup> Grupo de pesquisa Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise Regional - GEPAR, vinculado a Universidade Federal de Alagoas.

<sup>151</sup> Grupo de Pesquisa em Geografia Humana Aplicada, vinculado a Universidade Federal de São João Del-Rei.

<sup>152</sup> Sua referência aqui é específica ao NEER.



Dos tradicionais centros irradiadores de formação geográfica no Brasil, a formação também tradicional, clássica que funda aqui essa ciência parece também ser uma dificuldade para a abertura e absorção de outras perspectivas, seja em suas pesquisas, na sala de aula ou demais ambientes e níveis deste universo acadêmico. Sendo assim, a formação desses grupos de pesquisa parece ter sido fundamental para a promoção de espaços de debates não necessariamente ortodoxos do ponto de vista teórico tradicional, onde suas existências podem ser metaforizadas enquanto verdadeiras “reservas ecológicas” que coabitam plurais pensamentos, tanto crítico quanto humanista, marxista e renovado, sendo em sua prática e essência, cultural.

## 12. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da trajetória da Geografia Cultural no Brasil realizada nesta pesquisa se debruçou sobre o seu percurso ao longo de trinta anos marcado por momentos distintos, que vão desde a sua gênese e fixação inicial em um centro de pesquisa na cidade do Rio de Janeiro, passam (e ainda passa, de certa maneira) pela difícil e complexa aceitação no meio acadêmico, e, no contexto mais recente, pulsa enquanto uma das sub-áreas da Geografia com maior interesse pelos graduandos e geógrafos professores e pesquisadores.

Neste cenário de terreno irregular, ora mais acidentado, ora menos, percebemos que a sua difusão nas universidades e centros de pesquisa brasileiros vem sendo marcada pela ascensão, principalmente pelo que foi indicado no montante da produção científica, principalmente de artigos publicados, seguido de dissertações de mestrado, e, por fim, teses de doutorado. Sabemos que esse é um comum balanço quantitativo, mas, na prospecção desses materiais, quando comparados com outras áreas de forma bastante empírica, somada ao ritmo da produção entre a década de 1990 e as duas últimas, as de 2000 e 2010, nos mostra um quadro bastante relevante de produção acadêmica. Neste ínterim vale citar a máxima de Don Mitchell, que “todos querem ser geógrafos culturais agora” (MATHEWSON e SEEMANN, 2008 apud ALMEIDA, 2013, p. 35).

Ao levar em consideração sua trajetória marcada pela real difusão da Geografia Cultural no cenário acadêmico brasileiro, entendemos ser esta uma importante evidência que fundamenta a hipótese desta tese, acerca do entendimento sobre a sua inserção no processo de transformação dos conceitos e métodos da Geografia brasileira para além dos limites de seu sub-campo. Mas, por saber que os enunciados da Cultura dentro da Geografia são plurais e não seguem uma tradição e nem uma espécie de evolução no pensamento, entendemos que foi necessário desenvolver a parte que deu início a este trabalho, relativa às perspectivas geográficas em Cultura a partir da história do pensamento geográfico cultural. Com isso, a verificação de tendências aqui instituídas serviu enquanto aporte teórico para pontuar o ecletismo que marca uma das características da Geografia Cultural no Brasil.

A exposição da diversidade do pensamento cultural na Geografia foi desenvolvida por meio do resgate teórico de escolas tradicionais e exposição dos

fundamentos e objetos de análise das mais recentes enquanto exercício necessário para esse enquadramento de forma mais precisa. Desse momento, passamos pela dimensão ontológica dos estudos culturais ratzelianos, a Escola de Berkeley e o superorgânico na Geografia, a excepcionalidade da cultura na Geografia Francesa, a perspectiva humanística e seu impacto sobre os estudos geográficos pelo atrelamento com a psicologia comportamental e com a filosofia, a influência dos *Cultural Studies* no desenvolvimento da Nova Geografia Cultural e o debate na Pós-Modernidade tendo em vista a corporeidade e os estudos não-representacionais do espaço.

Antes de aportar para as possíveis filiações, ou ainda as tendências teórico-metodológicas que se deram no Brasil, foi necessário resgatar as origens desse movimento cultural para entender o momento em que se deu, algo importante para demarcar o recorte histórico. Desta forma, garantimos que a abordagem contextual enquanto base metodológica desta pesquisa guiasse os ritmos temporais que marcaram a sua consolidação a partir da verificação de um lastro histórico, algo que recai na cidade do Rio de Janeiro, década de 1990, na figura da Professora Doutora Zeny Rosendahl. Dado à riqueza de detalhes extraídos em depoimentos da mesma, verificamos que a influência direta da Geografia da Religião na gênese da Geografia Cultural é um elemento marcante na produção acadêmica brasileira, sendo outra evidência que corrobora a ideia de transformação para além dos limites de seu sub-campo, pois esse conteúdo da religiosidade e sua relação com a dimensão espacial acabam por ser inseridos em outros cursos com outras propostas, como, por exemplo, patrimônio cultural em Geografia Urbana e Geografia do Turismo. Poderíamos igualmente ressaltar o papel cumprido por Livia de Oliveira nas traduções e adaptações dos conteúdos da Geografia Humanística, que garantiram prolongamento aos debates da cultura no Brasil. Ambas as personagens tiveram impacto na Geografia brasileira como um todo.

Ainda sobre esse processo de gênese, recorreremos ao emprego de metáforas da Geografia Física, especificamente da sismologia, para ilustrar o “abalo” dessa abordagem nos estudos em Geografia Humana no Brasil. Sendo assim, o hipocentro parece ter se localizado na cidade do Rio de Janeiro, pois ali estava o foco de onde ocorreu a liberação de energia, o Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) pelo fato de ter sediado a partir do ano de 1993 o Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Espaço e Cultura (NEPEC), criado pela

professora Zeny Rosendahl. Pela capacidade de reunião, sistematização e debates, o NEPEC estabelece uma contribuição para além dos temas e métodos que eram defendidos por seus autores. Já para a localização do epicentro, que é ponto da superfície em que o tremor é sentido, neste caso seriam epicentros, dado a espacialização difusa dos grupos de estudos e universidades com seus laboratórios e centros de pesquisas. Agora, mais do que a busca pelas localizações, precisamos compreender a profundidade focal, sendo a distância entre o hipocentro e o epicentro, que aqui se deu por meio da análise de diversos materiais acadêmicos que propiciaram um quadro da conjectura teórico-metodologia possível de traduzir o trajeto da Geografia Cultural no Brasil.

A busca por sua espacialização serviu para verificar o movimento de ampliação dos horizontes, sendo possível constatar uma quase absoluta oferta de disciplina sobre Geografia Cultural ou tangentes ao tema de espaço e cultura no território nacional. Apesar dos números absolutos apresentarem um cenário motivador, as ementas tratam de maneira periférica seus conteúdos, dando preferência ao estudo dos fenômenos culturais, deixando de lado as suas relações com o espaço geográfico, assim como a abordagem do aspecto da cultura em si. Geralmente atrelados a outros objetos de análise, a própria roupagem instada nos nomes das disciplinas nos mostram um teor introdutório e secundário dos estudos culturais na Geografia.

No âmbito da pós-graduação, ainda percebemos permanências de uma institucionalização seletiva causada pelo contexto tardio da Geografia Cultural no Brasil (CORRÊA e ROSENDAHL, 2008) somada a formulação de um modelo nomotético para a Geografia (ALMEIDA, 2009, 2013), dada a evidência de uma menor abrangência dos programas pelo fato minimizada oferta de disciplinas sobre essa abordagem. Assim como na graduação, as ementas apresentam pouca referência direta ao termo Geografia Cultural, como em seus objetos do conhecimento e o uso de referências bibliográficas específicas. Apesar deste cenário centrado mais no contexto de cumprimentos de créditos da sala de aula, é na pós-graduação que vemos o crescente interesse ocorrido no meio acadêmico pela Geografia Cultural no Brasil.

A constatação de mais de quatro centenas de dissertações de mestrados, quase duas centenas de teses de doutorados e mais 75 revistas científicas que comportam publicações que dialogam com as abordagens culturais em Geografia é

uma dado que consolida essa ascensão tida na pós-graduação em Geografia no período de pouco menos de três décadas. Como a busca por essas produções se deu apenas por meio *online*, é provável que o montante final seja ainda maior, tendo em vista que o processo de digitalização começa a se dar só na metade da década de 2000.

Neste contexto da produção acadêmica podemos verificar forte paralelismo entre as dissertações de mestrado no que diz respeito ao teor de ciência produzida. Essas pesquisas priorizam estudos de caso, são em sua maioria trabalhos empíricos e os temas dialogam entre si, ou seja, há uma predileção por temas comuns. Sobre esses temas, também apontado por Nabozny (2014), os vínculos maiores são acerca da acepção de cultura enquanto fenômeno local, identidades, hábitos e costumes, com ênfase aos temas relacionados aos modos de vida e uso dos recursos naturais por um dados grupo social, geralmente atrelado a grupos sociais tradicionais, assim como a difusão das manifestações culturais e a produção do espaço a partir de rugosidades impressas na paisagem, especificidades do lugar e singularidades do território. Neste *hall* de predileções, a religiosidade e suas dimensões (sagrado, profano, festas, templos) pode ser tida enquanto dimensão sincrônica dessas esferas de produção acadêmica.

Do campo teórico-metodológico observado pela análise conjunta de mestrados e artigos científicos, mais uma vez foi constatada coincidências entre os esses dois tipos de materiais, sendo possível melhor identificar afiliações ou tendências deste quesito por meio das dissertações. Podemos traduzir que o aporte teórico se aproxima ao que Corrêa (2009) entende enquanto heterotopia epistemológica, pois a falta de uniformidade epistemológica se deu pela notável variância na adoção dos conceitos oriundos das perspectivas em Geografia Cultural desenvolvidas desde, principalmente, Berkeley na primeira metade do século XX. Essa justaposição de matrizes distintas também é entendida por Duncan (2000) enquanto marca de uma heterotopia epistemológica, podendo ser vista enquanto estratégia para pode estudar múltiplos e diversificados fenômenos que orbitam o que entendemos por cultura, ou até pelo seu emprego banal causado pelo desconhecimento das formas e dos sentidos discutidos para os estudos da cultura em um contexto geográfico.

As teses de doutorados serviram enquanto ferramenta para a melhor visualização dos aportes teóricos empregados na Geografia Cultural no Brasil dada sua pouca variação dos objetos de análise. Em decorrência do grau de profundidade

de pesquisas neste nível, o foco nas referências e perspectiva teórica possibilitou uma ampliação da análise nesta direção, sendo notável a influência da abordagem humanística para destacar a importância da percepção e da subjetividade, e também o emprego da abordagem crítica para as representações sociais e materiais na esfera do coletivo. Sobre isso (ZANATTA, 2017) infere que as possibilidades da abordagem cultural contemporânea são múltiplas, sendo que a convergência entre as Geografias humanista, alicerçada na fenomenologia, e a radical, no materialismo histórico-dialético, é possibilitada pela complementaridade na interpretação das dimensões imaterial e material da cultura no espaço. Sobre isso, entendemos que há um emprego eclético superficial entre as duas escolas nos estudos culturais em nome de um suposto compartilhamento de pressuposições ao significado da cultura. Cosgrove (2013) em seu texto “Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria”, entende que a Geografia Cultural enquanto prática revolucionária pode revelar a contribuição simbólica da ação humana na produção e manutenção das paisagens e também examinar criticamente suas formas emergentes e de organização social, como em uma reação à alienação capitalista contemporânea, mas o pouco aprofundamento e emprego observado dessas bases da *New Cultural Geography* na produção brasileira nos revelam certa insuficiência nessa articulação de forma mais robusta.

A metáfora da profundidade focal para se referir aos trajetos por onde percorreu a Geografia Cultural no Brasil nestes trinta anos possibilitou a percepção dessas finas nuances de sua produção acadêmica através da análise sistematizada que foi realizada nesta pesquisa. Desta forma, no reconhecimento de suas bases e possibilidades, sua institucionalização a partir da dimensão teórico-metodológica apresenta o seguinte panorama representado no esquema a seguir:

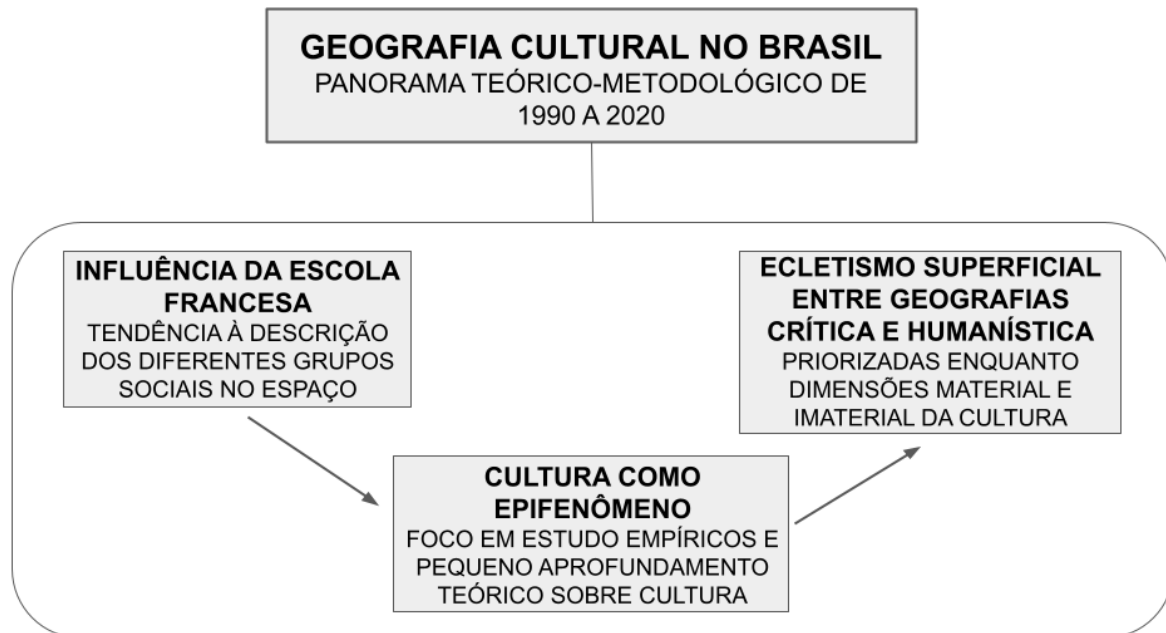


FIGURA 41 - Esquema do panorama teórico-metodológico de 1990 a 2020 da Geografia Cultural no Brasil.

Organização: Bruno Picchi.

O panorama, pensando enquanto um trajeto, aponta para a influência do pensamento francês que marca o início da Geografia acadêmica no Brasil em decorrência das missões deste país para criação do curso na Universidade de São Paulo, sendo as suas marcas impressas na formação de docentes egressos de seu programa de pós-graduação. Desta tradição francesa, cultura foi sempre tratada como um epifenômeno, menor no plano teórico em relação à outras esferas, como a política e a econômica, o que dificultou também o desenvolvimento de abordagens geográficas para estudos culturais pela falta de diálogo e de interesse com aquelas desenvolvidas no exterior, ainda que seja possível reafirmar o sentido derivativo da cultura. Como consequência, o desconhecimento das formas e dos sentidos discutidos para os estudos da cultura em um contexto geográfico pode enfraquecer as possibilidades de troca, sendo seu prognóstico a articulação conduzida de forma superficial entre as perspectivas crítica e humanística. Sobre essa apropriação eclética, a dimensão simbólica da cultura oriunda das bases fenomenológicas que exprimem a subjetividade do indivíduo parece necessariamente ter que estar atrelada à alguma dimensão da materialidade por meio da crítica ao paradigma, do desenvolvimento socioeconômico desigual ou de resistência às tensões que marcam,

por exemplo, o avanço do meio técnico-científico-informacional moderno, para fazer referência a um termo desta vertente teórica. Por herdar certas tradições, pressupomos que para a consolidação da nossa Geografia Cultural mantemos determinados padrões para poder ser legitimada.

Neste ambiente de maior diálogo que os estudos culturais puderam proporcionar por englobar um amplo espectro de elementos e de ideias geográficas, Almeida (2009) reforça a tese de um rico mosaico com pouca coerência metodológica, algo também verificado em âmbito internacional. No contexto brasileiro, identificamos nos grupos de estudos o ecletismo por meio da identificação dos tipos de linhas de pesquisa, que também reforçam a tendência de predileção por pesquisas empíricas. Também, entendemos que a formação desses grupos de pesquisa foi fundamental para a difusão da Geografia Cultural no Brasil, pois dada a dificuldade de aceitação nos tradicionais centros de formação de geógrafos, o movimento para outros locais foi necessário para a existência de espaços abertos para novas abordagens. Com isso, os epicentros culturais em Geografia encontram-se difusos, sendo possível citar a região Sul do Brasil, pelas pesquisas no estado do Paraná desenvolvidas na UEPG e na UFPR, o Centro-oeste com a UFG, e o Sudeste, tradicional em razão da existência do NEPEC. Ainda no contexto dessa expansão difusa, o NEER, por sua natureza descentralizada na realização de seus colóquios e por ser um núcleo que aporta grupos de pesquisa de diferentes localidades, pode ser entendido enquanto mais um elemento nesse movimento de propagação da Geografia Cultural no Brasil.

O segundo capítulo desta tese, específico para a análise da difusão da Geografia Cultural no Brasil, recebeu o título de “A institucionalização seletiva e involuntária: o estado da arte da Geografia Cultural no Brasil, 1990-2000” e os adjetivos empregados merecem ser justificados. No que se refere à sua institucionalização de forma seletiva, entendemos que não foram todas as universidades e centros de pesquisas que a Geografia Cultural pôde permear, e mesmo que tenha vindo a ser desenvolvida nas salas de aula ou enquanto linhas de pesquisa, isso se dá de forma tímida ou em um contexto muito recente. Quanto aos motivos para essa constatação, apontamos para o quadro da influência histórica ligada à tradição na formação acadêmica dos docentes, indicada principalmente na primeira tríade da figura 41. Quanto à sua forma involuntária, ao constatarmos o aumento da produção científica específica, inferimos que essa capacidade de capilaridade da Geografia Cultural foi um movimento de grande relevância, mesmo tendo sido



preterida, mas não de forma arranjada, planejada. Novamente, graças aos grupos de pesquisa, sua difusão no Brasil é um fato e esse trajeto possibilitou também novas formas de se pensar o fazer geográfico para além do seu sub-campo.

Ainda no contexto brasileiro, o estudo da diversidade nas definições conceituais, na metodologia, nos objetos e nas abordagens encontradas quando investigamos o estudo da cultura na Geografia, principalmente no que tange a Geografia Cultural Tradicional, a Geografia Humanista, a Nova Geografia Cultural e as Geografias Pós-Modernas, para Valverde (2019), têm sido frequentemente confundidos, quando na verdade respondem a diferentes questões - por isso, sugere que cada uma dessas linhas comporta distintas contribuições à Geografia. Essa visão, que prioriza a cultura nos estudos geográficos de forma sistematizada, pode ser entendida enquanto o oposto do que aqui foi feito, de teor excepcional. Com isso, vemos um rompimento com a tradição francesa, defendida por Claval (2007) e baseada na ideia de uma única linha evolutiva da cultura. O caráter de excepcionalidade do emprego da cultura nos estudos geográficos traduz também em seu processo de institucionalização conteúdos de modo fragmentado e, por vezes, incompleto. Com isso, para a verificação do estado da arte em Geografia Cultural, no que diz respeito a teoria e metodologia para a compreensão da cultura em perspectivas espaciais, é melhor contornada, por hora, pela ideia de heterotopia epistemológica.

Finalmente, destacamos que o emprego em letras maiúsculas para referenciar a Geografia Cultural, com exceção de quando tratou-se de citações onde o autor ou a autora escreveram com minúsculas, se deu de forma intencional, como uma maneira de demarcar e reforçar a sua existência enquanto uma sub-área da ciência geográfica dotada de expressiva produção científica e marcos teóricos próprios. Em um sentido de ter que reafirmar o óbvio, a Geografia Cultural goza de *status* assim como outros ramos de pesquisa da Geografia, e, pelo que percebemos, por sua tendência no processo de difusão, tende a ampliar suas arestas para novos e já existentes centros de pesquisas, assim como para as salas de aula. Sua difusão marcou o cenário acadêmico brasileiro ao constatarmos uma crescente predileção nos estudos sobre espaço e cultural, tendo sido realizados tanto dentro da literatura em Geografia Cultural quanto fora, inclusive extra-geográficos, algo que entendemos como importante evidência para a fundamentação da hipótese de transformação dos conceitos e métodos da Geografia brasileira para além dos limites de seu sub-campo.

Quanto às tendências e perspectivas da Geografia Cultural brasileira, como esta já goza de expressiva quantidade de produção científica e relevante abrangência nacional tendo em vista a sua oferta na graduação e pós-graduação, suas diferentes inserções na temática espacial respaldadas em um apurado exercício teórico-metodológico a partir das plurais perspectivas geográficas, podem consolidá-la enquanto uma das mais expoentes e vigorosas abordagens desta ciência para a investigação do mundo contemporâneo.

## 13. REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALMEIDA, M. G. de. Aportes teóricos e os processos epistemológicos da geografia cultural. *Geonordeste*, São Cristóvão, ano XIX, n. 1, 2008. p. 33-54.

\_\_\_\_\_. M. G. de. Fundamentações teóricas e perspectivas na Geografia Cultural. *Geografia e Pesquisa*, Ourinhos, v. 7, n. 2, p. 28-43, 2013. Disponível em <<http://vampira.ourinhos.unesp.br/openjournalssystem/index.php/geografiaepesquisa/issue/view/19/showToc>>. Acesso em 29 dez. 2022.

\_\_\_\_\_. Geografia cultural: contemporaneidade e um flashback na sua ascensão no Brasil. In: MENDONÇA, Francisco de Assis; LÖWEN-SAHR, Cicilian Luiza; SILVA, Márcia da (org). *Espaço e tempo: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico*. Curitiba/Antonina: ADEMADAN, 2009. p.243-260.

\_\_\_\_\_. Território quilombola, etnodesenvolvimento e turismo no nordeste de Goiás. *Ra'ega*, Curitiba, v. 40, p. 130-144, ago. 2017. Disponível em <<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/46121/32970>>. Acesso em 19 dez. 2020.

ANDERSON, B; HARRISON, P. *Taking-place: non-representational theories and geography*. Surrey: Ashgate Publishing, 2010.

ANDRADE, C. S. P. de. O calor descortinando paisagens: um “olhar” sobre a cidade de Teresina-PI. *Geografia: Publicações Avulsas*, Teresina, v. 2, n. 1, p. 444-461, jan./jul. 2020.

ANTIPODE. *A radical journal of geography*. [online] Disponível em: <<https://antipodeonline.org/about-the-journal-and-foundation/a-radical-journal-of-geography>> Acesso em: 6 mai 2020.

BARROS, N. C. C. de. Especiação na antropogeografia de Frederico Ratzel. *Revista de Geografia*, Recife: UFPE – DCG/NAPA, v. 24, no 1, jan/abr. 2007.

BATISTA, M. R. de S. *O patrimônio cultural através da fotografia e a fotografia como patrimônio cultural: interfaces entre fotografia e patrimônio*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2017.

BELLENZIER, A. P. *O pombo urbano: paisagens do outro*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

BERDOULAY, V. *A escola francesa de geografia: uma abordagem contextual*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

\_\_\_\_\_. A abordagem contextual. *Espaço e Cultura*, [S.l.], n. 16, out. 2013. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7763/5611>>. Acesso em: 22 jun. 2020. p. 47-56.

BERTONI, E. Pioneira na geografia da religião. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 2 dez. 2010. Cotidiano. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0212201020.htm>>. Acesso em: 13 out. 2022.

BIZERRIL, Marcelo Ximenes A. A expansão das universidades federais brasileiras e sua potencial contribuição ao desenvolvimento do país. In: *CONFERÊNCIA FORGES*, 8., 2018, Lisboa. Disponível em: <<https://www.aforges.org/wp-content/uploads/2019/06/19-A-EXPANS%C3%83O-DAS-UNIVERSIDADES-FEDERAIS-BRASILEIRAS-E-SUA-POTENCIAL-CONTRIBUI%C3%87%C3%83O-AO-DESENVOLVIMENTO-DO-PA%C3%8DS.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2022.

BOAS, F. *Anthropology and modern life*. Nova Iorque: The Norton Library, 1962.

\_\_\_\_\_. *General Anthropology*. São Francisco: D. C. Heath and Company, 1938.

BOBSIN, A. da S. *Galpões do Vale do Rio Três Forquilhas (RS): hibridismo e paisagem cultural*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

BOMFIM, P. R. de A. Bomfim. Pierre Gourou, civilização e trópicos. *Terra Brasilis* (Nova Série) [Online], 9 | 2017, URL: <<http://journals.openedition.org/terrabrasilis/2256>>, posto online no dia 29 dezembro 2017, consultado em 02 abril 2020.

BONFIM, W. M. F. *Os filigraneiros de Natividade, Tocantins: patrimônio imaterial, identidade e turismo*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2019.

BRUNHES, J. *Human geography*. Londres: George G. Harrap & Co., 1920.

CALVENTE, M. del C. M. H. Questões sobre identidade territorial caiçara e turismo de base local. *Revista da ANPEGE*, [S.l.], v. 11, n. 16, p. 151-172, 2017. Disponível em <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6429>>. Acesso em: 21 dez. 2022.

CAMPOS, M. C; GALLINARI, T. S. Permanência e resistência das comunidades remanescentes de quilombos no Paraná. *Geosaberes*, Fortaleza, v. 8, n. 15, p. 131-142, mai./ago. 2017. Disponível em <<http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/576/568>>. Acesso em: 19 dez. 2022.

CAMPOS, R. R. de. A escola alemã de geografia. *Geografia*, Rio Claro, Vol. 26 (2): 9-67, agosto 2001.

CAMPOS, R. R. de; MARQUES, E. R. C. O rap como uma possibilidade para o ensino de geografia. *Geografia*, Rio Claro, v. 33, n. 2, p. 235-252, mai./ago. 2008. Disponível em <<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/3043/3901>>. Acesso em 22 dez. 2022.

CANCLINI, N. G. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2003.

CAPEL, H. *Geografia contemporânea: ciência e filosofia*. Maringá: Eduem, 2010.

CARDOSO, E. S. Paisagens e lugares ribeirinhos - conflitos e identidade no baixo curso do Rio de Ondas, Barreiras, Bahia. *OLAM - Ciência & Tecnologia*, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 59-79, jun./dez. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/Aluino/Downloads/8044-Texto%20do%20artigo-43376-1-10-20140127.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2022.

CARVALHO, M. B. de. Ratzel: releituras contemporâneas. Uma reabilitação? *Revista Terra Livre*, n. 13, ago 1997. Disponível em: <<https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/view/124/120>>. Acesso em: 20 fev. 2020.

CASTRO, D. de. Geografia e música: a dupla face de uma relação. In: *Espaço e Cultura*, [S.l.], n. 26, p. 7-18, jun./dez. 2009. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/viewFile/3551/2471>>. Acesso em: 01 dez. 2022.

CELESTINO, L. F. *A produção do espaço urbano em Cachoeira/BA: patrimônio cultural no contexto dos espaços concebidos, percebidos e vividos*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

CLARKE, J. Talking a cultural turn? Struggles over the social in social policy. In: COOK, I. et al. *Cultural turns/geographical turns: perspectives on cultural geography*. Nova Iorque: Routledge, 2000, p. 54-65.

CLAVAL, P. A geografia cultural: o estado da arte. In: ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R. L. *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 59-98.

\_\_\_\_\_. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. In: ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R. L. *Matrizes da geografia cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 35 - 86.

\_\_\_\_\_. A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na geografia. In: CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 147-166.

\_\_\_\_\_. *A geografia cultural*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

COLASANTE, T. A territorialidade gaúcha no norte do Paraná: apontamentos sobre identidade, migração e cultura nos Centros de Tradições Gaúchas. *Geosaberes*, Fortaleza, v. 6, número especial (2), p. 312-324, 2015. Disponível em <<http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/432/398>>. Acesso em 17 dez. 2022.

CONCEIÇÃO, T. C. F. da; CARNEIRO, R. N. Cultura, feira de negócios e espaço em Pau de Ferros-RN. *GEOTemas*, Pau de Ferros, v. 11, p. 1-19, 2021. Disponível em <<http://periodicos.apps.uern.br/index.php/GEOTemas/article/view/3417/2881>>. Acesso em 14 set. 2022.

CORRÊA, R. L. A paisagem geográfica - uma bibliografia. *Espaço e Cultura*, [S.l.], n. 4, p. 50-54, jul. 2013. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6774/4827>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

\_\_\_\_\_. Carl Sauer e a escola de Berkeley - uma apreciação. In: CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Matrizes da geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 9-34.

\_\_\_\_\_; ROSENDAHL, Z. Geografia cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda. In: CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 9-18.

\_\_\_\_\_; ROSENDAHL, Z A geografia cultural brasileira: uma avaliação preliminar. *Revista da ANPEGE*, [S.l.], v. 4, n. 04, p. 73-88, jul. 2017. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6600/3600>>. Acesso em: 12 jun. 2020.

\_\_\_\_\_. Conferência região cultural - um tema fundamental. In: CORRÊA, R. L., ROSENDAHL, Z. (Org.). *Espaço e cultura: pluralidade temática*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p. 11-43.

\_\_\_\_\_. Sobre a geografia cultural. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. [online]. 2009. Disponível em: <<http://ihgrgs.org.br/artigos/contibuicoes/Roberto%20Lobato%20Corr%C3%AAa%20-%20Sobre%20a%20Geografia%20Cultural.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2020.

COSGROVE, D. E; JACKSON, P. Novos rumos da geografia cultural. CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 135-146.

\_\_\_\_\_. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. In: *Espaço e Cultura*, [S.l.], n. 5, p. 5-29, jun. 2013. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6313/4506>>. Acesso em: 03 maio 2020.

COSTA, E. B. Ativação popular do patrimônio-territorial na América Latina: teoria e metodologia. *Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía*, Bogotá, v. 26, nº 2, jul.-dez. 2017. p. 53-75.

COSTA, E. B; ANDRADE, A. B; MALULY, V. S. Lo urbano y la economía espacial de Brasil en el siglo XVIII. *América Latina en la Historia Económica*, v. 28, n. 3, 2021. p. 1–28.

DARDEL, E. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Perspectiva, 2011.



DE LA BLACHE, P. V. Les genres de vie dans la géographie humaine: premier article. *Annales de géographie*, Paris, v. 20, n. 111, 1911, p. 193-212. Disponível em: <[www.jstor.org/stable/23440012](http://www.jstor.org/stable/23440012)>. Acesso em: 1 jun. 2020.

DUARTE, R. H. “Com açúcar, com afeto”: impressões do Brasil em Nordeste de Gilberto Freyre. *Tempo*, 10 (19). 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tem/a/5cdPBQ6W7c3XJM5sddSJ66p/?lang=pt>>. Acesso em 7 set. 2022.

DUNCAN, J. S. O supra-orgânico na geografia cultural americana. In: CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 63-102.

\_\_\_\_\_. Após a Guerra Civil: reconstruindo a geografia cultural como heterotopia. In: CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z. *Geografia cultural: um século (2)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000. p. 61-83.

\_\_\_\_\_. O supraorgânico na geografia cultural americana. In: CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z. *Espaço e cultura*, n. 13, p. 7-33, jan/jun. 2002.

FELIPPE, M. F. *(Re)Conhecendo o ciclo hidrossocial: os movimentos da água na comunidade quilombola da Tapera (RJ)*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

FERREIRA, N. S. As pesquisas denominadas "estado da arte". *Educ. Soc.* [online]. 2002, vol.23, n.79, pp.257-272. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302002000300013&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302002000300013&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 11 jan 2018.

FOUCAULT, M. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: n-1 edições, 2013.

FORTUNATO, I. *Pateo do Collegio: um lugar na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.

FRANGELLI, P. A geografia da religião no Brasil: intelectuais pioneiros, propostas e metodologias de estudo. *Espaço e Cultura*, n. 31, p. 40-65, jan/jun. 2012.

GABARDO, W. Habitar o terroir do vinho: o sentimento da paisagem de Mendonza, Argentina. *GeoTextos*, [S.l.], v. 17, n. 27, p. 113-128, jul. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/43686/24943>>. Acesso em: 016 dez. 2022.

GARBUIO, M. *Percepções da sociedade sobre o patrimônio cultural edificado de Ponta Grossa/PR: Colégio Estadual Regente Feijó, Estação Paraná e Vila Hilda*. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019.

GEOGRAFIA. *Agraciamento da geografia à Livia de Oliveira e a seu legado*. Geografia, Rio Claro, v. 45, n. 1, p.187-188, jan-jun. 2020.

GIL, T. L. Elites locais e suas bases sociais na América Portuguesa: uma tentativa de aplicação das social network analysis. *Revista Brasileira De História & Ciências Sociais*, 3(6). 2015. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10450>>. Acesso em 20 out. 2022.

GIL, T; BARLETA, L. Formas alternativas de visualização de dados na área de História: algumas notas de pesquisa. *Revista História*, São Paulo, v. 173, p. 427–455, 2015.

GOMES, A. C. R. *Patrimônio cultural imaterial: o tradicionalismo sul-rio-grandense e a multiterritorialização da identidade*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2010.

GOMES, P. C. da C. *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

GONZAGA, T. P. de A. *Da arte ao ofício à produção de um lugar: o Alagamar: Pirambu (SE)*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2009.

HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARTSHORNE, R. *The nature of geography: a critical survey of current thought in the light of the past*. Pensilvânia: Association Lancaster, 1939.

HOEFLE, S. W. Debates recentes na geografia cultural anglo-americana: uma apreciação antropológica e filosófica. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 75-87, ago-dez, 1999a.

\_\_\_\_\_. O futuro da cultura: o espectro do neodarwinismo. In CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999b. p. 123-145.

HOLZER, W. Paisagem, imaginário, identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: ROSENDAHL, Z, CORRÊA, R. L. *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 149-168.

\_\_\_\_\_. *Um Estudo Fenomenológico da Paisagem e do Lugar: A Crônica dos Viajantes do Brasil do século XVI*. 1998. 257 fls. (Tese). Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. *Matrizes da geografia cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

\_\_\_\_\_. Paisagem, imaginário, identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

JAMESON, F. *El giro cultural: escritos seleccionados sobre el posmodernismo 1983-1998*. Buenos Aires: Manantial, 2002.

KINN, M. G. *Negros congadeiros e a cidade: costumes e tradições nos lugares e nas redes da congada de Uberlândia-MG*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

KOZEL, S; S. F. GIL FILHO. Rememorando a trajetória... 10 anos de NEER. *Núcleo de Estudos em Espaço e Representações*, 2022. Disponível em: <<https://neer.com.br/site/wp-content/uploads/2018/09/NEER-10-ANOS.pdf>>. Acesso em 29 nov. 2022.

LAGARES, M. A festa de São João Batista: da genealogia dos lugares às redes sociais e a (re)conformação do território. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

LAITANO, G. S. Os territórios, os lugares e a subjetividade: construindo a geograficidade pela escrita no movimento hip hop, no bairro Restinga, em Porto Alegre/RS. *Espaço e Cultura*, [S.l.], n. 17-18, out. 2013. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7846/5659>>. Acesso em: 21 dez. 2022.

LEE, T. B. Before-and-after maps show how freeways transformed America's cities. *Vox*, 2016. Disponível em: <<https://www.vox.com/2014/12/29/7460557/urban-freeway-slider-maps>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

LEOPOLDINO, A. P. de C. C. *Romances de vida-seca: diálogos entre geografia e literatura nos lugares "das Alagoas"*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

LÉVY, J. Qual o sentido da Geografia Cultural ?. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 61, p. 19-38, ago. 2015.

LIMA, J. da S. A abordagem contextual de Vincent Berdoulay: desmistificando a história do pensamento geográfico. *Geografia*, Rio Claro, v. 43, n. 2, p. 357-360, mai./ago. 2018.

MACHADO, C. G. R. *O ensino da geografia e o hip hop*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MALANSKI, L. M. Éric Dardel - o homem e a terra: natureza da realidade geográfica. *Terr@ Plural*, Ponta Grossa, v. 9, n. 1, jan-jun. 2015. p. 135-142.

MALAQUIAS, D. R. *Música caipira de concerto: territorialidades e trajetórias da viola e violeiros no âmbito caipira*. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

MANFIO, V; PIEROZAN, V. L. Territórios, cultura e identidade dos colonizadores italianos no Rio Grande do Sul: uma análise da Serra Gaúcha e da Quarta Colônia. *Geosp - Espaço e Tempo (Online)*. [S.l.], v. 23, n. 1, abr. 2019. p. 144-162. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/146130/152840>>. Acesso em 17 dez. 2022.

MARTIN, S. et al. OpenOrd: An Open-Source Toolbox for Large Graph Layout. *Proceedings of SPIE - The International Society for Optical Engineering*, jan, 2011.

MARTINS, L. de L. Friedrich Ratzel. *GEOgraphia: Revista do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, 2001. p. 92-94.

MATHEWSON, K; SEEMANN, J. A geografia histórico-cultural da Escola de Berkeley: um precursor ao surgimento da História Ambiental. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 24, n. 39, p. 71-85, jan/jun, 2008.

MEC. Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) do curso de graduação em Geografia. *Conselho Nacional de Educação*, 2022. Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=23](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=23)>

8201-dcns-de-geografia-minuta-parecer-e-resoluc-a-o&category\_slug=junho-2022-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 20 set. 2022.

MELLO, J. B. F. de. Descortinando e (re)pensando categorias espaciais com base na obra de Yi-Fu Tuan. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. *Matrizes da geografia cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MIKESSEL, M. W. Posfácio: novos interesses, problemas não resolvidos e tarefas que persistem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. *Geografia cultural: um século (2)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000. p. 85-109.

MITCHELL, D. *Cultural geography: a critical introduction*. Oxford: Blackwell Publishers, 2000.

\_\_\_\_\_. Não existe aquilo que chamamos de cultura: para uma reconceitualização da ideia de cultura em geografia. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. *Espaço e cultura*, [S.l.], edição comemorativa, p. 81-101, mai. 2013. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6136/4408>>. Acesso em: 03 maio 2020.

MORA, J. F. *Dicionário de filosofia*. Lisboa: Dom Quixote, 1978.

MORAES, A. C. R. *Ideologias geográficas*. São Paulo: Annablume, 2005.

\_\_\_\_\_. *Geografia: pequena história crítica*. São Paulo: Annablume, 2007.

MORÁN, E. 1990. *Ecologia humana das populações da Amazônia*. Petrópolis: Vozes.

MOREIRA, T. de A. *O espaço público da cidade de Salvador (BA) no cinema do início do século XXI*. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

MORGAN, L. H. *Evolucionismo cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MOURA, S. G. da C. et al. Lugar, memória e identidade: uma análise das transformações da Vila Cearense em Araguaína - TO. *Caminhos da Geografia*, Uberlândia, v. 20, n. 69, p. 360-370, mar. 2019. Disponível em <<https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/41325/26394>>, Acesso em 20 set. 2022.

MOYSÉS, M. *Circuito RAP do Distrito Federal: território usado e lugar*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

NABOZNY, A. *Abordagens culturais na geografia brasileira: uma compreensão*. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

NASCIMENTO, F. C. do. *Afetividades em enquadramentos: os discursos das experiências de lugaridade em O Senhor dos Anéis - a sociedade do anel*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

NEER. Memória. *Núcleo de Estudos em Espaço e Representações*, 2022. Disponível em: <<https://neer.com.br/memoria/>>. Acesso em 29 nov. 2022.

NEPEC. O que é o NEPEC? *Espaço e cultura*, 2022. Disponível em: <<http://nepec-uerj.blogspot.com/p/nepec.html>>. Acesso em 29 nov. 2022.

NETO, J. E. P. *Uma viagem paisagística pelas zonas geográficas na obra Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2011.

NETTO, M. M. *A geografia do queijo minas artesanal*. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.

NUNES, C. X. *Geografias do corpo: por uma geografia da diferença*. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

OLIVEIRA, A. F. de. *Cozinhar e festar: os sabores do divino na festa de Pirenópolis, Goiás*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2020.

OLIVEIRA, L. de. *Percepção do meio ambiente e geografia: estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

\_\_\_\_\_. Percepção da paisagem geográfica: Piaget, Gibson e Tuan. *GEOGRAFIA*, Rio Claro, v. 25, n. 2, p. 5-22, ago. 2000.

PAIVA, D. Teorias não-representacionais na Geografia I: conceitos para uma geografia do que acontece. *Finisterra*, Lisboa, n. 106, p. 159-168, dez. 2017. Disponível em <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0430-50272017000300009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0430-50272017000300009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 17 maio 2020.

\_\_\_\_\_. Teorias não-representacionais na geografia II: métodos para uma geografia do que acontece. *Finisterra*, Lisboa, n. 107, p. 159-168, abr. 2018. Disponível em <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0430-50272018000100009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0430-50272018000100009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 17 maio 2020.

PANIS, M; OLIVEIRA, M. R. da S. Turismo, patrimônio cultural rural e imigração italiana: a refuncionalização espacial na Colônia Maciel - Município de Pelotas/RS. *Terra Livre*, São Paulo, ano 25, v. 1, n. 32, p. 189-200, jan./jun. 2009. Disponível em <<https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/287/270>>. Acesso em 13 novembro 2022.

PANITZ, L. M. *Redes musicais [re]composições territoriais no Prata: por uma geografia da música em contextos multi-localizados*. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

PEET, R. Radical geography in the United States: a personal history. *Antipode*, v. 17, set 1985, p. 1-7.



PESAVENTO, S. J. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. *Esboços: histórias em contextos globais*, Florianópolis, v. 11, n. 11, p. 25-30, jan. 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/334/9893>>. Acesso em: 27 abr. 2020

PICCHI, B. *De homens e caranguejos ao caranguejos com cérebro: a região cultural do movimento Manguebit e o Recife contemporâneo*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.

PINTO, Y. A. R. G. *Neorrurais no espinhaço meridional e a ressignificação da paisagem cultural*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, 2019.

PROMPT, L. L. F. *A representação do espaço nos romances urbanos de Érico Veríssimo: Caminhos cruzados, Noite, O prisioneiro e Incidente em Antares*. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007.

QUEIROZ, L. da S. (filósofo e psicólogo). São Paulo, SP. Informações via e-mail [abr. 2020].

RADEK, J. C. C. *Percursos da cinematografia ocidental e representações da violência urbana no cinema brasileiro*. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

RATZEL, F. Antropogeografia. In: MORAES, Antônio Carlos Robert. (Org.). *Ratzel*. São Paulo: Ática, 1990.

\_\_\_\_\_. *The history of mankind*. Londres: MacMillan, 1989.

RIBAS, A. D.; VITTE, A. C. O curso de geografia física de Immanuel Kant (1724-1804): cosmologia e estética na construção epistemológica da ciência geográfica. *Raega - O Espaço Geográfico em Análise*, [S.l.], v. 17, p. 103-111, jun. 2009. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/12809/10669>>. Acesso em: 18 fev. 2020.

ROSENDAHL, Zeny. Construindo a geografia da religião no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 13, 2002, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: UFJP, 2002. 1 CD-ROM.

RODRIGUES, L. F; GARCIA; D. T. Do churrasco griego e la argen(chi)na: práticas cotidianas, cartografias transfronteiriças. *Revista GeoPantanal*, [S.l.], n. 27, p. 83-95, jul./dez. 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/Aluino/Downloads/9496-Texto%20do%20artigo-33711-1-10-20200519.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2022.

RYAN, J. R. Introduction In: COOK, I. et al. *Cultural turns/geographical turns: perspectives on cultural geography*. Nova Iorque: Routledge, 2000, p. 9-12.

SAHR, W. Portos e Sertões - reflexões sobre uma geografia cultural à la bresilienne. In: MENDONÇA, Francisco de Assis; LÖWEN-SAHR, Cicilian Luiza; SILVA, Márcia da (org). *Espaço e tempo: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico*. Curitiba/Antonina: ADEMADAN, 2009. p.261-288.

SAMPIERI, R. H; COLLADO, C. F; LUCIO, M. del P. B. *Metodologia de pesquisa*. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, C. J. dos. *As práticas de apropriação da cultura hip-hop pela juventude soteropolitana: um estudo a partir do lugar*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

SANTOS, M. O território e o saber local: algumas categorias de análise. *Cadernos IPPUR*. Rio de Janeiro: UFRJ/IPPUR, 1999, p. 15-26.

SANTOS, D. M; SILVA, M. das G. S. N. A luta das mulheres indígenas pela manutenção do território tradicional Arara. *Ciência Geográfica*, Bauru, vol. XXIV, n. 2, jan./dez. 2020. Disponível em <[https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXIV\\_2/agb\\_xxiv\\_2\\_web/agb\\_xxiv\\_2-02.pdf](https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXIV_2/agb_xxiv_2_web/agb_xxiv_2-02.pdf)>. Acesso em: 20 dez. 2022.

SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. In: ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R. L. *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 12-74.

\_\_\_\_\_. Desenvolvimentos recentes em geografia cultural. In: CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Geografia cultural: um século (1)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000a. p. 15-98.

\_\_\_\_\_. Geografia cultural. In: CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Geografia cultural: um século (1)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000b. p. 15-98.

SEEMAN, J. Em busca do lugar de Franz Boas na geografia cultural. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 19-20, p. 7-21, jan-dez, 2005.

\_\_\_\_\_. Friedrich Ratzel entre Tradições e Traduções: uma breve abordagem contextual. *Terra Brasilis (Nova Série)*, 1, p. 1-17, 2012.

SERPA, A. *Por uma geografia dos espaço vividos: geografia e fenomenologia*. São Paulo: Contexto, 2019.

SHAWN, G; MILLIGAN, I; VEINGART, S. *Exploring big historical data: the historian's microscope*. Londres: Imperial College Press, 2016.

SILVA, G. H. de A. *A paisagem musical rondoniense: poéticas de uma urbanidade beradereira*. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

\_\_\_\_\_. *A paisagem em Valdomiro Silveira: um estudo de contos de Leréiais*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

SILVA, J. B. da; DANTAS, E. W. C. A pós-graduação em Geografia no Brasil: uma contribuição à política de avaliação. *Revista da ANPEGE*, [S.l.], v. 2, n. 2, p. 21-37, jan. 2005.

SILVA, R. R. de S. A contribuição do turismo cultural e do uso do patrimônio para a valorização do espaço e do sentimento de lugar. *GEOUSP - Espaço e Tempo (Online)*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 129-139, 2014. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/81091/84735>>. Acesso em 15 set. 2022.

SILVA PIMENTEL, M. A.; RIBEIRO, W. C. Populações tradicionais e conflitos em áreas protegidas. *Geousp - Espaço e Tempo (Online)*, São Paulo, v. 20, p. 224-237, 2016. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/122692/122598>>. Acesso em 18 dez. 2022.

SOJA, E. W. *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

SORRE, M. J. A noção de gênero de vida e seu valor atual. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. *Geografia cultural: uma antologia (1)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 317-364.

SUREK, C. L. C. *As mulheres de roça velha - Araucária (PR): as do lugar e as que chegaram*. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

TEIXEIRA, M. F. *As representações espaciais/simbólicas e os sentidos do lugar da festa do boi-à-serra em Santo Antônio de Leverger/MT*. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

TERRERI, G. A. P. *A formação da paisagem em Dinâmica Subtil, de Antônio Ramos Rosa*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

THIESSE, A-M. Ensinar a nação pela região: o exemplo da Terceira República francesa. *Educação (UFES)*, Santa Maria, p. 13-28, abr. 2009. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/1584>>. Acesso em: 28 maio 2020.

THRIFT, N. Introduction: dead or alive? In: COOK, I. et al. *Cultural turns/geographical turns: perspectives on cultural geography*. Nova Iorque: Routledge, 2000, p. 1-6.

\_\_\_\_\_. *Non-representational theory: space, politics, affect*. Nova Iorque: Routledge, 2008.

\_\_\_\_\_; WHATMORE, S. *Cultural geography - critical concepts in the social sciences*. Nova Iorque: Routledge, 2007.

TROLL, C. A geografia científica na Alemanha no período de 1933 a 1945. *Boletim geográfico*, Rio de Janeiro: v. 7, n. 83, p. 1269-1282, 1950.

TUAN, Y. Rootedness versus sense of place. In: THRIFT, N; WHATMORE, S. *Cultural geography: critical concepts in the social sciences*. New York: Routledge, 2004.

\_\_\_\_\_. *Paisagens do medo*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

\_\_\_\_\_. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.

TYLOR, E. B. A guide-book to the study of Man and Civilization. *Gateway to Ratzel's history of mankind*, 2009. Disponível em: <[http://www.inquirewithin.biz/history/history\\_introduction.htm](http://www.inquirewithin.biz/history/history_introduction.htm)>. Acesso em 26 fev. 2020.

\_\_\_\_\_. Introduction to history of mankind. In: BUCHLI, V. *Material culture: critical concepts in the social science*. Nova Iorque: Routledge, p. 207-214, 2004.

UC BERKELEY. *History of the Department of Anthropology at Berkeley*. Disponível em: <<https://anthropology.berkeley.edu/about/history>>. Acesso em: 21 mar. 2020.

VALVERDE, R. R. H. F. Abordagens culturais em geografia. *Grupo de pesquisa em geografia cultural e social*, 2019. Disponível em: <gpgeocs.blogspot.com>. Acesso em: 23 nov. 2019.

VITTE, A. C. Entre o imperialismo e a imaginação, a construção da Geografia Tropical em Pierre Gorou. *Terr@Plural*, Ponta Grossa, v.5, n.1, p.9-23, jan./jun. 2011

WAGNER, P. L; MIKESSEL, M. W. *Readings in cultural geography*. Chicago: The University of Chicago Press, 1962.

WILLIAMS, R. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. Temas da geografia cultural. In: CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Geografia cultural: um século (1)*. Rio de Janeiro: EduUERJ, 2000. p. 15-98.

ZANATTA, B. A. A abordagem cultural na Geografia. *Revista Temporis(ação)*, v. 9, n. 1, p. 224-235, mar. 2017.

## 14. ANEXOS

Em razão do grande volume de documentos gerados no exercício de prospecção, seleção e análise de materiais e dados acadêmicos *online* entre as décadas de 1990 a 2000, preferimos disponibilizá-los em códigos QR. Nos anexos 9.1., 9.2. e 9.4. exibimos a primeira página do documento para prévia visualização, seguido do código QR. Para anexo 9.3., dada a quantidade de artigos científicos, cada revista possui o seu próprio código QR. Esses materiais se encontram a partir da página seguinte.

Caso algum código esteja corrompido, pedimos o envio de mensagem para [bpicchi@usp.br](mailto:bpicchi@usp.br) (e-mail institucional) ou [picchigeo@gmail.com](mailto:picchigeo@gmail.com) (e-mail pessoal) que disponibilizamos o documento.

## 14.1. Mestrados em Geografia Cultural e estudos culturais em Geografia

## Mestrados em Geografia Cultural e estudos culturais em Geografia

	1	2	3	4	5
Ano	2020				
Autor	Vanderlei de Paula Gomes	Elda Teixeira Vila-Nova da Silva	Grida Aurya Pignata Terrieri	João Paulo Carneiro dos Reis	Éder Honesto
Orientador	Claudia Luisa Zeferino Pires	Amélia Regina Batista Nogueira	Jorge Vicente Valentim	Rosane Balsan	Eliézer Cardoso de Oliveira
Título	Comunicações do corpo lugar e a pedagogia griô : expressões e procedimentos de pertencimentos	Geografia e Literatura: as crônicas literárias como linguagem para o estudo do lugar e das paisagens da cidade de Manaus	A formação da paisagem em Dinâmica Subtil, de Antônio Ramos Rosa	Micareta em Miracema do Tocantins: suas espacialidades e temporalidades sob olhar dos participantes	Do exílio a símbolo cultural: A Construção do ícone "Santa Dica" em Goiás.
Programa de Pós-Graduação	Programa de Pós-Graduação em Geografia / Instituto de Geociências / Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Programa de Pós-graduação em Geografia / Instituto de Ciências Humanas e Letras / Universidade Federal do Amazonas	Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura / Universidade Federal de São Carlos	Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGG / Universidade Federal do Tocantins	Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado(TECCER) / Universidade Estadual de Goiás
Área do conhecimento	Geografia	Geografia / Território, Espaço e Cultura na Amazônia	Literatura	Geografia	Ciências Sociais e Humanas
Banco de dados	BDTD e LUME UFRGS (Repositório Digital)	BDTD e SISTEBIB UFAM (Biblioteca Digital)	BDTD e UFSCAR (Repositório Institucional)	BDTD e UFT (Repositório Institucional)	BDTD e TEDE UEG (Biblioteca Digital)
Disponível em	<a href="https://lume.ufrgs.br/handle/10183/207118">https://lume.ufrgs.br/handle/10183/207118</a>	<a href="https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/7819">https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/7819</a>	<a href="https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/4736">https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/4736</a>	<a href="http://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/2021">http://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/2021</a>	<a href="http://www.bdt.d.ueg.br/handle/tede/342">http://www.bdt.d.ueg.br/handle/tede/342</a>
Palavras-chave	Povos Tradicionais / Pedagogia Griô / Pertencimento / Etnico-Racial / Epistemologia das Macumbas	Ensino de Geografia / Crônicas / Lugar / Paisagem	Literatura portuguesa / Rosa, Antônio Ramos, 1924 / Paisagem / Geografia cultural	Micaretas / Geografia Cultural / Territorialidade	Cultura popular - Goiás (Estado) / Santa Dica - História - Goiás (Estado) / Santa Dica - Heroificação - Goiás (Estado) / Desertações - TECCER - UEG - UnuCSEH





## 14.2. Doutorados em Geografia Cultural e estudos culturais em Geografia

## Doutorados em Geografia Cultural e estudos culturais em Geografia

	1	2	3	4	5
<b>Ano</b>	2020		2019		
<b>Autor</b>	Marilei Elisabete Piana Giordani	Carolina Rehling Gonçalo	Elizabeth Johansen	Ludimila de Miranda Rodrigues	Maximilian Ferreira Clarindo
<b>Orientador</b>	Célia Ferraz de Souza	Nelson Rego	Leonel Brizolla Monastirsky	José Antônio Souza de Deus	Nicolas Floriani
<b>Título</b>	Paisagem do Vinho: o valor Cultural como recurso para a preservação no Vale dos Vinhedos - RS - Brasil	Entre Ruas e Mistérios: Geografia e Literatura nas Obras Urbanas de Jorge Amado	A devoção ao divino, os devotos e a Casa do Divino: a instituição de um patrimônio cultural em Ponta Grossa, 1882- 2019	A Chancela de Paisagem Cultural Brasileira e sua contextualização no Vale do Jequitinhonha: a constituição identitário-regional da emergência quilombola e o patrimônio vivido do sítio histórico-geográfico de Alto dos Bois	A geografia da cura e do sagrado: a resistência das benzedeadas no espaço urbano de Ponta Grossa
<b>Programa de Pós-Graduação</b>	Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional Universidade do Rio Grande do Sul	Programa de Pós-graduação em Geografia Instituto de Geociências Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Programa de Pós-Graduação em Geografia Universidade Estadual de Ponta Grossa	Programa de Pós-Graduação em Geografia Instituto de Geociências Universidade Federal de Minas Gerais	Programa de Pós-Graduação em Geografia Universidade Estadual de Ponta Grossa
<b>Área do conhecimento</b>	Planejamento Urbano e Regional	Geografia	Geografia	Geografia	Geografia
<b>Banco de dados</b>	BDTD e LUME UFRGS (Repositório Digital)	BDTD e LUME UFRGS (Repositório Digital)	BDTD e TEDE UEPG (Repositório)	BDTD e UFMG (Repositório Institucional)	BDTD e TEDE UEPG (Repositório)
<b>Disponível em</b>	<a href="https://lume.ufrgs.br/handle/10183/218021">https://lume.ufrgs.br/handle/10183/218021</a>	<a href="https://lume.ufrgs.br/handle/10183/214654">https://lume.ufrgs.br/handle/10183/214654</a>	<a href="https://tede2.uepg.br/ispui/handle/prefix/2835">https://tede2.uepg.br/ispui/handle/prefix/2835</a>	<a href="https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/IGCC-BC5PKJ">https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/IGCC-BC5PKJ</a>	<a href="https://tede2.uepg.br/ispui/handle/prefix/2810">https://tede2.uepg.br/ispui/handle/prefix/2810</a>
<b>Palavras-chave</b>	Paisagem Vitícola Valor Cultural Preservação Uso do Solo Urbano e Regional Planejamento e Gestão da Paisagem	Geografia Literatura Jorge Amado	Casa do Divino Patrimônio Cultural Ponta Grossa Religião Simbólico	Geografia humana - Jequitinhonha, Rio, Vale (MG e BA) Etnologia - Jequitinhonha, Rio, Vale (MG e BA) - Teses Quilombos - Teses	Benzedeadas Medicina popular Microterritorialidades Geografia da saúde Ponta Grossa



## 14.3. Lista dos periódicos com quadros de análise

ACTA Geográfica

(ISSN - 1980 - 5772/ e-ISSN 2177 - 4307)



Boletim Campineiro de Geografia

(ISSN: 2236-3637)



Boletim de Geografia

(ISSN 0102 - 5198/ e-ISSN 2176 - 4786)



Boletim de Geografia Teorética e Revista Geografia

(ISSN 0100 - 9761)



Boletim Gaúcho de Geografia

(ISSN 0101-7888 e-ISSN 2357 - 9447)



Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul

(ISSN 0520 - 4062/ e-ISSN 2446 - 7251)



Boletim Goiano de Geografia  
(ISSN 0101 - 708X/ e-ISSN 1984-8501)



Boletim Informe Geográfico  
(ISSN 1982 - 8039)



Boletim Paranaense de Geociências  
(ISSN 0067 - 964X)



Boletim Paulista de Geografia

(ISSN 2447 - 0945)



Caderno de Estudos Geoambientais - CADEGEO

(ISSN 2237 - 6992)



Caderno de Geografia

(ISSN 0103 - 8427 e-ISSN 2318 - 2962)



Caderno Prudentino de Geografia  
(ISSN 1413 - 4551/e-ISSN 2176 - 5774)



Caminhos de Geografia  
(ISSN 1678 - 6343)



Ciência Geográfica  
(ISSN 1413 - 7461/e INSS 2675 - 5122)



Educação, Cultura e Sociedade - ECS

(ISSN 2237 - 1648)



Élisée - Revista de Geografia da UEG

(ISSN 2316 - 4360)



Espacialidades

( e-ISSN 1984 - 817X)



Espaço Aberto  
(ISSN 2237-3071)



Espaço e Cultura  
(ISSN 1413-3342/e-ISSN 2317-4161)



Espaço e Economia - Revista Brasileira de Geografia Econômica  
(e-ISSN 2317 - 7837)





Espaço em Revista  
(ISSN 1519 - 7816)



Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia  
(ISSN 1678 - 698X)



GEO PUC Revista da Pós Graduação em Geografia da PUC - Rio de Janeiro  
(ISSN 1983 - 3644)



Geoambiente On-line  
(e-ISSN 1679 - 9860)



Geografar: Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia -  
UFPR

(ISSN e-1981 - 089X)



Geografia Londrina  
(ISSN 0102 - 3888/ E-ISSN: 2447 - 1747)



Geografia e Pesquisa  
(ISSN 1982 - 9760/e-ISSN 1806 - 8553)



Geografia em Atos  
(ISSN 1519-8367/e-ISSN 1984 - 1647)



Geografia em Cassirer: Perspectiva para a Geografia da Religião  
(ISSN 1809 - 189X/e-ISSN 1984 - 5537)



Geografia em Questão

(e-ISSN 2178 - 0234)



Geografia Ensino & Pesquisa

(ISSN 0103 - 1538/e-ISSN 2236 - 4994)



Geografia Publicações Avulsas

(ISSN 1677 - 8049)



Geografia: Ambiente, Educação e Sociedade

(ISSN 2595 - 9026)



Geograficidade

(ISSN 2238 - 0205)



Geoingá

(e-ISSN 2175-862X)



GEOMAE - Revista de Geografia, Meio Ambiente e Ensino

(ISSN 2177 - 319X)



Geosaberes

(ISSN 2178 - 0463)



GEOSUL

(ISSN 1982 - 5153/ e-ISSN 2177 - 5230)



GeoTextos

(ISSN 1809-189X/ e-ISSN 1984 - 5537)



GeoUerj

(ISSN: 1415 - 7543/ e-ISSN: 1981 - 9021)



GEOUSP Espaço e Tempo

(ISSN 1414 - 7416/e-ISSN 2179 - 0892)



Informe Geográfico  
(ISSN 1982 - 8039)



Mercator  
(ISSN 1984-2201)



OLAM - Ciência & Tecnologia  
(ISSN 1982-7784)





Pegada - a Revista da Geografia do Trabalho

(ISSN 1676 - 3025)



Ra'ega - O Espaço Geográfico em Análise

(ISSN 1516 - 4136/e-ISSN 2177 - 2738)



RDG - Revista do Departamento de Geografia USP

(ISSN 0102-4582/ e-ISSN 2236-2878)



Revista Brasileira de Educação em Geografia

(ISSN 2236 - 3904)



Revista Ciência Geográfica

(ISSN 1413 - 7461)



Revista da ANPEGE

(ISSN 1679 - 768X)



Revista da Casa da Geografia de Sobral  
(ISSN 1516 - 7712/ e-ISSN 2316-8056)



Revista da Sociedade Brasileira de Geografia  
(ISSN 1980 - 9387)



Revista de Ensino de Geografia  
(ISSN 2179 - 4510)



Revista de Geografia - Programa de Pós Graduação em Geografia da UFPE

(ISSN 2238 - 6211)



Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Três Lagoas

(ISSN 1808 - 2653)



Revista Eletrônica de Geografia Territorium Terram

(e-ISSN 2317-5419)



Revista Ensaaios de Geografia  
(ISSN 2316-8544)



Revista Espaço e Geografia (ISSN 1516 - 9375)



Revista Espaço Plural  
(ISSN 1518 - 4196/e-ISSN 1981 - 478X)



Revista GeoNordeste  
(ISSN 1518-6059/e-ISSN 2318 - 2695)



Revista Geo-Paisagem  
(ISSN 1677 - 650X)



Revista Georaguaia  
(ISSN 2236-9716)



Revista Geografares  
(ISSN 1518 - 2002/e-ISSN 2175 - 3709)



Revista Geografias  
(ISSN 1808 - 8059/e-ISSN 2237 - 549X)



Revista GeoPantanal  
(ISSN 1517 - 4999/e-ISSN 2446 - 8681)



Revista GeoSertões  
(ISSN 2525-5703)



Revista Geotemas  
(ISSN 2236 - 255x)



Revista Macambira  
(ISSN 2594 - 4754)





Revista Percurso  
(ISSN 2177-3300)



Revista Perspectiva Geográfica  
(e-ISSN 1981 - 4801)



Revista Presença Geográfica - RPGeo  
(ISSN 2446 - 6646)



Revista Territorial  
(ISSN 2317 - 0360)



Terr@Plural  
(E-ISSN 1982 - 095X)



Terra Livre  
(ISSN 2674 - 8355 )



## 14.4. Grupos de pesquisa de Geografia Cultural e estudos sobre espaço e cultura

## Grupos de pesquisa de Geografia Cultural e estudos sobre espaço e cultura

Nº	Ano de Formação	Área predominante	Nome	Área	Instituição do Grupo	Disponível em:	Linhas de Pesquisa	Líderes do Grupo
1	1988	Ensino Básico Geografia Escolar e Acadêmica Educação no/do Campo Geografia Humanista e Cultural	Laboratório de Estudos Geoducionais e Espaços Simbólicos - LEGES	Geografia e Ensino	Universidade Federal do Paraná	<a href="https://leges.ufc.br/p/s/absc-a-leges/historico-do-laboratorio/">https://leges.ufc.br/p/s/absc-a-leges/historico-do-laboratorio/</a>	Cultura (do Campo e Cidade) Comunicação Religiosidade e Turismo e Geografia e Literatura	Alexandra Maria de Oliveira Christian Denny Monteiro de Oliveira Maria Edivani Silva Barbosa Tiago Vieira Cavalcante
2	1996	Ciências Humanas Geografia	A Geografia dos Assentamentos na Área Rural - GEOGRAFAR	Geografia	Universidade Federal da Bahia - UFBA	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogru/po15319">http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogru/po15319</a> <a href="http://geografar.ufba.br">http://geografar.ufba.br</a>	Educação do Campo Estado, Questão Agrária e Movimentos Sociais Povos e Comunidades Tradicionais Trabalho e Migração no Campo	Guiomar Inez Germani Glica Garcia de Oliveira
3	1998	Ciências Humanas Geografia	Geografia Cultural: Territórios e Identidades	Geografia	Universidade Federal de Goiás - UFG Instituto de Estudos Sócio-Ambientais Campus Samambaia	<a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogru/po11031">http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogru/po11031</a>	Comunidades tradicionais e ruralidades Geografia das Manifestações Culturais e Populações Tradicionais Geografia do Turismo Geografia, Literatura e Arte Gênero e Lugares Identidades Territoriais, Políticas Sociais e Ambientais	Maria Geralda de Almeida

